

UM VERÃO DE PROBABILIDADES

A MENINA

QUE NÃO

ACREDITA EM

MILAGRES

WENDY

WUNDER





SUMÁRIO

[Capa](#)

[Sumário](#)

[Folha de Rosto](#)

[Folha de Créditos](#)

[Dedicatória](#)

[Epígrafe](#)

[UM](#)

[DOIS](#)

[TRÊS](#)

[QUATRO](#)

[CINCO](#)

[SEIS](#)

[SETE](#)

[OITO](#)

[NOVE](#)

[DEZ](#)

[ONZE](#)

[DOZE](#)

TREZE

QUATORZE

QUINZE

DEZESSEIS

DEZESSETE

DEZOITO

DEZENOVE

VINTE

VINTE E UM

VINTE E DOIS

VINTE E TRÊS

VINTE E QUATRO

VINTE E CINCO

VINTE E SEIS

VINTE E SETE

VINTE E OITO

VINTE E NOVE

TRINTA

TRINTA E UM

TRINTA E DOIS

TRINTA E TRÊS

TRINTA E QUATRO

TRINTA E CINCO

TRINTA E SEIS

TRINTA E SETE

AGRADECIMENTOS

NOTAS

WENDY WUNDER

**A MENINA
QUE NÃO
ACREDITA EM
MILAGRES**

Tradução

Ana Paula Rezende Dias da Silva de Mello



© 2011 Alloy Entertainment
Publicado sob acordo com Rights People, Londres
© 2016 Editora Novo Conceito
Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida ou transmitida de qualquer modo ou por qualquer meio, seja este eletrônico, mecânico de fotocópia, sem permissão por escrito da Editora.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produto da imaginação do autor. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Versão digital — 2015

Produção editorial
Equipe Novo Conceito

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Wunder, Wendy

A menina que não acredita em milagres / Wendy Wunder ; tradução Ana Resende. -- Ribeirão Preto, SP : Novo Conceito Editora, 2016.

Título original: The probability of miracles.
ISBN 978-85-8163-815-7

1. Ficção norte-americana I. Título.

15-09338 | CDD-813

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura norte-americana 813



Rua Dr. Hugo Fortes, 1885
Parque Industrial Lagoinha
14095-260 – Ribeirão Preto – SP
www.grupoeditorialnovoconceito.com.br

Para G & C

Há dois modos de viver a vida:

O primeiro é como se nada fosse um milagre.

O outro é como se tudo fosse um milagre.

Albert Einstein



UM

Quando o pai de Campbell morreu, deixou para ela 1.262,56 dólares — tudo que conseguira economizar durante o trabalho de vinte e dois anos como dançarino do fogo para o programa Espírito do Aloha no Hotel Polynesian, da Disney. *Coincidentemente*, esse era o valor exato que seu tio obeso, Gus, estava pedindo pelo fusca de 1998 em Vapor, a única cor que valia a pena ter, se você quisesse um fusca. Cam estava de olho desde que tinha seis anos, e ele valia cada centavo. Misturava-se à névoa como um carro invisível, e, quando ela o dirigia, sentia-se invisível, invencível e solitária.

Ela esperava que fosse assim no céu.

Não que acreditasse em céu ou em um deus (especialmente um homem) ou em Adão e Eva, como metade dos otários que moravam na Flórida. Ela acreditava na evolução: peixes adquiriram pés, sapos adquiriram pulmões, lagartos adquiriram pelos e os macacos tinham de andar eretos para percorrer a savana. Fim da história.

Também não acreditava na Imaculada Conceição, mas você poderia arranjar um monte de problemas se admitisse para alguém que achava que a Virgem Maria provavelmente só tinha engravidado, assim como vinte por cento das adolescentes na Flórida. Essa era uma ideia que você deveria guardar para si mesma.

Porque outras pessoas precisavam de milagres. Outras pessoas acreditavam em mágica. A mágica era para quem podia arcar com a estadia de sete dias no Park Hopper e de oito noites no Grand Floridian. A mágica, Cam soube depois de uma vida inteira trabalhando para o Mickey Mouse, era um privilégio e não um direito.

Ela inspirou o purificador de ar com óleo de pluméria do carro. Era um poderoso afrodisíaco havaiano, mas como ninguém andava de carro com ela, apenas servia para fazê-la apaixonar-se pelo próprio veículo. Que era macho. Ela o chamava de Cumulus.

Naquele exato momento, Cumulus estava estacionado no nível Zebra do

estacionamento do Children's Hospital. Cam costumava estacionar no nível Coala; ela preferia o mural de árvores de eucalipto e os tons cinzentos desbotados e suaves às listras vivas em preto e branco no Zebra. Mas quando chegara, duas horas atrás, não havia mais vagas disponíveis.

Se fosse perspicaz o suficiente, consideraria aquilo um sinal. Essa consulta não ia dar certo. Eles haviam chegado ao ponto em que as coisas eram pretas e brancas. Os bons tempos do cinza tinham acabado.

Uma família de quatro pessoas desceu do elevador do estacionamento. A mãe tentava segurar a mão de um garotinho saudável de quatro anos que pulava enlouquecido e todo bobo com os tênis do Homem-Aranha com luzes vermelhas piscando nas laterais. Uma menininha doente, careca, de dois anos, em um vestido cor-de-rosa, dormia no ombro do pai, que caminhava, aturdido, até o SUV da família, e talvez estivesse se perguntando como sua vida se transformara nisso.

Cam conhecia a sensação. Ela tinha de fazer *alguma coisa*: comer sem parar e vomitar, encher a cara, fumar um cigarro, *qualquer coisa*, para se livrar daquela sensação. Suas mãos tremiam quando ela abriu o porta-luvas e remexeu para ver se a mãe escondera algum cigarro por ali. Seus dedos sentiram a ponta de alguma coisa.

O que é que temos aqui?, perguntou-se enquanto tirava o pequeno quadrado de papel de caderno do porta-luvas. Ele estalou quando ela o desdobrou. Primeiro, a letra não parecia ser dela. O lápis pressionara com força as letras no papel. Os os eram redondos e cheios e as consoantes erguiam-se orgulhosas e eretas, como se o autor soubesse que ela tinha todo o tempo do mundo. Nos últimos poucos meses, a letra de Cam se tornara a confusão enfraquecida e torta de uma velha.

LISTA DO FLAMINGO

- *Perder a virgindade numa festa com biritá.*
- *Deixar um babaca partir meu coração.*
- *Andar por aí infeliz, apática, fazendo beicinho, e dormir durante todo o sábado.*
- *Me meter numa saia justa com o namorado da minha melhor amiga.*

- *Ser despedida de um emprego de verão.*
- *Puxar o rabo de uma vaca.*
- *Acabar com os sonhos da minha irmã caçula.*
- *Bancar a stalker inocente.*
- *Beber cerveja.*
- *Passar a noite fora de casa.*
- *Tentar roubar algo numa loja.*

Cam olhou para a folha de papel de caderno. Ela não via a lista há quase um ano, desde que a escreveu na cama de cima do beliche, na cabana 12 do Acampamento Shady Hill para Turbinar a Autoestima de Adolescentes, bem no fundo da floresta a oeste da Carolina do Norte. O folheto prometera “ajudar as garotas a encontrar a força interior e ajudar as meninas sem graça a se transformarem no centro da festa!”, o que fez Cam estremecer, no início. Mas ela queria passar o tempo com Lily, sua melhor amiga, longe de um hospital, e era melhor que tornar-se conselheira no “acampamento dos doentes” onde o mar de carecas, os carrinhos hospitalares, que faziam as rondas com os vidros de comprimidos batendo um contra o outro, e a ocasional visita de uma celebridade popular eram uma lembrança constante e deprimente da própria doença. Em Shady Hill, elas eram apenas participantes comuns, os Flamingos. Cada cabana tinha de escolher uma ave e decidiram escolher uma que era menos provável de ser encontrada na floresta. Uma ave que não se misturaria aos arredores. Como elas.

Cam fechou os olhos e recostou a cabeça no encosto do Cumulus. Ela praticamente podia ouvir a voz de Lily:

“... Então, você guarda a lista e para de pensar nela e aos poucos... um dia, o simples ato de escrever coisas vai fazê-las acontecer.”

Durante o verão, Lily ficara obcecada com a ideia de tirar sarro dos livros de autoajuda que encontrara na seção de autoestima da “biblioteca” do acampamento. Enquanto as outras garotas folheavam escondidas as páginas amareladas de *Ação depois das aulas* e *Universidade do amor* que a prima de alguém escondera debaixo do revestimento do piso da biblioteca, Lily lera sobre “afirmações”. Elas passaram uma tarde diante do espelho do banheiro rachado e

pintado de pátina dizendo, em tom de brincadeira, ao próprio reflexo que elas eram belas, poderosas e merecedoras. Lily lera sobre as “visualizações” e elas riram ao fechar os olhos e imaginar um arco-íris de luz purificando seus órgãos doentes. Então surgiu a lista.

— Lil — começou Cam, mas Lily estava empolgada e torcia uma mecha da parte verde do cabelo com o dedo, enquanto resumia em voz alta.

— Você não pode digitar nem mandar uma mensagem de texto com ela. Tem de ser escrita com sua letra sobre o papel, como antigamente. E não pode mostrar para ninguém mais, ou não vai se tornar realidade.

— Que isso, Lily. Você não acredita, acredita? Escreva e vai acontecer?

— Claro que não. Mas a gente deveria escrever. Só pra dar umas risadas. Tome — disse ela e jogou para Cam o lápis laranja gigante, de quase um metro, que comprou na loja de lembranças Davis Caverns na última viagem com todo o acampamento. — Comece a escrever. Uma lista com tudo que você quer que aconteça antes de você morrer.

Cam fez desenhos na margem superior do caderno.

— Como vamos chamá-la? — perguntou a Lily, que já estava rabiscando furiosamente. — “Lista de coisas a fazer antes de bater as botas” é tão antiquado.

— Que tal outra expressão pra “bater as botas”? “Meter o pé na cova”? Vamos chamá-la de Lista do Pé na Cova — disse Lily sem erguer os olhos.

— De jeito nenhum — disse Cam.

— Não sei, Campbell. — Lily suspirou. — Chame apenas de Lista do Flamingo, então.

— Isso não é irrelev...

— Só escreva.



Cam suspirou, escreveu *Lista do Flamingo* em grandes letras maiúsculas e então pensou no que incluir. Deveria ser realista, decidiu. Do que ela realmente sentia falta já que ser doente era o seu normal? Por isso, ela veio para o Shady Hill em vez de ir ao acampamento de câncer, embora as cabanas tivessem cheiro de mofo. Cam queria uma vida que estava com mofo. Metaforicamente falando.

Por isso, começou a fazer uma lista de todas as coisas normais das quais poderia sentir falta, se não chegasse ao final da adolescência. Como *Perder a virgindade numa festa com biritá*, escreveu. Ou *Andar por aí infeliz, apática, fazendo beicinho, e dormir durante todo o sábado...*

— Como é que você acha que vai ser? — interrompeu Lily. Ela tinha terminado a lista e sentou-se no beliche, hesitante, mastigando a ponta da caneta.

— Como é que vai ser *o quê*, Lily? — perguntou Cam. Lily podia dar um salto para o meio de uma conversa, esquecendo que Cam não necessariamente habitava o cérebro dela para saber qual era o começo. — O último ano? As olimpíadas de inverno? O baile de formatura? Sexo? O jantar de hoje?

— A morte — respondeu Lily.

— A morte. — Cam fez uma pausa. — Bem, acho que vai ter o túnel e a luz branca, e aquela história de olhar pra baixo e ver o próprio corpo...

— Eu não sabia que você acreditava na vida após a morte — disse Lily.

— Não acredito — respondeu Cam. — A tal experiência de proximidade da morte é um acontecimento neurológico. Um grande sonho causado por quantidades imensas de hormônios liberados pela glândula pituitária. É tudo causado pela dimetiltryptamina. Não por Deus.

— Oh — disse Lily, decepcionada. Ela olhou pela janela.

— Bem, como você acha que vai ser?

— Acho que vai ficar escuro, no início. Tem de ficar escuro quando o seu corpo desliga. Depois uma ponte de arco-íris brilhante vai se formar através da escuridão, e estrelas vão piscar ao redor e iluminar seu caminho até o Mundo Espiritual.

Cam esboçou um sorriso.

— Mundo Espiritual? Espera aí, deixa eu consultar meu filtro dos sonhos...

— Paraíso — disse Lily. — Eu acredito que existe um paraíso.



Cam abriu os olhos e fitou o estacionamento subterrâneo de aspecto sombrio. *Talvez seja hora de começar a riscar alguns desses itens*, pensou, e voltou a percorrer a lista com os olhos. Como o último item parecia ser a única tarefa

totalmente em seu poder neste momento, começaria por ele.

Telefonou para Lily.

— O que eu deveria roubar, Químio-sabe?

— O quê? — A voz de Lily estava rouca e lenta, como se ela tivesse acabado de acordar.

— Está na lista.

— Que lista? — Cam podia ouvir os lençóis roçando, e a cama guinchava enquanto Lily se erguia até ficar em posição ereta.

— Lembra-se da lista do acampamento de verão?

— Por que roubar está na sua Lista do Flamingo? — perguntou Lily, exasperada. — De qualquer forma, você não tem de forçar, Campbell. Você tem de deixar as coisas acontecerem.

— Estou sentindo necessidade de apressar as coisas um pouquinho — disse Cam. Ela encostou a testa no volante e girou a cabeça ao longo do semicírculo superior.

— Pegue um hidratante labial Burt's Bees. O meu acabou — admitiu Lily. Cam quase conseguia vê-la estreitando os olhos enquanto examinava os lábios ressecados no espelho.

— E o que mais? — perguntou Cam.

— Um flamingo de plástico da Family Dollar — sugeriu Lily. — Iguais àqueles de enfeitar o gramado.

— Vai ser um desafio.

Cam ergueu a cabeça do volante e fez um carinho no carro.

— Para a Whole Foods, Cumulus — falou, e eles partiram.



DOIS

Cam adorava o cheiro da Whole Foods: uma mistura de sândalo, patchouli, lavanda, terra, alho e cecê. Era um dos poucos lugares na Flórida onde ela não parecia suspeita, vestindo o casaco preto e justo com capuz e o jeans justo preto desbotado e todo esfarrapado que ela conseguia vestir apenas porque o câncer transformara seu corpo metade samoano em manequim 32.

A Whole Foods acolhia pessoas como ela. Gente esquisita com um toque dos nativos para eles. Era aqui que as pessoas tentavam entrar em contato com os nativos. Os autênticos. E onde elas fingiam ser mais tolerantes. Por isso, Cam cheirava uma embalagem de desodorante enquanto enfiava alguns hidratantes labiais Burt's Bees na bolsa de lona verde envernizada com uma colagem de adesivos de carros cortados. O adesivo que ficava por cima dizia: IMAGINE... e o restante eram slogans como TIBETE LIVRE, CASAMENTO PARA TODOS, SERES HUMANOS NÃO SÃO ILEGAIS, PAZ NO ORIENTE MÉDIO, A REGRA DE OURO, ASSISTÊNCIA MÉDICA É DIREITO DO SER HUMANO E ONDE ESTÁ MEU VOTO? (em solidariedade ao povo do Irã, que teve a eleição fraudada por um ditador mau).

Ela era a única pessoa no condado de Osceola, na Flórida, que se importava com coisas como eleições fraudadas, liberdade, direitos humanos... O restante das pessoas estava ocupado demais procriando, o que começava cedo por aqui. Três casais tinham ficado noivos no baile do último ano do colégio.

Cam não fora ao baile porque provavelmente havia regras sobre namorar no carro, mas se ela estivesse ali teria desejado *pomaika'i*, “boa sorte” em havaiano, aos casais felizes. Eles iam precisar de sorte. Na verdade, de um milagre. Sem ele, os casais terminariam divorciados e tentando criar três filhos com doze dólares por hora, aumentando a população de moradores-do-estacionamento-de-trailers, motoristas-de-latas-velhas, que-faziam-compras-na-loja-de-um-e-noventa-e-nove, com-diabetes-por-comer-comida-enlatada e que moravam no feliz estado da luz do sol.

Mas talvez fosse diferente para eles. Cam esperava que sim. Talvez eles fossem diferentes.

Ela enfiou um pouco de raiz de calêndula no bolso do moletom. Nem sabia o

que era, mas adorava o som daquilo: *raiz de ca-lên-du-la*. Ela engoliu um pouco no caminho até a porta.

— Com licença? — falou uma voz atrás dela.

Cam deu um pulo. Será que ela já estava encrocada?

Ela deu meia-volta e se deparou com a típica freguesa da Whole Foods: cinquenta anos, cabelo grisalho preso num coque frouxo, olhos azuis, sem maquiagem, calças largas, sapatos da Clarks, sacola de compras de algodão orgânico. Cada vez mais ex-professores universitários e funcionários do serviço social estavam chegando até essas partes porque isso era tudo que podiam pagar com a aposentadoria.

— Sim? — disse Cam, remexendo no vidro de raiz de calêndula em seu bolso.

— Quem corta seu cabelo?

— Hum. Meu cabelo?

— Isso. É um corte lindo.

O cabelo cacheado de Cam estava curto. Ela passava a velha máquina de cortar cabelo do pai no ajuste de um centímetro.

— Eu mesma corto — disse ela.

— Bem, fica ótimo em você. Você tem um belo rosto — disse a típica freguesa da Whole Foods enquanto colocava algumas cápsulas de fibra na cesta da frente do carrinho.

— Obrigada — disse Cam e esperou que a senhora virasse a esquina antes de enfiar uma caixa minúscula de tampões cem por cento naturais e sem cloro na bainha dobrada da calça.

Ela já tinha ouvido isso antes.

— Um rosto tão bonito. — Céus, como odiava isso. Na fase pré-câncer, era o código para: “Que tristeza. Ela é tão gorda”. Agora era o código para: “Que desperdício. Uma lésbica tão bonita”.

O que deixava a mãe de Cam *arrasada* era o fato de que ela não havia deixado o cabelo crescer depois da química. A mãe achava que cabelo longo era poderoso. Além disso, sem o cabelo longo, Cam nunca conseguiria dançar no *Aloha*. Sem o cabelo longo, ela estava relegada à cozinha nos fundos do hotel, onde passava

horas separando ingredientes, fazendo barcos de abacaxi para o arroz polinésio.

— Sempre tem a Perry. — Era o que Cam dizia à mãe. — Ela poderia dançar com você um dia.

— Agh! — A mãe de Cam jogava as mãos para o alto em sinal de aversão. Como dançarina de hula (que, na verdade, era uma ítala-americana de Nova Jersey), suas mãos eram muito expressivas. Alicia conhecera o pai de Cam em Nova York quando eles tinham vinte e poucos anos, dançando em alguns clubes e coros na Broadway. Ela passou a frequentar as aulas de dança polinésia apenas para passar mais tempo com ele e então acabou adotando aquilo como um estilo de vida.

Perry, a meia-irmã de Cam, de onze anos, nunca poderia dançar no *Aloha*. Ela foi o resultado de uma noite de amor pós-divórcio que a mãe tivera com um membro do elenco de *Norway*, no Epcot. Tinha cabelo louro platinado e andava com passos pesados, feito um viking.

— Perry é muitas coisas — dizia a mãe —, mas não é uma dançarina.

A mãe de Cam queria que ela dançasse menos por causa de um legado e mais porque a dança tinha poderes de cura. Ao menos, para o espírito. E Cam dançava — estava em seu sangue —, mas ela fazia isso sozinha, em casa, na frente do espelho Spikork, da Ikea.

Tyler, um integrante da equipe da Whole Foods, escaneou o código de barras das balinhas de menta pelas quais ela decidira pagar.

— Você é o caixa — murmurou Cam, fitando o crachá verde com as letras brancas baratas.

— O quê?

— Você consegue perceber a sacanagem deles, né? Você não é um integrante da equipe. Eles não se importam se você é uma pessoa.

— Está bem. Tanto faz.

— A Disney foi a primeira a usar esse truque. Chamavam os funcionários de “integrantes do elenco”, assim, o pobre do cara que torcia os balões de animais pensa que ele é um astro da Disney.

Tyler apenas resmungou.

— Se você tem de usar um crachá, você é um funcionário — prosseguiu ela.

— Sei que você pegou o negócio para os lábios — disse ele, devolvendo as balinhas de menta para Cam. Ele tinha dedos fortes, ossudos, cabelo negro bagunçado e olhos castanhos com uma mancha dourada adorável no olho esquerdo.

— Mas você não sabe sobre a raiz de calêndula. Nem sobre os absorventes íntimos — disse ela. Nem sobre a esponja marinha natural que ela enfiara no sutiã. — Tenha um bom dia.

Enquanto caminhava lentamente até a porta, imaginou o momento em que Rolf, de *A noviça rebelde*, encontra toda a família atrás do túmulo, na abadia, e hesita, decidindo se ama ou não Liesl, antes de tocar aquele apito nazista veadinho. Será que Tyler, o integrante da equipe da Whole Foods, amava-a ou será que ia tocar o apito?

Ele a amava.

Ela estava livre, caminhando pelos Alpes no estacionamento rumo àquela Suíça neutra e adorada que era o seu carro. Soltou um suspiro e agradeceu, por um segundo, o fato de estar nos Alpes. Morar na Flórida era como morar no sol. E ela podia mesmo ver o calor gasoso subindo do asfalto.

Cam arranhou o saco da Whole Foods como uma natureza-morta no painel do carro e mandou uma foto para Lily. Ela riscou *Tentar roubar algo numa loja* da Lista do Flamingo e enfiou o papel de volta no porta-luvas. Em seguida, o telefone soou com o toque de Lily, *I Believe in Miracles*, dos Ramones. Ela tinha escolhido a música porque suspeitava que, talvez, Lily acreditasse em milagres. De um modo despretensioso e um pouco irônico.

— Bom trabalho, Bola Branca, não pensei que você tinha isso dentro de você — falou, quando Cam atendeu.

— O que isso quer dizer?

— Nada. Você sabe como você é.

— Como eu sou? — perguntou Cam, abrindo o potinho de Burt's Bees e passando a meleca nos lábios contraídos.

— Você sabe, essa coisa de você ser brutalmente sincera e verdadeira, e estar sempre certa, mesmo quando está de saco cheio e cansada de sempre estar certa, porque você sabe que isso te faz parecer irritante. Pensei que isso ia ficar no seu caminho.

— Tive umas notícias ruins hoje, Lil.

— Já tivemos notícias ruins antes.

Cam estava em silêncio. Ela arrancou a ventosa da boneca de hula do painel do carro e a balançou para a frente e para trás, para que as pálpebras abrissem e fechassem.

— Não tem importância — prosseguiu Lily. Houve uma pausa. Ninguém disse nada. E então: — Nada tem importância, a não ser pegar aquele flamingo.

— Tá — concordou Cam, e desligou. Ela inspirou um pouco, o que a animou por um instante. Mas, depois, soltou o ar e sentiu que tudo dentro dela, o estômago, o plexo solar, a garganta, estava sendo remexido por um par de punhos cruéis que a estrangulavam.



Cam passou pelas tendas de lojas de rua em rosa e azul-turquesa até encontrar a que tinha uma Family Dollar. Ninguém vestido de preto comprava na Family Dollar. Essa era a regra. Ela não ia se misturar.

Ela enfeitou o chapéu de palha velho da avó com a fita amarela para ter um pouco de cor. E pôs os grandes óculos de sol vermelhos. Por sorte, enquanto estava cruzando o estacionamento, conseguiu pegar uma sacola plástica da Family Dollar que estava girando num tornado em miniatura.

Foi até a liquidação na calçada e fingiu examinar as ofertas *made in China* de plástico com tinta de cobre. As pernas dos flamingos estavam enfiadas numa grande caixa de papelão do lado de fora da loja, onde eles encostavam-se uns nos outros e fitavam, com olhos pretos pintados com spray, as tochas tiki, as piscinas infantis, as boias de braço e os copos plásticos de margarita que estavam pela metade do preço para o verão.

Cam examinou um com atenção, como se precisasse inspecionar a qualidade de um flamingo de plástico. Então primeiro enfiou a cabeça na sacola da Family Dollar, sufocando-o, e saiu, voltando até o carro. Ela estava procurando a chave quando alguém bateu em seu ombro.

— Você vai pagar pelo flamingo?

Meleca, pensou Cam, mas, antes que pudesse dizer “Que flamingo?”, sentiu uma coisa acontecer. Parecia medo, só que mais forte. Ela podia perceber uma

brisa fria; o braço esquerdo começou a balançar. Sua cabeça parecia estar cheia de ar como um balão de gás. Um choque elétrico percorreu suas costas e então ela ficou tonta e perdeu o equilíbrio. Era como ser atingida por um raio.

E depois tudo ficou escuro.



TRÊS

Quando ela acordou, ensopada de suor e com uma dor de cabeça latejante, esforçou-se para lembrar onde estava e quem diabos era o homem de bigode que a fitava pelos óculos fundo de garrafa. O crachá dizia “Olá. Meu nome é Darren”.

— Olá. Meu nome é Cam — falou. — Onde estou?

— No estacionamento da Family Dollar. Você roubou um flamingo.

— Não acho que a gente tenha determinado isso formalmente — retrucou, ainda deitada no asfalto. Estava tão quente que o asfalto debaixo dela começava a derreter. Ela sentiu uma pequena bolha de piche entre os dedos e rasgou-a com a unha.

— Bem, ele está na sua bolsa e você não tem um recibo.

— Você chamou a emergência?

— Chamei. Estão a caminho.

— Muito bem então, caubói. Vou precisar sair daqui bem depressa. — Cam podia ouvir a sirene se aproximando ao longe, e encolheu-se de dor quando lentamente se ergueu da calçada. Eles seriam paramédicos urbanos e não os de mentirinha da Disney, que ela podia mandar embora com um bilhete do médico.

— Espere — disse o gerente da Family Dollar. — Você não pode sair assim. Não pode dirigir desse jeito. Você estava se debatendo feito um peixe, e espumava pela boca.

— Pois é. Isso acontece. Da próxima vez que vir uma coisa dessas, use um abaixador de língua para a pessoa não engolir a própria língua. Importa-se se eu ficar com o flamingo?

— São 2,89.

— Nossa, Darren, você não está facilitando as coisas. Nesse caso, vou ficar com ele.

Cam agarrou o flamingo e jogou-o no banco de trás, ligou o fusca, e saiu do

estacionamento cantando pneus. Lentamente, estava voltando a controlar os membros, mas eles pareciam pesados. Darren tinha razão; provavelmente era melhor não dirigir.

Cam olhou pelo retrovisor. O homem ainda estava muito chocado para realmente fazer alguma coisa sobre a fuga dela. Com sorte, ele não teria anotado o número da placa.

Antes de ir para casa, decidiu sobre o lar perfeito para o flamingo, a quem dera o nome de Darren. Ela ia tirar uma foto de Darren, o flamingo, bem em frente à Celebration, a comunidade planejada da Disney. A maior parte dos homens de negócio da Disney morava na Celebration, onde tinham regras sobre o que vestir e o que dirigir e sobre quantos filhos deveriam ter (eram três), e se podiam ter um bichinho de estimação.

Definitivamente, “artistas” como Cam e flamingos cor-de-rosa como Darren não faziam parte do plano. Cam tirou uma foto de Darren em frente aos portões da Celebration. Depois dirigiu através da comunidade, onde tudo parecia estranhamente telegênico. Era como viver no estúdio de *Leave It to Beaver*. Ela encontrou a casa de Alexa Stanton, na parte federalista da cidade, onde cada casa deveria se parecer com a residência de um dos pais fundadores, complementada por pintura amarela, venezianas pretas e colunas de um branco impressionante.

Alexa era a chefe das líderes de torcida; ela costumava odiar Cam por ser inteligente e conseguir conversar com o namorado superinteligente dela sobre política. E costumava implicar com Cam por causa do peso dela.

Cam jogou o flamingo no gramado perfeitamente manicurado de Alexa, apenas para deixá-la confusa com aquilo. Um flamingo de plástico. Seria um sinal? Tipo a cabeça do cavalo em *O poderoso chefão*? Será que alguém estava atrás dela? Alexa nunca ia pensar isso, Cam sabia. Ela apenas ia ignorar o Darren e deixar que o jardineiro se entendesse com ele. Nunca ia pensar na referência a *O poderoso chefão*. Nem todo mundo era fã de filmes feito Cam. Uma consequência de ficar sentada durante horas tomando o medicamento. Não tinha mais nada para fazer além de assistir a filmes durante a químio.

Darren odiava isso aqui, dava para ver. Ele parecia assustado e solitário, deitado de lado no quadrado perfeito de grama verde.

Ele deve estar apavorado, pensou Cam. Tem bons instintos. Essa terra de faz de conta não queria ter nada a ver com ele nem com o que ele representava:

cerveja em lata; dentes ruins; imigrantes; salário mínimo; quem não tinha seguro; sangue, suor e lágrimas; rock pesado; o mundo real; a morte.

Tudo tinha a ver com isso, não é? As pessoas tinham medo de morrer. Por isso moravam em Celebration.



Cam morava longe da Celebration, na Ronald Reagan Drive, num rancho de três quartos caindo aos pedaços, com tapete de pelúcia bege dos anos 1970, tetos texturizados e paredes tão finas que ela tinha de dormir com os fones de ouvido para abafar o barulho da mãe transando.

Cam entendia que no universo a maior parte das pessoas, as palavras *mãe* e *transando* nunca apareciam na mesma frase. Mas, infelizmente, tinha de viver na realidade, com a mãe de verdade que trazia para casa homens de verdade dos países de mentira do Epcot. A última conquista, que já durava um ano, era Izanagi, um chef do grill em estilo Benihana.

Ele era a última pessoa que Cam gostaria de ver quando passasse pela porta, cansada por causa da consulta médica e depois de ter uma convulsão no estacionamento da loja. Ele vestia um quimono cor-de-rosa, enquanto cortava os legumes para preparar uma omelete, fazendo malabarismos com a faca antes de jogar um pedaço de pimentão vermelho na boca de Perry. Perry aplaudia feito uma foca treinada.

Cam tentou esgueirar-se direto para o quarto e tirar um cochilo, o que deveria ter sido fácil nessa caverna que eles chamavam de casa. As estalactites do teto texturizado e as estalagmites do tapete peludo deveriam ter abafado o som da entrada, mas o curioso sobre a mãe de Cam era que ela tinha a audição supersônica de um morcego, apropriada para a vida nas cavernas. As pessoas se adaptam. Seleção natural. Darwin. Evolução.

— Campbell! — gritou a mãe, do quarto. — Coma alguma coisa, Izanagi está fazendo uma omelete.

— É mesmo? Não tinha percebido. Ele é tão sutil.

— O quê?

— Nada. Não estou com fome.

— Cam, por favor.

Cam estava ficando meio canceréxica. Uma pequena parte dela gostava do fato de poder vestir agora roupas justas, e ela tinha medo de comer. Outra parte não podia acreditar que garotas saudáveis passariam fome para se parecer com ela: um manequim 32, um nada, uma pessoa doente. Pelo menos, o antigo eu gordinho teria vivido até os dezoito anos.

Cam ouviu cortar, cortar, arranhar e então usou seus reflexos de dançarina do fogo para pegar o camarão que estava voando na direção de seu rosto.

— Você precisa de proteína — disse Izanagi.

— *Domo arigato*, sr. Roboto.

Cam comeu um pedaço minúsculo de camarão e, na verdade, ele não a fez ter vontade de vomitar. Talvez, se cobrisse a omelete com catchup, ela conseguisse comer.

— Vou levar a minha para a piscina — falou, e não estava brincando. Eles realmente tinham uma piscina. Era a única razão para a mãe ficar naquela casa, e a única coisa que ela parecia ser capaz de conservar. O restante da casa estava caindo aos pedaços e com mofo, mas a piscina em forma de rim reluzia. Quando a mãe tinha vinte e cinco anos, jurou nunca morar numa casa sem piscina, por isso o pai de Cam havia comprado aquela para ela.

Ele também se divertiu nela, convidando todo o elenco de *Aloha* para festas quando a temperatura caía para menos de dez graus. Era a única hora em que a Disney cancelava o show ao ar livre.

Cam sentia falta disso e de muitas outras coisas no pai.

— Oi, docinho — disse a mãe, com o cabelo ondulado até a cintura brilhando no sol ao aparecer no terraço para entregar a omelete de Cam. Alicia dormia de barriga para baixo, o que diz muito sobre uma pessoa. Apenas sete por cento da população do planeta dorme de barriga para baixo e são pessoas vaidosas, sociáveis e sensíveis demais. E também têm peitos pequenos, aparentemente, porque a posição não seria nada confortável se tivessem peitos grandes.

Quando ela estava grávida, teve problema para dormir de lado, por isso, o pai de Cam levava Alicia até a praia Clearwater, onde podia cavar um buraco na areia para a barriga. Alicia afundava feito uma baleia encalhada e finalmente dava um cochilo. Cam começou a vida como um bebê tartaruga, enterrada na areia. Às vezes, o pai a chamava de Turtle, mas o apelido não pegou.

O pai era atencioso, e mesmo depois de tudo isso — dirigir até a praia, cavar o buraco, comprar a piscina, assumir a paternidade — a mãe nem tinha chorado no funeral dele. Era a prova final para Cam (como se ela precisasse disso) de que o amor verdadeiro não existia. As ligações entre as pessoas eram temporárias. Egoístas. Oportunistas. Destinadas a perpetuar a espécie. “Amor”, o amor romântico, era apenas uma fantasia que se permitiam porque, caso contrário, a vida seria chata demais para suportar.

— Será que você vai chorar no meu funeral? — perguntou Cam enquanto partia a omelete com a lateral do garfo. A almofada bem-feita de ovo escorreu no catchup, criando uma poça aguada e cor-de-rosa sobre o prato dela. Pior para o seu apetite.

— O quê? Campbell, eu vou estar morta no seu funeral. Esta coisa vai matar você por cima do meu cadáver. Já disse. E por isso você vai se inscrever em todas aquelas faculdades. Precisa de um plano para setembro. — Alicia andara colecionando brochuras de faculdades comunitárias cheias de fotos brilhantes de alunos e alunas multiculturais felizes, e elas andaram circulando por aí, umas por cima das outras, esfregando-se na bancada da cozinha há meses. Quem dormia de barriga para baixo também tendia a táticas passivo-agressivas, como juntar em segredo brochuras de faculdades e encontrar meios de evitar responder a perguntas quando apenas queriam saber como foi a consulta médica da filha.

— Não vou pra nenhuma dessas faculdades, mãe.

— Vai, sim. E se você não tivesse gasto aquele dinheiro no carro poderia ter mais para comprar livros. Vou matar o Gus por tirar o dinheiro de você. Juro por Deus.

— Por que você não arruma alguém em Jersey para fazer isso?

— Eu poderia, sabe? — A mãe tomou um gole de café e assumiu um olhar nostálgico, malicioso. *Gente velha sempre exagera o perigo e o desrespeito à lei na juventude*, pensou Cam, *porque a vida adulta se tornou muito chata*.

— Você não conhece ninguém da máfia, conhece?

— Só um amigo de um primo de um amigo.

A mãe costumava glorificar as raízes de Jersey. As pessoas de Nova Jersey eram duronas, eram frias; Jersey tinha os melhores bagels, a melhor pizza, o melhor milho e os melhores tomates etc etc. Cam pensou que eles deveriam abrir

uma seção na Disney chamada Jerseyland para todos os incuráveis românticos de Jersey que queriam simplificar a si mesmos. Porque era isso que a Disney fazia. Providenciava um simulacro de vida que parecia melhor que a vida melancólica que você levava e te convenciam de que sua vida era boa. Baudrillard descreveu a ideia e Cam escreveu sobre isso no ensaio para Harvard. E foi aprovada, mas nunca contou para ninguém. Era o último triunfo secreto, mas ela não era idiota o bastante para ter esperanças.

Além do mais, eles apenas a aceitaram por causa de sua história incrível. Estar quase morta a tornava especial, como atletas olímpicos, estrelas de cinema, investidores de dezoito anos, autores publicados e crianças-que-foram-criadas-num-bote e que faziam parte do restante da lista de calouros.

— Então — disse a mãe finalmente.

— Então, o quê?

— A tomografia, Cam. O que eles disseram sobre a tomografia?

— Você devia telefonar pra eles. Eles não deveriam me dizer nada. Sou menor de idade. — Era verdade, mas nem assim Cam ia deixar a mãe acompanhá-la de novo até o Children's Hospital. Já era uma tortura ela ficar sentada na sala de espera com um bando de crianças carecas de três anos de idade. Não ia ficar sentada com a mãe.

— Mas eu sei que você fez com que falassem.

— Fiz, sim — confessou Cam.

— Então.

— Eles não dão ponto sem nó. — A frase sempre fazia Cam rir. Sua avó era a única a usar porque provavelmente era a única pessoa a costurar de verdade.

— Campbell.

Cam empurrou um pedaço da omelete pelo catchup no prato e então simplesmente cobriu a coisa toda com um guardanapo.

— Então, o câncer está em toda parte. Sério. Nada mudou. Ah, a não ser por uns tumores novos nos rins.

A tomografia mostrara o esqueleto de Cam brilhando feito uma árvore de Natal com nódulos de câncer reluzentes dobrados ao redor do centro como uma guirlanda de luzes. A visão longitudinal do tronco parecia do outro mundo, com

uma visão do telescópio Hubble ou de um lugar bem fundo debaixo d'água, aquosa e sombria, exceto, mais uma vez, pelas brasas de câncer brilhando forte, coisa que o dr. Handsome não gostava de ver.

O dr. Handsome — e esse era mesmo o nome dele, o que levava a piadas infinitas sobre ele ser médico ou apenas representar um na tevê — segurava a caneta prateada acima da tela de computador e a usava como um ponteiro para traçar um círculo imaginário ao redor do brilho intenso cor de laranja em torno dos rins. Usava a mesma caneta prateada em todas as consultas. *O que diz muito sobre ele*, pensou Cam. A caneta provavelmente fora um presente, o que significa que havia pessoas que o amavam e tinham orgulho de seu trabalho. E ele era sentimental, por se preocupar tanto em não a perder. Ou isso ou ele era obsessivo. Voltado para os detalhes. *O que é uma boa característica nos médicos*, pensou Cam. Você não ia querer que eles cometessem erros. O máximo que Cam já tinha ficado com uma caneta foi provavelmente cinco dias. Ela e o dr. Handsome eram muito diferentes.

— Não era isso que esperávamos ver — disse ele ao girar a caneta numa pequena espiral, deixando depois que ela caísse entre o dedo e o polegar. Ele baixou a cabeça até a mão livre, passou os dedos pelo cabelo preto e suspirou.

Foi a primeira vez que Cam o vira mostrando alguma negatividade. Ele sempre tinha sido tão positivo. Sua postura hoje parecia a da derrota.

— Talvez isso... — Cam pegou a caneta da mão dele e traçou ao redor da cor de laranja — ... seja o meu segundo chakra, sabe? Acho que está onde deveria estar. O segundo chakra é o chakra cor de laranja. O local do poder e da mudança. Será que a máquina pode captar chacras, auras e sabe mais Deus o quê?

O dr. Handsome tentou falar e então alguma coisa ficou presa no fundo da garganta dele. *Será que falta pouco pra ele chorar?*, era o que Cam queria saber. Faltava.

— Cam... — Ele se recompôs. — Lamento. É que estou muito, muito cansado... Cam, não há nada que possamos fazer.

Cam ia lá durante cinco anos e pensava que já vira todos os humores dele. Ele podia estar ridículo e agitado quando cansado, e era ótimo com as crianças pequenas. Tinha um João-bobo de palhaço de borracha no consultório e as crianças podiam soltar um pouco do gás antes das consultas. Cam deu um

pequeno soco no palhaço, e ele balançou para a frente e para trás.

— Mas você é o dr. Handsome — falou. Ela sabia que o que realmente o deixava centrado era a medicina. — Afaste essas emoções e comece a dizer alguma coisa-de-médico. Você tem de falar da ciência dura, fria. Diga “malignidade” ou “subcutâneo” ou alguma coisa assim. Isso vai fazer você se sentir melhor.

— A ciência não é suficiente agora, sopa Campbell. O que você precisa é de um milagre.



A mãe de Cam sentou-se em sua cadeira favorita do terraço e folheou uma revista *InStyle*. Pousou o café na mesinha de vidro e, sem erguer os olhos, perguntou:

— Então, tem algum novo tratamento no qual possamos entrar? — Ela fingiu indiferença, mas Cam podia perceber o vinco revelador entre as sobrancelhas mudar de linha fina para uma ruga bem profunda.

— Não sobrou nada.

— Sempre sobra alguma coisa — disse ela, virando outra página da revista, até um artigo que mostrava como usar a última tendência (renda preta) aos vinte anos (meias), aos trinta (tubinho preto), aos quarenta ou mais (nunca!).

— Acabaram os tratamentos, mãe. Qualquer outra coisa que eles tentem vai me matar antes do câncer. Meus exames não foram bons.

— Vou telefonar para eles hoje, Cam. Vou inscrever você em alguma coisa. Ao menos podem lhe dar um pouco mais de cisplatina — disse ela, finalmente olhando Cam nos olhos.

— Mãe. Você não está ouvindo. Não sobrou nada.

— Então simplesmente vamos para o St. Jude’s ou o Hopkins ou outro hospital.

— Já estivemos nesses, mãe. Duas vezes no St. Jude’s. Eles fizeram tudo que podiam. — Cam estava cansada. Ela não queria pensar mais nisso. Apenas queria dormir e esquecer por algumas horas. As novas almofadas personalizadas e emborrachadas num tom de verde-periquito sibilaram um pouco enquanto ela deixava a cabeça cair para trás. O sol da Flórida pareceu bom em seu rosto por

alguns segundos, mas logo começou a parecer menos com calor e mais com radiação. — O dr. Handsome disse que preciso de um milagre.

— Bem, Cam — disse sua mãe e então arrancou um pedaço velho de Nicorette —, vamos encontrar um maldito milagre pra você.

— Esse não é um bom modo de começar. — Cam abriu os olhos e fitou o céu azul e sem nuvens acima de sua cabeça. — Você não deve *xingar* antes de pedir um milagre...

— Não estou desistindo, Campbell. Nunca vou desistir de você. — As últimas quatro sílabas foram faladas num crescendo, seguidas pela mão de Alicia batendo na mesa de vidro.

— Eu não tenho câncer no ouvido — resmungou Cam. — Ainda.

— Droga! — gritou Alicia e jogou a caneca de café no terraço de cimento da piscina. Ela se partiu com uma pancada vazia.

— Você vai se arrepender disso. Era a caneca do Papai Noel — disse Cam, sem se perturbar. A caneca de café favorita da mãe foi impressa com uma foto desbotada, que quase não dava para ver, de Cam e Perry sentadas no colo do Papai Noel, tirada dez anos atrás.

Cam estava acostumada com as explosões da mãe. Tinha convivido com elas por muitos anos. Alguma coisa acontecera com Alicia na meia-idade, quando cada emoção (tristeza, medo, alegria, confusão, impotência) encontravam uma saída apenas através de sua raiva. Era especialmente perceptível depois da primeira xícara de café de manhã. A mãe dizia que era hormonal. Cam pensava que era apenas alicial.

— Campbell, você tem de acreditar em mim — disse Alicia, recompondo-se. — Não vou deixar você morrer.

— Isso é tranquilizador. Sério. Eu acredito em você. Agora preciso de um cochilo.

Quando Cam abraçou a mãe e caminhou de volta para o quarto, percebeu que passaria o resto de sua curta vida fazendo as pessoas se sentirem melhor diante da perspectiva de perdê-la.



QUATRO

Cam prendeu a respiração e mergulhou a cabeça abaixo da superfície da água. Ela tinha de abafar os sons dos vizinhos comemorando enquanto iam de caravana até a escola para a formatura.

Estava quente demais para uma cerimônia na quadra, portanto cada formando podia convidar somente duas pessoas para assistirem nos assentos com ar-condicionado do auditório. Cam enfiara os convites para a “Cerimônia de Graduassão”, com a palavra *Graduação* escrita errado numa tinta dourada e cara, entre as páginas 218 e 219 de *Anna Karenina*.

Cam piscou e abriu os olhos na piscina azul-turquesa. Ficava mais difícil notar que você estava chorando quando sua cabeça estava debaixo d’água. Além disso, a água fria parecia boa para a adorável urticária azulada que apareceu nos braços dela, na forma de “manchinhas roxas”. Um nome fofo para uma lesão cancerosa.

O zumbido da bomba da piscina vibrava através de sua coluna, e ela afundou até sentar-se no fundo escorregadio. Cam decidira não ir à formatura hoje. Ela perdera tantas aulas por causa da química e dos tratamentos que não tinha mais contato com a maioria das pessoas na escola. E não queria ouvir sobre os planos dos colegas para o futuro, a maior parte dos quais envolvia trabalhar na Disney, pelo menos durante o verão. Alexa e sua fiel companheira, Ashley, aguardavam ansiosamente para ver se tinham conseguido entrar no elenco como uma das Cinderelas. Cam sentia um pouco de inveja pelo fato de aquelas pessoas terem um futuro, para falar a verdade. Ela não queria pensar no futuro.

A gota d’água pode ter sido o fato de que ninguém no corpo docente conseguia escrever corretamente *graduação*.

Cam pulou para a superfície da piscina, respirando com dificuldade. Depois, ela subiu e deu batidinhas nos misteriosos pingos de lágrimas que tinham se misturado às gotas de água clorada que escorriam das pontas de seu cabelo. Ela apenas deu batidinhas em vez de esfregar porque a babá tinha dito anos atrás que esfregar o rosto dava rugas. Como se fosse acontecer. Ela riu.

Felizmente, tinha se oferecido para um turno no trabalho. Seria uma distração

bem-vinda.



Cam adorava as manhãs na cozinha. A cozinha de um restaurante de manhã era como um animal delicado, bocejando. Piscando, se esticando, estalando, abrindo, fechando. Ainda dava para ouvir sons individuais, distintos antes de as coisas começarem a funcionar a todo vapor e o animal recuperar o hálito de fogo em meio à confusão da cozinha.

Joe, o cozinheiro, era sempre o primeiro a chegar ao trabalho, e ele e Cam tinham um sistema que funcionava. Ninguém falava até o meio-dia. Joe precisava do café para acordar, e ambos gostavam do silêncio antes do caos.

Mas, nesta manhã, Joe não conseguia ficar calado.

— Então, talvez eu ponha um pouco de estragão no molho — disse ele. — Cam, o que você acha? Uma pitada de mostarda ao doce ou ao amargo? — Ele estava mexendo um recipiente de aço inoxidável daquele molho com uma grande colher de pau. O aparelho de som rouco e com estática de Joe botava pra fora a faixa favorita do Zeppelin. Ele tinha imaginado anos atrás como se desligar da música de humor mágico tocada pela rede de som infinita que chegava a cada canto do parque.

— Você precisa seguir a receita, Joe. É só um movimento temporário, lembra? Aí você pode ter um seguro-saúde para as crianças — disse Cam, sem erguer os olhos da tábua de corte. Ela fatiava outro abacaxi, cortando-o na metade perfeitamente com um movimento do cutelo.

— Está certo — disse ele. — Nada de estragão. — Joe era um chefe brilhante que esperava passar rapidamente para um dos restaurantes da Disney que tinham um cardápio de verdade. O Hotel Polynesian servia refeições tipo banquete, o que era entediante — o mesmo jantar para todos para dois assentos em fila —, mas era uma etapa acima da praça de alimentação no hotel econômico All-Star Sports. Cam estava tentando convencê-lo a participar de um daqueles *reality shows* com chefs nos quais você podia ganhar o próprio restaurante, mas eles não conseguiam imaginar que papel ele podia representar. Ele era totalmente pacato, um cara do Meio-Oeste, que vestia roupas cáqui, tinha peso e altura medianos com cabelo castanho-claro arrepiado.

— Mas é esse quem você poderia ser — argumentava Cam. — O cara

totalmente pacato do Meio-Oeste, que vem de baixo e surpreende todo mundo no final com seu brilhantismo.

Ela cortou outro abacaxi. O cutelo dava uma pancada satisfatória quando o encostava na tábua de cortar.

— Então, o que você vai fazer neste verão, Cam? Tem algum grande plano?
— indagou John enquanto derramava uma jarra de onze litros de leite de coco no recipiente.

— Na verdade, não. Por que você está tão falante hoje, Joe? Não gosto do novo Joe falante.

— Estou? Não tinha percebido. Apenas conversando, ach...

Mas antes que ele pudesse terminar a frase, todo o elenco de *Aloha* irrompeu na cozinha dançando de acordo com a música do tom-tom. Os quadris das mulheres balançavam para a frente e para trás, e os homens batiam com o pé no ritmo vazio e profundo. Sua mãe segurava a maior sobremesa de vulcão de chocolate fumegante que Cam já vira, e todos gritaram: “Parabéns, Cam!”.

Isso era muito melhor que ir a qualquer cerimônia.

— Obrigada, pessoal!

A mãe entregou-lhe um presente de formatura, um iPhone, e depois alguém vestindo a roupa do Tigrão veio pulando e entregou-lhe um grande cheque. *A coisa mais maravilhosa dos Tigrões*, pensou Cam, *é quando eles te entregam um cheque grande e gordo*. Os grandões da Disney devem, de algum modo, ter ouvido falar da infelicidade dela e preencheram um cheque de formatura. Nem estava nos dólares da Disney.

— Podemos usar isso para Tijuana — disse a mãe.

Fazia um mês desde o prognóstico do dr. Handsome e Alicia cumprira a sua promessa. Ela praticamente havia largado o emprego para assumir o papel de caçadora de milagres. Era um milagre que Cam conseguisse vir trabalhar hoje e que ela não tivesse uma consulta com um “curandeiro” de algum tipo.

— Não vou para Tijuana — disse Cam. Muitas das curas milagrosas que a mãe pesquisara envolviam caminhadas a clínicas caras e obscuras naquele local, onde eles injetavam todo tipo de porcaria maluca em você.

No último mês, Cam tinha ido a um acupunturista, um praticante de Reiki, um

reflexologista, um herbalista, um hipnotista, um *taulasea* (uma rezadeira de Samoa que a fez beber leite materno) e uma ligação a uma “curandeira a distância” da Nova Zelândia, que se chamava Audrey. Elas pagaram oitenta e cinco dólares australianos, mais os custos da ligação para a Nova Zelândia, para ouvir Audrey murmurar no telefone durante algum tempo e depois enviar a Cam um e-mail com os “resultados” da cura, que incluíam gráficos medindo a força da aura dela.

Ao menos tinham rido um bocado.

No entanto, Cam havia jurado que aquilo ia acabar. Estava cansada de tentar todo esse lixo da Nova Era. Na verdade, se ela ouvisse outra nota de Yanni, Enya ou coisa que o valha na harpa, ia perder a paciência.

O Tigrão retirou a imensa cabeça e revelou o sorriso simpático de Jackson. Tudo nele era grande. Ele tinha ombros largos e sardas salpicadas pelo nariz largo de samoano. Quando sorria, Cam podia ver o minúsculo pedaço que faltava no dente da frente, que ele quebrara quando tinha sete anos e girava rápido demais nas xícaras.

— Parabéns, Cam — disse ele.

— Opa, Jackson, você está subindo na vida. Ficou com o papel do Tigrão, hein?

— É. Só durante o verão. — Ele corou. Era o trabalho perfeito para ele. Ele nem mesmo tinha de falar.

Jackson vinha de uma família de shows como Cam. Os pais deles dançavam no *Aloha*, por isso ele e Cam cresceram juntos, brincando na piscina de vulcão na Polinésia enquanto os pais trabalhavam. Eles tiveram um ato juntos quando tinham cinco anos e imitavam os movimentos e as atitudes dos adultos enquanto o público suspirava: *Ahhhhhh. Que fofos. Pequenos habitantes da ilha.*

Mas agora Jackson era supertímido. Quando Cam tentou beijá-lo numa aposta enquanto estavam na fila para a Space Mountain na Tomorrowland, ele ficara tão nervoso que se recusou a falar com ela durante meses.

Essa foi toda a vida amorosa de Cam. Um beijo abortado na Space Mountain.

— Você pode usar este cheque no futuro — disse Jackson, o que era muito fofo, mas meio patético ao mesmo tempo.

— Já estive no futuro com você, Casanova, e não tem muita coisa acontecendo por lá, lembra?

— Desculpe por aquilo — disse Jackson, corando. — Quer voltar lá hoje? Na Space Mountain?

— Dance comigo primeiro — disse Cam, e todo o grupo passou para o palco, onde dançaram algumas danças tradicionais do Havaí e de Samoa que contavam histórias. Eles começaram devagar, com movimentos fluidos e sutis dos braços e das mãos, dando passos grandes, balançando como ondas. Depois, as garotas taitianas subiram ao palco e a coisa ficou quente. Quadris estavam por toda parte. Cam fez o melhor para acompanhar, mas se cansou depois de dez minutos.

Mais tarde, ela e Jackson acenderam as facas de fogo e giraram um pouco. Cam adorava o cheiro de fluido de isqueiro e o calor intenso das chamas girando em seu rosto. Todas as vezes a espantava o fato de haver algo mais quente que o calor do verão na Flórida. Ela deixou que Jackson assumisse a frente e fez questão de ficar um passo atrás dele. Ela não costumava ficar em segundo plano. Isso não estava na sacola de truques dela, mas Jackson estava sendo tão fofo, bancando seu acompanhante, que não queria fazer nada para esmagar seu ego.

Mesmo quando estava jogando o fogo, não podia deixar de perceber que Jackson estava ficando mais forte, com os músculos das coxas inchados e definidos por baixo da bermuda larga. Ele ia ficar ótimo dali a alguns anos.

A música começou a diminuir e as pessoas foram para seus postos prepararem-se para o show de verdade às cinco e meia. Quando terminou, cada família parou na mesa de Cam e lhe deu um presente embrulhado em *siapo*, o tecido samoano sagrado feito de plantas e pintado com um desenho especial que era único para cada família. Diziam que o tecido dava a vida (segundo a lenda, se você embrulhasse os ossos do cadáver de alguém nele, a pessoa voltaria à vida) e fazia curas milagrosas, o que era um tipo de piada para Cam, mas ela os aceitou educadamente e prometeu às pessoas que dormiria com eles. O *siapo* recordou-a do pai. Ele não conseguia se lembrar do desenho de família de seu *siapo*, por isso tinha um com a cara do Mickey Mouse.

— Pronta para ir? — perguntou Jackson. Ele voltara com a roupa do Tigrão e segurava a cabeça debaixo do braço direito.

— Você está usando isso? — perguntou Cam.

— Tenho de devolver para o guarda-roupa e não posso simplesmente carregá-

la no monotrilho numa sacola. As crianças iam ficar arrasadas.

— Deus do céu — disse Cam. — Está bem. Vamos, então. — Cada uma das famílias de funcionários tinha um passaporte com entrada gratuita para o parque em algum momento. Era como ter o bilhete dourado em *Willy Wonka & A fantástica fábrica de chocolate*, e era um modo muito divertido de crescer (Cam tinha de admitir).

Eles caminharam pela floresta tropical luxuriante do saguão, complementada pela própria cascata, e no andar de cima pelos trilhos de concreto do monotrilho que cruzava o hotel. Os trilhos e o trem futurista ofereciam um contraste à floresta e à folhagem naturais, e as artes e artesanatos tradicionais que constituíam o coração da Polinésia. O plano da Disney era criar um mundo onde passado e futuro eram colocados juntos em uma harmonia de contrastes, e em parte alguma do parque isso era mais evidente que nos trilhos do monotrilho na Polinésia.

Cam estava parada na plataforma com Jackson, observando-o ser cercado por crianças bronzeadas que queriam tirar fotos com o Tigrão. O telefone dela zumbiu.

Lily: Feliz formatura! Onde vc tá?

Cam: Num encontro.

Lily: J!!! Se você não for até os finalmentes eu te mato.

Cam: Finalmentes? Quantos anos vc tem, onze? Quem diz finalmentes hj em dia?

Lily: Vá até o fim.

Cam desligou o telefone e Jackson espantou algumas das crianças, bem-humorado. Ele agarrou Cam com os braços macios e peludos, puxou-a para si, e fingiu dar um beijo melado de Tigrão bem nos lábios dela. Isso causou um barulho metálico e selvagem de risadas de criança, semelhante a sinos de vento. Cam adorava como Jackson podia ser decidido quando estava fantasiado.

Ele fez pose para tirar mais fotos com as crianças, e Cam fez questão de mostrar ao menos uma parte do corpo em cada uma delas, fazendo um “V” na cabeça do Tigrão. Mas quando a última câmera piscou, Cam sentiu-se tonta e enjoada. Fez um esforço para ficar consciente. Sua visão escureceu e o verde da

floresta tropical se fechou sobre ela. Olhou para as tábuas de teca e mogno entalhadas no teto acima dela. Os desenhos moviam-se para dentro e para fora, para a frente e para trás em seu campo de visão.

— Ei, Jackson — disse ela com voz fraca, mas Jackson estava muito ocupado com o público que adorava o Tigrão.

— Jackson — falou mais alto desta vez. — Tenho de ir para casa. Você pode me levar? — Ela conseguiu falar antes de se dobrar com uma pontada horrível no estômago.

Jackson levou Cam até o estacionamento, onde tirou a roupa e jogou a cabeça de Tigrão no banco de trás. Ele dirigiu a toda velocidade no Cumulus e, quando chegaram lá, o que a tinha invadido havia melhorado. Ao menos o suficiente para ela falar.

— Desculpe-me — disse Cam. Ficaram sentados na entrada para carros e o crepúsculo descia ao redor deles. Relâmpagos piscaram e iluminaram o interior do carro como uma lâmpada estroboscópica. Cam adorava relâmpagos. Eles a recordavam de que ela vivia em um *planeta*. Com cada lampejo ela captava a cabeça do Tigrão em sua visão periférica — o famoso queixo para a frente e os olhos pretos fixados num estado de surpresa permanente. Será que um dia ele aprenderia algo? Cam torcia para que pudesse ser como o Tigrão, num estado de ignorância eterno.

— Amar significa nunca ter de pedir perdão — murmurou Jackson. Ao menos foi o que Cam pensou que disse. Ele mexeu no chaveiro de Scooby-Doo de Cam antes de devolvê-lo a ela. As pontas dos dedos grossas com calos tocaram nas dela. Ela adorava as mãos dele. Não havia nada pior que mãos de homem macias.

— O que foi que você disse? — indagou ela.

— Deixa pra lá — disse ele. — Uma citação ruim de um filme ruim. Não sou muito bom nisso.

— *Love Story*. 1970. Estrelando: Ally MacGraw e Ryan O'Neal — disse Cam feito um robô.

— É bem ruim — admitiu Jackson.

— É, mas é ruim de uma forma positiva.

— Então, você quer sair uma hora dessas? — perguntou ele finalmente.

— Meu Deus, Jackson, é a sua mãe que está metendo você nisso? — Cam conseguia ver a gola azul-clara da camiseta da Dunder Mifflin saindo do pelo listrado da fantasia de Tigrão.

— Não, quer dizer, não de verdade.

— Por favor. Você não tem de ser o garoto legal que sai com a garota que está morrendo. Não faz parte da sua identidade. Será difícil se livrar disso. Pode acreditar. Isso vai grudar e você nunca vai ficar com a loura gostosa.

— Eu gosto de você, Cam.

Bom, é meio tarde pra isso, pensou Cam. Ela não conseguia nem olhar para ele porque ele era apenas bem-intencionado. Dava dó. *Algumas vezes*, pensou Cam, *os homens realmente são o sexo frágil*. Os mais galantes, puros, inocentes e sinceros. Talvez porque eles não soubessem como lutar.

Por sorte, Izanagi estava saindo de casa quando Cam e Jackson saíram do carro.

— Na hora certa — disse Cam. — Leve-o pra casa, está bem, Izanagi?

— Claro — disse ele. — Vamos, garoto.

Cam acenou brevemente para Jackson.

— Ta-Ta-Agora — disse ela, que era o que o Tigrão mais gostava de dizer.



— Oooh — disse Perry quando Cam passou pela porta. Ela estava vestindo uma camiseta apertada da Hello Kitty, shortinho e botas cor-de-rosa enquanto andava pela casa e enviava uma mensagem de texto para alguém no telefone rosa-shocking. Duas marias-chiquinhas na nuca faziam com que parecesse uma miss da Suíça.

— Como foi seu encontro? Rolou beijo de língua? — disse ela, sem erguer os olhos do telefone.

— O que é que você sabe sobre beijo de língua?

— Provavelmente mais que você.

— Espero que não, vadiazinha.

— Mãe! A Cam me chamou de vadia.

— Se a carapuça serve, querida — entouou Alicia, entrando apressada, piscando e dando um abraço em Cam. Ela estava de bom humor por alguma razão.

— Mãe! — gritou Perry.

— Pare de se lamentar, Perry. Você sabe que ela estava brincando. Vá abraçar um dos seus unicórnios.

Perry tinha onze anos e ainda tinha pôsteres de unicórnios espalhados por todo o quarto, unicórnios de vidro, unicórnios de porcelana, bichinhos de pelúcia com um chifre só. Cam odiava essa fase dos quartos das garotas onde pôsteres de bandas de rock conviviam com pilhas de bichinhos de pelúcia. Mas quem era ela para julgar? Tinha acabado de ir a um encontro com o Tigrão esquisito.

— Sabe, um unicórnio podia curar você, Campbell — disse Perry, finalmente erguendo os olhos da mensagem de texto. Ela fitou Cam como se tivesse acabado de ter uma ideia maravilhosa.

— Não existem unicórnios, gênio — disse Cam. — Aqueles são mutantes esquisitos de cabra de um chifre.

— Eles são raros e extremamente selvagens e só podem ser domesticados por uma virgem. Por isso é perfeito. Você poderia domesticá-los. Com facilidade. Por causa. Da. Sua. Virgindade — disse Perry, pontuando cada palavra balançando o dedo, antes de sair correndo pelo corredor.

— Cala a boca, Perry — disse Cam ao caminhar até o quarto. Ela se arrastou pelo corredor, esfregando os pés no tapete peludo. Estava cansada demais para sofrer pelo fato de sua irmã de onze anos saber o status da vida sexual dela. E cansada demais de verdade para sentir-se grata pelo fato de ao menos a relação antagônica com a irmã ainda estar no âmbito da normalidade. Era provável que fosse a única coisa nela que se aproximava do normal. Todo o restante, como o imenso cansaço que ela sentia no momento, estava muito, muito distante do normal. Ela estava até mesmo cansada demais para telefonar para Lily. Mal podia esperar para deitar na cama e dormir profundamente, mas então ela entrou no quarto e perdeu o fôlego.

Todas as coisas se foram.



CINCO

— Onde estão as minhas coisas? — gritou Cam.

Ela abriu as gavetas, que estavam vazias. Cabides vazios balançavam para a frente e para trás no guarda-roupa. O edredom fora substituído por um cobertor elétrico velho. O Lite Brite Mondrian, que ela criara com quatro telas coladas com fita, estava fora da tomada. A réplica do sistema solar que tinha feito no segundo ano pendia do teto. A boneca da Mulher-Maravilha, vestida com uma saia de hula, estava de pé, traumatizada, na escrivaninha de Cam perto da Magic 8-Ball. E havia constelações de restos de fita adesiva salpicados pelas paredes onde os pôsteres de Cam costumavam ficar.

— O que vocês fizeram com os Ramones? — perguntou ela. — E o meu pôster de *Cidadão Kane*? Onde está o Piu-piu, pelo amor de Deus?

— Embalamos tudo — disse Perry, aparecendo no vão da porta atrás de Alicia. Ela mantinha o corpo da mãe estrategicamente entre o dela e o de Cam.

— Vocês embalaram o Piu-piu? — A única coisa idiota era que Cam tinha um canário chamado Piu-piu. Como todo o restante da família era alérgico a cães e gatos, ela tinha de gostar de um pássaro. Ele se empoleirava em seu ombro e comia nas mãos dela. — Onde está o Piu-piu?

— Piu-piu está na cozinha, Campbell. Só estávamos limpando a gaiola dele. Preparando-o para a viagem. — Foi o que Alicia disse a ela.

— Então, tá. Acho que era a informação que faltava aqui. Que *viagem*? — perguntou Cam.

— Para o Maine.

— Maine?

— Maine. — Alicia pegou um travesseiro do chão e jogou-o na cama. — Você lembra do Tom, o cara que conheci na ioga?

— Tom. Tom da viagem de ácido. Tom que nem mesmo sabia que dia era e que não tomava banho havia semanas, o Tom? Estamos apostando todas as

nossas fichas em Tom que está-escrevendo-uma-ópera-rock, que tem cinco iguanas: *Tom?* — Cam inclinou-se, tonta, sobre a escrivainha.

— O Tom conhece uma cidade mística no Maine que é famosa pelos poderes de cura. Ele disse que deveríamos partir imediatamente. Alguma coisa sobre Saturno retrógrado. — Alicia deu de ombros.

— Então é para lá que vamos?

— Bem, você não vai para Tijuana — disse Alicia.

Então é para lá que vamos.

— Nesse caso, devo dar uma olhada na Magic 8-Ball? Só para termos uma resposta definitiva? — Cam pegou a bola e perguntou, em silêncio: *Será que o Maine vai nos ajudar?* Os dados moveram-se por algum tempo, dentro do líquido roxo embaçado, antes de se virarem para o lado de “Pergunte mais tarde novamente”.

— O que poderia haver no Maine, mãe? Não tem nada na água. Não existem fontes mágicas. É o oceano Atlântico. O mesmo oceano Atlântico que temos na Flórida. Só que é frio. Muito frio.

— Vai ser bom ir embora — disse Perry.

Cam fez uma pausa. Ela não tinha argumentos contra isso.

Antes de morrer, seu pai a fizera prometer que iria embora da Flórida. O sonho dele era que ela fosse para uma das faculdades da Ivy League. Eles sonhavam isso juntos. Ele teria ficado orgulhoso com a ida dela para Harvard.

E foi por prometer a ele que iria embora que estava disposta a concordar com a mãe e a irmã. Não ia doer sair da Flórida por algum tempo. Especialmente neste calor.

— Por quanto tempo? — perguntou Cam.

— Ao menos durante o verão — disse Alicia. — Pelo tempo que precisar.

— Está bem — concordou Cam. — Vamos. — Ela balançou a 8-Ball e colocou-a de volta na prateleira.

— Ótimo! — Alicia deu alguns pulinhos. Ela abraçou Cam e falou: — O trailer da U-Haul está cheio. Tiveram de atrelá-lo ao carro de manhã.

— Meu carro não vai ficar atrelado a um trailer esquisito da U-Haul.

— Você quer levar o carro, não quer?

— Ai, meu Deus, está bem! Vocês duas embalaram os meus filmes? — perguntou Cam.

— Não vamos para lá assistir a filmes — disse Alicia.

— Eu vou levá-los. — Ela remexeu debaixo da cama e achou a coleção de DVDs e as anotações que ela e Lily andavam fazendo para o roteiro (ou era uma história em quadrinhos? Elas não tinham decidido), *Químio-sabe e Bola Branca Dominam Manhattan*, sobre duas super-heroínas com neuroblastoma. Ela empilhou os DVDs e as folhas no chão ao lado da cama e foi para debaixo da cama fazer uma busca final.

— E vamos parar na Carolina do Norte para ver Lily! — falou quando saiu.
— E a Nana, em Hoboken. E cada armadilha para turistas ao longo do caminho.



— Meus Deus — disse Perry. Izanagi estava apertando a mãe contra a porta do carro enquanto a beijava com língua de mais. — Somos crianças — choramingou ela. — Só acabem com esses *sayonaras*.

Perry dava pulinhos na entrada para carros, e as coisas essenciais para a viagem transbordavam da mochila: dois pacotes de balas Sour Patch Kids, um pacote de Cheetos, três Twixes, algumas balinhas de menta Altoides, o iPhone com capinha cor-de-rosa e um livro de caça-palavras com letras grandes.

Cumulus parecia orgulhoso, atrelado ao equipamento e pronto para puxá-lo por todo o caminho até a Costa Leste. O para-lama dianteiro afofara um pouquinho com orgulho. A gaiola do Piu-piu estava amarrada ao banco traseiro com um cinto de segurança. A boneca de hula do painel do carro piscava de seu poleiro no banco do carona. Cam deu a volta até a traseira do U-Haul e pregou Darren com fita no canto traseiro direito do trailer. *Perfeito*, pensou, e ela sentia alguma coisa... Animação? Esperança? Não era exatamente esperança. Mas ela achava que Alicia talvez tivesse razão. Mudar-se era melhor que ficar parada.

— Mãe, entra no carro — disse ela, dando a volta no U-Haul. Cam também estava se acostumando à ideia do trailer. Era bom ser capaz de viajar com todas as suas coisas. Era confortável. Libertador. Era uma garagem ambulante. Uma carroça coberta da modernidade.

Cada trailer da U-Haul trazia uma “curiosidade” de um estado diferente. Elas

ficaram com o de Utah. E a curiosidade deste estado era sobre os cânions de Escalante, que não diziam nada, exceto que a imagem de 1,20 metro quadrado do cânion era estranhamente o'keefiana. Elas foram marcadas com uma vagina de 1,20 metro.

— Ai, Deus, Cam. Só você pensaria nisso. — Foi o que lhe disse a mãe quando Cam argumentou contra o trailer no dia anterior.

— Isso faz com que eu me sinta muito bem consigo mesma, mãe, mesmo que você dê a entender que minhas ideias são loucas. Você está me criando muito bem.

— Está bem, Cam. Desculpe — disse Alicia, exasperada. — Você quer que eu peça um diferente? Sem a vagina?

— Não. Está tudo bem — concordou ela, e quando acordou na manhã seguinte aquilo não a incomodava tanto assim.

— Vamos, mãe, hora de ir — insistiu Cam enquanto batia no ombro da mãe.

— Está bem, está bem — disse Alicia, desgrudando-se de Izanagi.

Izanagi respirou fundo e se recompôs. Então caminhou no jeans com a barra virada, salpicado de tinta, até o Honda Accord. Ele esticou o braço pela janela aberta e pegou dois embrulhos retangulares, impecavelmente embalados em papel marrom e amarrados com laços de ráfia. Izanagi era o estereótipo do minimalista organizado e meticuloso quando se tratava de suas atividades artísticas. Quando ele não estava trabalhando no restaurante, escrevia poemas esparsos e fazia pinturas que eram límpidas e silenciosas, como sussurros.

Ele entregou os embrulhos para as garotas, e Perry abriu o dela vorazmente. Dentro, havia um caderno marrom simples e um lápis embrulhado em papel marrom.

— Para registrar a viagem — disse Izanagi.

— Para registrar os milagres! — disse Perry, jogando-se para cima de Izanagi e abraçando-o na altura da cintura.

— Obrigada — disse Cam, mantendo distância. — Vou abrir o meu quando chegarmos lá. — Atualmente ela resistia em anotar qualquer coisa. Não queria ninguém lendo seus pensamentos efêmeros depois que ela deixasse o planeta permanentemente.

— Deus do céu, como eu amo esse homem — disse Alicia ao entrar no carro e jogar para ele um último beijo. Ele foi embora se arrastando com as mãos nos bolsos. Ia morar na casa delas para ficar de olho nas coisas.

— Vocês têm uma ideia estranha do amor.

— O que é que você sabe sobre isso?

— Obviamente, nada. Qual é o caminho? — Cam ia dirigir na primeira metade da viagem.

— Pegue a esquerda.

— Sul? Pelo que aprendi de geografia, mas, claro, eu perdi um bocado de aulas, o Maine fica no norte.

— Temos de parar na casa do Tom.

— Ai, meu Deus. Sério? — Cam apenas queria cair na estrada antes de perder sua motivação.

— Ele tem de nos dar a direção específica. É quase impossível de achar o lugar, mesmo com um GPS. E você conhece a frase: *Não dá pra chegar ali daqui?* As pessoas no Maine são assim mesmo. Ninguém vai nos ajudar quando chegarmos lá.



Tom morava numa floresta malcuidada de mangue, videiras e palmeiras. Você praticamente tinha de ter um machete para abrir caminho até a porta da frente. O interior (e era difícil distinguir entre o interior e o exterior) estava lotado com camundongos e salamandras e as cinco famosas iguanas, que rastejavam livremente pelo local. Da tevê dava para ouvir o barulho estridente de alguma coisa como *Judge Judy* ou *Divorce Court*, e o único modo de determinar que era um local de trabalho era uma placa dourada minúscula junto à campainha que dizia: THOMAS LANE: HERBALISTA, CURANDEIRO, XAMÃ, CHEFE.

— Senhoras — disse ele quando as cumprimentou na porta, vestindo uma camisa *tie-dye* verde e azul e fumando um baseado. — Quer puxar um fuminho? — perguntou ele, soltando a fumaça no rosto de Alicia.

— Não. — Ela balançou a cabeça. — Tenho de dirigir mais tarde.

— Fiquem à vontade — disse ele. O cabelo grisalho na altura dos ombros

tinha sido lavado naquele dia (o que era uma surpresa) e o jeans estava limpo. O rosto estava relaxado e os olhos azuis, menos vermelhos que o normal. Talvez houvesse alguém novo na vida dele *ou uma erva nova*, pensou Cam. — O que posso fazer por vocês hoje? — perguntou Tom. — Campbell, você está ótima. Tem tomado as sementes de abricó como eu falei?

— Hum, acho que isso seria um “não” — disse ela ao passar por cima da iguana imóvel deitada num trecho com luz do sol.

— Cam, você precisa abrir seu coração às possibilidades do universo. Não podemos te ajudar até você se ajudar.

— Tanto faz — disse Cam. — Você pode só nos indicar a direção? — Um cheiro estranho soprou até ela, vindo de uma poção qualquer que estava fervendo na panela suja sobre o fogão.

— Para Promise? — perguntou ele.

— Hum, Promise? — Foi a primeira vez que Cam ouviu falar o nome melodramático da cidade.

— Sim. Para Promise — falou Alicia.

— Oh, Cam. Estou tão orgulhoso por você dar esse passo. Quer puxar um fuminho? — perguntou, inclinando seu rosto na direção do dela.

— Não, meu Deus. Sopra pra lá.

Tom tinha um hálito esquisito e azedo porque o que mais ele comia era papinha de bebê. Ele dizia que era mais fácil para o sistema digestivo, por isso, comia vidros e vidros, e usava os vazios, que ficavam empilhados em ordem nas prateleiras que cobriam do chão ao teto, como incrementos perfeitos de vidros de papinha para bebê para guardar ervas. Os vidros estavam cheios de pós, folhas, raízes, chás e outras poções mágicas, e nenhum deles tinha rótulo. Simplesmente eram exibidos como um mapa bizarro da mente de Tom. Ele sabia onde todas as coisas herbais ficavam. Encontrar a direção seria outra história.

— Deixe-me ver — resmungou Tom. — Direção, direção. Onde será que elas estariam? — Ele remexeu alguns dos livros empilhados por todo o chão da sala de estar e na mesa e cadeiras da sala de jantar.

— Promise é mesmo um lugar mágico, Campbell. É tão bonito.

— Sério? Você já esteve lá, Tom?

— Hum, não. Mas diz a lenda que é simplesmente Shangri-la.

— No Maine?

— Ah-hã. É como eles dizem “sim” no Maine. Muito bem. Aqui está. — Tom desenterrou uma sacola velha e amassada do Dunkin’ Donuts toda rabiscada. — Então, aqui está o mapa. A estrada principal que leva a Promise fica atrás do Dunkin’ Donuts fora da Rota 3 e só dá pra ver perto do interfone do *drive-thru*. Dizem que dá sorte pedir uma torta *whoopie* e um achocolatado antes de entrar na cidade. O telefone do hotel está no verso.

— O que, pelo amor de Deus, é uma “torta *whoopie*”? — perguntou Cam. — Parece piada.

— Não, Campbell — disse Tom, ficando muito solene de repente. A boca que normalmente se curvava para cima formou uma linha reta em seu rosto e suas sobrancelhas selvagens e espetadas vincaram. — Não é piada. Se você conseguir encontrar a cidade, e a maior parte das pessoas não consegue, coisas mágicas acontecem. Coisas incríveis como peixes minúsculos chovendo do céu e curas milagrosas para doenças, e eu acho que você está atrás disso, jovem senhora. Então, toma — disse ele, estendendo o saco amassado.

— Obrigada — disse Cam.

Chuva de peixe do céu lembrou a ela do livro *Tá chovendo hambúrguer* que o pai costumava ler. Era a história de uma cidade mágica onde a comida diária chovia do céu em todas as refeições e as pessoas pegavam com os próprios pratos. As coisas saíram do controle e os moradores da cidade tiveram de navegar até o mundo real em barcos feitos de torradas gigantes.

— Será que eles têm barcos feitos de torradas gigantes? — perguntou Cam.

— O quê? — perguntou Tom.

— Nada não.

— Agora vão e não se esqueçam de me mandar um postal — disse Tom.

Cam olhou para o mapa desenhado com a mão trêmula e pouco firme de algum viciado em recuperação. Conteve as lágrimas na garganta antes de deixá-las se acumularem nos cantos dos olhos. Era tão patético que fossem tentar isso. Parte dela queria apenas ficar no conforto do quarto com paredes finas, embrulhada no edredom, e que a mãe servisse canja de galinha até tudo isso

acabar. Mas quando olhou para a mãe e para Perry, que a fitavam da porta, já de olhos arregalados e em êxtase em seu estado de realidade alterada pela viagem de carro, ela soube que não era só problema dela.

— Vamos, vagabas — disse alegremente enquanto erguia o saco amassado. Alicia tirou-o da mão dela e Cam disse: — Maineward rô.

— Quem é “Maineward” e por que ela é um “rô”? — perguntou Perry enquanto faziam a caminhada traiçoeira de volta ao carro através do mangue.



SEIS

— Nós sabemos ler, Perry. Você não tem de ler em voz alta — disse Cam.

Perry fora sugada para a primeira atração de beira de estrada, um eufemismo simpático para “armadilha de turista”. Elas estavam na estrada há seis longas horas e começavam a ficar um pouco *locas*. Alicia tornara-se obcecada em rediscar o número para o hotel em Promise, no Maine (ninguém atendia), e Perry não conseguia parar de ler as placas da estrada. Os outdoors do South of Border começaram na Geórgia a cada dez quilômetros, e agora, na metade do caminho para a Carolina do Sul, apareciam a cada dez metros. O favorito de Cam — SOUTH OF THE BORDER: VOCÊ VAI COMER LATINDO! — tinha um cachorro-quente tridimensional de quatro metros de comprimento pendurado na parte de cima, no formato de um sorriso.

Na verdade, Cam era grata aos outdoors. Eles lhe davam algo para o qual olhar, além da paisagem sombria da bela América. Beleza não parecia mais ser uma prioridade para ninguém. Se você tinha de julgar a partir da rodovia I-95, a América se transformara em tumores cancerígenos de casas baratas, que se replicavam sem controle. Elas eram enfiadas entre campos de soja vazios e sem plantas e ligadas a lojas depois do hipermercado depois das lojas. As pessoas simplesmente tinham de ter espaço para recolher suas coisas. Cada casa tinha um balanço e um gramado verde entulhado de brinquedos de plástico. Ninguém sequer construiu uma cerca para esconder o uso de brinquedo de plástico. As pessoas não tinham vergonha do consumo de plástico.

Não admira que os ursos polares estivessem se afogando.

Elas estavam se aproximando. Cam conseguia ver as luzes da torre do *sombrero* piscando acima dos pinheiros como um tipo de óvni. E quando fizeram a próxima curva, e Alicia levou o Cumulus até o meio das pernas de um enorme Pedro de néon, o mascote mexicano ofensivo do South of the Border, tudo em que Cam podia pensar era: *¿Por qué?*

O South of the Border estava vazio. (Será que ninguém tinha visto as placas?) Estava empoeirado, seco e desolado. Apenas alguns armazéns cheios de mercadorias de segunda largados no meio do nada. Espalhados através do

complexo estavam estátuas de animais africanos de gesso. Uma girafa laranja, um gorila imenso vestindo uma camiseta. Cam nem podia imaginar o que essas coisas tinham a ver com o México. Custava um dólar pegar o elevador até o topo da torre de *sombrero*, onde dava para olhar para o nada a quilômetros de distância.

— Uau, este lugar está mesmo decadente — disse Alicia. Ela finalmente parou de telefonar para o Promise Breakers Hotel, afastou o telefone do ouvido e olhou ao redor. — Muito bem. Tenho certeza de que tinha muita classe antigamente.

— Não era tão ruim assim.

Cam ficou feliz por ver aquilo à noite, quando o néon fornecia ao local seu esconderijo especial. O South of the Border à noite era uma maravilha e tanto. Sujo, barato, vistoso, extravagante e nojento; a não ser pela ausência de prostitutas à vista, quase dava para comparar com a Tijuana de verdade. Ela devolveu Piu-piu à gaiola e o cobriu para que ele não tivesse de testemunhar aquela vulgaridade.

— Muito bem, todas unidas em torno do estereótipo — disse Cam. Seu pai costumava dizer isso, quando os turistas pediam para tirar fotos com ele. Cam pegou a câmera e tirou uma foto de Perry e da mãe beliscando as bochechas de um imenso Pedro de gesso.

Depois foi até a Gift Shop West, a loja do tamanho de um quarteirão cheia de, na avaliação de Cam, mercadorias muito melhores que a Gift Shop East, do lado oposto do complexo.

— A seção de unicórnios fica na Gift Shop East — disse Perry.

— Então vou me encontrar com vocês na saída.

Dentro da GSW havia hectares de copos para drinques, globos de neve, campainhas de vento, paliteiros, chaveiros, adesivos de carro, bonecos que balançavam a cabeça e mercadorias sortidas. Era a parada do paraíso. Cam tinha de agir. Ela poderia pagar por aquelas coisas com o cheque da Disney, mas infelizmente se viciara um pouquinho na adrenalina de roubar uma loja.

— Vai ser a última vez — disse para si mesma. Ela sabia que era isso que os viciados diziam, mas esta seria realmente a última vez.

No mesmo instante, encontrou o presente perfeito para Perry. Estava parada de

frente para uma estante rotativa de canecas de café de plástico personalizadas e eles tinham uma “Perry”. Para um garoto chamado Perry, azul com uma grande bola de futebol saltando na lateral, mas era perfeita. Perry odiava o fato de que seu nome tinha “gênero neutro”, e quando o escrevia, assinava “Peri” com uma grande margarida no lugar do pingo. Ela tinha se transformado sozinha num prefixo.

A caneca ia irritá-la por um segundo e depois ia fazê-la rir. Cam enfiou-a no bolso da frente do casaco e roubou para a mãe um sapo de olhos esbugalhados feito de conchas. A mãe odiava artesanato com conchas. Jurava que nunca ia ter conchas como parte da decoração. Sobretudo no banheiro. Cam insistiria para o sapo morar no banheiro delas, no Maine.

Não que elas fossem chegar perto de ter um quarto no Maine. Cam tinha quase certeza de que o tal hotel nem existia. Ela meteu um coçador de costas em formato de flamingo na calça. Estava usando a calça larga com um monte de bolsos que era amarrada nos joelhos, portanto ela realmente podia pegar bastante coisa. E então recebeu uma mensagem de texto da Lily:

SMCDA [Sua Missão, Caso Decida Aceitá-la]: Fgt garraf da Rckt City + vela romana.

Elas iam parar na casa da Lily em uma hora, mais ou menos, e Cam não podia esperar. Se Lily queria foguetes de garrafa, então Cam ia arrumar foguetes de garrafa.

A Carolina do Sul era um dos poucos estados em que não havia leis contra deixar os filhos explodirem os dedos com fogos de artifício. Cam fingiu dar uma olhada na saída da loja de lembranças e atravessou a estrada até a loja de fogos de artifício, a Rocket City. Ficava perto do posto de gasolina, o que pareceu a Cam um mau planejamento. Quem poria uma loja de explosivos perto do posto de gasolina? De qualquer forma, era uma missão fácil porque a mulher sem dente no balcão estava ocupada vendo uma apresentação de *monster trucks* na tevê. As compridas espoletas dos foguetes de garrafa arranhavam as pernas de Cam enquanto ela passava pelo defunto, decrépito e escangalhado Sombrero Ride, pelo trem e pela montanha-russa que seriam consertados no mês seguinte, segundo Carlos, que ficava de guarda no portão vazio.

Cam encontrou a mãe e Perry na passagem. Perry, com um unicórnio branco

galopando pela bochecha esquerda, estava implorando para a mãe comprar um mapa do biorritmo de uma máquina velha, com painel de madeira falso, dos anos 1970.

Alicia ainda estava no telefone, ouvindo mais uma vez o sinal de ocupado do único hotel em Promise, no Maine.

No fim, Perry venceu a negociação. Alicia colocou um dólar na máquina, luzes amarelas piscaram ao redor de um *swami* que piscava, e Perry pôs o dedo numa garra que parecia com a que Cam tinha de usar no hospital para medir os níveis de oxigênio. As luzes piscaram novamente e então a máquina cuspiu um cartão que dizia que Perry teria sorte no amor.

Não é pouca porcaria, pensou Cam. *Ela é uma deusa loura da Escandinávia*. Será que alguém estava sentado dentro da máquina?

— Tenta você, Cam. Vai em frente.

— Está bem. E se disser que tenho sorte no amor, vamos saber que é um golpe.

Cam colocou o dedo na garra, as luzes piscaram, a cabeça do *swami* apagou totalmente. O cartão de Cam foi cuspidido.

Ela já podia ver que seu cartão era diferente do de Perry. Não havia nenhuma borda vermelha bonita ao redor e, quando tentou puxá-lo, parecia que o *swami* estava puxando-o de volta. Ele não queria soltar. Cam deu um puxão mais forte, usando as duas mãos, mas não cedeu. Pôs um pé na máquina e fez força pela última vez. Quando o cartão finalmente soltou, ela caiu para trás. Baixou os olhos. Em suas mãos, havia um pedaço de papel em branco.

Ela virou-o para ver se havia alguma coisa impressa no outro lado. Voltou a olhar na abertura, mas não havia outro bilhete. O rosto de cera do *swami* parecia estar rindo para ela.

— Está em branco — disse Cam, sem conseguir disfarçar a decepção.

— Sabe — disse Perry —, você tem de acreditar nele ou ele não vai saber que você existe.

Cam amassou o cartão na palma da mão. Talvez os níveis de oxigênio dela estivessem mesmo baixos. Ela tinha se sentido fraca desde Atlanta e provavelmente deveria ir até o hospital, mas sabia que, se pudesse ter uma boa

noite de sono, estaria bem de manhã.

Ou talvez não. Talvez o futuro dela não tivesse nada, afinal.



SETE

A entrada para carros da casa de Lily, entulhada de agulhas de pinheiros, passava em meio à floresta de coníferas e terminava em uma moderna casa, tipo cabana de madeira. Assim como o xarope Log Cabin é “tipo bordo”, era uma imitação enorme e diluída da coisa real. As linhas arquitetônicas horizontais e severas eram interrompidas por lindas janelas em arco e suavizadas por um jardim em estilo inglês totalmente caótico, que crescia fora de controle no pátio da frente. A grama úmida do quintal descia até o lago.

Eram oito da noite, mas Cam estava cansada. Elas precisaram de menos de uma hora para chegar à casa de Lily, vindo do South of the Border, e durante o trajeto Cam não tivera certeza se ia conseguir chegar. Seu coração batia forte e tudo doía. Ela quase teve de recorrer ao conta-gotas com morfina que ela mantinha no bolso secreto da calça para emergências, mas ela não queria estar mal-humorada nem irritada quando visse Lily, por isso bebeu muita água e pegou um pouco da raiz de calêndula roubada da Whole Foods. Mas ver a casa de Lily diminuiu um pouco a dor de Cam. Ela tinha estado ali uma única vez antes, mas a casa imediatamente pareceu familiar e confortável. As pessoas aqui sabiam o que queriam.

Cam saiu do carro e esticou os braços no ar. Antes que pudesse calçar os sapatos, Lily saiu correndo da porta da frente, agarrou o pulso dela e puxou-a morro abaixo até a água.

— Ui, ui, ui — entoava Cam ao tentar, sem sucesso, se desviar das pinhas que insistiam em terminar sob os pés dela.

— Cuidado com aquelas ali — disse Lily, que se movia, etérea, ao redor delas, em um vestido branco folgado, como uma minúscula fada da floresta.

Elas andaram na ponta dos pés até o fim do píer, onde Lily tinha deixado duas Coca-Colas, um maço de cigarros e uma grande concha de abalone que usava como cinzeiro. A fibra de vidro no barco guinchou quando ele, de vez em quando, roçava contra os pneus pregados na lateral do píer. Os únicos outros sons eram o coro de grilos e o barulho da água quando lambia o barco. A lua lançava uma trilha amarelada reluzente na água, como se convidasse a caminhar

sobre ela.

— Então, eu fiz — disse Lily ao acender o foguete e soltá-lo, dando gritinhos, para longe do píer. Ele explodiu com um barulho que ecoou por todo o lago. No fim das contas, Lily era praticamente uma especialista pirotécnica ou piromaníaca, Cam não sabia muito bem.

— O que mais você me trouxe? — perguntou ela, remexendo, ávida, na bolsa de Cam à procura de outro explosivo.

— Peraí! Para trás. Você fez o quê? — perguntou Cam. Ao que parecia, Lily tinha feito um monte de coisas diferentes desde que ela e Cam dividiram um quarto no último tratamento delas, em Memphis. O cabelo — normalmente arrepiado num corte punk curtinho, com reflexos de tinta verde — voltara à cor natural de louro-sujo. Agora estava penteado, na altura dos ombros, e preso por uma tiara fina, sem enfeites. Ela tinha parado de usar o traço grosso de delineador líquido e, em vez disso, usava um pouco de sombra azul-clara (azul!) que combinava com a cor cristalina de seus olhos. — O que você fez, Alice, pulou no buraco do coelho?

— Acho que dá pra definir as coisas assim. — Lily deu um sorriso. Ela se sentou perto de Cam, no fim do píer, e pôs os pés na água.

— Você fez *aquilo*, aquilo? — perguntou Cam, vendo a distância em que podia fazer a água borrifar e depois observando os círculos concêntricos que se formavam.

— Afirmativo. — Lily balançou os pés, e algumas gotas foram lançadas a sessenta centímetros do último borrifo de Cam.

— Com quem?

— Ryan — respondeu Lily, e ela não conseguia parar de sorrir.

— Quem é Ryan? — perguntou Cam. Ela estava chocada por estar ouvindo aquilo pela primeira vez. Elas conversavam todos os dias. Como Lily se esqueceu de contar que tinha um “amante”?

— Eu o conheci na igreja.

— Você vai à igreja agora? — E ela continua a surpreender.

— E ao grupo de jovens — disse Lily, tirando o pé da água. Ela estremeceu um pouco, agarrou a toalha de praia cor de laranja, enrolando a seu redor. Ela se

aninhou ao lado de Cam, ficando ombro a ombro com a amiga.

— Quem frequenta o grupo de jovens não é contra o sexo antes do casamento? — perguntou Cam, imaginando como Lily poderia estar com frio. Fazia 26 graus e estava úmido, apesar da brisa leve soprando sobre o lago.

— Em público.

— E em particular?

— Feito coelhos.

— Ah. Obrigada por finalmente resolver para mim o encanto misterioso do grupo de jovens — disse Cam. — Então, você vai a shows de rock cristão agora?

— Não. Eu tinha que estabelecer um limite — explicou Lily. Ela ainda ouvia Rancid, Propagandhi, Anti-Flag e os Dead Kennedys, mas estava se afastando de Crucifix and Christ on a Crutch por causa de Ryan e daquela história de “tomar o santo nome em vão” etc.

— Como ele é? Estou sentindo vibrações magras e altas, sardentas e cheias de espinhas.

— Cam.

— De uma forma positiva. Cheias de espinhas de um jeito bom.

— Como pode ser bom ter espinhas?

— Não sei. — Cam sentiu alguma coisa. Será que estava com ciúme? Será que sentia ciúme do Ryan magro e alto e cheio de espinhas? Ou será que sentia inveja do fato de Lily estar passando por isso? Ou estava furiosa por que ela não lhe contara? Subitamente, ficou constrangida por ter confessado cada pensamento e desejo particular a Lily, enquanto Lily estava levando uma vida secreta. Ela observou um vaga-lume que pairava sobre o lago piscar cinco vezes antes de perguntar:

— Então, o Ryan é, tipo, seu namorado?

— Depois que ele terminar com a Kaitlin.

— Certo. — *Tem uma pegadinha*, pensou Cam, *tem uma pegadinha*.

— Não. Eu sei que ele me ama. É que ele está com a Kaitlin há muito tempo, por isso é difícil se livrar — disse Lily, enquanto tirava um cigarro do maço.

— Deixa eu adivinhar. Kaitlin não faz sexo antes do casamento.

— Cam. Ele me ama. Uma mulher sabe disso — falou, entredentes, ao mesmo tempo que acendia o cigarro com o isqueiro do South of the Border que Cam roubou da Rocket City.

— Mulher? — perguntou Cam. — Ele fez de você uma mulher?

— Cem por cento — respondeu Lily, fazendo um bico para soltar a fumaça para o céu, longe do rosto de Cam.

— Para de fumar — disse Cam.

— Para de ser chata — disse Lily, jogando o cigarro no lago com um peteleco.

— Mas como você *sabe* que ele te ama? Tipo, como você pode ter tanta certeza?

— Por causa dos sinais, Campbell.

— Tipo o Pernalonga, quando ele esbugalhava os olhos e a cabeça ficava girando com um círculo de corações e pássaros piando, e dava pra ver o coração pulando pra fora do peito?!

Lily se virou para ela.

— Como foi que você adivinhou?

— Não, sério.

— Não sei — respondeu Lily, remexendo no maço de cigarros e pegando outro. Ela o prendeu entre os dedos e acendeu. — Quando ele me toca — continuou, apertando um dos olhos por causa da fumaça —, tem uma vibração. Uma energia que percorre meu corpo. Uma sabedoria visceral. Tenho calafrios. Fico toda arrepiada. Sempre que ele toca em mim. E apenas quando toca em mim. É por isso que sei.

— Sabedoria visceral — murmurou Cam. — Isso não significa apenas que você está a fim dele?

— Por Deus, Campbell. Já chega. Sei o que sei, entendeu?

— Entendi, bom, melhor pra você. Parabéns pelo Ryan — disse Cam. Ela tentou parecer que estava feliz por Lily, mas nada soava mais safado que um garoto de dezessete anos chamado Ryan.

— Tenho outra confissão pra fazer — disse Lily e virou-se para Cam. Pela primeira vez, desde que chegaram, Cam percebeu como Lily estava magra. Sua pele tinha um tom cinza-prateado diáfano, os dedos, compridos e finos, e as feições (o nariz e as maçãs do rosto), salientes.

— Tem mais? Não sei se aguento mais — disse Cam. — E, por falar nisso, você está levando a cancerexia um pouco a sério. Tem se alimentado?

— Tenho, sim, Cam, e escrevi uma carta para o Make-A-Wish — disse Lily. Cam e Lily juraram nunca fazer isso. Elas não iam fazer parte de toda aquela coisa oficial de câncer nem iam explorar a doença para ganhar coisas. — Quero ir à Itália com Ryan — completou ela.

— O que Kaitlin tem a dizer sobre isso? — perguntou Cam. Ela não conseguia acreditar que Lily se submetera àquilo.

— Cala a boca. Você devia fazer isso também. Escrever pra eles.

Além de *Prezado Make-A-Wish, eu gostaria de não ter câncer*, Cam não tinha ideia do que escreveria. *Prezado Make-A-Wish, dá pra me fazer transar antes de morrer?* Ai, fala sério. Ela se treinara por tanto tempo a não querer, nem torcer nem desejar, que teve dificuldade em escolher alguma coisa para pedir. E ela estava satisfeita. Tinha o carro, tinha um pássaro e estava na estrada, correndo. Se ela continuasse a correr talvez o câncer nunca a pegasse.

— Não tenho um desejo — disse ela.

— Você tem, sim. — Lily inclinou-se na direção dela.

— Para com isso, não tenho. — Ela se afastou.

— Tem — retruca Lily e deu um peteleco em outro cigarro para dentro do lago.

— Que lixo é esse? *Prezado Make-A-Wish*, queria que minha amiga Lily parasse de fumar e jogar cigarros dentro do lago — disse Cam.

— Então, vou escrever uma carta no seu lugar.

— Ótimo. Provavelmente, vão me mandar pra Disney World.

O grilo soprano trilava ao mesmo tempo que alguns poucos sapos barítonos coaxavam e preenchiam o estranho silêncio. Com a nova história com Ryan, Lily tinha se arriscado num lugar ao qual Cam nunca iria. Era como se, de repente, Cam estivesse cantando *Look at me, I'm Sandra Dee*, de *Nos tempos da*

brilhantina, e Cam não conseguisse tirar aquela frase ridícula, “vil com a virgindade”, da cabeça. Ela sentia uma fissura se aprofundando e se alargando entre elas. Uma fenda direto em seu coração.

— E, por falar nisso, Kaitlin está com a garganta inflamada e Ryan vai nos levar num piquenique amanhã. Você vai conhecê-lo — disse Lily.

— Que ótimo. E o que eu vou fazer enquanto vocês dois vão escondidos até a floresta?

— Bem, Ryan tem um amigo, Andrew.

— Ai, Deus, Lily, não.

— Ai, meu *Deus*, Campbell, sim.

— Você sabe que posso bancar a doente, não sabe? Estou me sentindo um lixo de verdade.

— Confia em mim — disse Lily.

— Está certo. Tudo bem — disse Cam. Ela queria ter pensado em colocar *encontro às cegas desastroso* na Lista do Flamingo, porque tinha certeza de que ia fazer isso agora.

— Tem uma coisa que quero fazer — disse Lily. Ela se levantou e foi para trás de Cam. Cam pensou que estivesse procurando mais alguns fogos de artifício, então Lily murmurou:

“EmnomedoPaidofilhoedoEspíritoSantoEutebatizoCampbellMariaCooper.” E então empurrou Cam do píer.

Bastaram alguns instantes para Cam se dar conta do que tinha acabado de acontecer. Para juntar as peças da experiência sináptica, ligar os pontos e entender: o empurrão, a queda, o medo, a umidade, o frio, o borrico, sons abafados, debaixo d’água, lago! Ela ficou suspensa por um segundo debaixo d’água e em silêncio. Sentiu algumas algas fazerem cosquinhas no pé dela e então bateu as pernas até a superfície.

A água parecia tão limpa que Cam mergulhou de novo, e então segurou a escada branca de plástico no fim do píer e tomou impulso para sair da água, levando primeiro o rosto à superfície.

Lily deu uma olhada por cima do píer com uma expressão maliciosa no rosto. Aquele brilho fabuloso nos olhos dela que significava que estava armando

alguma bobagem inofensiva. Como da vez, no hospital, em que ela saqueou o armário de mantimentos, roubou imensos sacos de lixo brancos, amarrou papel higiênico ao redor de suas cabeças e fez Cam marchar com ela na parada do Halloween como “múmias paralíticas”.

— Com licença — disse Cam, cuspiendo um pouco de água —, mas você acabou de me batizar? — Os pais de Cam eram agnósticos e não acreditavam em rituais religiosos que tentavam separar as pessoas umas das outras. Como é que derramar água na cabeça de alguém ajudaria a entrar no céu?

— Tipo isso — disse Lily.

— Lily! Você não pode fazer isso contra a vontade da pessoa.

— Fazemos isso com os bebês o tempo todo.

— Não sou um bebê. Ei, me ajude a subir. — Lily estendeu uma das mãos para Cam, que a puxou, derrubando Lily na água de cabeça.

— Não consigo acreditar que você caiu nessa — disse Cam quando Lily voltou à superfície. — É o truque mais antigo que existe.

— Eu merecia isso — disse Lily, tentando bater os pés na água. As roupas molhadas forçavam os corpos magros para baixo, por isso, boiar era difícil. Cam estendeu a mão para Lily e puxou-a até a escada. Ela era tão leve.

— Então, tá. Como é que eu sou desbatizada?

— Pecando. Muito.

— Você parece ser melhor nisso que eu. Eu sou a pura.

— A não ser pela história de “não roubarás”.

— É. Isso está se tornando um mau hábito.

A lua lançou sua luminosidade bem em cima de Lily como se fosse um holofote particular. Dançava atrás dela nas ondas do lago.

— Você não acredita que faça diferença, acredita?

— Não sei. Você encontrou Jesus? — perguntou Lily.

— Por quê? Ele está lá embaixo? — brincou Cam, inclinando-se embaixo do píer.

— Muito engraçado. Pensei que era melhor prevenir do que remediar.

— Hum, obrigada?! Eu acho?! — Cam tentou ficar aborrecida e descobriu que se não fazia diferença ela não ser, não deveria fazer diferença para ela ser. Batizada, isso sim. Sua avó católica ficaria feliz da vida. E era fofo da parte de Lily. Era o jeito dela de trazer Cam para a igreja, para a nova vida ryanesca e cristianesca.

Cam saiu da água e se enxugou na imensa toalha laranja. As duas tremiam ao pegar as latas de Coca-Cola, o cinzeiro e os cigarros. A casa parecia sorrir para elas com as janelas com luz amarela.

— De qualquer jeito, agora você está salva — disse Lily. Ela deu o braço ossudo para Cam enquanto subiam o gramado inclinado juntas, seguindo na direção da casa.



OITO

Até que morar numa mansão como as das celebridades não era tão ruim assim. No dia seguinte, depois de dormir com sete travesseiros de diferentes formatos e tamanhos debaixo de lençóis combinando, em um quarto só para ela que estava perfeitamente climatizado a 22 graus, Cam acordou sentindo-se revigorada. Pronta para encarar o que Lily estava armando.

Ela desceu meio tonta a escada, feita de toras envernizadas cobertas no centro com carpete num tom amarelo-esverdeado. A mãe de Lily, Kathy, cumprimentou Cam na cozinha. Ela era do sul. Tipo o sul de *E o vento levou*. Tinha cabelo curto e louro de farmácia, peitos falsos e unhas falsas.

— *Bão* dia, Cam — disse Kathy. Ela não era tão burra quanto aquele sotaque fazia parecer. Estranho como um sotaque pode fazer alguém parecer burro. Cam não tinha sotaque porque o sotaque de Jersey da mãe era temperado pelo da Flórida, e eles, de certa forma, metamorfosearam para um tipo de não sotaque. — Que você quer para o café da manhã?

Cam olhou ao redor da cozinha, com seus armários em tom cereja, eletrodomésticos de aço inoxidável, bancadas de granito e uma imensa bancada central para preparar os alimentos. A janela atrás da pia dava para o lago da manhã, de onde se erguiam gavinhas de nevoeiro, feito uma xícara de chá quente. Provavelmente, elas tinham todo tipo de comida para o café da manhã, a não ser o que Cam realmente queria: Lucky Charms.

Desde que o café da manhã não envolva abacaxi, pensou Cam. Na noite passada, a mãe de Lily tinha preparado um banquete polinésio (interpretado por um bufê da Carolina do Norte) cheio de abacaxis.

— Isso é autêntico? — perguntara Kathy.

— Eu não sei — disse Alicia. — Venho de uma grande família italiana de Nova Jersey.

Todos riram. As famílias eram próximas, mas falavam apenas sobre o câncer. Ele consumira suas vidas e interações. Contagem sanguínea, tratamentos, avanços, sintomas e meios de obter mais energia, mais vida.

Neuroblastoma era câncer de bebês. Algo acontecia às células nervosas do bebê antes de se transformarem em células nervosas maduras e elas começavam a crescer descontroladamente, criando tumores ao redor do fígado e então se espalhando para os ossos, rins ou qualquer outra parte, na verdade. Noventa e nove por cento dos casos aconteciam em bebês. E a maioria das pessoas, quando tinha na infância, poderia sobreviver. Sabia-se que, nos bebês, ele desaparecia espontaneamente, como um milagre. Mas era uma história diferente se você tinha mais idade. As chances de sobrevivência eram bem poucas.

— Cam, eu queria conversar com você um minuto, querida — disse Kathy, servindo-se de mais uma xícara de café.

Mais conversa sobre câncer, pensou Cam.

— A senhora tem um pouco de Lucky Charms? — pergunta ela, tentando interromper Kathy. — Eu queria um pouco de Lucky Charms.

A despensa era quase tão grande quanto a de um restaurante, com prateleiras e prateleiras de latas e mantimentos secos organizados por tipo. Cam olhou para a “fileira de cereal” e, como era de se esperar, tudo era orgânico e continha fibras. Não admira que Lily estivesse ficando tão magra. Ela pegou uma caixa verde de Enviro-Pops da prateleira e voltou para a cozinha. — Dava pra alimentar uma aldeia com aquela despensa — disse ela.

— Sim. Acho que devíamos levar um pouco daquela comida para o banco. Sabe, Cam...

— Vocês não tinham Lucky Charms — interrompeu Cam —, mas encontrei estes aqui — disse ela, balançando a caixa. — Quarenta por cento menos de açúcar e sem gordura trans.

— Ótimo, Cam. Sabe, descobrimos um novo estudo, e Malcolm está mexendo os pauzinhos. Conseguimos botar a Lily nele. É muito caro, mas ficaríamos contentes de pagar se você quisesse tentar. É em Chicago, e conseguimos porque conhecemos uma pessoa que conhece uma pessoa.

Por um segundo, Cam se permitiu ficar distraída com um cardeal voando pelas janelas da cozinha atrás de Kathy.

— Minha mãe conheceu a Madonna — disse ela, acomodando-se em um banco no centro da bancada e apoiando o cotovelo ossudo no granito.

— Hum. Sério, docinho?

Não era que desistir da medicina ocidental não assustasse Cam. A medicina ocidental era a vida dela. Toda a sua identidade se tornara dependente de leucócitos, linfócitos, neuroblastos e metástase, químio, radiação, cirurgia, procedimentos. E nada disso tinha importância. Toda a indústria do câncer, de trilhões de dólares, e todas as suas máquinas, Cam percebia agora, era em vão. Toda a dor que causara. Todos os transplantes de medula. Em vão. A guerra contra o câncer, como qualquer guerra, era inútil a não ser pela capacidade de estimular a economia. Medicamentos eram vendidos. Os médicos eram remunerados. As companhias farmacêuticas estavam ficando ricas. Cam tinha se tornado um dano colateral na guerra contra o câncer. E ela estava cansada de tudo isso. Estava jogando *la toalla*.

— Mas eu não acho que a Madonna pudesse mexer algum pauzinho — concluiu Cam.

— Então, o que você acha, docinho?

— Kathy, acho que é muito gentil de sua parte. Mas não creio que seja meu caminho.

— Desde quando você tem um “caminho”? — perguntou Alicia, aparecendo no vão da porta da cozinha. Ela se apoiou contra o vão da porta vestindo pijama e quimono e ergueu a xícara de café com as duas mãos. Seu rosto estava marcado por uma expressão severa, grave e ligeiramente divertida de mãe decepcionada, que Cam raramente via porque ela raramente fazia alguma coisa errada.

— Desde agora. Nós vamos para a Cidade Maluca, no Maine, lembra? Essa é a nossa estratégia, pois nós não *conhecemos* alguém que *conhece* alguém.

— Você não acha que deveríamos ao menos tentar? — perguntou Alicia. — É medicina, Campbell. — Ela afastou dos olhos vermelhos de quem acaba de acordar uma mecha comprida e cacheada de cabelo.

Cam hesitou por um segundo. Tentar costumava ser melhor que não tentar. Mas não nesse caso. A viagem de carro a estava modificando um pouco. Agora que tinham encontrado o incentivo, ela queria terminar o que haviam começado.

— *A'ohe I pau ka 'ike I ka halay ho'okahi* — disse ela. Era um ditado popular da hula que dizia: *Nem todo conhecimento está contido numa única escola*. — Sem tratamentos, mãe.

Tudo que o último tratamento tinha feito foi baixar o sistema imunológico de Cam ao ponto de ela ter herpes (uma doença de homens de setenta anos) e infecções por fungos em todo o corpo, incluindo a língua. Ela não pôde fechar a boca durante três dias. A “ciência” desses tratamentos simplesmente não fazia sentido. Você não destrói o sistema imunológico de uma pessoa para torná-la saudável. Promise, no Maine, fazia tanto sentido quanto isso. Cam pegou uma banana e saiu da cozinha.

Lily esbarrou nela. Ela entrou saltitando na cozinha, vestindo um shortinho jeans em algum tamanho infantil e uma frente-única de percal, e perguntou se a mãe tinha terminado de arrumar a cesta de piquenique.

— Você deixou sua mãe arrumar a cesta de piquenique? — perguntou Cam.

— É a última coisa — disse Kathy, pondo queijo brie e abricós na cesta.

— Obrigada, mamãe. — Lily apertou a mãe. Ela era o tipo da menina mimada, mas de alguma maneira transformava isso numa parte cativante da própria personalidade. Finalmente, deu meia-volta e olhou para Cam. — Você está vestindo isso? — perguntou. Cam ainda estava com a camiseta de tamanho extragrande caindo no ombro, que dizia *Frankie diz relaxe*, e que ela usava para dormir.

— Acabei de acordar — disse Cam. — Parece um pouco cedo para um piquenique.

— Ryan tem que ir a algum lugar hoje à tarde. Vamos! Vai se vestir.

De volta ao quarto de hóspedes, Cam resmungava sozinha enquanto vestia a calça cargo e uma regata preta e simples. Ela passou os dedos pelos cabelos e pronto. Não ia tentar impressionar ninguém.

Estava pensando se ia usar ou não brincos quando ouviu uma buzina estridente na entrada para carros. Pegou a bolsa de alça, correu para fora e ficou mortificada ao se deparar com um Hummer amarelo em ponto morto.

— Vamos! — disse Lily quando puxou Cam pela mão na direção do veículo imenso.

— Por Deus, Lily. Você não acha que J.C. ia dirigir um Prius?

— Deixa de ser estraga-prazeres.

— Desculpe se estou tão relutante em destruir o planeta com meu Humvee. Eu

deveria ser mais esportiva.

— Campbell! — Lily soltou a amiga e literalmente deslizou até o veículo, com a cesta de piquenique pendurada contra as suas pernas. Cam teve que ajudá-la a abrir a porta monstruosa.

— Onde está Andrew? — perguntou Lily quando olhou para o banco de trás vazio.

— Lacrosse — disse Ryan.

— Ele vem? — insistiu Lily.

— Não.

— Ry-an. Por que não me disse?

— Não é nada de mais. Vamos lá — disse Ryan.

— Pelo menos, me deixem pegar um livro ou alguma coisa pra me divertir — implorou Cam. Ela tentou dar meia-volta na direção da casa, mas Lily empurrou seu traseiro magro para o banco.

Ryan tinha cabelo cacheado vermelho, pele muito branca e sardas. Na verdade, tinha um pouco de espinhas, mas nada nojento demais. Tudo nele parecia novo, nascente, sem pelos, como se tivesse acabado de sair de um ovo alienígena e chegasse ao planeta dos Adultos. Tudo, menos a voz. Ele tinha uma voz grave, retumbante, de ator, e quando disse: “Cam, é muito bom finalmente conhecer você”, Cam pôde entender como Lily podia ter se deixado levar por ele. Mesmo assim, preferia ter simplesmente ficado em casa e ido ao cinema com a mãe e Perry.

No parque, eles subiram um dos poucos morros a leste da Carolina do Norte. Cam lamentava a perda da musculatura do quadríceps a cada passo extenuante, mas o ar estava frio e revigorante o suficiente para impulsioná-la e levar um pouco de cor às bochechas de Lily. Ao chegarem ao local, um penhasco com uma vista de todo o “lago”, que era um tipo de represa artificial, uma maravilha da engenharia, uma plantação de soja inundada. Mesmo assim, era bonito com o sol refletindo sobre ele e as vozes nítidas de mergulhões e barqueiros ecoando por todo o caminho até eles, no alto do morro.

Ryan estendeu a toalha quadriculada e insistiu em fazer uma breve oração antes de ajudar Lily a arrumar a comida. Ele fez questão de que ela comesse

algo.

— Você tem que comer, Lily. Vamos lá — disse ele, criando para ela um petisco perfeito de queijo e uma fatia de picles, o lanche favorito de Lily.

Ele fora galante e divertido durante toda a caminhada, carregando todas as coisas deles e puxando conversas casuais e simpáticas. Deve ter frequentado as mesmas aulas de etiqueta do sul no “clube” em que Lily cresceu, o que fazia deles um bom casal, imaginou Cam.

Lily deu uma mordida e então cobriu o nariz e a boca com um guardanapo. Em segundos, o guardanapo estava vermelho de sangue. Hemorragia nasal.

— Merda! — disse ela.

— Aperta o nariz. — Cam estendeu a mão para entregar um lenço de pano e remexeu na caixa térmica, procurando uma bolsa de gelo. Ela ajudou Lily a inclinar a cabeça e encostar a bolsa de gelo na ponta do nariz. Até os dentes da frente estavam vermelhos.

— Isso tem acontecido muito? — perguntou Cam. Além da aparência frágil de Lily, este era o primeiro sinal de que ela não estava totalmente em remissão.

— Tem. É a minha novidade.

— Ótimo. Bem, eu tive uma convulsão no estacionamento da loja, se isso faz você se sentir melhor.

— Maravilha! — disse Lily. — Já volto. — Ela caminhou até a cabana com banheiros, que ficava a cerca de 100 metros atrás deles, na floresta. — Vocês têm que se conhecer — disse ela, ainda apertando o nariz.

Cam sentou-se no cobertor e lavou o sangue das mãos com um pouco de água da garrafa. Ela e Ryan fitaram o lago.

— Então — Cam ainda estava se sentindo um pouco tensa. — Eu tenho que conhecer você — disse ela, como se fosse uma personagem de romance de Jane Austen.

— O que você quer saber? — perguntou Ryan.

— Sinceramente?

— Sou um livro aberto — disse ele.

— Quero saber as suas intenções — disse Cam, mantendo o vocabulário de

Jane Austen.

— Intenções?

Uma brisa sibilante soprou, abrindo caminho entre as agulhas de pinheiros mais acima, e Cam podia ouvir a batida de um pica-pau a distância.

— Isso. Com a Lily. Ela acha que você a ama — disse Cam.

Ryan sentou todo empertigado e cruzou as pernas. Provavelmente ficou desconfiado ao ouvir a palavra “Amor”.

— Tento aproveitar todo o tempo que temos — disse ele, pegando uma nectarina da cesta.

— E quanto à outra garota? — perguntou Cam.

— O que tem ela?

— Você vai terminar com ela?

Ryan olhou para o lago, jogou a nectarina para o alto, pegou-a, e deu uma mordida distraída. Com a boca ainda cheia de nectarina (*O que aconteceu com os bons modos?*, pensou Cam), virou-se para Cam com um olhar penetrante e falou: “Qual é a razão disso?”.

— Do quê? — Lily os assustou. Uma minúscula mancha de sangue seco ainda marcava seu braço, mas, a não ser por isso, não havia mais sinal da hemorragia nasal.

Ryan levantou-se e se afastou.

— Qual é o problema dele? — perguntou Lily.

— Não faço ideia — respondeu Cam.



À noite, na hora do jantar, depois que Cam fez a besteira de comer no “sousplat”, Perry leu em voz alta a constrangedora lista de milagres que ela anotara até o momento no caderno de Izanagi. Apenas Perry conseguia ver milagres na interestadual 95.

Podia-se discutir alguns dos itens mais indefinidos da lista, como o nº 3: *Alicia não perdeu a paciência desde Atlanta* ou o nº 7: *As batatas fritas do McDonald's*. Mas quando ela começou a mencionar coisas como motores a

gasolina e guindastes, com o nome de *O milagre do transporte*, Cam teve de estabelecer um limite.

— Isso é *tecnologia*, Perry, não um milagre. Qualquer coisa que possa ser estudada e que termine em *-ogia* está desqualificada como um milagre.

— E quanto à angelologia ou a unicornologia? — perguntou Perry.

— Ou a teologia. — Malcolm, o pai de Lily, esboçou um sorriso. Ele tinha um rosto largo, bonito e barbeado que por pouco não tinha um queixo duplo.

— Desisto — disse Cam.

— Então, Cam, como foi seu encontro com Andrew? — Kathy piscou. Nesta família, todas as coisas constrangedoras eram expostas à mesa do jantar, feito a carcaça da pobre galinha que ficava nua sobre ela, com frio e envergonhada, enquanto o vento soprava através de seus ossos.

— Na verdade, ele me deu o bolo — disse Cam, dando uma imensa mordida na espiga de milho para que parassem de lhe fazer perguntas.

— Ele tinha lacrosse — interrompeu Lily rapidamente, enfrentando o olhar acusador da mãe.

— Bem, então, o que você achou de Ryan? — prosseguiu Kathy.

Cam sabia que estava encrencada.

— Ele é legal — disse, com cuidado.

Era difícil controlar a compulsão para dizer a verdade e quando ela conseguiu engoli-la, era óbvio para todos que ela estava mentindo. *É isso que deveriam ensinar nas aulas de etiqueta*, pensou Cam. *Bons modos têm a ver com mentir com educação na frente das pessoas*. Ela queria poder fazer isso agora.

— Epa — disse Malcolm. Seu rosto estava rosado, e Cam suspeitava que ele já tinha bebido Chardonnays de mais. — Se ela dissesse que ele era “interessante”, saberíamos que o odiou.

— Mas ele *era* interessante — insistiu Cam, sabendo que estava lutando em uma batalha perdida. — E educado.

— Ohhh, Lily — Malcolm brincou, balançando a cabeça para a frente e para trás —, ela não gosta nem um pouco dele.

— Nunca disse isso — insistiu Cam. — Lily, eu gosto dele. Ele tem uma voz

bonita.

— Muito bem — interrompeu Kathy. — Quem quer torta de pêssego?

Todos ficaram em silêncio por um momento. Alicia levantou-se, tirando alguns pratos.

— Eu ajudo você com a sobremesa.

Quando as duas mães foram para a cozinha, Lily fez um gesto para Cam, fitando-a com expressão severa. *Lá para cima*, era o que parecia estar dizendo.

— Mas eu gosto de torta de pêssego — respondeu Cam em voz alta.

— Então leve o seu pedaço para o meu quarto.

Cam seguiu Lily pela escada, equilibrando o triângulo de torta em um pires e temendo o interrogatório que sabia estar por vir.

— Por que você não gosta dele, Cam?

— Eu gosto dele! Eu disse que ele era ótimo — insistiu Cam.

— Não. Você disse que era legal e interessante e que tinha uma voz bonita, e isso, vindo de você, significa que tem horror a ele.

— Lily, eu só conversei com ele por uns dez minutos. Como poderia ter horror a ele?

Lily olhou nos olhos de Cam, tentando descobrir a verdade. Finalmente, desistiu e deixou o rosto relaxar até um sorriso.

— Eu só queria que vocês gostassem um do outro.

— Tudo bem — disse Cam. — Quer trabalhar na *graphic-novel*-barra-roteiro? Eu trouxe. — Cam se levantou animada e retirou-o da mala.

— Claro — respondeu Lily. — Só me deixa dar boa-noite para o Ryan. Cinco minutos. Prometo. — Ela passou pela porta e dirigiu-se para o corredor.

Como os cinco minutos se esticaram em meia hora, Cam voltou a enfiar o projeto no envelope, súbita e dolorosamente consciente de que ele parecia imaturo. Escrever uma história em quadrinhos. Parecia a coisa mais nerd do universo. Só uma pária social em último grau ou uma criança de dez anos sonharia em fazer uma coisa dessas.

Cam estava sozinha, a não ser pela coleção de bonecos duendes da sorte com

cabelo colorido de Lily. Eles continuavam a fitá-la e Cam se encolheu, constrangida. Cobriu a cabeça com o travesseiro e se obrigou a dormir.



Na manhã seguinte, Cam foi acordar Lily para se despedir. O quarto de Lily era branco. Branco da Lily. Tudo era branco, a não ser por uma imensa pintura magenta de um gladiolo abstrato na parede. De acordo com a terapeuta de Lily, a cor branca aliviava a tensão, e a terapeuta a fez pintar de branco as paredes antes negras, com os nomes das bandas favoritas em spray lilás. Mas a cor branca deixava Cam tensa. E se você derramasse alguma coisa acidentalmente? Era muita pressão.

Lily estava enfiada debaixo do edredom, que parecia uma nuvem branca e fofa. Ela era tão pequena, os montinhos de seu corpo debaixo do cobertor mal podiam ser vistos. Cam pulou na cama para dizer adeus.

— Estou indo embora — falou.

Lily apenas deu uma risadinha por baixo das cobertas.

— Qual é a graça?

— Espera aí — disse Lily e, quando ela meteu a cabeça para fora do edredom, Cam percebeu que estava no telefone. — Já vou falar com você em um minuto, Cam — completou e passou as costas da mão em Cam, feito uma vassoura pequena, antes de mergulhar debaixo das cobertas e voltar a dar risadinhas.

Parecia tão frio. *Já vou falar com você em um minuto.* E o gesto com a mão? Cam estava cansada de ser dispensada. Ela estava indo embora e não tinha ideia de quando voltaria a ver Lily. Elas nunca tinham falado daquela maneira uma com a outra. *Já vou falar com você em um minuto.*

Ao passar pela porta, Cam percebeu um tanque de oxigênio perto da escrivaninha de plástico transparente de Lily. Dois porta-retratos brancos estavam na mesa olhando um para o outro. O primeiro era de Lily com Cam, sentadas em um leito do hospital St. Jude's com os braços ao redor uma da outra. As cabeças carecas estavam perto uma da outra ao sorrirem para a câmera. Antes que soubesse o que estava fazendo, Cam pegou-a e meteu-a dentro do casaco. Depois saiu e fechou a porta.

— Está pronta? — perguntou Alicia, na grande sala do andar de baixo.

— Sim — respondeu Cam. — Estou pronta.

Quando estavam indo para o trailer, Cam pôs um reforço extra de fita adesiva ao redor de Darren. Os pais de Lily acenaram na entrada da casa. Estavam prestes a sair dali quando ela veio correndo da porta da frente.

— Como você ousa ir embora sem se despedir?! — disse ela, tentando recuperar o fôlego. E parou no meio da entrada para carros.

— Eu tentei — respondeu Cam, encontrando-a na metade do caminho entre a casa e o carro.

— Ah, Cam, não adianta fazer manha. — Lily pôs as mãos nos quadris. O cordão do pijama hospitalar azul-claro estava amarrado bem apertado ao redor da cintura e, ainda assim, a bainha da calça descia por cima das pantufas até o chão, absorvendo o orvalho matinal como as raízes de uma flor.

— Não estou fazendo manha. Fico feliz por você. Boa sorte com o Ryan. Espero que você realize seu sonho — completou Cam com frieza.

— Cam — disse Lily.

Cam ficou um instante observando uma joaninha arrastar-se para cima de uma folha de grama.

— Você sabe que ele só está usando você. — Cam falou sem pensar.

— Como você pode saber disso? — O olhar gélido de Lily passou de preocupação para desprezo. A expressão ficou mais severa.

— Eu perguntei pra ele, Lil. E, na verdade, ele foi estranhamente sincero. Eu tinha razão sobre ele — disse Cam e, no mesmo instante, arrependeu-se. Ela se sentia entorpecida por dentro. Como se não tivesse órgãos. Como se fosse uma concha. Uma carapaça. Uma carcaça vazia sozinha e abandonada.

— Ai, meu Deus, Campbell, desta vez você não tem *razão*. — A voz de Lily subiu uma oitava ao dizer *razão*. — É óbvio que só está com ciúme. — Ela suspirou e passou a mão pelo cabelo. Deu meia-volta e começou a se afastar, mas então parou:

— Mas você não aguenta me ver feliz, aguenta? Você só tem de me arrastar de volta pra sua miséria. Mas eu tenho de aproveitar a vida. Baixar a guarda um pouquinho. Talvez você devesse tentar fazer isso.

Cam sabia que baixar a guarda seria o fim dela. Sua guarda era tudo que lhe

restara.

— Acho que não estou tão desesperada assim — disse ela.

Lily precisou de um minuto para absorver o golpe. Baixou os olhos, chutou algumas agulhas de pinheiros, respirou fundo e disse:

— Engraçado, porque você é a pessoa mais desesperada que eu conheço, Campbell Cooper. — Ela olhou para a frente com um olhar úmido, final. — E não tenho mais espaço na minha vida para sua negatividade. Tenho que me cercar de energia positiva. Você tem que me deixar em paz.

— Você fala igual a um desses livros idiotas de autoajuda — disse Cam.

— Estou falando sério, Campbell. Boa sorte com tudo. — Lily virou as costas para ela e andou até a casa que fingia ser uma cabana de madeira e educadamente acenou para Alicia e Perry.

— Lily... — Começou Cam. Mas Lily se fora.

No carro, Cam tirou da bolsa o roteiro que elas tinham começado a escrever juntas. Quando a casa de Lily desapareceu ao longe, rasgou-o na metade.



NOVE

— **M**aria! Lydia!

A avó saiu gritando da casa de três andares em Hoboken, que tinha uma vista do horizonte de Manhattan, se você metesse a cabeça para fora da janela do sótão e olhasse para a esquerda. Ela estava vestindo um conjunto de ginástica azul néon combinando. Ela adorava combinar as coisas.

— Mãe, chame-as pelo primeiro nome — disse Alicia.

— Eu nem do nome deles me lembro mais. Como é mesmo? Harry e Jonathan?

— Mãe.

— Brincadeira. Garotas, só me prometam que vocês vão dar às minhas bisnetas nomes de meninas, prometem? É meu desejo de moribunda. Que tal Rose? Deem meu nome a uma de suas filhas.

— Com certeza, Nana — disse Perry, dando um abraço na avó.

— Isso que é uma boa garota — disse Nana, beijando-a no alto da cabeça loura.

Cam não podia falar ainda. Alguma coisa ao ver a avó a fez engasgar. Ela não percebeu quanto sentira falta dela.

— Campbell — chamou Nana, abrindo bem os braços flácidos enquanto Campbell se metia entre eles.

— Viu? A senhora lembrou meu nome — disse Cam.

— Eu nunca me esqueceria de você, meu amor. Minha primeira netinha... você está no meu coração — murmurou ela para que Perry não ouvisse. — Agora venham — disse, secando discretamente uma lágrima. — Vamos comer. Você deve estar faminta. Olhe só para você, só pele e ossos. Parece uma das gêmeas Olsen.

— Qual delas? — brincou Campbell.

— A que está saindo com Justin Bartha.

— Quem é Justin Bartha? A senhora precisa parar de ler a revista *People*.

— O quê? Eu leio no salão de beleza. Não tenho assinatura nem nada. — Ela remexeu em alguns potes na geladeira. — Tome. Coma isso. É a Lasanha Milagrosa. Tony Spinelli comeu no mês passado e as pedras na vesícula desapareceram completamente.

— A senhora acredita em milagres, Nan? — perguntou Cam.

— Não importa no que acredito, importa? Neste instante, Campbell, só importa no que você acredita — disse, enquanto se servia de mais uma xícara de café do bule de aço inoxidável dos anos 1970.

Era isso que Cam adorava na casa da avó: o modo como, a não ser por se tornarem amareladas ou desbotarem, as coisas não mudavam. Nana ainda tinha o bule dos anos 1970, a mesma frase COZINHA DA VOVÓ bordada em uma moldura, os mesmos aparadores de metal, os mesmos suportes de panela feitos de crochê e o mesmo reposteiro com babados de algodão na janela da cozinha que ela tirava três vezes ao ano para lavar e passar. A cozinha tinha o mesmo azulejo de linóleo preto e branco de jogo de damas, a mesma mesa de fórmica cromada com quatro cadeiras de vinil. Tudo era o mesmo.

— Ela não acredita em nada — disse Perry, num tom de voz casual.

— Eu acredito na senhora, Nana — disse Cam.

— Melhor encontrar algo mais poderoso do que eu, filhinha.

Houve uma época em que Cam teria Acreditado, com “A” maiúsculo, em toda essa história de milagre. Na verdade, houve uma época em que ela acreditara ser especial. Coisas tinham acontecido a ela. Coisas sutis e, mesmo assim, incríveis, que a faziam acreditar que alguém, um poder superior, estava olhando por ela.

Quando ela tinha seis anos, pensou muito sobre as mãos de Deus. Para a Cam de seis anos, Deus era um homem velho e barbudo em uma nuvem com mãos enormes que machucariam se elas decidissem bater em alguém. Ela nunca apanhou das mãos de Deus. Mas uma vez, quando estava atravessando a rua num dia quente nos pântanos da Flórida, querendo ter uma bicicleta para chegar mais rápido na casa da amiga Jessica e brincar com as Barbies, ela foi derrubada no chão por... um misterioso vórtex? Pelas mãos de Deus?... e elevada direto para a entrada da casa de Jessica. Em um minuto estava diante da casa de Mark

VanHouten, que tinha um rottweiler assustador preso a uma corrente e, no minuto seguinte, estava a quatrocentos metros dali na casa de Jessica, segurando as Barbies com o cabelo louro cortado, consequência do fato de viver com uma irmã pequena que tinha posto as mãos numa tesoura de ponta arredondada.

De qualquer forma, houve um tempo em que Cam teria acreditado em milagres. Um tempo em que ela fora erguida por uma força misteriosa e colocada gentilmente de volta na entrada da casa de Jessica. Mas isso foi antes do divórcio, do câncer e da morte do pai, bem no meio da vida dele. Muito antes de Cam saber que nunca chegaria ao aniversário de dezoito anos.



Depois de anoitecer, quando Cam e Perry estavam babando na frente de algum *reality show* na tevê, e a mãe estava visitando alguns amigos antigos, Nana cruzou a sala de estar vestida de preto. Ela usava a roupa de ginástica preta e as meias da *jazzercise* por baixo de uma bermuda preta com um boné de beisebol preto. Ela esfregara delineador preto por baixo dos olhos.

— Está pronta, Campbell? — perguntou ela.

— Ai, meu Deus, Nana. Pronta pra quê?

— Nossa missão. Vamos subir o muro.

De acordo com a história da igreja, numa manhã de domingo de 1999 a Virgem Maria apareceu para a dona de casa Joan Caruso enquanto ela lecionava na escola dominical para as crianças do jardim de infância na Our Lady of Ascension Church, na Church Street. Ela estava no pátio da igreja, deixando os pequenos queimarem um pouco da energia católica não liberada e observava um nó em uma árvore. Lentamente, segundo Joan Caruso, que tivera cinco filhos em cinco anos e provavelmente não dormira muito tempo, o nó da árvore metamorfoseou-se no rosto da Virgem. E a Virgem lhe disse:

— Construa para mim um santuário e deixe que todos que venham até aqui sejam curados. Hoboken será a Lourdes da América.

Quem ouvisse essa frase saberia que tinha de ser uma piada. Para Cam, a tal de Joan estava assistindo a Pocahontas sob efeito de ácido. Aquele filme com a árvore falante. Mas as pessoas acreditaram na mulher, em vez de tomar alguns antipsicóticos. E quem conhecia a história fez peregrinações à árvore de Hoboken para ser curado por suas folhas de bordo místicas.

— Vamos — disse Nana. — Pegue uma lanterna.

— Por que não podemos fazer isso à luz do dia de novo? — perguntou Cam, ligando e desligando a luz para checar as pilhas.

— Eu já lhe disse. Por causa de Rita. — Rita, sua ex-amiga, era a voluntária responsável pela administração das folhas e negara três vezes o pedido de Nana para visitar a árvore e levar uma folha para Cam. — Tem sangue ruim entre nós.

— O que foi que a senhora fez com ela? — perguntou Cam enquanto se levantava da cadeira reclinável.

— Eu acidentalmente dormi com o marido dela uma vez. Ou duas. Talvez tenham sido duas. — Nana estava distraída ao abrir e fechar os dispositivos do canivete suíço, e então os guardou na pochete preta.

— O que a senhora quer dizer com “acidentalmente”, Nana? Como isso pode acontecer por acidente? — perguntou Cam.

Mas Nana apenas deu de ombros. Ela só queria saber de negócios.

— Você vem, Perry? — perguntou.

— Não, obrigada. Estou muito cansada.

— Dê comida ao Piu-piu, está bem? — disse Cam. — Mas não deixe que saia da gaiola; ele fica nervoso num lugar novo.

Cam já estava vestida de preto, como sempre, então passou com a avó por duas casas até a igreja Our Lady of Ascension. Elas dobraram a esquina e caminharam para a parte de trás, onde o pátio era cercado por um muro de tijolos cor de areia de três metros de altura.

Cam, sem dúvida, não acreditava que alguma folha pudesse curá-la. Ela nem acreditava na virgindade da Virgem. Imaginava Maria depois de engravidar, conversando com as amigas ao redor do poço, tentando imaginar o que fazer.

— Eu sei! — disse uma delas. — Diga que foi Deus quem fez isso.

— Perfeito! — concordaram as amigas de Maria.

E então a publicidade da coisa deve simplesmente ter saído do controle.

Por isso, Cam não acreditava em nenhum milagre de Maria, mas adorava a perspectiva de uma travessura com a avó e a ideia de ajudá-la a se vingar.

— Lá está ela — disse a avó, apontando para a árvore bem no centro do pátio da igreja. Alguém, provavelmente uma freira, tinha cuidado muito bem do lugar. Era exuberante, verde, fértil — palavras que não costumavam ser associadas a Hoboken. Parecia um pouco com o Hotel Polynesian, mas com uma flora diferente. Roseiras cercavam o perímetro no interior do muro. Havia grama verde e macia, algumas outras plantas floridas, diversas imagens de Maria e uma fonte com um anjo consolador, escorrendo no canto mais afastado. No centro, estava o bordo.

— Não podemos apenas pegar uma folha daquelas? — perguntou Cam, apontando para as folhas que cresciam convenientemente para fora e por cima do muro.

— Não. É aquela árvore. No centro. Tem de ser aquela — murmurou a avó e cobriu a cabeça com o capuz do moletom. O padeiro e a esposa tinham acabado de sair da padaria italiana do outro lado da rua, fechado a porta e trancado. Lançaram a Cam um olhar desconfiado antes de dar meia-volta e ir para casa com a caixa de *cannolis* amarrada com fita vermelha.

— Muito bem. A senhora fica e eu vou. Não quero que quebre o quadril — disse Cam. O sinal de trânsito na esquina passou de vermelho para verde, mas não havia carros para tirarem vantagem disso. Era uma noite tranquila em Hoboken.

— Mas vou parecer suspeita aqui fora — disse Nana, mudando a posição do corpo.

— Então por que a senhora se vestiu desse jeito? — perguntou Cam.

— Não sei. Fui levada pelo calor do momento.

— Parece que tem um monte de coisa acontecendo na sua vida. A senhora tem de trabalhar na questão do impulso contr...

— Vai logo. Sobe de uma vez — disse Nana, abaixando-se e juntando as mãos para formar um degrau humano para Cam.

— Não estou exatamente cem por cento, sabe. Ando meio fraca ultimamente — disse Cam ao subir nas mãos entrelaçadas e então colocar as próprias mãos nos ombros de Nana que se curvavam, cada vez mais.

— Você quer que eu faça isso, querida? — perguntou a avó. Cam estava perto o suficiente para sentir seu hálito, que sempre tinha cheiro de licor de anis.

— Não. Eu faço.

— Está bem. Sobe de uma vez. Espere, qual é o código? Em caso de emergência ou algo assim? — perguntou Nana.

— Banana — disse Cam ao dar um passo rápido, agarrar o alto do muro e em seguida erguer-se acima dele. Ela passou para o outro lado de barriga para baixo e se agarrou com os dedos por apenas um segundo, tentando não cair sobre a roseira. Assim que se soltou, ouviu:

— Ai, meu Deus. Banana. Banana. Banana.

— O que foi? — sussurrou Cam. — A polícia?

— Não. Rita. Estou indo pra casa. Boa sorte.

— Nana? — chamou Cam. Mas a avó já se fora. Cam voltou sua atenção para a árvore, que estava protegida por uma cerca branca e iluminação com refletores azuis e brancos instalados no solo. Ela se esquivou até a árvore e esticou a mão para uma folha que pendia baixo quando subitamente ouviu o trinado de campainha, tipo dingue-dongue e inconfundível de Piu-piu.

— Piu-piu?! — Cam mal podia distinguir a minúscula barriga amarela empoleirada atrás de uma folha que balançava bem no alto da árvore. Ela sabia que não deveria ter confiado em Perry com ele.

— Piu-piu, desça até aqui! — sussurrou Cam com insistência, mas ele não se moveu. A adrenalina deve tê-la dominado, e Cam não sentiu o costumeiro medo de altura. Ela se sentiu leve e ágil o suficiente para correr para um dos galhos mais altos, onde segurou num ramo acima dela e caminhou de lado sobre o galho no qual estava de pé. Esticou a mão para Piu-piu e chamou por ele.

— Venha aqui, bobão. Isso é Jersey, Piu-piu. Não dá pra sobreviver nessas ruas horríveis. Volte aqui, Piu-piu.

Ela assobiou o chamado do qual ele gostava.

— Aqui, Piu-piu. — Ele estava bem perto. As pontas de seus dedos roçavam as garras afiadas da pata esquerda, quando ela sentiu os pés começando a escorregar. A casca da árvore se soltando debaixo dos tênis começou a ceder e lascas caíram no solo até que os dois pés de Cam estavam suspensos. Cam estava pendurada pelas axilas em um galho alto de uma árvore maluca em Hoboken.

E então uma porta bateu. Um padre careca, lutando com os óculos de armação grande e preta, saiu correndo da paróquia no roupão de banho.

— Saia já daí neste minuto! Você tem de descer dessa árvore.

Piu-piu trinou um último dingue-dongue. Tudo começou a se mover em câmera lenta. Piu-piu olhou diretamente nos olhos de Cam, como se pedisse desculpas por alguma coisa. Então bateu as asas. Não voou, só bateu as asas. Como se dissesse: *Venha comigo. Vamos sair daqui, Cam. Por que você não pode vir comigo?* Ele soltou um suspiro baixo e então voou ao luar na direção do horizonte de Manhattan, que piscava feito um estegossauro.

— Seu idiota! — gritou Cam para o padre, que mesmo em Nova Jersey não estava habituado a ser chamado de idiota. — Você assustou meu pássaro. Idiota — repetiu num sussurro que mal se podia ouvir, porque pela primeira vez desde o funeral do pai ela não conseguia parar de chorar. Tentou. Enrijeceu-se e tentou engolir o bolo doloroso em sua garganta. Mas depois que as lágrimas começaram, não conseguiu detê-las.



Na verdade, o padre John era um cara bem legal. Ele literalmente venceu Cam pelo cansaço, fazendo-a descer da árvore e a levou para casa. Disse-lhe que rezaria pelo retorno em segurança de Piu-piu, o que não tinha obrigação de fazer depois que ela o chamara de idiota. Duas vezes.

— Cam — disse Perry, ao descer as escadas e entrar na sala de estar.

Cam ergueu a mão, entrevendo um pedaço da gaiola vazia com a visão periférica.

— Nem tente falar comigo, Perry. Só me deixe em paz.

Ela se virou para a avó.

— Não sei qual das suas causas perdidas está mais perdida, Nana: reformar a Igreja Católica, curar um câncer estágio quatro ou encontrar um canário que saiu da gaiola em Hoboken. Mas se, ao menos, a senhora pudesse rezar a São Judas Tadeu pelo último, já estaria bom. — Cam desabou na antiga cadeira de plástico do avô, que estava coberta com panos de prato e toalhinhas de renda em lugares estratégicos para evitar que alguém ficasse pregado na cadeira.

— Você, ao menos, pegou a folha? — A avó não conseguiu evitar dizer.

— Tome — disse Cam, abrindo a mão fechada. Ela segurava uma folha verde e amassada. A folha se desdobrou com exatamente o mesmo desenho das linhas em sua mão.



Era difícil dizer adeus para a avó. Porque, para evitar que ela passasse os dez dias seguintes chorando, ela tinha de fingir estar zangada com você.

Cam e Perry estavam sentadas à mesa, tomando o café da manhã. A mãe estava arrumando as coisas no carro e elas deveriam ir embora em dez minutos. Tinham ficado em Hoboken mais três dias, revistando a vizinhança atrás de Piu-piu, mas sem sorte.

— Quem tomou todo o xarope? — Nana suspirou enquanto metia a cabeça na geladeira, depois bateu a porta.

— Ca... — começou Perry, mas Cam lhe deu uma olhada tipo *Não ouse me dedurar, criança*, e como Perry ainda estava tentando se arrepender por perder Piu-piu, disse: — Fui eu, Nana. Desculpe. — E então abaixou a cabeça e cobriu-a com os braços para se proteger do pano de prato que Nana jogou nela.

— Vocês estão acabando com toda a comida da casa! — disse Nana, sentando-se indignada à mesa da cozinha, sem olhar para nenhuma delas. — Acho que vou beber este copinho de suco de toranja, que foi tudo que me restou.

— Tim-tim — disse Cam e ergueu o copo para brindar com a avó. Nana apenas olhou pela janela acima da pia da cozinha, ignorando a neta.

— Onde está sua mãe? — perguntou finalmente. — Não me diga que as duas preguiçosas deixaram ela guardar as coisas no carro sozinha.

— Ela gosta de fazer isso — disse Perry, e Cam esboçou um sorriso um pouco por Perry ainda não ter aprendido a manter a boca fechada. Cam esperou que a avó entrasse em erupção. *Três... dois... um...*

— Sua mãe faz *tudo* sozinha. O mínimo que você pode fazer é ajudar a arrumar as *suas* malas no porta-malas. Ela faz tudo para vocês e como vocês retribuem? Ingratas. É isso que vocês são: uma dupla de ingratas. Não tenham filhos porque é assim que eles vão tratar vocês.

— Espere aí, Nana — disse Perry —, ela gosta mesmo de fazer as coisas sozinha.

Ai, Perry, pensou Cam, cala a boca!

Claro que era a verdade. Alicia tinha um plano doentio e neurótico para arrumar as coisas no porta-malas da maneira mais eficiente, e ela tinha de estar no controle total disso. Mas esta era uma questão secundária. Quando Nana estava atacada, você tinha de ficar longe dela.

Cam observou a avó engolir o suco de toranja e então observou os olhos remelentos se estreitarem quando ela fitou Perry e considerou o próximo passo. Cam previu o que aconteceria, mas antes que pudesse avisar Perry para sair da frente, Nana inclinou o copinho de suco e jogou todo o conteúdo no rosto da menina.

A bolha meio rosada de líquido voou pelo ar em câmera lenta antes de aterrissar fazendo barulho na testa de Perry. A menina ficou sentada meio sem ar, com a boca semiaberta e a franja pingando, colada na cabeça. Estava decidindo se ria ou chorava e, como tivera uma semana ruim com todas a culpando pela fuga de Piu-piu, primeiro ela chorou. Mas parecia tão ridícula que Cam começou a rir e então Nana começou a rir até que todas estavam rindo e chorando ao mesmo tempo, e o gelo oficialmente tinha sido quebrado.

Cam esticou o braço sobre a mesa, oferecendo um guardanapo à Perry, e as mangas subiram. Ela tentou rapidamente puxá-las, mas era tarde demais.

— O que é isso? — perguntou Nana. Nos últimos três dias, as manchas roxas tinham piorado. O braço direito de Cam estava cheio de bolhas roxas feias e altas do tamanho de moedas de dez centavos, que marcavam o progresso lento da doença e seu ambicioso plano de dominar todo seu corpo.

— O quê? — repetiu Cam, enfiando o polegar no buraco que abrira no punho do moletom para manter as mangas abaixadas.

— Não me diga “o quê”. Você sabe do que estou falando. Dessas coisas. No seu braço.

— Picadas de inseto — disse Cam.

— Não temos esse tipo de insetos em Hoboken.

— Ah, mas você não esteve na Árvore Mágica — disse Cam.

— Campbell, você não deveria ver o que é isso?

Cam apenas deu de ombros.

— Vamos — disse ela. — Tenho certeza de que mamãe já acabou de arrumar as coisas.

As três desceram a escada estreita de madeira até o corredor principal. Primeiro, Cam, depois, Nana e Perry mais atrás, anotando com rapidez alguma coisa no caderno de Izanagi.

— Milagre número treze — disse, enquanto escrevia. — Nana está nos levando até a porta.

— É. O que a senhora está fazendo, levando a gente até a porta? — perguntou Cam. Normalmente, depois de fingir a zanga e então ter um falso ataque de raiva, Nana voltava para o quarto dela sem nem ao menos se despedir.

— Só quero ter certeza de que vão sair daqui mesmo — brincou Nana.

Do lado de fora, estava um dia glorioso. O trailer ridículo ocupava duas vagas na Church Street. Alicia enxugou o suor da sobancelha com as costas da mão, parecendo satisfeita consigo mesma. Tudo estava arrumado e pronto para partir.

— Vamos — disse ela. — Tchau, mãe. — Ela abraçou a mãe e nem percebeu que era estranho Nana ir até o lado de fora para vê-las partir.

Perry abraçou a avó. Nana pediu desculpas pelo suco.

— Acho que é a nossa vez — falou Nana. Cam e Nana se rodearam feito lutadores num ringue.

— É.

— Você só quer uma daquelas despedidas de bater com os punhos? — perguntou Nana, esticando a mão fechada.

— Você pode me abraçar, se quiser — disse Cam.

Nana passou os braços em volta de Cam, que engoliu as lágrimas.

— Vou ficar bem, vó.

— Eu já sei disso. Você me perguntou no que eu acreditava. Acredito que você vai ficar bem — disse Nana, e apertou Cam mais uma vez. — Agora vai. Tenho de passar dez dias chorando.



DEZ

Elas tinham voltado ao trailer e se dirigiam para o norte. Cam sentia falta de Lily. Há dias elas deixaram a Carolina do Norte, e Cam ainda não conseguia tirar as palavras *ele está usando você* da cabeça. Talvez tivesse sido um pouco grosseira, assim como *desesperada*. Ela gostaria de poder se desculpar.

Passaram por um monte de placas azuis fazendo propaganda das opções de *fast-food* a cada saída. Cam ainda ficou um pouco animada, uma sensação residual da época em que comia demais, quando viu uma placa boa, com quatro ou mais restaurantes em uma saída. Mas a ideia de comer aquele lixo agora revirou seu estômago. Ela tinha um gosto metálico na boca e se sentia enjoada, com uma dor estranha irradiando do queixo até a lateral do pescoço. Ela queria conseguir simplesmente vomitar e se sentir melhor.

Cam e Perry ouviam, cada uma, os próprios iPhones enquanto a mãe girava sobre a perfeita onda senoidal da autoestrada do Maine. Era como se elas estivessem dirigindo para cima e para baixo ao longo das corcovas de uma gigantesca serpente marinha.

Perry balançava a cabeça para a frente e para trás enquanto mexia a boca, cantando silenciosamente alguma música ressonante da Taylor Swift. A mãe dera um telefone novo para Perry quando comprou o de Cam, apenas para ser justa, o que realmente teria aborrecido Cam, se ela não estivesse tão doente. Mas essa era a questão sobre morrer. Fazia você se livrar das preocupações que não tinham a menor importância na sua vida. Deixa Perry curtir a Taylor Swift. Mesmo que ela tivesse perdido o Piu-piu.

— Deve ser aqui — gritou Alicia, no banco do motorista. Ainda era dia, mas um poste de rua brilhava sobre o logotipo redondo rosa e laranja do Dunkin' Donuts que estava bem no meio da placa que dizia “Saída 33”. A Saída 33 aparentemente não tinha outros confortos. Sem gasolina. Sem quartos. Nenhuma atração especial. Só o Dunkin' Donuts.

— Pensei que você tivesse dito que era difícil de encontrar — falou, olhando para a rampa de saída. Uma trilha sinuosa conduzia até um Dunkin' Donuts de tijolos brancos no alto do morro. O edifício era minúsculo, mas estava iluminado

pelo enorme letreiro de néon, de três andares de altura.

— É um milagre! — exclamou Perry, e mais uma vez estendeu a mão para o caderno.

A entrada para o Dunkin' Donuts não estava nem pavimentada. Pedras minúsculas estalavam debaixo dos pneus do Cumulus enquanto elas estacionavam.

— Você não deveria passar pelo *drive-thru*?! — recordou Perry.

Alicia dirigiu até o interfone enferrujado nos fundos. Parecia ter sido amassado por algum taco de beisebol de um vândalo adolescente. O alto-falante fazia um ruído de estática. Elas ouviram a voz cansada da mulher:

— Hum?

— Hum — começou Alicia. — Três bolos *whoopie* — disse ela.

Cam explodiu numa gargalhada e Perry deu gritinhos.

— Acho que é *torta whoopie* — corrigiu Cam.

— Que diferença faz? — perguntou Alicia, começando a rir também. Elas estavam meio tontas por terem ficado tanto tempo no carro. — Tortas *whoopie* — falou no interfone. — E três achocolatados.

— Bolo *whoopie* parece tão errado. — Cam riu enquanto se deslocavam para a janela de pagamento.

— Torta *whoopie*. Bolo *whoopie*. Está tudo errado — concordou Alicia.

Uma mulher grande com cabelo preto grisalho e preso num coque atrás da cabeça deve ter ouvido as risadas, pois olhou de cara feia para elas quando pegou o dinheiro e entregou as tortas *whoopie*, que eram simplesmente Devil Dogs grandes e retos, e os três achocolatados.

— Peça desculpas, mãe. Você fez pouco da culinária deles — sussurrou Perry.

— Obrigada — disse Alicia na janela. — Só estamos muito cansadas.

— Hum — respondeu a senhora.

Antes de saírem do estacionamento, elas ficaram paradas por um segundo.

— Ao Maine — disse Alicia antes de as três darem ao mesmo tempo mordidas nas tortas *whoopie*.

— Tim-tim. — Perry deu uma risadinha, ergueu a embalagem de achocolatado e elas brindaram com as caixas. Uma brisa súbita soprou, balançou o pequeno carro e dispersou a folhagem, revelando uma trilha de seixos.

— Deve ser ela — disse Alicia e manobrou o carro ao redor do Dunkin' Dumpster, lançando o Cumulus em meio aos arbustos. Depois de quatrocentos quilômetros, as árvores se abriram e revelaram a enseada mais escondida e bonita (e mesmo Cam tinha de admitir) de Penobscot Bay.

A mera autenticidade disso tomou conta de Cam. Ela nunca tinha estado num lugar que não tentava ser outro lugar. Não estava fingindo ser o Maine. Não era parecido com o Maine nem Mainesco. Não era McMaine nem MaineWorld nem MaineLand. Não havia nem mesmo um outdoor gigantesco de lagosta dando as boas-vindas da cidade. Era só o Maine.

As construções rústicas de madeira acinzentada perto das docas forneciam uma divisória irregular contra o porto azul e cheio de ondas. Conforme os prédios se elevavam até um declive afastado da água tornavam-se mais robustos e permanentes. As construções de tijolos da Rua Principal abrigavam o corpo de bombeiros, complementado por um dálmata caminhando de um lado para o outro diante do edifício; uma loja de ferragens e algumas galerias de arte no que costumava ser o moinho. A grande roda d'água, que ainda funcionava, proporcionava diversão para as crianças pequenas que a observavam detrás de uma cerca enquanto comiam cones de sorvete da lojinha do outro lado da rua. No fim da rua, a agulha pontuda do pináculo da igreja projetava-se como se o céu fosse um grande balão que tivesse que estourar.

Cam baixou o vidro e tirou os fones de ouvido. O som das boias retinindo se harmonizava com o borrito das ondas contra o píer e o grito estridente das gaiotas. A luz brilhante do sol que se punha era temperada pela névoa o suficiente para não se ter de forçar a vista. O ar não estava frio nem quente demais, nem seco nem úmido demais. Estava perfeito e era como deitar numa cama com lençóis limpos e recém-lavados.

— Eu te perdoo — disse ela para a irmã, ainda se concentrando na vista. E como eram irmãs, Perry entendeu exatamente do que ela estava falando.

— Não vou me sentir melhor até você ficar de bom humor.

— Isso vai levar um tempinho.

— Talvez a gente devesse dar um fim na gaiola dele — sugeriu Perry, e as

duas olharam para ela, ainda presa ao banco traseiro com o cinto de segurança. O pequeno balanço de Piu-piu estalava para a frente e para trás com o balanço do carro.

— Não. Quero guardá-la — disse Cam.

— Mantenham os olhos abertos para o hotel ou coisa que o valha — disse Alicia enquanto cruzavam a rua principal, passando por uma livraria, um café, os correios e um viveiro de lagostas.

Sempre que elas saíam da estrada principal pareciam estar perdidas e tinham dificuldade em voltar para ela. E cada vez que voltavam, a estrada parecia um pouco diferente. A livraria parecia ter se transformado em um bar com uma placa pintada a mão com uma caneca de cerveja dourada balançando nas dobradiças. Os correios pareciam ter se transformado na padaria. Cam achava que o poste da barbearia que ela vira na esquina distante tinha se transformado agora em uma placa com um atum azul de cabeça para baixo, que anunciava o peixeiro. Ao passar pela terceira vez, Cam finalmente viu uma imobiliária, mas que estava fechada à tarde. Elas tentaram encontrar a trilha de seixos que as levava até a cidade desde o Dunkin' Donuts, mas ela parecia ter desaparecido totalmente. Não havia lugar na cidade para ficar nem um meio de sair.

Alicia estava começando a suar um pouco. Ela se inclinava sobre o volante enquanto dirigia e não conseguia evitar de mascar o chiclete. Cam conseguia perceber que ela estava tendo um daqueles momentos de mãe solteira nos quais se sentia totalmente sozinha sem ter a quem recorrer. Ela estava duvidando de si mesma, se perguntando em que as metera. Isso lembrou a Cam da época em que ela as levou para a ilha Sanibel, gastando cada centavo das economias, e choveu o tempo todo.

Cam odiava o modo como podia sentir as emoções da mãe, seu desespero, como se ainda estivesse conectada simbioticamente a ela com algum tipo tortuoso de cordão umbilical emocional, e Perry estivesse sentada toda alegre no banco de trás, lambendo o creme da torta *whoopie*. Cam odiava ser a filha mais velha.

— Está tudo bem, mãe. Vamos dar um jeito.

— Obrigada, docinho — disse a mãe. — Por que não fazemos uma parada no viveiro de lagostas? — Era o único edifício que parecia ficar no lugar.

Cam não entendia por que era chamado de “viveiro” de lagostas, a não ser

pelo fato de que era aonde as lagostas iam para morrer. Como um abrigo de cães. Será que eram lagostas más, que saíam por aí e não tinham dono? Ou eram apenas crustáceos que obedeciam à lei, cuidando da própria vida, no fundo do mar? “Viveiro de lagostas” era apenas um eufemismo e um nome pouco atraente para um local para se comer.

Era uma cabana com um tom cinza de seixo sobre palafitas que se projetavam acima do oceano. Alguém tinha pregado lagostas de plástico na parede externa e, em seguida, prendera-as cruelmente em uma antiga rede de pescar. Ela tinha um teto vermelho e uma pequena cúpula encimada por uma lagosta de latão que girava com o vento. Em seu interior, via-se um monte de mesas de piquenique com toalhas xadrez em branco e vermelho.

A porta bateu atrás delas, retinindo a tira de couro com sininhos amarrados à maçaneta.

— Estamos quase fechando — disse um garoto bonito com ombros largos. Tinha o cabelo cacheado na altura dos ombros, que era castanho na raiz, mas ficava mais louro nas pontas, que se enrolavam ao acaso em todas as direções como se estivessem tentando crescer na direção do sol.

— Eu sou Asher — falou. — Vocês são novas na cidade?

— O que te fez pensar nisso? — perguntou Cam. — Foi o trailer?

Asher ergueu os olhos e pareceu confuso. Ela estava tentando ser engraçada, mas percebeu como aquilo soou abrupto.

— Quer dizer, sim, somos novas na cidade e temos o U-Haul porque ele está com todas as nossas coisas da casa antiga que queríamos trazer conosco para este lugar. Uma cidade... na qual... nós somos novas — disse Cam, com as bochechas ficando vermelhas a cada sílaba falada com dificuldade.

Asher sorriu. Ele deve ter pensado que ela era autista ou algo assim, e parecia estar com pena dela. Gentilmente esticou a mão e disse:

— Bem-vindas a Promise.

— Obrigada. Gostaria de adotar uma lagosta — respondeu Cam. Provavelmente aquilo não o dissuadira do diagnóstico de autismo, mas ela estava decidida a salvar uma. Especialmente ao ver as condições no tanque.

— Adotar? — Asher usava um boné azul desbotado do Red Sox para segurar

o cabelo e um moletom cinza com três furos no cotovelo. Cam gostava disso. Ela não confiava em caras muito limpos e arrumadinhos. A sombra das cinco horas captava a luz do sol e reluzia com partículas douradas. Ele tinha um avental de couro e punhos brancos de tecido felpudo. *Lidar com lagostas deve ser duro*, pensou Cam. *Tipo ferrar cavalos ou lutar com crocodilos*.

— Sim. Aqui não é um viveiro de lagostas? — perguntou.

— É, sim — disse ele, tirando o boné e coçando a cabeça. *Um pouco sério demais para o meu gosto*, pensou ela.

— Bem, gostaria de ter uma lagosta como bichinho de estimação. Posso ficar com uma delas, por favor?

Asher sorriu brevemente, deixando ver uma covinha na bochecha esquerda.

— Claro, eu acho. São dez contos por grama.

— Fizemos uma longa viagem — disse Alicia, ignorando os dois. — Está muito tarde para jantar?

— Deixa eu dar uma olhada lá nos fundos e ver o que podemos fazer — respondeu ele e foi para a cozinha, onde, após um instante, Cam ouviu alguém jogando alguns potes e panelas com raiva.

— Podem se sentar — disse Asher quando voltou para a parte da frente com alguns menus laminados flexíveis.

— Tem certeza? — perguntou Alicia. Elas ouviram um pouco mais de retinidos da cozinha.

— Ele vai superar — disse Asher com um risinho. — Me chamem quando estiverem prontas para pedir.

Cam, Alicia e Perry sentaram-se numa mesa e fizeram seus pedidos. Elas estavam na cidade há quase uma hora e o sol ainda estava se pondo. Tiras de cor laranja, pêssego e lilás pendiam feito um pano de fundo atrás do farol, que ficava na própria ilhazinha a três metros da península que margeava a baía. Gaivotas e pelicanos mergulhavam atrás do jantar e bicavam mexilhões colados a rochas pretas e pontudas, silhuetas por causa da meia-luz que diminuía. A cena fazia Cam pensar em algumas palavras que nunca teria usado numa conversa. Palavras como *arenoso*, *baixio* e *ameijoa*. Era um lugar cheio de crustáceos e maresia. Um ecossistema totalmente novo.

— Ninguém acha esquisito que o sol esteja se pondo há, tipo, umas duas horas? — perguntou Cam depois que Asher trouxe as pilhas de mariscos fritos em barcos de papel. *Crepuscular*, pensou, *do ou relacionado ao crepúsculo: vespertino*. Outra daquelas palavras do SAT que ela nunca tinha usado numa conversa. Depois, percebeu o ponto branco da estrela vespertina lentamente se materializar acima do farol. Normalmente ela nem pensaria em fazer um pedido, mas hoje fez um: *Queria que Lily telefonasse*, disse para a estrela. Não podia imaginar indo até o fim da doença sem ela.

— É um milagre! — exclamou Perry. Ela abriu o maldito caderno e escreveu *Pôr do sol eterno* com um floreio do lápis.

Alicia tinha terminado os mariscos fritos e falava com Izanagi, com o telefone em uma orelha e os dedos cobrindo a outra.

— Estamos bem — disse ela. — Tudo vai ficar bem. Olha, dá um alô para as garotas.

A mãe estendeu o telefone para Cam, que curvou o lábio, pôs a língua para fora e fez com que desaparecesse o truque de Lily.

— Cam! — insistiu a mãe, cobrindo o telefone. — Ele só quer saber se você está bem. — Cam nunca imaginara falar com nenhum dos outros esquisitos que a mãe tinha arrastado para casa do Epcot. Era a primeira vez.

Cam pegou o telefone e fez sons de interferência com a garganta.

— Oi — disse, depois fez mais daqueles sons —, acho que estamos terminando. Ei, fala com a Perry.

— Oh, Cam. — Suspirou Alicia.

Cam entregou o telefone a Perry, que contou alegre os destaques da viagem para Izanagi. Quando ela terminou a longa e serpenteante história, ainda era pôr do sol.

Asher foi até a mesa delas com uma lagosta viva em uma caixa. Ela arranhou um pouco as laterais quando ele a colocou no chão.

— Cam — disse Alicia —, onde vamos pôr uma lagosta? Nem sabemos onde vamos passar a noite.

— Você não precisa levar a lagosta — ofereceu Asher.

— Desculpe — disse Alice. — É só que nós dirigimos desde a Flórida.

Tentamos telefonar para o hotel, mas ninguém atende.

— Eles estão reformando — explicou ele.

Cam continuou a olhar para os pés dele. Havia buracos nos dedos das botas. Não era impossível destruir essas botas?

— Eles podiam ter dito isso na secretária eletrônica. O Maine não tem secretária eletrônica? — perguntou ela.

— Temos. — As batidas recomeçaram na cozinha e parecia ser a deixa para levantarem-se depressa e partir. — Lamento por causa dele. Ei, vocês podiam ficar comigo se quisessem.

— Sério? — perguntou Alicia.

— Mãe! — Cam olhou com expressão severa para Alicia. Ela imaginava um quarto de solteiro encharcado de cerveja com futons cinza sem lençol no chão. — Perigo. Estranho.

Ela e Perry ficaram alguns anos sozinhas em casa. Não tinham dinheiro para pagar uma babá e Alicia trabalhava à noite. Então ela as encheu de regras sobre o perigo dos estranhos, mostrando vídeos assustadores e até inscrevendo as duas numa aula sobre como evitar ser sequestrada. A aula sobre o perigo dos estranhos deixou Perry tão apavorada quando tinha seis anos que ela se recusava a falar com qualquer pessoa que não fosse seu parente.

— Ele não é um estranho — respondeu Alicia. — É o Asher.

— Mãe, ele só está sendo simpático e está tentando nos fazer sair daqui antes que seja demitido. Não quer que a gente fique com ele.

— Sério. Não tem problema. Vocês não ficariam *comigo* — explicou Asher. — Eu fico na estrebaria, mas a casa principal é do meu avô, e fica vazia durante o verão. Estou tentando reformá-la. Vocês podem ficar, se não se importarem de me ver andando por ali um pouco.

Cam virou-se para a mãe.

— Nós viemos aqui pela lagosta. Não podemos sair levando a casa desse cara. Uma panela bateu no chão.

— Merda! — alguém gritou.

— Temos de sair daqui antes que o Smitty abra a mangueira em cima da

gente. Já vi ele fazer isso — avisou Asher. — Então, o que acham?

Alicia pôs a mão no ombro de Cam, apertando com força, dolorosamente, que era o sinal para Cam ficar calada.

— Obrigada. Isso seria maravilhoso.



— Vocês duas sabem que ele poderia ser um *serial killer* — disse Cam ao voltarem para o Cumulus.

— Não — disse Perry. — Ele é gatinho demais pra isso.

— Relaxe — disse Alicia a Cam. — Viemos para cá esperando milagres. Talvez este seja o primeiro.

— Este é o de número dezessete, pelas minhas contas — disse Perry ao anotar no caderno *Carinha bonito oferece casa de graça pra nós*.

— Que isso! — disse Cam, revirando os olhos. Oferecerem uma casa abandonada não é considerado milagre no livro dela.

Asher dirigia um jipe, claro, e fez com que elas o seguissem morro acima para longe do mar e até o alto de um penhasco.

— Que diabos... — resmungou Cam quando Alicia estacionou. Uma casa muito branca, muito quadrada estava empilhada em camadas quadradas feito um bolo de noiva. A casa tinha um gramado inclinado e uma bela vista do mar. Tinha uma varanda cercada até o primeiro andar, venezianas pretas e uma porta da frente preta com aldrava de latão em formato de libélula. Uma placa pregada na caixa de correio dizia AVALON BY THE SEA.

Todas fitaram a casa boquiabertas.

— Você está brincando, não é? — perguntou Cam. A casa era ainda maior que a de Lily.

— Sintam-se em casa — falou Asher da janela do jipe. — Voltarei mais tarde para ver como vocês estão. — Então ele dirigiu até uma cabana menor morro abaixo.

Cam também estava eufórica e agitada enquanto saíam do carro, dando risadinhas, e tiravam os sapatos para sentir a grama fria sob seus pés. Alicia ligou o rádio e deixou as portas do Cumulus abertas para poderem ouvir a

música e dançar a hula sagrada da deusa do vulcão ao som de *Please Don't Leave Me*, da Pink. Perry também tentou.

— Melhor, Perry! — exclamou Alicia enquanto girava com os próprios passos. — O braço direito primeiro, Cam.

Claro que Cam sabia disso. Foi a primeira dança que ela aprendeu, aos três anos, mas estava tentando esconder as marcas roxas. Quando girou o pulso e os dedos na postura certa, na direção do pôr do sol eterno, porém, percebeu que as duas maiores tinham desaparecido. Não tinha vestígio delas — nem marca nem cicatriz, nem a borda desbotada de um círculo. Apenas a pele morena, macia e firme do antebraço. *Deve ser a maresia*, concluiu, porque, subitamente, conseguiu respirar com um pouco mais de facilidade também, e o curto chiado ao soltar o ar se tornou cada vez menos distinto.

A canção terminou e Cam se sentiu cansada. Ela queria colocar a lagosta na banheira, por isso subiu os degraus da varanda com a caixa debaixo do braço enquanto Alicia e Perry ficavam dançando. Cam ouviu as ondas baterem ao longe e pensou em possíveis nomes para o novo bichinho. Pinchy, Red, Scuttle... Ela estava quase limpando os pés no tapete da entrada quando baixou os olhos.

Aproximou-se, sentou na entrada da casa e soltou um gritinho.

— Mãe! Mãe! Perry! Venham aqui rápido! — gritou ela.

Elas devem ter achado que Cam ia ter uma convulsão, pois correram até a frente da varanda.

— Você está bem? — perguntou Alicia. Ela pôs as mãos nos joelhos e tentou recuperar o fôlego. — Qual é o problema?

Cam apontou para o chão.

Era Piu-piu.

Ele estava parado bem ali, piscando os olhos, inocente, para Cam, no tapete de borracha preta na entrada de Avalon by the Sea.



ONZE

— Ei, Piu-piu, você sabe dizer “amigo interesseiro”? — perguntou Cam.

A mãe estava sentada ao lado da bancada da cozinha cortando pedacinhos de mamão e dando para Piu-piu. Alicia e Perry estavam convencidas de que sua presença ali era um sinal miraculoso de que elas tinham vindo ao lugar certo. Na última semana, encheram Piu-piu de atenção e Cam estava enjoada disso. Elas mal sabiam que ele existia quando viviam na Flórida. Nunca nem chamaram o nome dele. Sempre foi “aquele pássaro”.

Cam remexeu nas coisas da despensa, procurando algo para comer. Elas estavam cada vez mais à vontade na casa. No início, andavam na ponta dos pés, fazendo questão de encobrir seus rastros, tentando não deixar evidência alguma de sua estadia. Elas ficavam em apenas dois ou três quartos, porque não tinham se acostumado a muito mais espaço. Mas, aos poucos, Asher, que parecia encontrar todo dia uma desculpa para consertar alguma coisa, tranquilizava-as dizendo que ninguém ia voltar. Um dia, elas começaram a relaxar, se espalhar, deixar um ou dois pratos na pia.

Ela pegou a manteiga de amendoim e uma colher e começou a comer.

— E você tinha de transformar a gaiola dele num bordel? — murmurou Cam antes de lavar a colher com um pouco de leite. Alicia tinha comprado para ele uma nova gaiola *deluxe* da loja de animais da cidade. Tinha listras de zebra em preto e branco e um minúsculo sofá lilás, com um tapete felpudo laranja do tamanho de um forro de calcinha. — A velha estava ótima. — A gaiola ficava na ponta da bancada no centro da cozinha. As cores fortes da decoração de Piu-piu contrastavam com o tom apagado de mostarda da cozinha.

Alicia esticava outro pedaço de mamão para Piu-piu.

— Em todos os vinte e dois anos que morei em Nova Jersey nunca vi um mamão — disse ela. — A barraca de fruta na cidade é um milagre. Você saberia se saísse de casa.

— Encontrar um *mamão* na barraca de *fruta* não é um milagre — disse Cam tentando abrir um armário que parecia colado com tinta. *Eles deviam ter deixado*

a madeira ao natural, pensou. Finalmente o armário descolou com uma pancada e se abriu com um baque que vibrou vazio.

A casa era bastante bonita por dentro, mas precisava de um toque feminino. Nenhuma mulher toleraria os armários com aquela pintura, lampiões feitos de âncoras nem o cheiro de mofo da lã úmida, a colcha de cama xadrez, os mapas antigos e cartas astronômicas pendurados na parede ao lado do peixe morto envernizado e dos troféus de chifres de veado.

— É um milagre no Maine, não é, Piu-piu? — disse a mãe dela, aproximando-se da gaiola para dar um beijo no pássaro.

— Me dá isso. Você está proibida de dar mais comida a ele — disse Cam. — Não quero você o confundindo com essa sua adoração falsa.

— Ele é um milagre, Campbell.

Piu-piu encontrá-las no Maine não era um milagre. Bichos de estimação costumavam encontrar o caminho de casa. Era um instinto. O instinto de casa. Será que ninguém tinha ouvido falar nesse instinto? Cam estava impressionada que Piu-piu *tivesse* um instinto de casa, mas não estava eufórica o suficiente para chamar isso de milagre. Mesmo que Piu-piu não tivesse voado para a casa *delas*. Mesmo que ele soubesse exatamente onde encontrá-la. Ainda era um instinto. Uma resposta migratória.

Cam estendeu um pedaço de mamão para Piu-piu, e ele virou a cabeça, ignorando-a.

— Você também não, Piu-piu. Caramba.

Ela deixou o pássaro no andar de baixo com seu novo amigo e subiu a escada em espiral de volta para o quarto.

— Campbell, por que você não fica com a gente? — perguntou a mãe. — O que você está fazendo aí sozinha o tempo todo?

— Eu me sinto bem sozinha — respondeu Cam enquanto ela girava nos degraus com o vidro de manteiga de amendoim e um imenso talo de aipo, de uns sessenta centímetros, da barraca de frutas “milagrosa”.



Ao contrário da maioria das sacadas, que eram apenas corrimões no telhado, esta tinha uma sala de vidro, uma cúpula, na qual a viúva do proprietário poderia

ficar sentada horas e chorar pelo marido sem ser perturbada pelos elementos.

Cam a tinha transformado em seu quarto. Ela adorava aqui em cima, suspensa entre as nuvens e o mar, entre a vida e a morte, afastada de qualquer coisa próxima à realidade.

Havia apenas espaço suficiente para um colchão, uma cadeira pequena de madeira na qual ela deixava o laptop e a bolsa na qual guardava suas coisas porque não havia armário. A bolsa era uma verdadeira mala, não era dessas bolsas de náilon e plástico molengas de hoje, que as pessoas tinham dificuldade de distinguir na esteira das bagagens. Era uma verdadeira bolsa de crocodilo dos anos 1940 que ela herdara da avó. Ainda tinha adesivos da época em que os bisavós pegaram um transatlântico “para o outro lado do oceano”. Um adesivo laranja desbotado dizia: LISBOA. Num adesivo verde redondo lia-se: BARCELONA.

Ela remexia na mala, procurando alguma coisa que a mantivesse aquecida. Roupas para se aquecer era um conceito tão estranho para ela. Agora entendia por que as pessoas aceitavam usar aquelas peças utilitárias e sem forma da Patagônia. O que ela não daria agora por um casaco de lã. Ela meio que sonhava com uma blusa de gola alta. Ou um colete acolchoado. Ela vestia o que tinha: um cachecol preto, um cardigã cinza rasgado e a fina jaqueta de motociclista de couro falso, um por cima do outro. Então estendia a mão para a pochete de seda amarela da mala com as “roupas íntimas”. Em vez do par de meias de lã que ela esperava, tirou a folha de bordo mágica de Nova Jersey e, em seguida, a Lista do Flamingo.

O papel estava amassado e mole depois de ter sido esmagado e esticado de novo algumas vezes desde a briga com Lily na Carolina do Norte. Cam quase o havia jogado fora, mas alguma coisa a deteve.

Perder a virgindade numa festa com biritá, leu no alto, e ficou se perguntando o que realmente queria dizer com isso. Ela tinha uma imagem ruim de algum bobalhão esquisito trancando às escondidas a porta do quarto dos pais enquanto a música retumba na sala de estar lotada. Mas não era isso que queria dizer.

Quando escreveu, imaginara um encontro consensual, divertido, debaixo de uma pilha de casacos, com algum amigo como Jackson, que não poderia ser levado muito a sério e, ainda assim, não a ignoraria totalmente quando tivessem terminado. Seria uma coisa sobre a qual eles poderiam trocar piscadelas na aula de matemática.

Isso a assustava um pouco, mas ela respeitava a ideia de superar e seguir adiante. As pessoas não se casavam aos dezessete anos e não esperavam até os trinta para transar. Por isso tinha sentido fazer rápido, feito retirar um band-aid. Você poderia puxar e acabar com aquela história de uma vez, em vez de ficar pegando e puxando anos a fio, se perguntando “onde”, “quando” e “com quem”.

Ela baixou os olhos para a lista e parou em *Me meter numa saia justa com o namorado da minha melhor amiga*. Quando escreveu, tinha imaginado que fosse dar em cima dele. Um único beijo. Não aquela saia justa com Ryan no piquenique. *Mas, com certeza, isso conta*, pensou. Riscou orgulhosa como se fosse uma verdadeira realização.

Havia outro item com o qual podia lidar facilmente: *Bancar a stalker inocente*. Era conveniente que alguém tivesse deixado um telescópio na varanda.

Cam abriu o vidro das portas duplas da cúpula e saiu. Ela ouvia os sons do Maine que, para sua decepção e ao contrário de um idílio, incluía os risinhos estridentes da irmã e as amigas pré-adolescentes de biquíni que Perry tinha feito em sua breve semana em Promise. As garotas brincavam na praia pública a cerca de quatrocentos metros da casa, e ainda assim Cam podia ouvi-las acima do barulho das ondas, do vento, do caminhão que descia a Rua Principal. Ela podia ouvi-las acima de todas as outras coisas. E observava, pelo telescópio, quando elas subiram as pedras com dificuldade, como um enxame colorido de insetos, brincando de algum jogo que incluía roubar e esconder os binóculos do salva-vidas bonito.

Não surpreendia que Perry precisasse de apenas dois dias para se infiltrar no submundo pré-adolescente, cor-de-rosa e reluzente de Promise. Uma vez lá dentro, ela rapidamente foi até o topo de suas posições, organizando um pequeno exército de meninas risonhas que calçavam Uggs para seguir suas ordens e fazer as coisas acontecerem em Perryville. Em apenas uma semana, Avalon by the Sea tinha abrigado duas festas do pijama no porão, nas quais o pobre Piu-piu fora submetido ao karaokê desafinado e estridente das garotas durante toda a noite.

Cam girou o telescópio para alcançar os vultos no gramado da frente de Avalon by the Sea. A aula de hula para iniciantes de Alicia estava cheia, com dez aposentadas gordinhas com pelos faciais, paradas na porta da frente e vestindo muumuus. Cada uma trazia um pão de alguma coisa enrolado em papel-alumínio para comer junto com o chá, depois da aula. A mãe de Cam pedira que ela ajudasse nas aulas, mas Cam tinha dançado por tanto tempo que não saberia

como dividir aquilo em partes.

Ela ajustou o foco do telescópio na aluna mais animada, uma mulher de cabelo escuro, que apertava os olhos ao sorrir. Ela deu uma grande gargalhada, que Cam pôde ouvir no alto da casa. *Faz muito tempo que não faço isso*, pensou Cam. *Dar risadas*.

Quando a última das dançarinas de hula estava na casa, Cam estava prestes a largar o telescópio. Ela sabia que iria. Que iria tentar. Olhou para cima por um instante e começou a se forçar a voltar para o quarto. Mas ela tinha mais uma coisa para fazer. Deu meia-volta, inclinou a cabeça para a lente e examinou a frente das lojas de tijolos da cidade, procurando por Asher.

Ela o encontrou sentado num banco de madeira em frente ao viveiro de lagostas, descansando após o turno e bebendo um milk-shake de baunilha. Ele havia posto debaixo do banco a bola de futebol que sempre levava com ele e estava lendo alguma coisa. Cam não conseguia ler o título do livro. *Atleta e inteligente*, pensou.

— Uma pessoa pode ser perfeita demais, sabe? — disse em voz alta.

Em segredo, ela adorava o modo como as panturrilhas dele, cobertas com pelos louros, enrolados e macios, terminavam nas botas eternamente desamarradas. Ela moveu o telescópio para olhar seu rosto. Ele tinha um pequeno sinal ao lado do olho esquerdo e uma marca de catapora no meio da testa. Era a sua imperfeição.

Talvez ela o encontrasse um dia numa festa com birita, brincou consigo mesma. Ele parecia doce o suficiente para ajudá-la a cuidar do item número um da Lista.

— Oh-oh — disse Cam. — Recém-chegada... — Uma garota com pernas compridas e loura como uma boneca Barbie, de shortinho, sentou perto de Asher no banco e jogou o cabelo reluzente. Ela dava risadinhas e afagava a mão dele com o dedo. Ria enquanto segurava o ombro dele. Deu uma gargalhada e segurou o joelho de Asher.

Jogando o cabelo. Tocando excessivamente. Esses são os dois sinais da revista *Cosmo* de que Ela Está a Fim de Você e, ainda assim, Asher, aparentemente um garoto saudável de dezoito anos, não estava nem aí. Ele não foi rude ou coisa parecida. Apenas ficou sentado ali e respondeu educadamente às perguntas dela até que a garota levantou e empertigou-se, sem perceber que o banco

empoeirado deixara uma imensa mancha acinzentada na parte de trás do short.

Asher voltou para o livro, e agora Cam podia ver que era *Retrato do artista quando jovem*. Ele tomou o último gole do milk-shake, tirou o canudinho da boca por um segundo, apertou os olhos, forçando a vista, e então pareceu olhar diretamente para o telescópio de Cam. Ele piscou. Depois acenou.

Cam bateu no terraço.

Uma lasca de meio centímetro se alojou bem na parte gordinha do dedo mindinho, mas ela estava mortificada demais para sentir alguma coisa. Será que ele realmente a vira?

Se a mãe achava que ela estava se isolando antes, ainda não vira nada. Cam nunca mais sairia do quarto.



DOZE

Homer precisava de água do mar fresca.

A lagosta de estimação de Cam vivia sozinha no porão da casa, onde Cam encontrou um tanque de 75 litros construído na parede de tijolos. Ela encheu o fundo com areia e pedras, espalhou algumas algas e corais falsos e então acrescentou um enorme abacaxi de cabeça para baixo, igual ao do Bob Esponja, para Homer se esconder.

Ela batia no vidro e Homer subia até a lateral do tanque para cumprimentá-la. Em seguida, nadava, dando grandes voltas em forma de oito que pareciam mais com patinação que com coisa de lagosta. *Ele está feliz*, pensou Cam. Ou então estava tentando sair dali, não dava para saber direito.

Cam pesquisara sobre as lagostas e descobrira que o nome de seu gênero e espécie era *Homerus americanus*. Outra curiosidade sobre as lagostas é que antigamente diziam que eram canibais, assim como os samoanos. Foram acusadas falsamente porque alguém encontrou conchas de lagosta no estômago de algumas lagostas mortas. Mas, na verdade, elas não comiam umas às outras. Apenas comiam a própria concha para que tivessem cálcio suficiente para as novas crescerem. Não era canibalismo, eram um gênio da nutrição. Elas eram criaturas incompreendidas e, imediatamente, Cam se identificou com Homer.

Ela pegou o grande balde amarelo de água salgada com uma das mãos e então puxou a maçaneta da porta de vidro de correr do porão com a outra. Ela não cedeu. Puxou de novo sem erguer os olhos e então deu um gritinho. A porta se abriu de repente alguns centímetros e quase a jogou no chão. Asher estava parado do outro lado do vidro com a mão na maçaneta.

— Desculpe — falou. — Não queria te assustar.

Ele a ajudou a abrir a porta pesada até o fim enquanto ela arranhava na ferrugem e nos seixos do trilho.

— Tenho de pôr uma graxa aí — disse ele, passando a mão pelo cabelo ondulado. Sua pele tinha um tom de caramelo e os olhos eram castanhos com fios dourados. O nariz tinha o formato de um triângulo arredondado daqueles

narizes de plástico que pendiam de óculos quando se entra na loja de fantasias. Mas era menor e em perfeita proporção com o restante do rosto.

— Como você faz isso? — perguntou Cam.

— Com um pouco de óleo lubrificante. Não é nada de mais.

— Não. Estava falando de aparecer nos momentos de necessidade feito um cavaleiro corajoso para uma donzela em apuros.

Asher deu de ombros e enfiou as mãos nos bolsos da calça jeans, deixando entrever um pedaço da barriga bronzeada e perfeitamente lisa entre a camiseta curta demais e o cós da cueca. Cam se deu conta de que queria passar o dedo por aquele pedaço, o que não tinha nada a ver com ela. Era uma realista e não se deixava levar por fantasias. Asher nunca ia querer nada com ela. Afinal, era o craque de futebol na cidade. No *drive-in*, as placas parabenizavam a vitória do colégio no campeonato estadual de futebol. Cam não conseguia deixar de pensar como era ridículo. Um país inteiro glorificando um joguinho de garotos. As garotas nunca tinham chance de ser celebradas assim. Transformadas em semideusas. Primeiro, eles faziam as meninas irem à igreja para aprender a idolatrar um deus masculino, depois transformavam meros garotos em minideuses para que as garotas os idolatrassem aqui na Terra. Uma noite ela jurou que sairia no Cumulus e mudaria todas as placas para: PARABÉNS, LADY LOBSTERS FIELD HOCKEY: TERCEIRO LUGAR!

— Você precisa de ajuda com isso? — perguntou Asher, apontando para o balde.

— O quê? Hum, não. Não, eu posso me virar — respondeu, desviando finalmente os olhos da barriga de Asher. E corou.

Asher voltou para a estrebria, e Cam cruzou o gramado até a trilha de pedras íngremes para a praia privada da casa. A praia tinha tantas pedras que não dava para andar descalça. Cam andava com dificuldade com o All-Star preto e entrou na água ainda calçada. A água estava tão fria que ela jurava que tinha de ser o oceano Ártico. Na verdade, podia sentir os vasos sanguíneos nas pernas começarem a se contrair e latejar feito um grande hematoma. Ela não sabia como Perry e todas as novas amigas conseguiam ficar correndo por aí durante todo o dia. Ela se agachou por um minuto em uma pedra e observou as ondas engolirem as rochas e então cuspirem de volta na praia.

O novo corpo magro, como se tivesse sido torturado pela doença, era tão

acessível a ela algumas vezes. Cam podia ficar agachada ali durante horas, com os joelhos dobrados ao lado dela como se fosse um daqueles minúsculos sapos venenosos que elas tinham visto no National Aquarium em Baltimore, a caminho do litoral. Ela nunca poderia ter feito isso quando era “pesada”.

Baixou os olhos para a pequena piscina formada pelas ondas e viu uma estrela-do-mar presa em uma pedra. Ela tinha uma janela para um mundo inteiro. A estrela-do-mar, a alga, que ia para a frente e para trás, uma lesma, alguns vermes marinhos, plâncton, grãos de areia, moléculas de grãos de areia, os átomos nas moléculas de grãos de areia, prótons, nêutrons e elétrons girando.

O infinito a fascinava. Como sistemas e universos continuavam a diminuir infinitamente em uma direção e a crescer infinitamente em outra. Como a forma de um átomo imitava de modo tão preciso a forma do sistema solar. O fato de não haver um fim para nada, a não ser para a vida dela, imaginou. Ela ia terminar logo, mas todo o restante continuaria a girar sem ela. Pensar nisso lhe causava vertigem, e ela ficou de pé para não cair.

— É uma loucura como nada para, não é? — Asher estava de pé, a uns três metros dela, onde o penhasco batia perpendicularmente na praia. Não havia nada gradual na topografia do lugar. Nada de morros inclinados nem dunas moldadas. Uma coisa simplesmente caía sobre a outra formando ângulos íngremes.

— Você poderia parar de ficar me bisbilhotando? Essa é uma coisa que pode parar agora mesmo.

— Shhh. Olha! — Asher apontou para o meio das ondas com cristas brancas.

— Você acabou de me mandar calar a boca?

— Olhe! — insistiu ele, erguendo o braço esculpido, bronzeado e com veias perfeitas. Os olhos de Cam avistaram um pedaço de plástico amarelo ao redor do pulso dele. Será que ele estava usando uma pulseira de borracha da Livestrong? Estava. *Por favor, não me diga que tem Jesus escrito nela*, pensou Cam.

Ela olhou para o mar. E foi então que viu. Na verdade, primeiro ouviu. Um silêncio significativo. E então *whoosh*. A mãe baleia orca e o filhote pularam três metros acima da baía naquele exato momento.

— Santa Shamu, Batman — disse Cam. O restante da baía mantinha a cara de baía de todo dia. Um barco de lagostas navegava devagar de volta ao píer. Alguns barquinhos continuaram atracados às balizas, que balançavam de um

lado para o outro. Uma gaivota estava imóvel sobre o ninho em cima de pilhas de madeira. E o sol começava sua eterna descida atrás do farol. Ninguém parecia notar que as duas baleias tinham acabado de fazer um truque de circo que as pessoas pagariam muito dinheiro para ver em Orlando.

— Fica olhando. Elas vão fazer de novo.

— Como você sabe?

— Elas fazem isso toda noite, ao pôr do sol. Animais são criaturas que têm hábitos.

E, com toda certeza, as baleias deram voltas e pularam de novo no ar, pretas e reluzentes, como um par de sapatos de couro de tamanhos diferentes.

— Incrível.

— O sol nasce e se põe neste lugar — disse Asher enquanto atirava uma pedra lisa cinzenta e fazia quicar sete vezes na água.

— Bem, fico feliz que você não tenha achado tudo normal. Você pode *ser dono* de um pedaço de oceano, o que é bastante ofensivo — disse Cam, embora Asher pudesse ser qualquer coisa, menos ofensivo. Ele era dono da praia. As garotas se jogavam aos pés dele. E ainda assim ele parecia tão pensativo e solitário.

— Não. Quero dizer que o sol literalmente nasce e se põe no mesmo lugar — explicou Asher. — Atrás da Luz de Archibald. Do farol. Você não percebeu?

— É impossível — retrucou Cam automaticamente, mas então pensou bem e percebeu que parecia verdade. Dava para observar o sol nascer e se pôr da mesma janela na sacada.

— Provavelmente isso é causado pela poluição — argumentou ela. — Minha avó diz que o pôr do sol na autoestrada de Nova Jersey é causado pelos gases que sobem dos lixões. Talvez isso aconteça aqui também. Parece que o sol se põe, mas é só um pouco de metano extra vindo de todas aquelas vacas em Vermont.

— Isso é muito metano — disse Asher enquanto fazia outra pedra quicar. *Por que garotos sempre jogam coisas?*, perguntou-se Cam.

— As vacas comem muita grama. E estão fazendo um buraco na camada de ozônio.

— Então você está dizendo que nosso pôr do sol é um grande peido de vaca?

— Estou.

— É uma afirmação e tanto. — Asher deu um risinho.

— Tem explicação para tudo — disse Cam.

— Está bem — respondeu Asher. Mas, pelo tom, Cam podia ver que ele não concordava.

— Já passa da minha hora de dormir — falou e andou de volta para casa com o grande balde derramando atrás dela. Cam sentia-se cansada e com frio, e mal podia esperar para se aconchegar na sacada e assistir aos filmes que subornara Perry para pegar na biblioteca da cidade. Talvez um dia ela levasse Asher numa expedição e lhe mostrasse onde o sol realmente se põe. Nos bosques, atrás da casa. Um lugar chamado *oeste*.



Em seu poleiro de vidro, os tons de rosa e lilás do pôr do sol começaram a baixar e sangrar ao redor dela feito aquarelas num céu de papel. Cam vestiu cada uma das coisas de manga comprida que tinha, uma por cima da outra, e calçou dois pares de meia. Ela pegou *Comportamento suspeito*, um clássico de Katie Holmes sobre um grupo inacreditavelmente perfeito de amigos que, no fim das contas, eram zumbis-alienígenas-monstros, e esperou que a calma familiar ao assistir a um filme a dominasse quando os créditos iniciais começaram.

— Cam!

Ela podia ouvir os pés grandes de Perry pisando inadvertidamente nos degraus. Pobre bastardinha. Literalmente.

Na verdade, Cam tinha orgulho do modo como Perry lidava com o fato de ser bastarda. Ela aceitava com tranquilidade, sem nunca questionar a própria autoestima. Parecia saber que não era sua culpa o fato de os pais serem tolos impulsivos. Cam se perguntava, porém, se chegaria o dia em que Perry ia partir em busca do pai branco no interior da Noruega. (Era assim que Perry chamava quando tinha três anos e lhe contaram que ela era norueguesa.) Cam imaginou Perry, aos vinte anos, caminhando com dificuldade em meio à tundra com os sapatos de neve e a mochila, batendo nas portas dos aldeões noruegueses. Pena que Cam não estaria por perto para ver isso.

As bochechas rosadas de Perry apareceram acima do piso da cúpula onde a escada terminava. O frio do Maine fazia bem ao sangue ártico dela.

— Cam! — Perry estava agitada.

— O quê?! — Cam fingiu uma agitação irônica em resposta.

— Tem uma festa!

— E daí? — perguntou Cam.

— Daí que você tem de ir — disse Perry.

— Por quê?

— Você tem de conhecer as pessoas. É uma festa de solstício de verão. Na ilha do farol. Você tem de pegar uma tirolesa para chegar lá. Todo mundo vai. E vai ter uma fogueira e todo o resto. Você gosta de fogueiras.

— Quem é todo mundo?

— Todo mundo. Asher vai estar lá.

— E daí?

— Agh. Campbell, por favor. — Perry subiu as escadas até o fim e se sentou na cama de Cam.

— Por que você se importa tanto com a minha ida à festa? — Cam segurou uma das marias-chiquinhas sedosas de Perry e enrolou-a no dedo.

— Porque eu quero ir e não posso, e se eu não posso, você deveria ir. Estou cansada de ver você se arrastando por aqui. É deprimente. Este lugar é realmente incrível. Você deveria começar a explorar. Conseguimos chegar até aqui.

— Quando é a festa? — perguntou Cam, divertindo-se com ela.

— Hoje à noite.

— Não dá. Desculpe. Tenho um encontro hoje à noite com a Katie Holmes e seu *Comportamento suspeito*.

— Campbell, você é tão sem graça. Será que um dia vai sair de casa?

— Não.

— Ridícula. — Cam ouviu quando Perry saiu, batendo os pés nos degraus, enquanto pegava o telefone celular e reclamava com alguma Hannah Montana

do outro lado da linha.

Ótimo. Ela era ridícula. Cam concordara em vir para o Maine, mas não tinha concordado com a ida a festas. Ela se sentia segura e confortável na solidão. Talvez isso fosse uma etapa da morte.

Quando o filme terminou, Cam conseguiu ouvir as vozes ecoando além da baía, portanto, sabia que a festa ia começar. Será que ela ia mesmo ficar sentada aqui, escutando, durante toda a noite? Ficou imaginando se estava representando algum tipo de personagem passivo-agressivo apenas para chamar a atenção das pessoas. Ela sabia que não, mas iria, apenas para provar a si mesma.

Às onze da noite Cam esgueirou-se pela escada. Não queria dar a Perry a satisfação de saber que ela iria, por isso caminhou na ponta dos pés na sala de estar. Ao passar pela gaiola de Piu-piu, ele começou a mexer-se e piar, pondo em risco o disfarce dela. Ele ainda estava com raiva dela por não lhe dar crédito pelo milagre.

— Shh. Piu-piu. Piu-piu — sussurrou Cam. — Fique quieto — falou, espiando por baixo da cobertura de lona da gaiola. — Você, mais que qualquer um, deveria saber como é que isso funciona, Piu-piu. Estou muito orgulhosa de você, está bem? Mas não posso acreditar em milagres.

— Piu? — perguntou Piu-piu.

— Porque... só porque, está bem?

Porque ela não estava preparada para o inevitável. O tipo de coisa muito real que estava acontecendo com ela. Não havia razão para ter esperanças.



TREZE

O céu inteiro tornou-se arroxeadado e as estrelas piscaram, primeiro devagar e, depois, todas de uma vez, cobrindo o céu com pó de fada.

Cam deu a volta na baía em forma de *U* até chegar ao estacionamento na península. Reconheceu o carro de Asher parado ali e seguiu o som das vozes através do parquinho fantasmagórico, parando na beirada do penhasco de três andares. Abaixo dela, um canal de seis metros de largura de ondas batia furiosamente contra as pedras nas duas margens. A corrente parecia aborrecida e aprisionada, sem saber em que direção sair. Do outro lado do canal estava o farol, como uma imensa vela de bolo de aniversário descuidadamente enfiada no gigantesco bolo da ilha.

— Campbell! Por aqui! Que bom que você veio! — gritou Asher, colocando as mãos em volta da boca para que ela o ouvisse apesar das ondas. Ele acenou para ela da ilha mais abaixo, onde ele estava ajudando com a descida da tirolesa.

— É. Obrigada pelo convite — disse Cam, irônica, mas sabendo que ele não a ouviria.

De pé ao lado dela na tirolesa estava um cara de peito largo e cabelo castanho enrolado. Ele vestia uma camisa de marca laranja e suéter cinza com buracos nos punhos e nos cotovelos. Essas pessoas pareciam ter saído de um catálogo da Land's End. Ela apostava que tinham nomes de cores de catálogo também, como Logan, Sage, Persimmon ou Russet.

— Qual é o seu nome? — perguntou ao garoto.

— Royal — respondeu ele.

Viu?, pensou Cam.

Royal entregou-lhe um guidão enferrujado, de cabeça para baixo, com fios cor-de-rosa saindo das extremidades. O guidão estava preso a uma roldana, que era amarrada com algum tipo de corda de náilon apertada. A corda estava presa em uma das extremidades a um tronco de árvore em terra firme e, na outra, a um poste na ilha mais abaixo.

Perto da tirolesa, via-se um carrinho que o guarda do farol usava. Ele também pendia de uma roldana, mas no carrinho você podia se empurrar devagar, usando apenas as mãos, ao longo do fio espesso.

— Por que não posso usar aquilo? — gritou Cam para Asher.

— Você não pode tocar nele — respondeu o garoto.

— A gente nem devia estar aqui, não é?

— Assim é mais engraçado. Anda. Tenta — persuadiu ele.

— Você meio que fica inclinada e então levanta os pés — disse Royal, tentando ajudar.

Com a mão direita, Royal segurava outra corda mais fina, presa ao guidão, para que pudesse puxá-lo de volta à plataforma para a próxima pessoa.

Cam se preparou.

— Espera aí. Segurança em primeiro lugar — disse Royal, e lhe entregou um colete salva-vidas na cor laranja.

— Para que serve isso?

— Para o caso de cair.

— Se eu cair, não vou estar morta?

— Não necessariamente. Tome.

— Por que está molhado? — perguntou Cam. — Alguém já caiu?

— Você vai ficar bem. Sério — disse Royal.

Cam estava começando a suar, apesar de ter de vestir o colete salva-vidas gelado. Era muito estranho como o corpo dela ainda fazia os mesmos movimentos de quem sentia medo quando, na verdade, por que deveria? Se ela ia morrer em breve, mesmo, não faria diferença pular de um penhasco ou ficar deitada em alguma horrível cama de hospital.

E lá vamos nós, pensou Cam, reclinando-se e erguendo os pés.

O vento se apressava e soprava em seus ouvidos, e ela não conseguia ouvir mais nada. Era mais como cair que voar. Ela se sentia completamente fora de controle. Todo seu corpo estava rígido de medo, de um jeito bom. Asher pegou-a na outra ponta e suas mãos grandes envolveram os dois lados do colete salva-

vidas.

A mão dela deslizou e cobriu a dele. Ela sentiu os nós dos dedos como os de um galho de árvore, cobertos com a mesma penugem que tinha nas pernas. Ele era forte e delicado e, por um milissegundo, Cam se sentiu segura. Um sentimento que ela não tinha havia muito.

— Viu o que eu quis dizer sobre a história da donzela em apuros? — perguntou Cam. — Acho que é um problema pra você. Você é, tipo, um viciado em ajudar — completou, recuperando o fôlego enquanto ele a erguia até a praia e fazia questão de ver se estava equilibrada.

— Você adorou, não foi?

— Foi legalzinho — disse Cam. Ela não queria parecer animada demais.

De repente, perguntou:

— Ei, como é que nós vamos voltar? — Obviamente, a tirolesa seguia num sentido apenas.

— Às vezes usamos o carrinho. Ou os caiaques — disse Asher.

Caiaques, pensou Cam. As poucas festas a que ela foi, na Flórida, não passavam de ficar na beira da piscina, de biquíni, enquanto os garotos faziam algum jogo ridículo com bebida e andavam por aí esperando que alguém pagasse peitinho. Esses garotos do Maine eram ambiciosos.

— A festa fica por ali — disse Asher. — Basta seguir o som das batidas.

Normalmente ir até uma festa sozinha teria feito Cam surtar, mas ela estava se sentindo bem por causa da viagem na tirolesa. Subiu algumas rochas imensas e olhou para a praia onde os garotos, na maior parte, sentavam-se em um círculo tocando diferentes instrumentos de percussão, e as garotas, na maior parte, dançavam descalças traçando círculos na areia. No centro, via-se uma fogueira. Para Cam, não era bem uma fogueira, mas era fogo. Acima deles, à esquerda, erguia-se o farol pintado com listras largas vermelhas e brancas.

Ela olhou ao redor, procurando pela biritá, mas não parecia haver nenhuma. Todos deviam ter chegado a um estado alterado com a percussão e a dança, porque ela não viu ninguém bebendo. Cam se recordou da época em que a mãe leu algum post absurdo em um blog de pais que advertia que as garotas estavam bebendo escondidas, mergulhando os tampões em vodca.

— Campbell, você faz esse tipo de coisa? — perguntara ela.

— Sim, mãe, eu costumo ficar *tampada* com vodca — dissera Cam, orgulhosa por ter descoberto a etimologia de *tampão*.

Ela não tivera energia para dizer à mãe que a imaginação dos pais era muito pior que qualquer coisa que os adolescentes pudessem sonhar por eles mesmos. Ninguém que ela conhecia era estranho o bastante para encharcar o tampão de vodca. A menos que fosse essa a razão de as garotas estarem girando.

Cam encontrou um caminho entre as rochas e desceu, pulando até a praia. Estava mais quente perto do fogo. Ela se sentou em uma pedra e observou por um tempo. Deixou-se levar pelo ritmo dos tambores, fechou os olhos e balançou para a frente e para trás.

Depois de um minuto ela se assustou com os dedos finos e ásperos de alguém que descera até a mão dela, puxando-a da pedra.

— Você pode dançar — disse uma garota com um cabelo louro comprido que pendia em duas mechas sujas e onduladas sobre o peito. Ela usava um vestido comprido bege que estava sujo na bainha e encharcado de água do mar até os joelhos. Ao redor de um dos tornozelos, ela tinha uma tornozeleira de macramê que normalmente Cam não suportava. Mas essa garota parecia incorporar uma “filha da natureza” de dentro para fora, esguia e graciosa, como se seus pais fossem flores de verdade. — Dá para ver.

Cam não disse nada, mas se juntou à garota que dançava perto da fogueira.

— Qual é o seu nome? — perguntou Cam.

— O quê?

— *Como se llamas?*

— Ah. Sunny! — respondeu e sorriu de modo sonhador, como se o som do próprio nome a enchesse de felicidade. Ela voltou a dançar com os olhos fechados.

Cam deveria ter adivinhado por causa da pequena tatuagem de sol no tornozelo sem o macramê. “Sunny” era perfeito. E também podia ser uma das cores da Land’s End.

Cam entrou na música e deixou que ela a envolvesse como uma bolha. No interior da música não havia câncer. Nem sensação de desconforto. Nenhuma

dor. Nem abandono. Nem Lista do Flamingo. No interior da música, mesmo nesses ritmos primitivos, Cam sentia-se livre.

Sunny parecia aprovar a dança de Cam, abrindo de vez em quando os olhos para dar uma olhada nela e então assentindo com um pequeno gesto que dizia “Muito bem”.

Depois de algum tempo, ela foi surpreendida com a sensação familiar de queimação da doença. Ela não a sentira desde a chegada ao Maine. Era difícil de descrever, mas era como se cada uma das células comesse a queimar por causa da doença. Ela não sabia se a toxicidade que sentia era do câncer ou das substâncias químicas ou da radiação, usadas no tratamento, mas havia vezes em que ela simplesmente se sentia envenenada, verde, ácida. Muito diferente dessa garota pura, orgânica, girando ao lado dela.

Ela bateu no ombro de Sunny e perguntou:

— Tem água? — Então virou um copo imaginário na boca, caso Sunny não conseguisse ouvi-la.

— Por aqui — disse Sunny e levou Cam até um recipiente no outro lado da fogueira. O recipiente de água era grande e laranja, e ficava atrás de um muro de pedras. Cam olhou ao redor procurando copos, mas não viu nenhum.

— Ah. É assim — disse Sunny, e se agachou e abriu a mão debaixo da torneira, como se fosse um filhote de passarinho. — Reduza, reuse, recicle — disse ela. — Copos descartáveis não servem pra nada. — E limpou a boca com as costas da mão.

Cam encheu a boca também e engoliu o que tinha gosto de água de um córrego da montanha com um pouco de açúcar. Com um gole, ela se sentiu purificada e a sensação quente e tóxica parecia diminuir lentamente.

— Bom, não é? — perguntou Sunny. — É água benta. Roubamos da pia batismal na igreja católica. O gosto é melhor.

— Será que Deus não vai se aborrecer por terem roubado a água dele? — perguntou Cam.

— Não acho que eu sabia o que a Deusa pensa — disse Sunny. — Gosto de pensar que a Deusa queria que a gente pegasse.

A água benta fez Cam lembrar do batizado improvisado que Lily fizera para

ela no píer naquela noite. Ela queria não ter se lembrado de como jogou fora a única amizade que restara porque tinha de estar *certa* sobre Ryan. Se Cam finalmente aprendera uma lição antes de morrer era que ser *generosa* algumas vezes era mais importante que estar *certa*. Tudo que Cam tinha de dizer naquela noite era: “Fico feliz por você”. Quatro palavras simples.

— Uau. Samoa. No que você está pensando? Toda a sua aura passou de dourada para preta.

— Em nada — disse Cam. — E, por falar nisso, meu nome é Campbell. E como você sabe...

— Minha irmã caçula sai com a sua, por isso me disse de onde vocês são. É fantástico. Nunca conheci uma garota da ilha antes.

— *Aloha*. — Cam deu um risinho.

— Muito bem — disse Sunny. — Ora, Campbell, você deveria pensar em coisas boas, e coisas boas vão aparecer pra você.

Ela acompanhou Sunny de volta à dança. Royal e Asher já deviam ter terminado o trabalho com a tirolesa porque estavam escalando as pedras para finalmente se juntarem à festa. Cam cutucou Sunny com o cotovelo e apontou com a cabeça para Asher.

— Qual é a história dele? — perguntou.

— Do Asher? — Sunny sorriu. — Asher não tem uma história. Ashicus tem uma *mitologia*. E ele a assume totalmente. — Ela deu uma risadinha quando Royal pegou sua mão. Cam observou quando ele a puxou com delicadeza até a beira da água e eles caminharam ao longo da praia enquanto conversavam.

Asher pegou o tambor de um dos percussionistas que tinha dado meia-volta e estava tocando com um sorriso imenso no rosto. Cam continuava a dançar. Ela não se importava de dançar sozinha, desde que mantivesse os olhos fechados. Ela dançava, girando os pés descalços na areia, e tentou se esquecer de Asher. Talvez Lily tivesse razão. Talvez Cam devesse experimentar algumas coisas. Era tarde demais para encontrar o amor verdadeiro, mas não era tarde demais para o sexo.

E no exato momento em que Cam pensou na palavra *sexo*, um garoto que ela não podia ver deslizou o braço pela cintura dela e a língua pela orelha.



O garoto, Alec, com c e não com x, não tinha nome de cor de camiseta.

Cam tentou ficar na dela. Ergueu os braços e enlaçou com delicadeza o pescoço dele enquanto ele envolvia com os braços a cintura dela. Ela olhou nos olhos dele, que eram castanhos e caídos, e estavam meio fechados — muito franceses, assim como o nome dele; então ela inclinou a cabeça para baixo e encostou-se no peito dele. Ele era alto. E rijo. Como um jogador de tênis. Provavelmente era jogador de tênis. Mesmo na praia, ele usava os sapatos quentes de tênis. Ela deixou que ele a beijasse suavemente na testa antes de levá-la para longe das pedras até um local no qual alguém atracara um pequeno catamarã. As palmas de suas mãos estavam um pouco suadas. *Mais por causa da expectativa*, Cam pensou, *que do medo*. As mãos de Cam estavam geladas de temor.

— Ahh — disse ele com sotaque francês, engolindo guturalmente os sons finais de todas as palavras. — Uma cama. — No fim das contas, ele era mesmo francês.

No barco à vela, eles se sentaram no trampolim “cama”, que estava amarrado até o centro com um grande corpete. Imediatamente ele rolou para cima dela.

— Espera aí — disse Cam, empurrando-o para longe dela. — Será que a gente não devia se conhecer?

Ele apontou para si mesmo e disse:

— Alec.

Cam disse:

— Cam. — E ele rolou novamente para cima dela, beijando seu pescoço enquanto sua mão puxava a camiseta.

Cam ficou tão nervosa que não conseguia parar de falar.

— São baquetas que você tem aí no bolso ou você só está feliz em me ver? — perguntou ela. — Na França, “não” significa “não” ou “não” às vezes quer dizer *oui*? Porque no Maine eu acho que “não” quer dizer “não” mesmo. Embora aqui seja meio do contra, então, talvez não saibam que “não” significa “não”...

— Você está dizendo “não”? — perguntou Alec.

— Não — responde Cam.

— Shhh — disse Alec ao contornar os lábios dela com o dedo indicador e então beijá-la com firmeza na boca. No início, a língua dele era um pouco curiosa demais, e como era um pouco dentuço, os dentes ficavam batendo nos dela e a mordiam um pouco. Seus dedos deslizaram para o cós do jeans dela e tentaram se enfiar por baixo do elástico da calcinha.

— Sim! — disse Cam, tentando se sentar.

— É bom, não é? — perguntou Alec.

— Não. Quero dizer sim, estou dizendo não.

Ele olhou os olhos dela com confiança, como se pudesse decifrar seus pensamentos melhor do que o que ela podia e fosse ser o árbitro final da situação.

— Não. Você não está dizendo não — insistiu ele e beijou-a com mais suavidade ainda desta vez, enrolando a língua na dela. Ele tinha uma língua incrível, que compensava os dentes ruins. Beijou a orelha, o pescoço, a pele macia na parte interna do cotovelo, o centro da palma da mão. Cam relaxou o suficiente para aquilo parecer gostoso, e então não pareceu, e aí acabou.

Ele estava em cima dela quando ambos ouviram a voz de uma garota chamando “Alec!” no outro lado das pedras. Ele puxou a calça rapidamente enquanto Cam rolava para fora do catamarã e se escondia atrás de um dos flutuantes.

— Desculpe — murmurou ele. — Tenho de ir. — E, debaixo do barco, Cam observou os tênis brancos baixarem na areia na direção da voz da garota.



Era impossível fazer uma saída graciosa quando se está preso numa ilha. Cam tentou sair de fininho e usar o carrinho sozinha, mas Asher a seguiu.

— Cam. — Ela ouviu quando ele chamou.

Cam o ignorou e subiu para o carrinho antigo e enferrujado. Bateu a porta com uma pancada e puxou a corda, que guinchou alto, mas ela se moveu cerca de trinta centímetros no cabo. Algumas pessoas se reuniram, curiosas, e a observaram enquanto se movia sozinha ao longo do cabo. Finalmente, ela se cansou e tentou conter as lágrimas. Sentou-se no carrinho enquanto o vento o balançava para a frente e para trás com estalidos altos.

— Cam! — gritou Asher. — Campbell, olhe para baixo.

— Você não deveria me dizer para não olhar para baixo?

— Não. Olhe para baixo.

Cam ficou de pé devagar para não balançar a pequena gôndola. Quando olhou para o lado, percebeu que não restara nenhuma água entre a terra firme e a “ilha” do farol. O pequeno canal secara, deixando apenas uma praia de pedras.

— É a maré baixa, Cam. Você pode caminhar por ela.

Asher apertou um botão e o cabo em que ela estava pendurada começou a se mover sozinho como um teleférico, de volta para a ilha. Cam desceu e cruzou o canal a pé. Ela nem se lembrava de ter voltado para casa.



Depois de um longo banho de chuveiro, Cam se embrulhou no roupão da mãe e ficou sentada na cama na sacada. Ela pegou a Lista do Flamingo e suspendeu a caneta acima dela: *Perder a virgindade numa festa com biritá*. A presença real da biritá parecia irrelevante. Ticado. *Deixar um babaca partir meu coração*. Ticado.

Ela poderia ter morrido sem passar por isso. Mas a primeira vez seria horrível de qualquer forma, não é? Pena que a primeira vez dela seria a última.

Ela queria poder esquecer que essa noite tinha acontecido. Era o que uma pessoa saudável faria. Pessoas saudáveis são abençoadas com uma memória seletiva. Cam patologicamente se lembrava de *tudo*. Os detalhes ficavam presos na mente dela feito bolas de papel higiênico num quadro-negro. O que era bom, se você estivesse prestando vestibular, mas era horrível quando se estava tentando esquecer os dentes de Alec ou os garotos de catálogo olhando pra você na praia quando você se balançava no carrinho do farol.

Era horrível quando você tinha de se esquecer da aparência de seu pai no leito de morte, careca e encolhido até o tamanho de uma criança, quando sua morte finalmente, depois de semanas, resmungava até uma parada silenciosa. Quando tinha de esquecer que seus órgãos poderiam parar um por um ou você poderia se afogar na própria cama por causa da pneumonia. Talvez o coração dela parasse primeiro.



QUATORZE

— **A**corda. Acorda, Campbell. — A voz da mãe passou de um sussurro aborrecido para um grito alto enquanto ela puxava as cobertas de cima de Cam. — Não fazemos isso na nossa família, você está me ouvindo?!

Cam ainda estava na cama, tentando dormir e esquecer o fracasso da noite passada. As imagens surgiam na mente consciente como um tipo de caldo de lembranças ruins: o carrinho vertiginoso... os olhares incrédulos dos garotos de catálogo... os tendões rijos de Alec... os dedos dele desabotoando o jeans.

— Que horas são? — Cam passou o braço sobre o rosto para proteger os olhos da forte luz do sol que entrava pela sacada. Se ela olhasse para a janela sem se sentar parecia que estava flutuando no meio da baía. Tudo que podia ver era o azul. Tonalidades diferentes de azul e ondulante, dependendo de sua forma e função. Se ela ficasse aqui por muito mais tempo tinha certeza de que poderia criar mais de uma centena de palavras para o azul, assim como os esquimós tinham uma centena de palavras para neve.

— Você quer dizer que dia é hoje? Você dormiu durante todo o sábado.

— Uau. Maneiro.

— Campbell — disse Alicia, trincando os dentes —, você não tem tempo para ficar aqui em cima, lendo *A redoma de vidro* ou seja lá o que for — prosseguiu, enquanto chutava alguns objetos ao redor do quarto. — Outras garotas podem chafurdar na própria tristeza. Você. Você não pode se dar a esse luxo.

— Chafurdar não é parte da adolescência. Eu deveria passar por toda a gama de comportamentos adolescentes antes de morrer. Pensei que essa cidade deveria me salvar, de qualquer forma.

— Campbell — disse a mãe ao se sentar no colchão de Cam.

— O quê?

— Nunca conheci alguém que fosse salvo que, primeiro, não se salvasse — disse ela.

— Uau. Foi Jesus quem disse isso? Ficaria muito bom numa caneca. Ou numa almofada para agulhas. Você podia vender isso.

— Você vai sair desta casa hoje, está me ouvindo?

— Sim, senhora.

A mãe jogou o travesseiro nela antes de descer novamente a escada.

Cam só queria admitir para a mãe que ela *tinha* saído de casa, e que tinha bancado a “malvada” tola, como eles diziam por aqui, mas como admitir para a mãe que acabara de perder a virgindade para um estudante francês de intercâmbio rude num catamarã atracado?

Era melhor apenas sair de casa, decidiu Cam. Piu-piu era preguiçoso e parecia meio doente. Ela poderia levá-lo ao veterinário. Era uma coisa que podia fazer.

Depois que se vestiu, percebeu que a fotografia que tinha roubado da casa de Lily estava em equilíbrio precário no canto do parapeito. O sol brilhava atrás dela e ela parecia reluzir com uma radiação interna. Cam olhou para os rostos pálidos, para as cabeças carecas batendo e os sorrisos de dentes brancos. Estranho, mas, por causa de Lily, o St. Jude’s foi uma das épocas mais felizes da vida dela.

Lily era a única pessoa que a *entendia*. O pai a entendia um pouquinho, mas ele se fora. A mãe costumava tentar entendê-la, mas então isso se tornou cansativo demais e ela desistiu. Perry era nova demais para entender alguém. Mas Lily *consequia* isso. Elas simplesmente trocaram olhares do jeito certo e explodiram num tipo paralisante de riso de boca aberta que não emitia nenhum som. Sem Lily, Cam estava completamente só.

Lily saberia o que dizer sobre a noite passada. Ela estava *morrendo* para contar para ela que tinha riscado duas coisas da Lista do Flamingo. Mas notícias da lista de Cam não incluíam exatamente as vibrações “positivas” que curariam a amizade. Cam se encolheu quando as últimas palavras de Lily soaram em seu ouvido. *Tenho de ficar cercada de energia positiva. Você tem de me deixar em paz.*

Sem dizer nada, ela meteu a foto num envelope sem remetente. Ela a devolveria para Lily hoje.

— Mãe, vou levar Piu-piu ao veterinário — gritou ela quando chegou à base da escada. — Eles têm um veterinário por aqui ou os animais se curam sozinhos

por milagre?

— Não banque a engraçadinha. Acho que vi um na Cedar Street — gritou a mãe da sala de jantar. Ela estava tentando fazer a antiga máquina de costura que encontrara no porão funcionar e nem ergueu os olhos.

Cam tirou a gaiola de Piu-piu do suporte na sala de estar e pegou as chaves do carro no bolso do casaco com capuz.

— Espera aí! Me leva para a praaaai... — Foi o que ouviu Perry choramingar ao fechar a grande porta da frente com a aldrava de libélula atrás dela.



Cam estava irritada. Literalmente. Estava quente, ela não conseguia encontrar o consultório do veterinário e alguma coisa estava queimando *lá embaixo*, o que provavelmente era normal após o *lá embaixo* passar o que passou na noite de sexta, mas ainda assim era um pouco desconcertante. Depois da terceira volta pela cidade, ela se lembrou de Sunny e da teoria de atrair o que você pensa. *Você vai encontrar o consultório do veterinário*, pensou ela, e na caminhada seguinte ao redor do quarteirão, lá estava ele. Um celeiro vermelho com um silo e um caminhão dos correios estacionado na frente dele. Um burro estava preso dentro de um curral branco e uma antiga placa branca dizia: ELAINE WHITTIER, com cinco sininhos balançando debaixo dela: VETERINÁRIA, BIBLIOTECÁRIA-CHEFE, CORREIOS, CHEFE DE POLÍCIA, VENDEDORA DE ANTIGUIDADES.

— Com que você o está alimentando? — perguntou Elaine Whittier ao examinar Piu-piu. Ela tinha cerca de sessenta anos e aquela aparência da autodenominada-feminista-da-década-de-setenta. Cabelo grisalho comprido, brincos de pena suspensos e um caftã azul-real que cobria a barriga, que aparentemente era um requisito da meia-idade. Para chegar à sala de exame era necessário percorrer a casa dela, que era decorada com bastante pinheiro: artesanato em pinho, mobília em pinho coberta com tapeçaria marrom irregular, piso de pinho e placas de pinho na parede, envernizadas com frases sentimentais do tipo: LAR DOCE LAR.

— Hum, acho que mamão extra entrou na dieta dele recentemente — disse Cam.

— Ele está muito acima do peso.

Cam gostou da mulher. Ela não media as palavras.

— Ouviu isso, Piu-piu? Nada de mamão para você. — Cam tinha de falar em voz alta, acima da cacofonia de sons de animais. Elaine não parecia discriminar ninguém quando se tratava de cuidar de animais. Além dos gatos e cachorros de sempre, as gaiolas alinhadas na periferia da sala de exame estavam cheias de caranguejos-ermitões, tarântulas, iguanas, furões e... — Isso é um rato-almiscarado? — perguntou Cam enquanto observava o roedor preto lustroso com imensas patas ossudas.

— Ele é uma das criaturas de Deus. — Elaine ergueu a asa de Piu-piu e apalpou ao redor das glândulas debaixo dela.

— Estou doente — respondeu Cam. Ela estava inspirada pela atitude da veterinária de ser direta, mas era estranho se ouvir dizendo aquelas duas palavras minúsculas. Na verdade, era um alívio falar em voz alta para um estranho. Ela estava doente.

— Isso é muito ruim — disse a dra. Whittier. Cam gostou da resposta. Sem perguntas. Sem negação. Nenhum: “Tenho certeza de que você vai melhorar logo.” Apenas: “Isso é muito ruim”. Era. Era muito ruim mesmo.

— Então, o que você faz? — perguntou a veterinária enquanto segurava Piu-piu com as mãos em concha e o colocava na gaiola.

— Faço?

— Além de estar doente. O que você faz?

— Estou dedicando toda a minha energia a isso no momento — brincou Cam.

A dra. Whittier deu um sorriso. Ela tinha as mesmas covinhas de parênteses de Asher no lado esquerdo do sorriso.

— Uma mulher tem de usar muitos chapéus. É nossa natureza. Somos naturalmente multitarefas. Tome. Você pode segurar o Bart por um segundo? — Ela depositou a barriga pesada e macia do filhotinho de são bernardo nas mãos de Cam. As camadas quentes de pele extra se dobraram ao redor dos dedos de Cam. Ela o ergueu para que pudesse olhar nos olhos castanhos caídos.

— Eu podia trabalhar aqui, acho — murmurou Cam. O filhotinho lambeu sua face apenas uma vez, como se isso fosse tudo que ele pudesse fazer.

— O quê? — perguntou a veterinária ao bater na lateral de uma seringa para retirar as bolhas de ar. — Continue a segurá-lo. — Elaine ergueu um pouco da

pele do pescoço de Bart e introduziu a seringa nele. Bart aconchegou a cabeça na dobra do braço de Cam e ela o abraçou apertado.

— Eu disse que não me importaria de trabalhar aqui, se a senhora precisar de ajuda.

— Você parece tolerar agulhas, o que significa que permaneceria tranquila numa emergência — observou Elaine. — E você parece adorar animais. São os únicos requisitos para o emprego. Ah, mas não se apegue demais. Especialmente ao Bart. Ele é o menorzinho de uma grande ninhada e pode não sobreviver.

— “Desapegada” é meu nome do meio — disse Cam, o que era verdade na maior parte dos casos, mas ela sabia que se apaixonara profunda e terrivelmente por Bart. Olha só. Macio. Filhotinho. Barriga. Ele era irresistível.

— Ótimo. Tenho de fazer o trajeto dos correios agora. Se me atrasar cinco minutos, o sr. Griffith tem um ataque de pânico. Ele nunca recebe nada, além do encarte do supermercado, mas fica realmente ansioso por isso. Você pode tomar conta do Bart por mim?

— A senhora também entrega as cartas?

— Isso mesmo. Muitos chapéus, lembre-se. De qualquer forma, eu ficarei surpresa se seu amigo aqui conseguisse sobreviver à noite de hoje. Se não melhorar até amanhã, vou ter de acabar com o sofrimento dele.

— O que a senhora quer dizer com acabar com o sofrimento “dele”?

— Sacrificá-lo, Campbell. Ele está sofrendo de verdade.

— Ele vai sobreviver — disse Cam. — Ele e eu temos um pequeno pacto. — O que não era exatamente verdade, mas ela ia gostar de fazer um com ele agora mesmo.

Antes de Elaine sair, Cam pegou a bolsa de alça da sala principal, retirou o envelope e entregou-o a ela.

— A senhora poderia enviar isso para mim? — perguntou. Ela prendeu a respiração por um segundo enquanto entregava a última evidência que restara da amizade com Lily a Elaine. Mas ela fez um esforço para inspirar um pouco o ar e soprá-lo num fluxo contínuo.

É assim que era ficar de coração partido. Era menos uma rachadura no meio e mais como se o tivesse engolido inteiro e ele fosse parar, ensanguentado e

machucado, no fundo de seu estômago.



Cam voltou para a sala de exame e pegou o filhotinho, que estava enrolado em cobertores de bebê, em uma caminha de cachorro, sem se mover, a não ser pela inspiração e expiração ruidosa e difícil.

Ela se sentou no piso frio da sala e deixou que Bart ficasse deitado em seu colo, afagando o local onde o focinho e a testa se juntavam. Ela e a mãe passavam horas incontáveis assim, reclinadas no piso do banheiro para diminuir a febre de Cam enquanto ela esperava para vomitar de novo.

A mãe fazia um carinho em sua testa e, depois de vomitar pela sétima ou oitava vez, com gotas de bile secas no vaso sanitário, Cam dizia:

— Mãe, eu quero morrer. Só me deixa morrer.

E a mãe respondia:

— Vamos fazer um trato, Campbell Maria: você não morre, e amanhã nós teremos um dia especial.

— Me diga que vamos fazer isso amanhã quando acabar — murmurava Cam.

Então a mãe fazia uma lista com tudo que ia ter no melhor dia do mundo. Ela sempre era diferente e vívida, algo que Cam podia imaginar e esperar com ansiedade.

— Amanhã voaremos em um balão de ar quente sobre Everglades — dizia.

— Ah, essa é boa. — Cam suspirava.

— Não, vamos mesmo. Vamos entrar no cesto de um balão com as cores do arco-íris com um piloto de balão-barra-vigilante no parque. E você vai se sentir superior ao insistir em fazer perguntas que ele não pode responder sobre a conservação de Everglades enquanto nos leva para flutuar acima da superfície da água e tenta mostrar as belas flores.

— Excelente.

— E então vamos almoçar e tomar pobá.

— Não diga que vamos almoçar — dizia Cam antes de voltar a vomitar no vaso.

— Ai, desculpe, querida. — A mãe de Cam pedia desculpas e então colocava uma toalha fria na testa e na nuca da filha. — Então depois disso, no nosso dia perfeito, vamos ao cinema e depois damos uma espiadinha numa segunda apresentação para ganhar uma sessão dupla de graça. E então voltamos pra casa e dormimos como num sonho durante toda a noite.

— Agora você está exagerando. — Cam não dormia à noite desde que o câncer começara.

O Melhor Dia do Mundo na verdade se materializara muitas vezes no início. A mãe de Cam fazia o possível, reprogramando seus horários para poder levar Cam num passeio de balão ou qualquer coisa que ela tivesse descrito na noite anterior. Mas, conforme Cam foi ficando mais doente e os episódios mais frequentes, Cam teve de deixar a mãe à vontade. Ela não podia ficar faltando ao trabalho para o Melhor Dia do Mundo.

— Está certo, filhotinho — disse Cam, ajeitando o filhote e retirando alguns cobertores. Ele estava ficando um pouco quente demais. Você só tem de ter algo para desejar. Está ouvindo? Amanhã vai ser o melhor dia do mundo, então você tem de aguentar, porque não vai querer perder.

Então Cam descreveu um monte de imagens e de cheiros, em particular, do dia perfeito de um filhote. Andar na grama molhada, almoçar na porta dos fundos de um açougueiro, coçar as costas numa árvore, brincar de pegar a bola, cochilar no sol, mastigar um chinelo, um pouco de cabo de guerra e um passeio de carro com a cabeça para fora da janela.

Parecia ter funcionado um pouco. Bart parecia estar descansando de modo mais confortável quando Elaine voltou para casa às quatro da tarde, com o rabo de cavalo metido na parte de trás do boné de carteiro. Mas Elaine disse que ele ainda estava muito instável. Cam fez com que promettesse que não faria nada abrupto sem, pelo menos, falar antes com ela.

— Não é nada abrupto, Campbell. É a medicina.

— Só, por favor, não faça isso — implorou Cam e, enquanto voltava para casa com Piu-piu, não rezou exatamente. Ela não chamaria aquilo de oração. Mas enviou energia para o Bart. Ela costumava usar técnicas de visualização que Lily ensinara para imaginar um futuro que incluía um Bart adulto, saudável e musculoso. Enquanto ela estava assim, imaginou uma Cam saudável e então, como por acidente, um Asher saudável deitado tomando sol.



QUINZE

Antes de voltar para casa, Campbell estacionou o Cumulus com Piu-piu dentro e saiu para andar até a frente das alegres lojas de tijolos de Promise, com birutas e balões. Comprou um café na cafeteria e então roubou três ímãs de lagosta, uma embalagem de macarrão em formato de pasta, xarope de bordo e um par de meias de tricô listradas da loja de lembrancinhas.

A emoção de roubar a distraiu de Bart e da lembrança de Alec Débâcle, mas ela também sentiu uma coisa nova (culpa?) por roubar, não de um “Homem” ou de um “Rato”, mas de uma velhinha que provavelmente passava a tarde tricotando meias e assistindo a *The Price is Right*.

Cam nunca roubara da Rua Principal antes. A não ser na rua falsa, na Disney, não havia Ruas Principais na Flórida e a vivência disso, a singular, de fundo de quintal, de empreendedorismo, de eras passadas, de diligência para o sucesso lhe dera uma consciência. Era mais difícil roubar quando podia imaginar de quem estava tirando.

Mas não era *tão* difícil assim, porque ela estava prestes a enfiar uma irresistível luva de forno em formato de garra de lagosta na bolsa, quando ouviu alguém gritar “Samoa!” do outro lado da calçada.

— Vamos até os flamingos. Quer vir com a gente? — Sunny pegou a mão de Cam e meteu-a em seu braço. — Eles vão fazer você se sentir em casa.

— Tem algum tipo de circo de pássaros na cidade?

— Não. Eles apenas vêm sozinhos. Um bando inteiro — disse Royal.

— Centenas deles — completou Sunny. — Se alimentam no lago perto da escola. — Ela puxou Cam até a porta, girando e pulando a Main Street, ainda descalça, suja e vestindo a roupa da sexta à noite.

Cam deixou Sunny dirigir, pois fora corajosa o suficiente para pedir e sabia aonde ir. Royal sentou-se no banco de trás com Piu-piu, e Cam segurou a maçaneta da porta no lado do passageiro. Não estava acostumada a ceder o controle do Cumulus para semi-conhecidos.

Eles dirigiram por toda a costa até o farol. À direita, a arrebentação lembrou a Cam que eles estavam na extremidade da Terra, uma sensação sinistra para alguém que fora criada no meio de um pântano. O horizonte era assustador. Não admira que os povos pré-colombianos pensassem que tinham caído dele.

— Segura o volante para mim — pediu Sunny enquanto tirava o moletom forrado de lã.

Com prazer, pensou Cam.

— Você já viu dessas? — perguntou Sunny, dirigindo com os joelhos enquanto fazia um rabo de cavalo. Cam tentou manter um olho na estrada ao mesmo tempo que dava uma olhada rápida na direção do local para que ela estava apontando: um morro coberto de grama, incrustado de rochas grandes e cinzentas, cobertas com líquen. Três ou quatro vacas pretas e brancas pastando sobre flores lilás.

— São dentes-de-leão? — perguntou Cam.

— Ah-hã. Por alguma razão, eles nascem lilases por aqui. Mesmo quando ficam felpudos. Temos um festival da primavera no qual as crianças pequenas da cidade se reúnem para fazer um pedido na praça da cidade e sopram, ao mesmo tempo, as mãos cheias de dentes-de-leão no ar.

Eles ficaram em silêncio por um instante. Sunny mantinha as duas mãos do volante, por isso Cam se permitiu olhar em volta. Quase todas as casas pareciam vender alguma coisa no quintal da frente. Venezianas antigas, cata-ventos, trenós, cadeiras, esculturas de urso entalhadas nos troncos com uma serra elétrica, lavadoras e secadoras. Ela até viu uma placa na qual se lia: À VENDA, BANHEIRAS QUENTES USADAS.

— Eu gosto da minha banheira quente direto da fábrica — murmurou Cam.

— O quê? — perguntou Royal.

— Nada.

Eles viraram na direção da praia. Cam se deixou encantar pelo lugar com sol brilhando nas ondas, quando Sunny falou:

— Olhem aqueles caras!

Alec com um *c* estava pedindo carona na autoestrada 1, parecendo muito europeu com jeans justo cinza e pulôver preto de gola alta extragrande. O cabelo

preto oleoso pendia solto na testa. Cam não pôde deixar de ficar animada, apesar de que ele devia estar fedendo naquele pulôver com o calor.

Caramba, o imperativo biológico é forte, pensou Cam. Ela não devia ter ficado animada ao vê-lo; ela devia ter feito sexo sem-nome-e-sem-rosto-para-perder-a-virgindade-antes-de-morrer. Não sexo do tipo mal-posso-esperar-para-revê-lo. E ela realmente não deveria ter ficado deprimida ao ver a ruiva bonita, com pele de porcelana, que deve ter sido a voz da outra noite, aparecer atrás dele e acenar para o carro. O corpo inteiro de Cam pareceu pesado, como se tivesse mercúrio fluindo por suas veias. Ela se sentia como um atum contaminado.

Antes de Cam poder dizer alguma coisa, Sunny parou. Abaixou o vidro e perguntou:

— Estão indo até os flamingos?

Alec entrou no banco de trás e Royal entregou a gaiola de Piu-piu para Cam.

— É muito perigoso pegar caroneiros — murmurou Cam baixinho.

— Oi, Autumn e Alec — cumprimentou Sunny. — Vocês conhecem a Campbell? — O coração de Cam pareceu saltar do peito. Ela limpou as palmas das mãos no short e tentou fitar os olhos de Alec com coragem.

— Não — disse Alec simplesmente. Ele olhou para a janela, inclinou a cabeça contra ela e deixou os joelhos bem separados. Autumn, outra garota de catálogo, esticou uma mão mole para Cam e deu um risinho, dizendo “*Enchanté*”, antes de afundar ao lado dele e murmurar alguma coisa rude no ouvido de Alec.

Fria, pensou Cam. *Frieza*. *Vou ficar fria*, entoou para si mesma. Repetiu o mantra durante todo o trajeto até os flamingos, mas o bolo na garganta continuava crescendo e, finalmente, cedeu, dando lugar a uma lágrima que desceu pelo canto de seu olho. Ela nunca pensou que se veria nessa situação, mas estava começando a sentir falta de casa.



Os cinco esticaram as pernas, saíram do Cumulus e deram grandes passos através das artemísias no gramado atrás da escola. Autumn colocou uma margarida no cabelo e Royal mastigava um pedaço de palha. Eles poderiam estar em um clipe musical neste exato instante, pensou Cam. Eram tão absurdamente jovens e bonitos e, a não ser pela preocupação de ter acabado de perder a virgindade com o imbecil parado bem ao lado dela, beijando a namorada *dele*,

não tinham com que se preocupar.

Ela tentou ficar alguns passos atrás dos casais, reconhecendo que estava segurando vela ali, mas Sunny correu atrás dela, passou o braço no dela e a manteve com o grupo.

— Espere até ver isso, Samoa — falou.

E o que ela viu quando chegaram ao topo da subida fez realmente com que esquecesse Alec por um segundo.

Era como lava de flamingos (um líquido cor-de-rosa) fluindo na direção deles morro abaixo no formato de uma cornucópia imensa, cor-de-rosa e laranja, em um tom bem forte. A coisa toda parecia uma imensa ameoba cobrindo a encosta suave. Como se algum gigante no interior da Terra tivesse soprado uma bola imensa de chiclete que estourara por toda a lama pantanosa. Enquanto se aproximavam, começaram a ouvir os chamados distintos dos pássaros específicos e viram as milhares de pernas semelhantes a juncos e joelhos nodosos que constituía a base do bando.

Cam ficou contente pelo fato de a pergunta não exigir uma resposta. Cor-de-rosa. Cor-de-rosa era a cor da caxumba, das espinhas, dos olhos injetados, de Pepto-Bismol, de uma seringa cheia de medula, do conta-gotas de morfina líquida e da língua de Alec. Um monte de coisas horríveis era cor-de-rosa. E os flamingos, embora fabulosa e corajosamente cor-de-rosa, não eram nem um pouco pacíficos. Estavam constantemente bicando e irritando uns aos outros feito os cidadãos idosos da terra natal dela, a Flórida.

Cam sentou-se entre os dois casais na cerca. Alec estava à direita. Ele lhe deu um olhar malicioso e, em seguida, roçou o dedo mindinho de propósito no dela, antes de se afastar e fingir ignorá-la ao ouvir o risinho de Autumn. Cam o odiava.

E, ainda assim, ela precisava desesperadamente que ele a quisesse. Finalmente ela entendia a Síndrome Adolescente do Pós-Coito: o casal transou. A menina fica estranhamente ligada. O garoto se sente sufocado. O garoto afasta a garota para o bem dela. Cam queria ser mais tranquila que isso. Não queria sucumbir à necessidade de ligação. O desespero. A questão era somente que, embora tivesse concordado com aquilo, sentia que Alec roubara alguma coisa dela e não queria que ele fosse embora levando-a.

Ela desceu com um pulo e deu uma caminhada ao longo do perímetro dos

pássaros.

Alguns dos cidadãos satisfeitos de Promise haviam andando até a escola para dar uma olhada com calma neles, mais ninguém estava fotografando os flamingos nem fazendo uma lista de “obrigações”, como diria a avó de Cam. Um jogo de beisebol da liga infantil continuava sem interrupção, no diamante de beisebol no canto mais distante do gramado. Em vez de se amontoar na direção dos flamingos, as crianças que estavam brincando no parquinho da escola corriam e gritavam para o caminhão de sorvete que acabara de parar no estacionamento da escola. Ninguém nem tinha avisado à imprensa. E isso era uma surpresa para Cam.

Não que ela considerasse que era um milagre. Longe disso. O verdadeiro milagre era como uma *ave* inteira poderia crescer até esta altura e resplendor comendo na maior parte do tempo apenas organismos microscópicos. Isso era um milagre. O fato de que voassem para cá era a migração. As aves simplesmente estavam procurando lava vulcânica.

Cam observou os pássaros por mais um minuto, começando a se cansar do grasnar, irritar e bicar, quando duas aves se moveram para a direita e deixaram ver um monte grande de lama encimado por uma ave gordinha, com o tamanho e o formato de um chester de forno. Estava coberto com leve penugem cinzenta arrepiada, da cor dos pelos que ficam na secadora. Um bebê flamingo! Era tão feio e tão fofinho.

— Olá, amiguinho — disse Cam. Ela deu meia-volta para mostrar para os casais felizes.

Infelizmente, porém, eles tinham iniciado um jogo. Beijariam sempre que dois flamingos ficassem cara a cara, com os pescoços curvos e cor-de-rosa criando metade de um coração de pescoço de flamingo. Era fofo, de verdade, mas também era a deixa para Cam ir embora.



DEZESSEIS

Cam voltou para casa exausta, pronta para se enfiar em seu quarto e assistir a um filme. Mas ela não conseguiu passar da varanda da frente.

— Onde você andou? Faltou pouco para chamar a polícia! — Alicia e Perry estavam sentadas nas cadeiras Adirondack bebendo limonada cor-de-rosa, enquanto Asher pintava as barras da grade da varanda de preto reluzente.

Asher estava começando a fazer um pouco mais de sentido para Cam. Era um lobo solitário no topo da cadeia alimentar. E quando você está no topo da cadeia alimentar, não quer que sua presa fique deitada na sua frente feito a boneca Barbie que Cam tinha visto com o telescópio. Você quer algo mais complicado. Quer participar da caçada. Algo sorrateiro, oculto, clandestino. E, ainda assim, seguro. Algo que garantiria a sua solteirice e a solidão de seu covil. *Ele deve estar namorando uma mulher mais velha*, pensou Cam. Mas, depois de hoje, ela se sentia cansada demais para se importar.

— Não dá pra ganhar. Vocês me obrigam a sair daqui e agora estou encrocada por não voltar pra casa? Com licença, tenho de levar o Piu-piu para dentro de casa. Ele teve um dia muito longo. — Ela tentou passar por todos eles, sentindo os olhos de Asher nela, mas a mãe a impediu.

— Campbell, você está coberta de pelo de cachorro.

— Arrumei um emprego no veterinário.

— Que ótimo. Sério? Mas, por favor, lave-se fora do chuveiro.

— Agora?

— Cam — começou a mãe, e então Perry começou a espirrar no mesmo instante. Asher começou a coçar os olhos com as costas da manga da camiseta.

— Eu também sou alérgico a cães — confessou.

— Ai, Deus — gritou Cam. Ela entregou a gaiola do Piu-piu para a mãe e completou: — Ele está com obesidade mórbida, por falar nisso. Você tem de parar de dar mamão para ele.

— Vá! — disse a mãe, jogando para ela uma toalha de praia da varanda.

O chuveiro atacou-a com as gotas geladas e agudas. Apenas os moradores robustos e saudáveis da Nova Inglaterra pensariam em instalar um chuveiro fora de casa. Será que a família não percebia que ela tinha zero de gordura corporal? Ela tremia enquanto se ensaboava com uma barra seca e rachada de Irish Spring, provavelmente de décadas atrás. Tentou ignorar as teias de aranha nos cantos quando ouviu o repentino som de algo arranhando da toalha encostando no topo do cubículo de madeira. Cam sabia o que viria a seguir, mas antes que pudesse reagir Perry retirou cada uma das peças de roupa do chuveiro.

Cam olhou por cima do cubículo enquanto Perry seguia para jogar as roupas, peça a peça, do penhasco para a praia embaixo. Cam ficou parada e nua no chuveiro a não ser pelos tênis. Ela não ia tirá-los.

— *Perry!* — gritou Cam. — Droga, Perry, estou congelando. Cam pulava, tentando ficar aquecida e girou a torneira vermelha do chuveiro para a água quente. Ela gritou novamente para Perry.

— Precisa de ajuda? — perguntou Asher do lado de fora do cubículo. — Tome, pode ficar com a minha camiseta.

— E lá vamos nós. Asher me resgata. Isso é tão *A felicidade...*

— ... *Não se compra* — completou Asher. — Quando eles voltam para casa, vindo da piscina, e ela perde o robe atrás do arbusto. Eu ia dizer isso.

— Você podia aprender um bocado de coisas com o filme, na verdade, sobre o que acontece com os caras bonzinhos — disse Cam com os dentes batendo. Era o filme sobre o anjo que evita que um infeliz pai de família pule de uma ponte na véspera do Natal. A mãe a fazia assistir todos os anos. Cam pulou de pé em pé e esfregou as mãos para cima e para baixo nos braços para se aquecer. O céu tinha um tom escuro e sinistro, como se alguém tivesse derramado tinta preta sobre as estrelas, e os grilos, normalmente tão barulhentos, estivessem estranhamente silenciosos.

— Do que você está falando? Será possível que você conseguiu perder toda a moral do filme?

Cam fez uma pausa e ouviu com atenção por um segundo as ondas que arrebatavam na praia ao longe.

— O quê? Ele não vai pra faculdade, nem depois que pegou a valise. E perdeu

a lua de mel. Ficou em casa e todo mundo se aproveitou dele.

— E a felicidade não se comprava. É o título do filme.

— Era tudo propaganda pra fazer você achar que a felicidade realmente não se compra — continuou Cam, olhando para os nós da madeira diante dela.

— Você não merece a minha camisa — disse Asher, mas ela podia ver por baixo do cubículo que os pés dele não se moviam.

— Mas você vai me dar de qualquer jeito. — Cam enfiou a mão por cima do cubículo.

— Como é que você sabe?

— Só sei.

— Tome — falou ele, entregando para ela.

A camisa era comprida o suficiente, mas era branca, portanto, estava ficando encharcada em locais estratégicos onde ela não tinha perdido toda a gordura corporal. Manteve os braços cruzados no peito e saiu do cubículo. Asher, sem camisa e com abdômen de tanquinho, continuava parado ali, e Cam ficou impressionada com o que futebol e um pouco de trabalho braçal podiam fazer a um corpo. Eles compartilharam um momento sem dizer nada e então Cam falou:

— Posso assumir daqui em diante.

— Ah. Claro. Desculpe. Belos tênis, por falar nisso — disse Asher e se virou para atravessar o gramado. Cam entreviu suas costas, o que também não era nada mal.



Em casa, Alicia e Perry estavam jogando palavras cruzadas na mesa da sala de jantar. A sala estava iluminada por um imenso candelabro de chifres de alce, que estava em tão mau estado que quase estava na moda. Cam ficou se perguntando o que Perry teria a dizer sobre isso.

— Eles, ao menos, comeram o alce? — foi o que ela se perguntou em voz alta.

— O quê? — perguntou a mãe.

— Deixa pra lá. Isso foi fofo, Perry. Obrigada por roubar a minha toalha — disse Cam e parou atrás da cadeira de Perry, examinando as pedras do jogo.

— Não fale nisso — disse Perry, ainda concentrada no jogo.

Cam pegou o casaco de Alicia nas costas da cadeira, se enrolou nele e calçou os Uggs cor-de-rosa de Perry. Ela pegou um palitinho de cenoura antes de ir para a escada, onde finalmente poderia se enfiar e se aquecer.

— Vai perguntar pra ela? — indagou Perry, depois de colocar *xen* perto do O da mãe.

— Boa — disse Cam ao ver o tabuleiro. — Vai me perguntar o quê?

— Perry quer saber se você ouviu falar sobre os flamingos.

Alicia estava com os óculos de leitura e olhou para baixo do nariz por eles enquanto rearrumava as pedras.

— É. Perto da escola. Eu vi.

— Você viu? Então agora não acredita que a cidade seja especial? — perguntou Perry, com os olhos azuis arregalados e insistentes.

— Por quê? — perguntou Cam.

— Por quê? Porque um *bando* inteiro de flamingos veio descansar aqui. No Maine, que não é o habitat normal deles — disse Alicia.

— E?

— E isso é louco e miraculoso e talvez possa ser um sinal de que estamos no lugar certo, pois flamingos costumam ser encontrados na Flórida — emendou a mãe.

— Isso não é lógico. Os flamingos não têm nada a ver com a gente. São uma consequência do aquecimento global, como o desaparecimento dos morcegos nas cavernas da Pensilvânia ou as abelhas ficando perdidas por causa da interferência dos telefones celulares...

— Cam... — disse Alicia.

— Ou as iguanas congelando até morrer porque o clima anda tão errático na Flórida ou os ursos-polares se afogando. Os flamingos ficaram sem comida em algum lugar e saíram para buscar mais. Fim da história.

Cam ouviu o telefone zumbindo na varanda, onde ela tinha deixado o short. Tirou o telefone do bolso e leu a mensagem de texto da dra. Whittier. *Vou fazê-lo descansar de manhã, era o que se lia. Chegue aqui cedo, se quiser se despedir.*

Cam voltou para dentro de casa sentindo-se derrotada e um pouco traída. Por que Elaine não podia deixar o Bart em paz? O que essas pessoas queriam não era deixar a natureza seguir seu curso?

— Você vai me levar amanhã para ver os flamingos, Cam? — perguntou Perry. — Quero tirar umas fotos.

— Não. Eu já vi e tenho de ir a outro lugar — disse Cam.

Perry enrijeceu-se um pouco na cadeira. Deslizou uma das pedras da palavra cruzada em uma figura de oito na mesa, depois usou o polegar e o indicador para dar um peteleco nela para o chão.

— Isso foi uma perda de tempo tão grande — falou.

— O que é que foi uma perda de tempo? — perguntou Cam, estremeecendo.

— Vir até aqui. Você não mudou nem um pouquinho.

— O que vocês querem de mim? — Cam perguntou a elas. — Eu tenho de trabalhar amanhã.

— Só pensei... — começou Perry.

— O quê?

— Que você poderia começar a acreditar.

— Em quê? Mágica? *Hocus pocus*? Um truque qualquer? — disse Cam, movendo os dedos no ar como um mágico. Ela fingiu tirar uma pedra da palavra cruzada da orelha de Perry.

— Não sei. Eu só queria que isso desse certo — disse Perry. A tensão por trás dos olhos diminuiu um pouco e Cam podia ver que ela estava segurando as lágrimas.

— É incrível que os flamingos tenham pousado aqui, ok. Mas isso não tem nada a ver comigo. Eu só não posso dar esse salto. As pessoas morrem. Filhotinhos morrem. Meu pai morreu. Com ou sem flamingos. Eu vou morrer. Mais cedo do que tarde.

— Mas você está melhorando. Não está vendo isso? Você não ficou doente de verdade desde que chegamos aqui. Para ser sincera, você anda comendo e tudo — disse Perry. — A cidade tem de ser mágica, se você está comendo sanduíches de manteiga de amendoim. — O rosto de Perry estava vermelho. As

sobrancelhas, erguidas em arcos cheios de esperança.

Cam tivera muito mais energia desde que chegara ao Maine, era verdade, mas ela chegara até o ar fresco e o fato era que isso poderia ser um estágio da morte. As pessoas costumavam ter uma fase de bem-estar, uma remissão, criada biologicamente para que pudessem dizer adeus, planejar o funeral, organizar as coisas...

— Sinto muito, Perry, mas tenho mais energia porque a minha morte é iminente. Não está muito longe.

— Ela é um caso perdido — disse Alicia, voltando a afundar na cadeira.

— Eu tenho resistência à esperança — disse Cam. Ela usou a ponta da bota Ugg cor-de-rosa para separar um pouco da franja acinzentada no tapete persa debaixo da mesa de jantar.

— Você poderia, ao menos, *nos* deixar acreditar — disse Perry.

— Não estou dizendo que vocês não podem.

A irmã dobrou ao meio o jogo de tabuleiro. As letras caíam na caixa com uma série de cliques tristes.

— Você sabe que não é fácil ser eu, sabe? — retrucou Perry.

Engraçado, pensou Cam, *sempre pensei que fosse*. Fácil ser Perry. Que diabos poderia ser mais fácil que ser Perry? A curiosidade levou a melhor e ela se permitiu perguntar:

— Sério?

— Eu faço um monte de sacrifícios por você. — A voz de Perry tremeu. — Como estar aqui. Você acha que quero passar todo o verão longe dos meus amigos? Ninguém nunca tem tempo de pensar no que eu quero e do que eu preciso porque as suas necessidades são imensas. Você tem necessidades imensas. E isso é bom. Sério, estou acostumada a não ter importância. Mas, ao menos, você pode nos deixar acreditar que isso poderia funcionar. Eu faço muita coisa por você, Cam — disse Perry, e uma lágrima finalmente se desprende e desceu por seu rosto.

Cam fez uma pausa, sentindo-se sufocada ao pensar em todas as vezes que Perry teve de ficar em casa com uma babá enquanto Alicia viajava para um novo hospital ou novo tratamento. Ou as vezes que Perry foi arrastada a consultas

médicas quando poderia ter ficado na casa de um amigo, nos ensaios de líder de torcida ou coisa assim. Ela teria sido uma boa líder de torcida.

— Me desculpe — disse Cam. — Você pode acreditar no que quiser.

No segundo andar, a Lista do Flamingo ainda estava aberta em cima da mala, com os cantos dobrados para cima, como uma tigela rasa. Ela pegou um marcador e riscou *Acabar com os sonhos da minha irmã caçula* e, também, *Andar por aí infeliz, apática, fazendo beicinho e dormir durante todo o sábado*.

Tudo isso em um único dia.



DEZESSETE

Cam voou no Cumulus pela estrada cheia de curvas da praia, atrás do campo de dentes-de-leão lilases, até o veterinário. Eram onze horas. Ela não conseguia acreditar que dormira até tarde. Baixou o vidro e deixou que a brisa cortante de maresia fosse de encontro ao rosto para acordá-la.

Ela enviou uma mensagem de texto para Elaine duas vezes até agora e não recebera resposta. Parou o Cumulus perto do caminhão do correio, acenou para o burro, James Madison, e correu para dentro. Rezava para que não tivesse chegado tarde demais.

Quando se aproximou da porta, ouviu alguma coisa latindo. Poderia ser algum dos cães de Elaine, recordou-se, mantendo o coração no peito. Mas parecia... com o latido agudo de um filhotinho.

— Bart! — gritou Campbell quando abriu a porta. Lá estava ele, abanando o rabo incontrolavelmente.

E então ele fez xixi.

— Alguém está feliz em ver você — disse Elaine. Ela limpou a sujeira de Bart e tentou limpar a pata enquanto ele se balançava contente em seus braços. — Por falar nisso, onde você tem ficado?

— Naquela casa grande. No alto do morro.

— Avalon? — perguntou Elaine. — Ah, você é a garota sobre quem Asher falou. Ele não disse que estava doente.

— Ele não sabe. Você conhece o Asher?

— É meu sobrinho.

— Ele é legal — disse Cam. Ela não sabia o que mais dizer sobre ele. Na verdade, sentia-se estranhamente tímida de falar sobre ele. — Então, o que aconteceu com Bart? — Ela o pegou da dra. Elaine e deixou que cobrisse seu rosto com beijos molhados.

— Não sei. Uma dessas coisas. Ele decidiu viver — disse Elaine, pegou o

focinho de Bart e apertou. — Não é, garoto?

— Não acha que é mais científico que isso? — perguntou Cam. Ela estava tão impressionada com Bart que nem se importara em entrar na sala de estar rústica feia e sentar na cadeira arranhada com ele.

— Na verdade, não. Algumas coisas não têm explicação.

— Tem explicação pra tudo.

— Sério? — indagou Elaine, com um olhar divertido no rosto.

— Sim. Até os flamingos perto da escola. Apenas estão procurando por comida.

— Mas não deveriam ter encontrado nada ali. Os camarões do Maine acabaram em março. — Elaine sentou-se na cadeira feia oposta à Cam e pegou o bordado. — Estou um pouco preocupada com eles, na verdade. Se o lago congelar, vão ter de sair bem rápido dali. Espero que não sejam como os sapos na panela.

— Sapos na panela?

— Se você põe um sapo em um pouco de água quente e acende em fogo baixo — explicou Elaine, umedecendo a linha de bordar entre os lábios para poder passar pela agulha —, ele vai ficar lá até ferver. O mesmo com as pessoas. Somos muito preguiçosos para mudar, então vamos continuar fazendo o que estávamos fazendo até ser tarde demais. — Elaine pôs os óculos de leitura e então tirou, fazendo um esforço para ver o buraco da agulha. — Ugh! Você pode fazer isso? — perguntou ela, entregando a Cam a agulha e a linha.

— Eca. Você acabou de pôr isso na boca — disse Cam.

— Ai, cruzeiros, deixa pra lá. Consegui. — E puxou a linha cor de laranja pelo minúsculo brilho do metal.

Cada painel da janela saliente da sala de estar estava obstruído por um objeto de cor forte feito à mão pendurando com uma ventosa. Cam levou Bart até a janela para que pudesse encontrar um meio de olhar ao redor delas e olhar para o lado de fora. Estava cinza e ventando nesta manhã. A baía parecia papel-alumínio enrugado. Cam viu a Rua Principal a distância e seguiu-a até o limite extremo, procurando a estrada de terra no bosque que as trouxera até ali. A chegada ao Dunkin' Donuts parecia ter sido há um ano.

— Você acredita no que algumas pessoas dizem a respeito dessa cidade? — perguntou ela.

— O quê? Que é encantada?

— É — disse Cam. Ela voltou a sentar-se. Bart traçou um círculo no colo dela, antes de se embolar e dormir.

— Todos têm a própria teoria sobre o porquê de coisas estranhas acontecerem aqui. Tem a teoria do cemitério indígena, a teoria do meteorito, a teoria da visita de alienígenas e a teoria do Triângulo das Bermudas. Gosto da teoria do julgamento das bruxas de Salem. — Elaine pousou as mãos grandes na barriga. — Não foi realmente um julgamento das bruxas porque eles aconteceram muito antes, mas as pessoas pensam que o fantasma de Olivia Hutchins protege a cidade porque ela encontrou abrigo aqui. Foi condenada à prisão por adultério e feitiçaria em Salem, no fim dos anos 1600. Seu único crime real foi casar com um homem mau que a enganou. Ela fugiu da prisão e veio pra cá. Morou naquela casa. Avalon. É a tataratataratataratara-avó de Asher.

— Asher acredita, não é? — Cam lembrou-se, de repente, da reação a seu ceticismo por causa do pôr do sol e das baleias. E então teve *A felicidade não se compra*.

— Ah, Asher. Asher, esse aí é um caso estranho. Deixe-me pegar uma xícara de café e vou lhe contar a história de Asher.

— Está tudo bem. Eu não tenho de saber. — Cam gritou para a cozinha. Parte dela estava morrendo de vontade de saber em segredo. A parte que sentou na beirada da cadeira.

— Não. É uma boa história — disse Elaine voltando a sentar-se na cadeira com a caneca de café. — Ei — disse ela —, você não é uma dançarina de hula? Vou contar a história e você pode fazer a hula com ela.

— Não posso simplesmente “fazer a hula com ela”. Não é como a língua de sinais.

— Então, era uma vez, há muito, muito tempo... vai em frente, faça a hula com ela. Como é “há muito, muito tempo”?

Cam ficou de pé, depois de colocar o sonolento Bart de volta à cadeira, e tentou não rir. Ela andava querendo dançar desde que vira a mãe dando aula de hula para as moradoras idosas na sala de estar no outro dia.

— Preciso de um pouco de música, pelo menos.

Elaine ligou o rádio baixinho e começou a tocar Pearl Jam.

— Há muito, muito tempo, o tataratatara, muitos tatara, um a menos para mim, de Asher fundou junto com o meu esta cidade.

Primeiro, Cam moveu os quadris; depois os braços sobre muitas montanhas para indicar que fora há muito, muito tempo e então assinalou *homem e cidade* com pequenos telhados formados por triângulos com os polegares e indicadores juntos.

— Ele era um homem sábio e benevolente. Fizera acordos honestos com os indígenas e vivia entre eles. Acho que temos um pouco de sangue indígena. Ele protegeu uma mulher, fugitiva da lei, e então se casou com ela.

Cam mudou o balanço dos quadris e indicou *sábio e benevolente* juntando os polegares no centro da testa e então movendo as mãos do peito para o mundo. Ela fez *mulher, fugitiva* e então os sinais para *amor e protegeu*.

— O nome dela era Olivia Hutchins e, mais tarde, como se quisesse provar que não havia um único osso adúltero em seu corpo, quando o tataratatataratatara-avô se perdeu no mar, ela esperou na sacada por cinco anos até que retornasse. Ela nunca perdeu a esperança. E então morreu.

Cam dançou *mar perigoso*. Dançou *mulher*. Era difícil dançar *esperou*, por isso, fez uma longa pausa.

— Desde então, muitas coisas estranhas aconteceram — continuou Elaine. — Houve uma onda de joaninhas, quando milhões delas invadiram a praia. Os moradores tinham de tirá-las com escavadeiras. Ou a vez em que uma garota sobreviveu a uma queda de avião. Ou quando meu pé quebrado foi curado da noite pro dia...

Agora Cam estava improvisando, inventando movimentos com as mãos para *joaninhas, escavadeiras e avião*.

— As pessoas começaram a acreditar que a cidade era encantada ou assombrada pelo fantasma de Olivia. Todos, em particular nossa família, pareciam ter sorte. E, então, um dia os jovens pais de Asher decidiram sair de férias para comemorar o aniversário de casamento. E, de alguma forma, por alguma razão, a sorte deles acabou. A caminho do Havaí, foram arremessados da lateral de um avião.

Cam fez os passos para *viagem e perigo*.

— Meu pai, o avô de Asher, ficou arrasado e saiu para dar uma volta, da qual nunca voltou. E minha mãe morreu de ataque cardíaco.

Cam deu a volta num círculo, e ainda movia os quadris, mas mantinha a cabeça baixa e os braços cruzados *com tristeza* sobre o peito. *Tristeza*.

— Asher acredita que eles morreram por saírem do lugar mágico. Uma parte dele tem medo de ir embora. Esta cidade tem poder sobre ele. É hora de ele continuar com o restante da vida, mas, em vez disso, pensa que vai ficar aqui pra sempre.

Cam terminou com movimentos de mão para *cidade e sempre*. E quando ela parou, sentia-se pesada com a tristeza. Ela tinha colocado a história de Asher no próprio corpo e ela pesava como uma roupa de chumbo.

Elaine assustou-a ao dizer em voz alta:

— Isso foi incrível!

— Obrigada.

Cam desligou o aparelho de som e foi afagar Bart. Ela estava um pouco constrangida e precisava mudar de assunto.

— Mas a magia — disse Cam. — Os dentes-de-leão lilases, a visita sinistra dos flamingos. Tudo é apenas coincidência. — Bart ainda estava enrolado na cadeira. Ele parecia uma letra Q peluda. Cam sentiu o focinho dele. Ontem estava ressecado e rígido, e agora, frio e úmido.

— Algumas pessoas dizem que se deve prestar atenção em coincidências — disse Elaine. Ela cortou a linha cor de laranja, guardou o bordado e ficou de pé. — Pode mostrar a você o seu caminho. Além disso, essas coincidências são suficientes para manter as pessoas acreditando. Para lhes dar um pouco de esperança.

— Acreditando em quê? Flamingos? Esperando pelo quê? — Bart se mexeu e, em seguida, ergueu a cabeça, fitando-a sonolento.

— A esperança, minha amiga, é a própria recompensa — disse Elaine ao caminhar pelo corredor para pôr a caneca de café na pia.

— A esperança, dra. Whittier, é uma perda de tempo — gritou Cam às costas dela.

Bart ergueu as patas dianteiras até os joelhos de Cam e arranhou o jeans, lembrando que ela tinha de cumprir uma promessa. Ela gritou para o outro cômodo:

— Se importa se eu pegar o Bart emprestado? Prometi a ele o melhor dia para um filhotinho.

— Claro, mas não o canse demais.

— Ok, amigão. Vamos dar uma volta.

Cam podia não acreditar na esperança, mas acreditava em cumprir promessas.



DEZOITO

Cam deixou Bart sentado em seu colo enquanto dirigia ao longo da estrada beira-mar, do mar, abraçando as curvas azuis e profundas, antes de virar na direção do grande morro para Avalon. Bart manteve o focinho para fora da janela o tempo todo, com a língua balançando ao vento. Ele era um filhote contente.

Ela brincou de cabo de guerra com ele no gramado da frente, alimentou-o com a ração especial de arroz e cordeiro que trouxera do consultório veterinário e depois deixou que adormecesse num local ensolarado na varanda. Ela perambulou até onde a mãe estava de joelhos na terra. Grandes sacos de terra e fertilizante, além de pás de jardinagem e mudas, estavam espalhados ao redor.

— O que é tudo isso?

— Vou plantar um jardim. Vi você com o filhote. Ele é adorável, mas não deixe que entre na casa. — A mãe estava bonita. Usava um chapéu de palha de abas largas com um lenço amarrado ao redor, uma bata branca e uma saia vermelha que fazia um círculo em volta dela. Levantou-se e enxugou a testa com as costas da mão com a luva marrom.

— Você parece a mulher da caixa de passas.

— E isso é bom?

— Você só está toda vestida para colheita. Como se fosse amassar algumas uvas mais tarde.

— Talvez. — Alicia ergueu o braço, o pulso virou para a esquerda e elevou os joelhos no ar.

— Desde quando você gosta de jardinagem? — perguntou Cam.

— É uma dessas coisas que sempre quis fazer, mas nunca tive tempo — disse Alicia e jogou as ferramentas uma a uma de volta no balde.

— Você sabe o que está fazendo?

— Você deveria dizer: “Isso não vai nascer.”

— O quê?

— Você tinha um livro favorito quando era pequena que se chamava *A semente de cenoura*. Lembra? — pergunta a mãe, tirando as luvas e colocando o braço ao redor dos ombros de Cam.

— Não.

— Um garotinho plantou uma semente e cada membro da família parou perto dele para dizer: “Não vai nascer”. Você costumava dar risadas e repetir “Não vai nascer” sempre que eu virava a página.

— Como terminou? — perguntou Cam.

— Campbell. Era um livro infantil. O que você acha?

— Brincadeira, mãe, meu Deus. Sinto falta da sua antiga ironia. Eu tenho de levar o Bart de volta para o veterinário.

No trajeto de volta, com Bart mais uma vez sentado no colo dela, Cam pensou sobre a discussão com Perry na noite passada. Sobre a mãe plantar uma horta. Sobre como elas queriam desesperadamente *acreditar*. Ela estava se cansando de só se queixar. Imaginou-se como uma criança de três anos dizendo: “Não vai nascer”. Ela estava se transformando em uma pessoa previsível. Cam odiava pessoas previsíveis.

Ela pensou sobre todas as coisas que a mãe fizera para criar uma infância feliz e perpetuar a inocência pelo máximo de tempo que conseguisse. Os biscoitos para o Papai Noel, bilhetes para a fada dos dentes, festas de aniversário incríveis, que criavam a ilusão de conforto, segurança e mágica, quando nada disso existia realmente. Talvez fosse a vez de Cam perpetuar um pouco de inocência.

Ela não acreditava na melodramática história de como a cidade conseguiu a mágica. Não acreditava na “mágica” propriamente dita. Ela mesma não podia ter esperança.

Mas ela podia dar o presente da esperança para a mãe e a irmã. Podia ajudá-las a acreditar. Isso era fácil.

Só tinha de roubar uns tomateiros.



Encontrou alguns ao lado da estrada, numa horta que parecia não pertencer a

ninguém e se estendia por acres em todas as direções, com vegetais fluorescentes. Pulou a cerca e entrou. Videiras cresciam enroladas uma na outra, e roçavam suas pernas quando ela andava. Ela esmagou insetos imaginários.

Encontrou três tomateiros, dois pés de abobrinha, dois de berinjela e uma enorme couve-flor. Usou a pá de jardinagem da mãe para cavar até as raízes, retirando as plantas sem deixar o fruto pesado cair das videiras. Então colocou as plantas delicadamente no porta-malas e cobriu com uma toalha úmida para mantê-las frescas.

Alguma coisa no fato de trancá-las no porta-malas parecia sinistro. Como se ela fosse um matador da máfia transportando alguém que devia dinheiro até as docas para ser executado.

— Me desculpem — disse à cara assustada do girassol. — É só por um tempo. E então bateu o porta-malas.



À meia-noite, Cam saiu escondida para a horta da mãe para replantar o que pegara. Mesmo tendo a lua cheia em sua direção com a imensa barriga amarela de grávida, a noite era mais escura aqui, sem postes nem casas próximas para diminuir a escuridão. A noite tinha um cheiro específico no Maine. Um cheiro úmido de orvalho que era exalado enquanto ela remexia a terra com a ponta afiada da pá. Ela agradecia pelo fato de as minhocas estarem dormindo.

Conseguiu fazer com que os primeiros dois tomateiros ficassem de pé, usando a estaca que a mãe colocara perto das mudas. As compridas vinhas verdes se enrolavam ao redor da estaca feito uma espiral de DNA. Ela começou a plantar o último, enfiando a pá de jardinagem na terra com um esforço satisfeito.

— O que você está fazendo? — perguntou uma voz perto demais atrás dela.

Cam gritou, virou-se e jogou a pá de jardinagem. Ela bateu na lateral da testa de Asher, antes de cair no solo com um baque.

— Ai, Jesus Cristo. — As mãos dele foram direto para o rosto.

— Ai, meu Deus! Merda! Você está bem?

— Sim. Ai. Eu acho — respondeu Asher, afastando os dedos. Eles estavam com sangue.

— Oh. Você está sangrando. Sinto muito. Tome — falou e ofereceu uma toalha para ele. — Você tem de parar de chegar de mansinho atrás de mim desse jeito!

— Achei que você tinha me ouvido chegar — respondeu Asher, olhando para a toalha ensanguentada.

— Pressão direta. Pressão direta. Mantenha aí. Não, não ouvi. Você pisa firme, como os seus ancestrais caçadores de veados. — Cam pensou ter se lembrado de Elaine dizendo algo sobre raízes nativas americanas.

— O quê?

— Deixa pra lá.

— Por que a jardinagem noturna? — perguntou ele. Agora Cam via a semelhança com Elaine. Na verdade, era óbvia, e ela ficou surpresa de não ter percebido antes. Eles tinham as mesmas maçãs do rosto altas, queixos quadrados e, claro, as covinhas de parênteses ao redor dos sorrisos quando alguma coisa (em geral, Cam) os divertia. Ela não tinha certeza se gostava de ser uma fonte de diversão.

— O que você está fazendo esgueirando-se por aqui à meia-noite? — perguntou ela.

— Eu perguntei primeiro.

— Minha mãe gosta de acreditar em toda essa história de cidade mágica, por isso estou dando uma forcinha. Criando um milagre. Sou uma fazedora de milagres.

— Ooooooh, não é uma boa ideia — advertiu Asher, que ainda segurava a toalha perto da cabeça. A camisa estava levantada acima do umbigo.

No tocar. No tocar, repetiu Cam para si mesma, lembrando-se da vez que foi ao museu com a professora de espanhol e disseram para a turma não tocar em nada.

— Por quê?

— Porque sim. Não dá para forçar a sua vontade no universo. Você só tem de confiar em como as coisas vão se desenrolar — falou ele. — Isso poderia estourar em seu rosto. — O olho machucado estava decepcionado com ela. — Já explodiu no meu rosto, por exemplo. Pense no que mais poderia acontecer.

— É, bem, alguns de nós não têm tempo de esperar que o universo se desenrole sozinho. Você vai ficar bem? Melhor seria ir limpar tudo isso — disse Cam enquanto guardava as coisas e dava uns passos para trás para admirar a sua “horta”. Ela não podia acreditar que tivesse conseguido pôr o girassol de pé. — Parece bom, não é? — Ela jogou um pouco de terra seca ao redor das plantas para encobrir seu rastro.

— Parece bom, mas estou lhe dizendo, tenho uma sensação ruim quanto a isso — observou ele.

— Que mal isso poderia causar? Estou fazendo uma boa ação para variar, e não estou colocando um empecilho no contínuo espaço-temporal. É carma.

— É mentir.

— Pão ou pães é questão de opiniões — disse Cam.

Finalmente, ele sorriu. Os dentes da frente se sobrepuseram só um pouquinho.

Ela esticou o braço e lentamente tirou a toalha da sobancelha de Asher.

— Talvez você precisasse de um curativo aqui — disse ela quando roçou acidentalmente o peito no ombro dele. — Parece que está bem na sobancelha, então você não vai ver cicatriz nem nada. Desculpe por isso.

— Desculpe se assustei você — falou ele.

Cam pensou ter visto o olhar suavizar e as pupilas dilatarem. Mas em seguida percebeu que era apenas uma grande nuvem se movendo diante da lua e mudando a luz.

— Tenho um kit de primeiros-socorros no carro... — ofereceu.

— Não. Acho que tem alguma coisa na estrebaria. Vem. Quero te mostrar uma coisa — disse ele enquanto andava na direção do bosque e se afastava da casa.

— Pensei que o caminho fosse esse. — Cam apontou para o quintal da frente.

— Vem cá — insistiu ele e a conduziu até um abrigo de madeira. Ele retirou um pouco de lenha do caminho e revelou uma escada descendo no solo.

— O que é isso, um tipo de celeiro subterrâneo? Sinistro.

— Mais ou menos. Vem. — Ele começou a descer a escada, com um fio de sangue escorrendo pela face.

— Essa é a parte nos filmes de terror na qual você grita para a garota na tela: “Não vai! Idiota! Não vai! Por que vocês sempre são tão burras?” — Cam *disse* para a mãe que ele podia ser um *serial killer*.

— É cem por cento seguro.

— Certo. Música de entrada do assassino. Ah, isso é engraçado. Slasher^[1] rima com Asher. Podia ser seu novo nome. Se eu sobreviver claro. — Cam seguiu Asher escada abaixo e para perto do cheiro de terra. As paredes em volta da escada eram apenas laterais de terra batida de um buraco no chão, mas quando ela chegou à base dos degraus, Asher acendeu a luz e revelou um corredor claro e espaçoso, com paredes de azulejo branco que a lembravam do Lincoln Tunnel, em Nova York.

— O que é isso tudo?

— Uma passagem secreta. Essa casa costumava ser parte da Ferrovia Subterrânea, portanto há túneis secretos e lugares ocultos em toda parte.

— Isso explica como você chega de mansinho. Sabe, tem uma explicação para tudo. A sua família sempre foi tão virtuosa?

— Não. Durante a proibição, meu tataravô enriqueceu usando os túneis para o contrabando de álcool. Ele fez fortuna. Anda. Quero te mostrar aonde isso vai dar.

Havia uma imensa saída que dava direto na praia, disfarçada por uma parede rochosa. Crescer na Disney deve tê-la habituado a paisagens de mentirinha.

Outro túnel se abria para o piso da estrebaria e um terceiro saía atrás de uma estante que girava no porão da casa principal. Eles passaram por ele e Asher girou a estante. E entraram no que Cam chamava de quarto de Homer.

Asher foi até o tanque e o observou durante um tempo.

— Você devia deixá-lo ir embora, acho. Se não vai comê-lo, ele deveria ser livre para explorar o fundo do oceano.

Ele pôs a mão no tanque e Cam pôde finalmente ler a pulseira de borracha ao redor de seu pulso. LIVRE, era o que estava escrito.

— Livre — disse ela para Asher agora. — Sabe, você não pode ter liberdade de verdade se apenas fica esperando o universo se desenrolar. Se está à mercê do universo, não está livre de verdade. — Homer parou de tentar escalar as paredes

do tanque e retirou-se para a casa de abacaxi de plástico do Bob Esponja.

— É uma perspectiva interessante. Mas se você estiver tentando controlar o universo, também não é livre.

— Sou, sim. Sou livre. Tenho livre-arbítrio. Posso controlar o universo. — Cam esticou o braço, fingindo mostrar seus músculos. O termo *livre-arbítrio* a lembrava do livro de filosofia na biblioteca do colégio que se chamava *Livre-arbítrio* até alguém riscar o último i com uma caneta preta.

— Bem, obrigada por me mostrar a batcaverna. É perfeita para fazer meu próximo milagre — disse Cam.

— Mais nenhum milagre.

— Sim, na verdade. O próximo é um bizarro.



DEZENOVE

— Cam, olhe só isso. Você tem de acreditar agora!

Cam estivera dormindo tão profundamente que tinha esquecido onde estava. Ela tentou reunir seus pensamentos. Sabia de quem era a voz que a chamava, mas pensou que ainda estivesse na Flórida e não podia entender por que estava tão claro no quarto. Por um segundo, pensou que tinha morrido.

— Cam! — Perry pulou em cima da cama e sacudiu para acordá-la. Cam pensou que estava recebendo RCP. Talvez ela *tivesse* morrido. E então, lentamente, com muito trabalho e concentração, ela reuniu os pensamentos. O Maine. A horta. Perry.

— Ok. Ok. Peri-stalse. Estou acordada — resmungou. — O que foi?

— Não me chame assim. — Aquela palavra tinha algo a ver com o movimento do intestino.

— Foi você quem mudou de nome, Peri-menopausa.

— Para.

— Bem, o que foi? O que é tão importante que você tem de pular na minha cama? É Natal? É o coelhinho da Páscoa? O que foi?

— É a horta da mamãe. Você tem de ver.

— Está bem, está bem. Vou ver a horta. Posso tomar uma xícara de café primeiro?

— Não. Agora.

— Oh, Deus — disse Cam enquanto Perry a arrastava pela escada e saía para o quintal. Cam estava usando short e blusa de alcinha cinza e o cabelo estava arrepiado em todas as direções. Um vinco da franha se estendia pela bochecha esquerda.

Ela não sabia o porquê, pois sempre vinha praticando a aversão à esperança por um longo tempo, mas percebeu que tinha uma esperança. Ela tinha esperança de que Asher estivesse dormindo para não vê-la desse jeito. Ela deve ter

começado a se importar com o que ele pensava sobre ela durante a noite. Um desenvolvimento interessante que, da mesma maneira que a aprovação em Harvard, iria cedo com ela para a sepultura.

Alicia estava regando a horta com uma mangueira e Cam cobriu os olhos por causa do sol. Será que chove por aqui? Ela deu uns passos para trás e admirou seu trabalho à luz do dia. O sol refletia nos tomates pesados e redondos e nas reluzentes berinjelas. As abobrinhas pareciam ter crescido cinco centímetros desde a noite passada.

— Dá pra acreditar nisso, Cam? Eu plantei ainda ontem.

— Bem, você usou o Miracle-Gro. Essa coisa funciona mesmo, acho.

— Cam.

— Ok, ok. Isso é incrível, sério.

— É — disse Alicia. — Vou fazer uma torta e participar do concurso de torta hoje.

Cam se esquecera de que era o Quatro de Julho. Ela tinha prometido à mãe que iria com ela à festa na cidade.

— Que tipo de torta? — perguntou Cam, examinando a horta em busca de algum ingrediente de torta. Ela não tinha roubado nenhum ruibarbo.

— Pizza.

— Mãe, não dá para entrar com pizza em um concurso de tortas — disse Cam. — Sinceramente, não creio que eles vão reconhecer como comida se não tiver lagosta nela.

— Bem, temos uma dessas. Posso fazer pizza de lagosta.

— Nem pense nisso — disse Cam. — Homer não é comida. — Talvez Asher tivesse razão. Ela deveria libertá-lo. Deixar que visse o mundo.

— Vista-se, Cam — disse Perry. — O desfile começa em uma hora.

— Você terá de levá-la para o desfile para eu poder fazer a minha torta.

— É pizza.

— Isso. Torta de pizza. Torta de tomate. É como chamam no Brooklyn.

De acordo com o iPhone de Cam, elas estavam a exatamente 769 quilômetros do Brooklyn. Era muito óbvio enquanto ela e Perry caminhavam pela Rua Principal e o coração da comemoração de Quatro de Julho em Promise. Cam nunca estivera no Brooklyn, mas imaginava que eles não tivessem comemorações por lá. Nem exposições de colchas em igrejas nem barracas de limonada das escoteiras ou corridas de saco, pula-pula ou pessoas vestidas como o Tio Sam em pernas de pau. Com certeza, não tinham prêmios para o maior morango nem um desfile de bicicletas infantis com guidões com fitas em vermelho, branco e azul, e fitas nos aros da roda.

Quando chegaram ao viveiro de lagostas, Perry deu gritinhos e puxou Cam até alguém que vestia calções e uma peruca branca cacheada. Asher deveria ser um dos pais fundadores, mas Cam não sabia dizer qual deles.

— Quem é você? — perguntou Cam.

— John Hancock. — Ele trazia uma enorme pena para assinar a Declaração de Independência. Acenou para ela com um floreio.

Foi então que a banda marcial do colégio deu a volta na esquina tocando uma marcha de John Philip Sousa, e Asher-John Hancock levou-as até o meio-fio para não serem atropeladas. À frente da banda estava uma garota loura com botas brancas e uma roupa de malha vermelha brilhante. O cabelo estava preso para cima e ela usava um chapéu branco alto que cobria seus olhos, mas Cam reconheceu alguma coisa nela.

— É a...?

— Sunny.

— Uau — disse Cam. Ela não tinha imaginado que Sunny participasse dessas coisas. E, muito menos, que fosse uma baliza.

— A mãe a obriga a fazer isso — disse Asher. — Aparentemente ela é muito boa e pode ganhar uma bolsa de estudos.

— Por girar aquela coisa?

— É.

— Hum.

— Pois é.

— Uau.

— Eu sei.

— E, por falar em bolsas de estudo, Slasher: não é o zagueiro do time campeão estadual que costuma ganhar uma delas? Você ganha uma bolsa, aí casa com a líder das líderes de torcida, vai pra faculdade de administração, tem três filhos e um cachorro, vira VP, CEO, presidente da diretoria, compra uma casa em Malibu. — Ela contou a lista nos dedos. — É a trajetória de um zagueiro campeão, Asher. Está escrito na bandeira americana.

— Ah-hã.

— Então.

— Então, garotas, vocês querem fazer uma caça ao tesouro? — perguntou ele, mudando de assunto. — Eu sou o responsável, e é superengraçado. — Asher entregou a Perry uma lista com as coisas que deviam ser encontradas.

Decidiram se separar. No alto da lista de Cam estava um balão verde. Ela procurou nas ruas pelo verde, mas as únicas coisas que não eram vermelhas, brancas e azuis eram os flamingos. Alguns deles se afastaram do bando e caminhavam empertigados pela Rua Principal como aliens.

Quando ela baixou os olhos para a lista, Alec com um *c* esgueirou-se atrás dela e passou a mão por sua cintura. Cam ficou arrepiada, com nojo ou excitada (ela não sabia muito bem, pois ficava confusa em relação a Alec), mas todos os pelos do braço subitamente se arrepiaram.

— Ah, então você me conhece hoje?

— Me desculpe — falou. — Autumn é muito, como vocês dizem? Ciumenta.

— Ok. Bem, eu estou muito, como vocês dizem? Revoltada. Revoltada com você, portanto, pode tirar a mão.

— Que isso, Campbell? Vamos tomar uma xícara de café. Autumn está ocupada. Sunny faz ela agitar as bandeiras com a banda.

— Não, Alec. Não vou tomar café com você, muito obrigada. Estou procurando um balão verde.

Quando Cam se afastou, começou a sentir-se tonta. As palmas das mãos estavam suadas. Ela tinha dificuldade para respirar. Será que saberiam quem chamar se ela morresse aqui e agora? Será que nunca ia dizer adeus?

Talvez fosse o modo como acordara de manhã, mas ela estava pensando muito

na morte hoje. Pensou em como aconteceria... Os pulmões se enchendo lentamente com fluido, afogando-se na própria cama, subitamente percebendo que não respirara e então sem visão nem audição e finalmente sem a capacidade de sonhar. Sem amor. Era a parte mais triste e mais assustadora disso. De repente, ficar sem amor para sempre.

Cam tentou interromper esses pensamentos porque eles não estavam melhorando a situação. Ela começou a hiperventilar e então caiu de uma vez, e tudo ficou escuro.



— Foi um ataque de pânico, Campbell — disse-lhe Alicia.

— Huh?

— Não quero que você pense nisso como um episódio ruim. Você simplesmente teve um ataque de pânico. Sua pressão está boa. O médico pode passar uma medicação. Um pouco de Ativan. Alguma coisa para dar uma acalmada. E você ficará novinha em folha.

— A pizza ganhou? — perguntou Cam, meio tonta, olhando ao redor do consultório médico esterilizado.

— Não tive tempo de me inscrever, mas podemos comer quando voltarmos para casa.

Perry estava sentada na cadeira perto da janela, ocupada com o celular. Perto da cadeira, havia uma sacola de papel transbordando com coisas da lista de caça ao tesouro. Um pregador de roupa, uma viseira, um taco de beisebol de plástico...

— Eu fiz de novo, não fiz, Perry?

— O quê? — perguntou ela, com os polegares digitando furiosamente.

— Estraguei alguma coisa que você queria muito fazer.

— Está tudo bem.

— Não. Não está, não. Ao menos podemos ir pra casa e comer pizza?

— Claro. Tem muita. Eu tinha tantos tomates. Você pode convidar alguns amigos — disse Alicia.

— Rá! — disse Perry sem erguer os olhos do telefone. — Como se ela tivesse

algum.

Como se fosse a deixa, Asher, Sunny, Royal e Autumn *sans* Alec entraram no consultório do médico.

— Queríamos ver como você estava — disse Asher.

— Bem, isso é um milagre — concluiu Perry. Pegou o caderno e leu em voz alta enquanto escrevia: — Número quarenta: Campbell... tem... amigos.

— Muito obrigada, Perry — disse Campbell.

Perry apenas deu uma piscadela.

— Vamos sair daqui — anunciou Alicia. — Alguém quer pizza?



— Perry, você deveria anotar isso no seu caderno.

A pizza estava mágica. A massa era fácil de mastigar, flexível, fofa, e o queijo esticava até a boca em tiras finas. O que era perfeito. Mastigar a pizza deveria ser uma operação silenciosa. Sem ruídos. Não havia nada pior que uma pizza crocante com queijo que deslizava em um único pedaço.

E o molho. O molho era uma inspiração. Nem doce nem salgado nem ácido demais, mas uma mistura de todos esses sabores que colava perfeitamente o queijo à massa borbulhante embaixo. Alicia andava servindo bandejas infinitas dela para os convidados.

Todos que elas conheciam estavam ali. As amigas da hula da mãe, as amigas pré-adolescentes de Perry, os garotos de catálogo de Cam, que, graças a Deus, esqueceram seus alteregos patrióticos e voltaram ao estilo fingindo-não-fazer-esforço. Até Elaine estava lá com Smitty, o cozinheiro do viveiro de lagostas. Era uma reunião espontânea, maravilhosa, o tipo que costumava acontecer na família de Cam, antes de tudo mudar.

Eles se sentaram em volta da mesa que Asher arrumara no pátio da frente que dava para a baía. Eles esperaram as orcas darem os saltos rituais para fora do oceano e então esperaram novamente que a escuridão descesse e que os fogos de artifício comesçassem. Alguém estava soltando-os na parte de trás do farol e eles tinham a vista perfeita no gramado de Avalon by the Sea.

Cam observava Perry e as amigas aguçarem as habilidades para flertar com

Asher. Ele era o cara perfeito, gostoso-mas-inofensivo para treinar, e ele era extremamente paciente com elas, acendendo os fogos de artifício várias vezes, quando elas fingiam ter medo de mais para fazerem isso sozinhas.

Cam não adquirira o gene que permitia azarar. Ela estava convencida de que era genético. Ou você tinha a capacidade de se envergonhar ou simplesmente poderia não fingir ser idiota. E era isso que os caras realmente queriam. Eles queriam que você provasse que eles eram muito mais inteligentes do que realmente eram, e o ego de Cam era grande demais para isso. E isso, se você pensasse bem, era simplesmente idiota. Se Cam fosse inteligente, fingiria ser idiota para que terminasse menos só.

Ela estava contente que Perry conseguisse fazer isso. Deixa-a menos preocupada com ela.

Asher tinha pendurado os alto-falantes do lado de fora e a mãe pusera a trilha sonora de “O Espírito do Aloha”. Cam estava morrendo de vontade de dançar, mas de repente ficou morrendo de vergonha de fazer isso na frente de Asher. Talvez ela tivesse um pouco de pudor dentro dela.

— Vem! — disse a mãe. — Campbell, esse é o seu número.

— Ai, meu Deus. — Finalmente Cam ergueu seu “eu” cheio de pizza para fora do banco. — Só um minuto — falou, mas ao se perder na música, um minuto se transformou em meia hora e ela esqueceu tudo sobre quem poderia estar observando. Ela fez toda a hula da deusa do vulcão, que descreve as origens da dança. Pele, a deusa do vulcão, precisava fugir da própria irmã, o mar. O mar continuava a soprar as chamas, então Pele viajou até o topo da montanha mais alta e descobriu um lar onde poderia se expressar verdadeiramente. Depois dançou para comemorar.

Quando Cam acabou, sentou-se para descansar. Viu Perry contar, animada, sua teoria sobre o unicórnio para um grupo de pessoas que se reunira a seu redor, comendo marshmallow e bolachas com recheio de chocolate.

Cam tinha ouvido Perry contar a história do unicórnio um milhão de vezes. Sua teoria começara com a ideia de que havia referências demais a dragões para que fossem totalmente um mito. A ideia dos dragões talvez não fosse totalmente fictícia. Alguém deve ter visto um tipo de dragão voador que soprava fogo.

— Era preciso haver uma origem — disse ela. Os ouvintes foram arrebatados. — E o dragão original provavelmente foi, como o monstro do lago Ness, que,

por sinal, também não é um mito, um dinossauro. Em algum momento, muito, muito tempo atrás, os dinossauros devem ter caminhando sobre a Terra com os humanos. Não eram muitos, sabe, mas uns poucos nômades que acordaram depois da Era do Gelo, como as iguanas podem, às vezes, fazer depois de um inverno longo e frio quando você pensa que já morreram. Criaturas de sangue frio podem acordar quando se aquecem. Portanto, uns poucos dinossauros (ou pterossauros, na verdade, porque eles podiam voar) devem ter acordado e existiam, e o homem deve ter visto um ou nunca teríamos histórias sobre dragões. E se você tem de acreditar que houve dragões, então, tem de acreditar em unicórnios, porque as pessoas estavam contando histórias sobre eles na mesma época.

Cam ficou pensando, entre ela e a irmã, quem era Pele e quem era o mar. Ela não teve de pensar muito sobre isso. A irmã tinha um espírito imaginativo, incontrolável, e Cam continuava a diluí-lo com o cinismo sem personalidade.

— Isso foi uma coisa e tanto — disse Asher, sentando no banco perto de Cam à mesa de piquenique.

Ela começou a dizer que sim, Perry um dia daria uma grande unicornologista, quando Asher interrompeu:

— A hula. Foi incrível. Você é muito boa.

Cam queria dizer alguma coisa irônica, mas foi então que o primeiro foguete partiu, anunciando o início dos espetáculos dos fogos de artifício de Quatro de Julho em Promise, que, depois que você se acostuma com os fogos da Disney todas as noites da sua vida, foi bem ridículo. Ridículo de um modo que fez Cam começar a gostar dali.

Cam sentia-se mais feliz. Talvez fosse a pizza em seu estômago, mas ela se sentia contente. Sentia-se corajosa o suficiente para mandar uma mensagem de texto para Lily pela primeira vez, desde que chegara.

Hoje foi um bom dia, escreveu. Esperava que fosse positiva o suficiente para obter uma resposta.



VINTE

— Me ajude a enfiá-lo no U-Haul.

— Você sabe que ele é um burro, não sabe? E um burro mimado. Ele não vai fazer o que eu digo.

— Claro que vai. Anda, James Madison — chamou Cam, estalou a língua e puxou-o pela correia.

James Madison recuou, balançou a cabeça e então se sentou, e Cam não esperava por isso.

— Ela não vai perceber que ele é um burro e não um cavalo branco? Com certeza, ele não tem um físico mítico nem mágico.

— James Madison! — Cam deu um gritinho. — Você vai aceitar isso? Fique de pé e mostre seu físico para ele.

James Madison simplesmente ficou sentado ali e zurrou. Era quase como se ele estivesse dizendo “U-Haul”.

— Certo, James Madison, U-Haullll. Entre no U-Haullll — falou Cam na língua do burro.

— Tem aberturas de ar nessa coisa? — perguntou Asher quando o burro finalmente se ergueu e começou a dar passos hesitantes para fora do curral na direção da entrada para carros.

— São apenas cinco minutos até a casa — disse Cam, puxando novamente pela correia.

— É que parece mentira, é isso. E também estamos roubando e eu não me sinto exatamente confortável.

— Você nunca roubou nada? — perguntou Cam. — Todo mundo rouba alguma coisa. Mesmo que seja um picolé do freezer quando você tem seis anos.

— Não sei nada disso.

— Deus, que coisa fofa. Estamos pegando emprestado, Slasher. Traremos o

burro de volta. Essa é a definição de pegar emprestado. Pegar alguma coisa e, depois, devolver. — Cam suspirou, deixou a correia cair e descansou de tentar empurrar o burro. Ela pegou e puxou de novo. — É como um livro da biblioteca — continuou. — Elaine é a bibliotecária. Ela sabe o que é pegar emprestado.

— Quem pega emprestado pede permissão, número um, e você nunca viu Elaine quando fica zangada — disse Asher. Ele pegou uma vara fina e bateu no traseiro de James Madison. O burro deu uns passos para a frente.

— Não pode ficar pior que a minha mãe — disse Cam quando se aproximavam do trailer. Não havia um local próximo para devolver o U-Haul, por isso elas tinham pago o aluguel dele e iam devolvê-lo quando voltasse para a Flórida. Devolver o U-Haul no prazo era o tipo de detalhe que simplesmente não ocorria quando você estava preocupada com a morte.



James Madison simplesmente caiu uma vez.

Foi quando eles pegaram a grande curva em frente ao viveiro de lagostas um pouco rápido demais. Ouviram o barulho dos cascos deslizando e então alguma coisa como um elefante fazendo sapateado na lata de lixo. Depois silenciou, e o peso ficou mais leve de repente. E quando Cam deu uma olhada no retrovisor, James Madison estava de pé, imóvel, no meio da estrada.

— Não entre em pânico — disse a Asher e ela mesma pegou um dos Ativans que o médico lhe dera após o ataque de pânico. Eram minúsculos e se dissolviam feito pó de giz debaixo da língua. Ela podia tomá-los sempre que ficasse tensa. Que diferença fazia a essa altura se ela se viciasse em tranquilizantes?

Eles deram a ré com o U-Haul para que ficasse bem na frente do burro. Cam decidiu cavalgá-lo até o trailer. Montou em James Madison e inclinou-se perto da orelha, murmurando calmamente para ele voltar ao U-Haul. O burro empertigou-se, como se estivesse prestando atenção, e avançou para o centro do caminho. Cam bateu na parede do trailer para avisar a Asher que partisse. Ela ficou com o burro dentro do minúsculo espaço escuro até voltarem para casa.



O único problema de toda a operação foi que Asher agora começara a chamá-la de “amansa-burro”, e ela merecia, imaginou, depois de envolvê-lo em uma tarde de rapto de burros.

— Acho que você pode assumir a partir daqui, A.B. — disse Asher.

Eles conseguiram transferir James Madison do U-Haul, através da estrebaria, até os túneis secretos da Ferrovia Subterrânea. O burro ficou em um dos bunkers, amarrado a um beliche, enquanto comia um pouco de feno e uma cenoura. Cam tentou prender uma casquinha de sorvete coberto com papel-alumínio ao topete com alguns grampos. Mas o chifre mágico continuava a pender para um lado.

— Diabos — falou Cam. — Não acho que consiga botar isso do lado direito. — Ela estava se sentindo sonolenta por causa do Ativan e frustrada. Os humores estavam girando por todo o lugar. Ela estava tão entusiasmada um minuto atrás e agora apenas queria desistir dessa ideia maluca.

— Quem sabe com um pouco de fita adesiva — sugeriu Asher. — Acho que tenho lá em cima.

Cam seguiu Asher de volta pela rampa e pela estante corredeira até a estrebaria. Para um garoto, ele era organizado, mas não era patologicamente organizado. Pendurava o casaco nas costas da cadeira da cozinha em vez de pendurar direto no closet, como o sr. Rogers. Mas ele não tinha jogado no sofá.

A decoração era muito masculina, com mobília em couro e tapetes orientais. Uma mesa de bilhar ficava no canto oposto. Ele dormia em um sótão abobadado acima da cozinha. Enquanto remexia nas gavetas da cozinha, procurando a fita adesiva, Cam olhava ao redor. Fotografias em tom sépia dos trabalhadores estavam penduradas na parede atrás da escrivaninha. Homens com barba usavam chapéus e suspensórios e as distintas senhoras usavam corpetes e coques. Outra foto era de uma bela mulher com cabelo comprido e cacheado e um vestido frouxo, e estava sentada de lado para a câmera, olhando para as mãos. Alguém escrevera *Olivia, 1896* no canto inferior direito.

Havia um matiz de vergonha no modo como ela evitava olhar para a câmera, embora estivesse digna também, pelo modo como mantinha as costas eretas. Cam soube de uma vez que fora essa mulher quem passara muitos anos na sacada.

Então ela viu a foto de Asher com a mãe. Ela tinha cores tão vivas em comparação com os tons desbotados das fotos mais antigas que era difícil não ver. Ele vestia um moletom com capuz laranja e o rostinho de olhos castanhos, que já tinha a covinha, estava olhando através dos degraus de uma escada azul

enquanto a mãe o segurava por trás para ajudá-lo a chegar ao topo. Ela era uma versão muito bonita de Elaine, com cabelo dourado e os olhos castanhos cintilantes de Asher. Eles pareciam felizes. Brilhavam. Sem saber que chegaria o dia em que se separariam para sempre.

— Onde está o seu avô? — perguntou Cam.

— Morto — respondeu ele.

— Mas eu pensei que você tivesse dito...

— Eu tenho de supor que ele está morto.

— Por que a Cidade Milagrosa não conseguiu salvá-lo?

— Porque ele foi embora e nunca voltou. Aconteceu com a minha mãe e com o meu pai. Eles morreram a caminho do Havaí.

— Eu sei.

Cam sentiu aquele peso novamente, a mesma roupa de chumbo que ela tinha usado quando dançou a vida dele na casa de Elaine. Ele era o guardião da casa, o guardião das lembranças e, além de Elaine, o único sobrevivente. Não admira que não quisesse ganhar a bolsa de estudos. Para ele, deixar esta cidade seria outro tipo de morte. Não o tipo que Cam estava encarando, mas ainda assim uma morte.

— Você tem problemas sérios de abandono, Slasher — disse ela.

— Você acha?

— Sim. Anos de terapia. — Cam piscou.

— E quanto a você? O que a trouxe à Cidade Milagrosa?

— Eu estou morrendo — disse Cam.

Asher ficou parado, apoiado na bancada com a mão direita. Manteve a cabeça baixa por um minuto e Cam viu as veias inchando em seu antebraço. Ele suspirou e balançou a cabeça. Morando aqui, certamente ele já ouvira essa história antes. Cam não era a primeira peregrina a vir aqui em busca de um milagre.

— Isso é uma notícia ruim para mim e para os meus problemas de abandono, “amansa-burro”.

— Você tem de parar de me chamar assim.

— Vou parar. Só preciso tirar isso do meu sistema.

— E por falar em burro — disse Cam, mudando de assunto —, você já encontrou a fita adesiva? Quero realizar o milagre de noite para que ela possa vê-lo, mas sem clareza. Dava para ouvir James Madison caminhando no andar de baixo, provavelmente ficando inquieto e claustrofóbico.

— É toda sua.

— Você não vai me ajudar? — perguntou Cam.

— Tenho de tomar banho. Tenho, hã, que ir a um lugar e não quero ficar com cheiro de burro.

Por um segundo, Cam perdeu o fôlego e esperou que ele voltasse. Cam sabia, pelo jeito como falou, que ele ia se encontrar com uma garota.



Foi difícil não apressar as pessoas durante o jantar. Cam tentou se acalmar mastigando cada garfada vinte vezes, mas macarrão com queijo não era o tipo de coisa para ficar mastigando, por isso, ela tentou outras coisas, como pôr o garfo no prato e tomar um copo de água depois de cada garfada. Quando parecia que a irmã e a mãe tinham acabado, ela limpou a mesa e empilhou os pratos perto da pia. Deu uma olhada pela janela enquanto estava por lá para ter certeza de que James Madison não havia saído por aí. Ele ainda estava lá, a cerca de trinta metros, amarrado a uma árvore.

Cam o cobrira com farinha para torná-lo branco. Ele estava muito bom, disse para si mesma. Ela tinha moldado o papel-alumínio do chifre em um formato retorcido, preso com a fita adesiva e pintado de branco e dourado. A distância, James Madison parecia com um unicórnio atarracado.

— Uau, Perry. Melhor você se ocupar. Tem um monte de pratos — disse Cam.

— O que é que está acontecendo, Martha Stewart? — perguntou a mãe. — Por que de repente tão interessada em economia doméstica?

— Por nada. É o tal *feng shui*. Estou preocupada com o fluxo. Não tem nada pior que pratos sujos para obstruir o fluxo do seu espaço. Anda. Eu vou enxugar.

— Mãe, aqueles remédios estão deixando ela diferente — falou Perry. —

Acho que alguém deveria monitorar, tipo, os níveis dela.

Mas não eram as drogas. Cam sentia uma inocência dentro dela — uma pureza de objetivo. Alguma coisa que não sentia desde antes de o câncer atacar e os médicos contra-atacarem com a bateria de substâncias químicas. Durante tanto tempo ela tivera medo de se importar com qualquer coisa. Era perigoso demais. Mas isso podia importar. Podia importar se Perry estava feliz.

Vinte minutos depois, Perry lavara todos os pratos e começara com as painéis sem perceber o *unicórnio* óbvio parado no *bosque* bem em frente à *cara* dela!

— Olha — disse Cam finalmente. — O que é aquilo? — Meu Deus, será que ela tinha de fazer tudo sozinha?

— Eu não sei — disse Perry, aproximando o rosto da janela. Somente então James Madison fez um pequeno movimento equino com a cabeça e o pescoço, e bateu no chão com um dos cascos. Cam certamente o recompensaria com cubos extras de açúcar por essa apresentação. *Bom garoto*, pensou.

— Aquilo é um chifre? — perguntou Perry. — Mãe?!

Cam fez questão de esconder a câmera e o telefone de Perry entre as almofadas do sofá na sala de estar. Enquanto Perry procurava a câmera, ela corria para fora na direção das árvores. Teria apenas tempo suficiente para levar James Madison de volta ao túnel, cruzar por baixo da casa e trazê-lo até a praia. Perry nunca pensaria em procurá-lo por ali no mesmo instante, por isso Cam poderia conduzir o burro para fora até o quebra-mar. Contribuía para uma imagem mágica, e ele estaria bem longe para ainda parecer um unicórnio.

James Madison estava se acostumando a ser puxado. Ela praticamente o fizera trotar pelo túnel, desta vez. O burro parecia apreciar ter algo para fazer em vez de ficar parado no curral.

— Viu como pode ser divertido se você colaborar comigo, burro? — disse Cam.

Ela o deixou se equilibrando nas pedras no fim do quebra-mar, com duas pequenas maçãs e um cubo de açúcar. Antes de correr de volta para dentro de casa, parou um instante para apreciar James Madison. Ele era um tremendo ator. Ficou parado com o focinho no ar e o chifre dourado reluzindo sob o sol. Fitava o mar, como se buscasse os ancestrais perdidos. Parecia, ao mesmo tempo, orgulhoso e tristonho, o último de sua espécie numa jornada mágica. A água

batia suavemente ao redor de seus cascos e as cores do pôr do sol ofereciam o pano de fundo perfeito. O cenário parecia ter sido tirado dos pôsteres baratos no quarto de Perry. Só faltava um arco-íris.

— Acho que eu o estou vendo na praia! — gritou Cam quando voltou para casa.

Perry correu até o gramado com a câmera na mão. O sol já tinha baixado o suficiente no céu para que qualquer foto que ela tirasse captasse uma silhueta escura. Ela clicou algumas vezes.

— Não posso acreditar nisso! Eu falei que era verdade. Este lugar é incrível.

Cam fitou as ondas, observando enquanto subiam e começavam a cobrir os tornozelos do burro. Sua irmã estava sorrindo enquanto apertava o botão da câmera. Cam pegou-se sorrindo também.

— Uau! — gritou Perry.

Cam deu meia-volta e viu a água bater ao redor dos joelhos de James Madison. Ele moveu os pés algumas vezes e ergueu-se majestosamente sobre as patas traseiras. Então traçou círculos com as patas dianteiras no ar, relinchou e pulou com um borrito gigante nas águas escuras da baía.



VINTE E UM

Cam correu para a praia ao mesmo tempo que Asher saía de casa, vestindo uma camisa branca social para fora da calça, calça cáqui com a barra enrolada e sandálias de couro grossas. Ele tinha cheiro de lima fresca.

— Asher, me ajude! — gritou Cam enquanto descia a trilha íngreme e sinuosa até a praia.

— Ajude. Não ajude. Você transmite mensagens confusas. — Asher suspirou ao guardar as chaves no bolso e acompanhar Cam até a beirada do gramado.

— Olhe! — insistiu Cam, apontando na direção da baía. James Madison estava debatendo-se na água, lentamente abrindo caminho até a praia. O chifre, graças ao milagre da fita adesiva, não caíra. Ficou bem reto e balançou para cima e para baixo como uma boia enquanto James Madison se esforçava para manter a cabeça acima da água.

— Ai, meu Deus. Será que burros podem nadar? — perguntou Asher.

— Como é que eu vou saber?

— Você é a amansa-burro.

— Pare. Isso está perdendo a graça — disse Cam, sem fôlego. Asher ficou atrás dela enquanto eles desciam o penhasco com dificuldade. Ela quase perdeu o equilíbrio e escorregou um pouco na areia com seixos, antes de dar um último salto para o terreno plano e cheio de pedras da praia.

Ela correu para dentro do mar até ficar com água na altura da cintura e mergulhou de cabeça no meio de uma onda que se aproximava. O frio era de congelar. Ela deixou que a onda pesada espirrasse sobre ela, e então a ressaca empurrou-a perigosamente para próximo às rochas do quebra-mar.

Ela deu algumas braçadas antes de se aproximar de James Madison e puxá-lo pela correia.

— Fique bem longe dos cascos ou ele vai dar um coice em você! — gritou Asher enquanto caminhava com água até os joelhos.

Cam puxou a correia delicadamente enquanto conduzia o burro na direção da terra firme, e a água fria fazia suas pernas doerem. Ele recuperou o equilíbrio e ela foi com ele até a praia, onde o animal se balançou como um cachorro molhado. O chifre pendia frouxo da testa e balançava à frente do olho esquerdo.

— Uau, isso foi muito sexy — disse Asher. — Tipo, *Baywatch*.

— Você... é... tão... engraçado — disse Cam, ofegando.

— Ops! — disse Asher.

Cam seguiu seu olhar até a beirada do gramado. Perry e Alicia estavam descendo até a praia.

— Eu não vou dizer que eu avisei — disse Asher. — Vou dar um minuto a vocês. Abra-te, Sésamo! — A face do penhasco deslizou e abriu, e ele desapareceu dentro da terra. — Boa sorte! — Campbell o ouviu dizer antes que a pedra voltasse a se fechar.

— Obrigada, é muito gentil de sua parte. — Cam passou os braços em volta do corpo e tentou parar de tremer.

— Campbell, o que é que está acontecendo? — perguntou Alicia quando chegou à praia. Ela cobriu Cam com uma toalha, esfregando para cima e para baixo nas laterais dos braços para aquecê-la, como fazia quando Cam era pequena e acabava de sair do banho.

— Hã, nada. — James Madison ergueu o focinho no ar e zurrou. O chifre balançava frouxo, de um lado para o outro. A farinha estava se acumulando por causa da água do mar, expondo trechos de pelo escuro. — Eu não tinha certeza se unicórnios podiam nadar, por isso queria apenas, sabe, salvá-lo ou coisa assim.

— Isso é um burro — disse a mãe sem rodeios.

Perry ficou de pé com os braços cruzados sobre a cintura. Traçava círculos na areia com a ponta do tênis.

— É?! Sério?! Que estranho. Você sabe o que mais? Talvez seja magia. Eu sei. A água. A água transformou o *unicórnio*... em um burro!! Dá pra acreditar nisso? Perry? Não é incrível?!

Perry se afastou na direção do penhasco e guardou o telefone no bolso.

— Deixa pra lá — disse ela. — Não tem unicórnio. Só a minha irmã sendo

uma idiota.

— Eu só...

— Você só o quê, Cam?

— Ora — disse Cam —, vocês duas estavam tão animadas com a perspectiva de milagres que eu só tentei fazer vocês felizes. Ajudar vocês a acreditar... neles, acho.

— Mas você não acredita neles, porque isso estaria abaixo de você, não é? — O olhar de Alicia era frio e severo.

— Não, não abaixo de mim, na verdade...

— Bem, foi muito legal de sua parte. Obrigada. — A mãe tinha um tom de desprezo na voz e o olhar de “eu desisto”. Aquele que ainda podia fazer Cam se sentir desesperadamente abandonada e sozinha, embora fosse praticamente adulta.

— Talvez a gente deva levar você para o tal psicólogo. — Os médicos deram a Alicia o número de um psicólogo depois do incidente do ataque de pânico. Ela balançou a cabeça. — Você só não parece dar uma chance para as coisas.

— Eu, ir a um psicólogo? — disse Cam. — Vocês duas são as que, há um segundo, acreditavam em unicórnios e em tomateiros mágicos.

— Você fez os tomates também? — perguntou Alicia.

— Achei que você já tinha descoberto isso — disse Cam obedientemente. Ela apertou mais a toalha a seu redor. O sol baixava no horizonte. Estava esfriando e a maré continuava a subir. As bordas espumantes das águas invadiram o caminho sob os tênis encharcados.

— Cam...

— O quê?

— Eu tinha esperança... Deixa pra lá.

— O quê? — indagou Cam.

— Eu tinha esperança, ao menos, de que esta viagem te ensinasse a abrir mão do controle. A confiar que o universo se desenrola.

— As pessoas continuam falando nesse desdobrar. Eu não posso *confiar no*

desdobramento, está bem? Se existe um poder superior fazendo origami do universo, ele me odeia. Eu era uma criança gorda, meus pais se divorciaram, meu pai morreu e, depois, tive câncer. Então, não. Não confio em como as coisas vão se desdobrar.

— Isso é muito ruim — disse Alicia. Ela deu um último olhar a James Madison, que estava batendo com as patas na praia de pedras, ainda encharcado depois de nadar. — É melhor você levar o burro para casa, antes que ele morra congelado.

— Eu só estava tentando ajudar — disse Cam.

— Uma ajuda qualquer... — começou Alicia. Era uma frase da música infantil favorita de Cam, do disco *Free to be you and me*. — “Uma ajuda qualquer é o tipo de ajuda da qual você não precisa.”

Alice passou o braço ao redor do ombro de Perry. Elas caminharam lentamente de volta para a trilha íngreme até o gramado, deixando Cam tremendo, sozinha, na praia.



Apesar de estar coberto com três cobertores, um tapete oriental, protetores de ouvido e um cachecol, James Madison ainda estava tremendo quando chegou à casa de Elaine. Cam ponderou deixá-lo no curral e ir embora. Mas sua consciência levou a melhor sobre ela, e ela entrou.

— Hã, Elaine? — chamou. A área de serviço com painel de madeira estava lotada de botas e camisas xadrez de flanela penduradas em ganchos.

— Ei, Campbell. — Elaine estava lendo na cadeira grande da sala de estar. Baixou o romance água-com-açúcar e retirou os óculos, deixando que ficassem pendurados pelo cordão e caíssem sobre o busto. Essa palavra sempre fazia Cam rir, mas era a maneira perfeita de descrever o peito farto de Elaine.

— Essa é a última coisa que eu esperava ver você lendo.

— É, bem, todos temos nossos vícios — disse Elaine.

— E por falar em vícios... — começou Cam.

— Sim.

— Ontem eu meio que peguei emprestado de você uma coisa.

— Tudo bem, desde que devolva. O que foi?

— James Madison — confessou Cam.

— O burro?

— Isso. E ele, hã, teve um dia difícil.

— O que você quer dizer?

— Bem, ele acabou nadando um pouco e parece estar com bastante frio.

— Por que você levou meu burro para um... Deixa pra lá. Onde ele está?

Cam pegou o burro e o levou até a sala de exame.

— Temos de aquecê-lo — disse Elaine, correndo para trocar os cobertores. — Tem alguns aquecedores portáteis na garagem, Campbell. Corra e pegue uns pra mim.

— Será que devemos secá-lo com secador?

— Isso poderia funcionar também. Tem um secador de cabelo debaixo da pia do banheiro.

Elas arrumaram os aquecedores, e Cam segurou o secador de cabelo sobre a crina do burro, balançando para a frente e para trás ao longo do pescoço, enquanto Elaine media a temperatura e examinava os olhos dele. Ela estava tentando determinar se James Madison estava com hipotermia, à qual burros são mais suscetíveis do que cavalos.

— Estou decepcionada com você, Campbell.

— Sinto muito — disse Cam em voz alta, para que Elaine pudesse ouvi-la acima do secador.

— Sabe, veterinários fazem o mesmo juramento que os médicos.

— *Primum non nocere*. Primeiro, nunca causar dano. — Cam conhecia isso. Ao tratar o câncer, era a primeira coisa que jogavam pela janela. Eles vão atrás do tumor sem levar em consideração o restante das células que estão tranquilas por ali, sem se intrometer na vida dos outros, tentando manter você vivo. Frequentemente o tratamento mata antes da doença. Mesmo que não acontecesse mais nada durante a viagem, Cam, pelo menos, ficaria contente por não passar o verão sendo envenenada por oncologistas bem-intencionados.

— É uma regra simples — disse Elaine e abriu a boca de James Madison para poder olhar sua gengiva.

— Não sabia que ia fazer mal a ele. As coisas deram errado — disse Cam. Ela desligou o secador e cobriu as costas do burro com um cobertor de lã elétrico.

— Bem, isso demonstrou um péssimo julgamento. Eu devia despedir você.

James Madison cutucou Elaine com o nariz e esfregou o rosto nela, inclinando-se para um abraço.

— Está tudo bem, garoto. Você vai ficar bem. Que pasta grudenta é essa no pelo dele? — perguntou Elaine.

— Farinha — confessou Cam. Não fazia sentido esconder aquilo.

— Farinha — repetiu Elaine, como se nada mais a surpreendesse.

— É.

— Você cobriu o meu burro com *farinha*? Quer saber de uma coisa? Não quero nem saber.

— Eu ia usar tinta spray — disse Cam —, mas achei que farinha seria mais orgânico.

Elaine suspirou e então firmou-se em um dos pés. Ergueu o secador de cabelo para o céu.

— Acho que posso assumir a partir daqui.

Cam enfiou-se no carro, perguntando-se se fora despedida. Ela não estava acostumada a um fracasso tão grande. *Afinal, sou material de Harvard*, pensou, tentando se animar. Mas ela se sentia humilhada.

Ela sabia que não devia, porque ia embora em pouco tempo, mas se imaginou desaparecendo. Primeiro, os pés, depois, as pernas, o tronco, os ombros, os braços, o pescoço e a cabeça. Imaginou que tudo tinha sumido, menos as roupas que, de modo mágico, voltaram para o estacionamento sozinhas.



VINTE E DOIS

Cam levou o U-Haul para Avalon by the Sea e desatrelou-o do Cumulus.

Depois, entrou novamente no carro e respirou o cheiro forte e doce do óleo de pluméria, que a recordava de casa. Ela não se atrevia a voltar para dentro de casa. Não era bem-vinda em nenhum lugar. E por falar em coisas dando errado, uma vez na vida ela tentou fazer as pessoas felizes e, em vez disso, todos a odiavam.

Ela pegou o telefone e ligou para o número do pai. Era para ele que ligava quando se sentia sozinha.

“Aloha”, ouviu o estrondo da voz de showbiz do pai. “Não estou aqui, mas fique à vontade para deixar...”

Cam continuara a pagar a conta do celular do pai em segredo, para poder ligar de vez em quando e ouvir a voz dele. Somente telefonava quando sabia que tinha de chorar. E agora ela estava chorando, querendo que ele nunca tivesse morrido e se perguntando se isso estava acontecendo com ela, se o câncer estava acontecendo com ela porque o pai não podia suportar vê-la vivendo na Terra sem ele. Ele podia ser muito possessivo.

Quando as lágrimas pararam e ela conseguiu ver novamente pelo para-brisa, dirigiu para o norte até a escola da cidade. Não tivera muitas notícias sobre os flamingos desde o Quatro de Julho, e ela se perguntou se ainda estavam lá. Queria dar uma olhada em Buddy, o bebê, para ver se ele tinha adquirido penas cor-de-rosa ou se suas pernas tinham começado a crescer.

Buddy estava lá, empoleirado no tronco cheio de lama que a mãe preparara para ele para que não rolasse na lama ácida que queimaria sua pele.

Cam observou da velha cerca de madeira quebrada.

— Olá, Buddy — disse ela. Pensou que ele na verdade a reconheceria com um rápido movimento das asas de chester de forno.

Ela observou o bando por algum tempo. Um monte de aves dormia sobre uma das pernas com a cabeça virada e enfiada debaixo das penas da cauda e as pernas

invisíveis no escuro. Nuvens cor-de-rosa que pareciam pender, suspensas em pleno ar. Talvez fosse disso que Cam precisava. Dormir. Ela voltaria para casa e tudo estaria bem de manhã.

Quando virou a esquina para o estacionamento lateral, um jipe estava lá, parado, o baixo do rádio vibrando as laterais de metal do carro. Dentro dele, uma mulher de trinta anos, com cabelo curto com luzes e unhas vermelhas, fitava um homem enquanto passava os dedos da mão esquerda pelo cabelo dele. Cabelo dourado de sol, familiar. O braço magro, definido pelo Pilates, estava dobrado entre os bancos, e a mão direita estava em alguma parte no colo.

Oh, Asher, pensou Cam. Por que ela sempre tinha de ter razão? Por que as pessoas eram tão previsíveis?

Asher virou a cabeça e olhou para Cam pela janela. Seus olhos se encontraram por um segundo, antes que ele fechasse as pálpebras em câmera lenta, fingindo que ela não existia. Era como se Cam já estivesse morta.

No carro, Cam segurou o iPhone, querendo que os dedos discassem para Lily. Ela precisava de alguém para reconhecer sua existência. O telefonema entrou direto no correio de voz. Ela enviou uma mensagem de texto e esperou dez minutos por uma resposta. Finalmente, decidiu ligar para o telefone fixo. Isso era realmente admitir a derrota, se Cam estava disposta a passar pelos pais de Lily para chegar a ela.

Kathy atendeu ao tocar pela sexta vez.

— Alô — disse ela preguiçosamente.

— Oi, hã, desculpe ligar tão tarde.

— Caem?

— É. Sou eu. Estava pensando se poderia falar com a Lily. — Cam fechou os olhos e apoiou a testa na mão. Estava tentando apagar permanentemente a imagem de Asher e daquela mulher da memória. Ela tinha uma fotografia deles na mente e imaginou que fazia desaparecer usando pinceladas largas de alguma ferramenta do Photoshop para apagar.

— Ai, Deus. — A voz de Kathy falhou por um momento e então ela ouviu puxando o ar com força.

— Alô? — disse Cam. Quando abriu os olhos, podia ver a baía escura à

esquerda. O feixe amarelo do farol varria o oceano, como se procurasse prisioneiros. À direita. A maioria dos flamingos ainda dormia, almofadinhas cor-de-rosa suspensas em pleno ar, como marionetes de perna comprida esperando que alguém puxasse as cordas.

— Campbell, querida.

— Sim.

— Docinho, queríamos ligar pra você.

— Por quê?

— Lily morreu, querida. Há três dias.

Cam estava em silêncio. Uma mariposa fantasmagórica flutuava no feixe acusador dos faróis. Um flamingo falava durante o sono.

— Campbell? Docinho? — disse Kathy. Cam se esquecera de que estava falando ao telefone. — Desculpe por não ter telefonado. É só que é tão difícil. É como reviver a cada minuto, sempre que tenho de contar a outra pessoa.

Cam não disse nada.

— Onde você está, docinho? Está em casa? Sua mãe está com você?

— Eu acho que morrer é... — disse Cam finalmente. — ... um verbo que precisa de um complemento. Você pode morrer de frio. Morrer de medo. Morrer de angústia. Não pode simplesmente morrer, sem passar.

— Campbell, posso falar com a sua mãe?

— Ela não está aqui, acho. — Cam deixou o telefone cair no banco do passageiro. Ela estava indo embora. Se desligando. Sentiu o corpo flutuar, e se tornou éter. Era nada. Apenas uma ideia.

Estava cansada. De tudo.



VINTE E TRÊS

Cam tinha Gatorade suficiente sobrando no carro para engolir os dezessete comprimidos minúsculos em dois grandes goles. Apenas para ter certeza, e porque precisava levar o carro com ela para o esquecimento, ia pular de um penhasco.

O único penhasco de que ela lembrava era o que eles tinham descido de tirolesa para ir até o farol. Seria perfeito. Cinematográfico. Tipo *Thelma e Louise*. Haveria até lua cheia. Ela simplesmente tinha de começar a dirigir antes de as drogas fazerem efeito e ela perder todo o controle.

Seus braços já estavam pesados enquanto ela erguia as mãos, aparentemente imensas, para o volante. As pontas dos dedos estavam formigando e os dentes, dormentes. De algum modo, ela conseguiu coordenar os movimentos o suficiente para sair do estacionamento e virar na direção da estrada costeira até o Farol Archibald.

Esforçou-se para ficar acordada, concentrando-se no feixe giratório do farol, esticando-se a cada vez que ele voltava para seu rosto. A luz ambiente da lua cheia iluminava as estradas, e ela baixou o vidro para que a brisa fria entrasse pelas janelas. Se ao menos os dois faróis — ela estava imaginando os dois? — que a acompanhavam de perto desligassem os feixes altos. Ela tentou sacudi-los virando rapidamente à esquerda sem sinalizar, mas as luzes brilhantes e ofuscantes ainda a acompanhavam. “Faróis ridiculosh”, falou com dificuldade, sentindo-se cansada. Muito cansada. E acelerou.

A estrada terminava no estacionamento do parquinho. Ela dirigiu até a grama, esmagando os ridículos dentes-de-leão lilases sob os pneus enquanto passava pelos balanços e atravessava o gramado até o alto do morro, onde parou, a muitos metros da beirada do penhasco.

Ela podia ouvir as ondas batendo nas rochas abaixo dela. Fechou os olhos e colocou as duas mãos no volante. “Eu te amo, Cumulus”, falou. “Agora não banque o Herbie, o fusca falante, e tente me salvar.” Então ela baixou os pés para o pedal do acelerador. “Bom garoto”, falou quando o Cumulus se lançou para a frente, pegando velocidade feito um jato prestes a decolar.

Cam ouviu a rajada de vento e, depois, nada durante dez segundos, e então um ruído que estourou os tímpanos, e deve ter sido o som de todos os ossos dela quebrando de uma vez. Ela ouviu um sibilo, que poderia ter sido a vida saindo dela, ou talvez o som das ondas.

Mesmo por trás das pálpebras fechadas ela ainda podia sentir o feixe do farol girando, intermitente, sobre seu rosto. Esperou que parasse e revelasse o famoso túnel e a luz brilhante do além.

Então, ela ouviu alguém chamando seu nome.



Cam despertou em uma poça do próprio vômito de Gatorade lilás.

— Quem foi o gênio que induziu o vômito?

— Esse seria eu. Vi o frasco de comprimidos vazio. — A voz de Asher ecoou até ela, vinda de muito longe.

— Asher ao resgate — disse Cam com dificuldade. — Você ao menos virou minha cabeça para o lado?

— Claro. É o básico dos primeiros-socorros.

— Onde está a gostosona? — perguntou ela, subitamente lembrando como ela o vira pela última vez.

— Em casa — respondeu ele e ergueu o pulso minúsculo e mole para medir a pulsação. Os dedos gentilmente procuraram e, depois, apertaram a veia.

Cam afastou a mão.

— Só tenho de medir sua pulsação.

— Não. Posso medir sozinha — disse Cam, tentando em vão erguer o braço direito do chão.

— Relaxe, posso fazer isso. — Seus dedos roçaram a parte interna do pulso e ela sentiu um formigamento no braço.

Cam, derrotada, apoiou a cabeça na grama úmida, fria, e fitou o céu escuro noturno. Ela fechou os olhos e, quando abriu de novo, viu. Um arco-íris brilhante esticando-se lentamente pelo céu noturno preto. Ela piscou, mas ainda estava ali quando abriu os olhos. As cores brilharam radiantes por um minuto inteiro antes de se desbotar em cores pastéis desbotadas.

— Viu aquilo? — perguntou a Asher.

— O quê?

Ela ficou feliz com o fato de que ele não tivesse visto e imediatamente juntado o arco-íris com as orcas e os dentes-de-leão e os pores do sol mágicos. Isso era sua experiência. E era pessoal. Uma mensagem de Lily.

— Deixa pra lá. O que aconteceu? — Tirando a sensação de peso e mal-estar, ela se sentia bem. Nenhum osso quebrado. A vida não abandonara seus membros.

— Você foi direto para uma casa pula-pula.

— Uma casa pula-pula?

— Isso. Do Quatro de Julho.

— Salva por uma casa pula-pula.

— E seu cinto de segurança. Você deve ter alguma esperança ainda ou não teria ricocheteado.

— A esperança é a própria recompensa.

— O quê?

— Nada. Só é algo que alguém me disse uma vez.

— A ambulância deve estar aqui a qualquer minuto.

— Será que realmente precisamos dela? — Cam podia ouvir novamente as ondas batendo contra a margem. Grilos estavam fazendo barulho. O arco-íris noturno desaparecera. Tudo estava voltando a ficar em foco.

— Você deveria fazer uma lavagem estomacal.

— Não quero uma lavagem *esmotacal*. Quero dizer, lavagem *esmotacal*. Quero dizer. Você sabe o que quero dizer — disse Cam, acenando debilmente no ar. — Ops — disse ela, sentou-se e vomitou, cuspiendo mais uma vez na grama. — Acho que estraguei o Riptide Rush de todo mundo.

— É. E era o melhor sabor também.

— Desculpe por isso.

Finalmente, Cam conseguiu sentar-se ereta o suficiente para avaliar o dano. O castelo pula-pula tinha sido laranja, vermelho e amarelo. Um minúsculo torreão

dele ainda estava inflado e balançava para a frente e para trás com a brisa. O restante estava achatado, como se alguém tivesse jogado um imenso balão de água de um avião. O Cumulus se encontrava no meio de toda a confusão, com a tinta Vapor clara refletindo à luz do luar.

— Graças a Deus ninguém estava pulando.

— Você pode dizer isso mais umas vezes, amansa-burro.

— Graças a Deus ninguém estava pulando — disse Cam, e começou a adormecer.



O hospital em Promise tinha o tamanho e formato de um jardim de infância. Um pequeno edifício quadrado com piso de linóleo dourado, paredes de tijolos pintadas de verde-espuma do mar e enfermeiras antiquadas que ainda usavam vestidos brancos, sapatos brancos e quepes brancos de papel com abas. Cam pensou que tivesse acordado em 1965.

Sua mãe e Perry estavam sentadas em cadeiras de vinil lilás-amarronzado no quarto particular. E trouxeram Pilly, o pequeno travesseiro de avião em uma fronha de cetim que a babá fizera para Cam, quando ela era um bebê. Cam esfregava o canto frio dele entre os dedos e imediatamente se acalmava.

— Estou bem, agora que tenho Pilly. Podemos sair daqui? — Os músculos estavam doloridos por causa do tubo que fora enfiado em sua garganta na noite passada.

— Acho que deveríamos conversar sobre isso, na verdade. — Um pequeno homem de cabelo escuro sentado em uma cadeira à direita da cama estava segurando um bloco pautado amarelo. Ele tinha barba fechada, como as do G.I. Joe, que precisava desesperadamente ser aparada, e ele remexia nervosamente com a caneta. Cam não o tinha percebido.

— Ah, que isso — disse Cam. — Ninguém avisou este cara?

Alicia e Perry simplesmente deram de ombros e voltaram a enviar mensagens de texto (Perry) e fazer tricô (Alicia).

— Você tem de conversar com ele ou não vão deixar você sair daqui — disse a mãe sem erguer os olhos.

— É verdade? — perguntou Cam ao psicólogo. — E, por favor, não responda

a minha pergunta com outra pergunta.

O psicólogo estava prestes a falar e então fechou a boca, perplexo.

— Incrível. Você quer saber o que aconteceu com o último psicólogo ou simplesmente quer que eu assine os papéis e facilite as coisas?

Ela e Lily dividiam o mesmo psicólogo quando estavam no St. Jude's. Era um cara com aparência de nerd e nervoso, que se chamava Roger, e elas descobriram no Google que ele tinha sido campeão nacional de cubo mágico em 1986. Elas torturaram o pobre homem usando as sessões para explicar os detalhes íntimos de seus supostos sonhos eróticos. Finalmente, foram descobertas quando Lily se empolgou e incluiu um cubo mágico em um de seus sonhos, e isso era coincidência demais até para Roger.

— Você está me ameaçando? — perguntou o Novo Psicólogo.

— Como isso faz você se sentir? — perguntou Cam, indiferente, enquanto erguia os olhos para a tevê, apontava o controle remoto e mudava de canal. A *Roda da fortuna* apareceu, e era um quebra-cabeça de antes e depois. — Zircônia cúbica mágica — falou. E estava certa.

— Você está exagerando — disse ele.

— Você acredita que coincidências são realmente coincidências ou acha que deveríamos prestar especial atenção a elas?

— Em que você acredita?

— Como eu sabia o que você ia dizer? Mãe? Pode, por favor, me resgatar desse imbe..., quer dizer, homem simpático? Você tinha de lembrar quem detinha o poder nessas situações.

— Estou me divertindo vendo você sofrer, Campbell.

— Por quê?

— Por quê? Você tem de perguntar por quê? Campbell Maria Cooper... — A voz de sua mãe falhou, e ela balançou a cabeça.

— O quê? — perguntou Cam. — Por favor, não chore. — Era impossível que Cam não chorasse quando a mãe chorava, por causa daquela história de filho mais velho com cordão umbilical emocional.

— Campbell. Eu nunca, nunca, nunca na vida, *nem por um momento*, desisti

de você.

— Isso é verdade — disse Cam.

— Não importa o quanto.

— Eu sei.

— É como se você estivesse no meu coração, batendo fora do meu corpo.

— E o que isso faz de mim? Seu fígado? — resmungou Perry.

— Não. Você é meu coração também. Meu outro coração.

— Tanto faz — disse Perry.

Alicia baixou o tricô e se levantou.

— Cam, noite passada, você desistiu. De mim. De todas nós. E partiu meu coração. Não pude acreditar que você faria isso com a gente.

— Eu não estava fazendo isso *a* ninguém, mãe. Só estava fazendo. Simplesmente tinha de fazer alguma coisa. Me desculpe. — Depois de um momento de silêncio pesado, ela falou: — Eu usei o cinto de segurança.

— Ah, ótimo. Obrigada, Campbell. Dr. Zimquist, acho que assumimos a partir de agora. Ela usou o cinto de segurança. Então está bem. — A mãe ria através das lágrimas e deu um abraço em Cam.

— Lily... — disse Cam bruscamente enquanto inclinava a cabeça no abraço da mãe e começava a chorar.

— Eu sei, querida. Eu sei — disse a mãe.

Perry aproximou-se da cama e se juntou ao abraço de grupo.

Depois de um instante, Alicia ergueu os olhos.

— Dr. Zimquist — disse ela. — Acho que isso é o que vocês chamam em seu ofício de progresso. Nós chegamos a isso bem rápido porque não temos tempo para anos de terapia. O senhor pode assinar os papéis, por favor?



VINTE E QUATRO

Fazia dois dias que ela fizera a lavagem estomacal e toda aquela experiência a fizera recuar um pouco. Ela se acostumara a certas mordomias desde que chegara a Promise. Começara a engordar. Os ângulos das articulações tornaram-se menos distintos e a pele retornara ao pigmento natural. Mas desde o episódio, ela se tornara fria, pálida e frágil.

Sentada na cama na sacada, coberta com sete cobertores, Cam assistia à *A Noviça rebelde* no laptop. Quem a conhecia (*Lily e... Lily* prosseguia a lista) ficava surpreso por ele ser um dos filmes favoritos dela.

Claro que havia filmes dos quais ela gostava mais: *Chinatown*, *Aprendendo a viver*, *O melhor do show*, *Midnight Cowboy*, *Cidadão Kane*, *Brilho eterno de uma mente sem lembranças...* Havia até alguns musicais que ela preferia, por exemplo, *Sinfonia de Paris*. Ou até *Dirty Dancing* (que o Patrick Swayze descanse em paz).

A noviça rebelde, porém, era o filme essencial. Aquele ao qual ela voltava sempre que se desligava do mundo, para acalmar as coisas e recomeçar. Tinha a ver com o modo como a tristeza invadia sob as melodias esperançosas. Parecia real para Cam que, não importa o que houvesse, ainda havia tristeza.

Mesmo o momento feliz no fim, quando eles estavam cruzando os Alpes para a liberdade — quando Christopher Plummer ergue Gretl nas costas. Mesmo aquele momento está tomado pela tristeza de deixar a pátria para sempre.

Cam assistira a esse filme 257 vezes.

Ela puxara mais o sétimo cobertor sob o queixo e as mangas para cobrirem suas mãos. *Talvez esperança e tristeza possam coexistir*, pensou ela. Isso parecia uma ideia importante. Talvez Cam pudesse ter esperança sem negar aquela imensa parte de si mesma que tinha de ser triste. Ela não tinha de sacrificar uma pela outra. Talvez todas as pessoas tivessem esperança e tristeza em todos os momentos da vida.

Julie Andrews começou o show de marionetes, “O Pastor Solitário”, e conquistou o capitão com a inocência suada e corada. Ele estava prestes a pegar

o violão de Liesl e cantar *Edelweiss*. Era a parte favorita de Lily — além do adeus contido e choroso da baronesa Schraeder na varanda, claro. Ela e Lily amavam a baronesa. Era o nome da banda de punk imaginária de Lily.

A ideia de que Lily tivesse ido embora para sempre deixava Cam arrasada. Era como se a alma de Cam, se você acreditava em coisas como almas, tivesse sido aspirada para fora de seu corpo.

Ela nem tinha dito adeus.

Cam pensou novamente no arco-íris noturno. Ela tentou se impedir de pensar no arco-íris como um sinal — uma mensagem final de Lily, para que ela soubesse que tudo ficaria bem. Parte dela sabia que deveria ter sido uma alucinação por causa dos remédios. Mas parecia tão real. E era exatamente como Lily o descrevera havia um ano, quando falava sobre o que ela veria quando morresse. Aquele clarão de cor, aquela luminosidade ofuscante, contra o céu da meia-noite.

Capitão Von Trapp se recusava a pendurar a suástica na entrada da casa.

— Que tolice a minha, eu queria dizer *acusar* você — falou para o simpatizante nazista sinistro. Outra das frases favoritas de Lily.

Era estranho, mas ela parecia tão próxima. Mais próxima do que tinha estado quando ainda habitara este planeta. Cam podia praticamente senti-la aconchegada a seu lado nesta cama. E isso a fazia sentir-se segura... será que ousaria dizer, esperançosa? E com menos medo.

Julie Andrews estava ensinando a Kurt a dança folclórica austríaca quando o capitão interrompeu.

Talvez se ela pensasse sobre as pessoas elas nunca desaparecessem de verdade. Parecia muito brega, mas havia uma explicação científica para isso também. Se você acreditava que os pensamentos eram energia e energia é matéria ($E=mc^2$), e a matéria aparece, então uma pessoa nunca pode realmente deixar você, a menos que você pare de pensar nela. Tudo que você dividia com uma pessoa ainda está girando ao redor do universo. O amor, Cam tinha de admitir, poderia ser real. E o amor permanece. As relações permanecem. Porque os pensamentos são energia, energia é matéria, e a matéria nunca desaparece.



Cam precisava de um pouco de ar fresco.

Ela saiu para a varanda e olhou em seu telescópio. Eram quase onze da manhã, por isso ela examinou até poder focalizar no cais cinza atrás do viveiro de lagostas onde o cozinheiro robusto, com olhos cor de âmbar, Smitty, estava prestes a iniciar a natação diária. Todos os dias, ele emergia da porta dos fundos do restaurante no calção de banho azul-marinho e segurava a barriga grande e peluda nas mãos enquanto ia até o fim do cais. Ele mergulhou, nadou até uma boia na baía e nadou de volta. Quando se ergueu para fora da água, a barriga sumira. Ele não tinha abdômen de tanquinho nem nada, mas, de alguma forma, a água o modificara.

Ela procurou pelo cemitério. Ela examinou até o cemitério na encosta e olhou as lápides cinza-escuras que saíam da terra feito línguas petrificadas. *Zenobia Drake McClellan 1895-1995; Allastair Dubois 1907-2007; Amanda Hawthorne 1887-1987*. Quase todos os amados irmãos, irmãos, mães e pais no cemitério de Promise, com a notável exceção de *Lisa e Thomas Whittier 1955-1994*, viveram exatamente cem anos.

Talvez este lugar fosse um pouco bizarro. Ela não iria tão longe a ponto de chamar “encantado”, não. Mas definitivamente era bizarro.

— Correio! — gritou Perry. Ela recebera instruções estritas para deixar Cam sozinha, por isso, em vez de subir os degraus como sempre, jogou um grande pacote através da abertura da escada espiral. Ele aterrissou com uma pancada no alto da escada.

Cam fitou o envelope de papel pardo simples. Ela não reconheceu a letra do lado de fora. *Viu*, pensou, *bizarro*. Ninguém deveria saber onde encontrá-la. Ninguém tinha este endereço. Ela rasgou o envelope.

Uma moldura branca familiar caiu sobre a cama. Era a fotografia de Cam e Lily no St. Jude’s. Elas tinham ficado sentadas na cama de Lily jogando Risco, conquistando o mundo desde o quarto de hospital. Alicia pediu para tirar a foto e elas se inclinaram sobre o tabuleiro para se abraçar. Sacos transparentes de fluidos de aparência assustadora pendiam das hastes de suporte atrás delas, e seus braços estavam machucados com “trilhas” de serem cutucadas tantas vezes. Elas ainda sorriam. Sem o cabelo, pareciam quase irmãs.

Lily tinha enfeitado toda a moldura com corações prateados brilhantes. Ela sabia o quanto Cam odiava qualquer tipo de brilho, e justamente por isso fizera aquilo. Cam sorriu. Era o tipo de coisa que você só faz para alguém que ama.

Cam passou o dedo sobre os corações, afixados à moldura com cola azul. Ela soltou o ar, e parecia que estivera segurando a respiração por um tempo muito longo.

O item seguinte que abriu foi uma revista em quadrinhos. Não era uma revista em quadrinhos qualquer. *Químio-sabe e Bola Branca Dominam Manhattan*, completamente terminada por um ilustrador de histórias em quadrinhos de verdade e produzida com uma capa brilhante da Marvel.

Cam balançou o envelope mais uma vez e um último pedaço de papel caiu na cama. Imediatamente, ela reconheceu o envelope com caveira e ossos cruzados da Hello Kitty. O papel personalizado de Lily. Simplesmente ver a letra de Lily, mais tremida que o normal, do lado de fora do envelope era quase difícil demais de suportar.

Cam não podia abri-lo. Ela guardaria para outra vez. Por enquanto, ficaria deitada na cama, enfiando-se debaixo do edredom, cercada pela correspondência milagrosa.



Cam levou a grande caçamba amarela com Homer para a praia. Era uma banheira de tamanho industrial que costumava ficar cheia com gesso, o tipo de caçamba que algumas crianças da cidade usavam como tambor. Ela o virou de cabeça para baixo e sentou-se nele, fazendo pressão com a borda bem fundo na areia. Ela cruzou as pernas e meteu as mãos no bolso do casaco com capuz, puxando-o para perto de si para protegê-la da brisa desagradável do oceano.

Ela estava se acostumando à areia e ao sal. Gostava do que faziam com seu cabelo, que parecia tão cheio e brilhante que ela tinha parado de passar a máquina. Ele crescera rápido, incrivelmente rápido, passando um pouco do queixo dela. Sua pele estava limpa e seca e não obstruída com o sebo que saía de dentro dos poros quando você morava na umidade sombria de um pântano. Morar aqui significava viver em um constante estado de esfoliação.

Cam tirou a Lista Flamingo do bolso do casaco. Depois da morte de Lily, parecia apropriado fazer o inventário do que ela cumprira em sua vida jovem e, possivelmente, muito curta.

Ela desdobrou e leu a letra relaxada-no-acampamento-de-verão. O papel balançou levemente com a brisa.

- *Perder a virgindade numa festa com biritá.*
- *Deixar um babaca partir meu coração.*
- *Andar por aí infeliz, apática, fazendo beicinho, e dormir durante todo o sábado.*
- *Me meter numa saia justa com o namorado da minha melhor amiga.*
- *Ser despedida de um emprego de verão.*
- *Puxar o rabo de uma vaca.*
- *Acabar com os sonhos da minha irmã caçula.*
- *Bancar a stalker inocente.*
- *Beber cerveja.*
- *Passar a noite fora de casa.*
- *Tentar roubar algo numa loja.*

Cam quase riu em voz alta. Sem nem mesmo tentar, assim como o livro de Lily dissera, ela tinha cumprido cada uma das coisas ridículas na lista.

Ela não sabia se ficava alegre ou envergonhada. Se ela tivesse sabido que a lista ia funcionar, talvez tivesse tido um objetivo um pouco mais alto. O que teria acontecido se ela tivesse escrito *Acabar com a fome no mundo* ou *Reverter a mudança climática*? Ela alcançara o objetivo de se tornar uma adolescente normal e infeliz, e a palavra principal era *infeliz*. Ela estava contente por Lily nunca ter visto sua lista.

— Ei.

Cam deu um pulo.

— Ai, meu Deus, alguém deveria pôr um sino no seu pescoço.

— Desculpe. O que você está fazendo? — Asher estava usando a calça cáqui com a barra enrolada e uma camisa xadrez azul-marinho sobre uma camiseta branca.

— Só estou sentada aqui.

— O que é isso? — perguntou ele, apontando para a lista.

— Isso não é nada. Só a obra da minha vida. — Cam voltou a enfiar a lista no bolso. Ela podia sentir o rosto começando a queimar por causa do constrangimento. Ela ainda não tinha tido a chance de agradecê-lo por salvar sua vida.

— Sobre a outra noite — começou ele.

— Sim. Obrigada por isso. Muito obrigada — disse Cam, pela primeira vez sem ironia. Um barco imenso cruzou a baía diante deles. Ela fitou a gávea branca bem esticada contra o vento. Não podia nem olhar para ela.

— Não diga — falou ele. — Um dia normal.

— Para quem? Um super-herói? Oficialmente, você não é um deles, é? Quero dizer, os salvamentos incríveis, a batcaverna. Eu deveria ter somado dois e dois. — Cam olhou para baixo e começou a abrir um canal na areia com o calcanhar do pé.

— Você me assustou, Cam — disse Asher. Um barco na lagoa estava se movendo do outro lado da baía, revirando um rastro que agora alcançava a praia. As ondas mais altas caíram e borrifaram alto contra a praia por um minuto, e depois se acalmaram novamente.

— Na verdade, você não teve de, tipo, fazer... — começou Cam. Ela não queria terminar a frase.

— O boca a boca.

— É.

— Não.

— Ai, graças a Deus. Isso teria sido nojento.

Asher sorriu. Ele respirou fundo e perguntou:

— Você não fez aquilo por causa...

— Por causa do quê?

— Por causa do que você viu no estacionamento?

Cam soltou uma gargalhada. Ela não tinha certeza se já gargalhara antes, mas o fez agora.

— Não. Não ligo para o que você faz no tempo livre, Batman. Não se gabe.

— Porque isso é apenas uma situação estranha...

— Sério. Não quero saber. Nada que você pudesse fazer me faria pular de um penhasco.

— Eu não sou digno de um penhasco? — provocou ele enquanto pegava uma pedra lisa, mas havia seriedade em seus olhos. Ele a fez saltar cinco vezes pela superfície da água. Não até as sete de sempre.

— Minha melhor amiga morreu por causa da mesma doença que eu tenho — disse Cam sombriamente, observando a pedra desaparecer sob a superfície da água.

Fez-se uma pausa enquanto os dois escutavam as ondas batendo.

— Me desculpe, Cam — disse ele, e ela finalmente se permitiu olhar nos olhos dele.

— Ainda não é digno de um penhasco — falou ela.

— Nada é — concordou Asher.

— Sinto muito que você teve de testemunhar aquilo — disse ela, ficando de pé e tirando a caçamba da areia.

— São águas passadas.

— E por falar em água — disse Cam. — Tenho de levar um pouco de água para Homer.

Ela deixou que ele carregasse a caçamba desta vez. Ele caminhara com a água do mar, tentando não deixar muita água derramar na grama. Quando chegaram ao tanque, Homer bateu no vidro com a pata desesperadamente para cima, como se tentasse escapar.

— Deveríamos libertá-lo.

— É. Deveríamos — disse Asher distraidamente. — Ele está solitário aqui.



Eles levaram Homer até a praia na grande caçamba amarela e seguiram até o fim do quebra-mar. O sol estava quente, mas a brisa era leve e fresca. As ondas que batiam por lá soltavam uma névoa de maresia que começou a encharcar as camisetas. Os tênis de Cam escorregaram nas rochas úmidas, mas Asher estendeu a mão para equilibrá-la.

Quando eles chegaram ao fim — o famoso local onde James Madison dera seu mergulho de unicórnio —, tiraram Homer da caçamba e o suspenderam no ar, deixando-o admirar a vista.

— Nós deveríamos etiquetá-lo com a pulseira da Liberdade — disse Cam, com os olhos pousando sobre a faixa de plástico no pulso de Asher — para que os pescadores sempre o deixassem livre.

— Boa ideia. — Asher deu duas voltas com a pulseira na articulação de Homer. Ele esticou a lagosta para Cam poder lhe dar um beijinho antes que eles o tivessem jogado longe na baía.

— Liberdade! — gritaram os dois e recordaram do filme *Coração valente*, e de Mel Gibson antes de ficar tão bêbado e doidão. Observaram Homer traçar uma espiral no ar como um Frisbee de lagosta até ele bater na superfície. Cam pensou tê-lo visto flutuar ali por um momento antes de ser engolido pelas ondas.

Ela não conseguia deixar de notar que, mesmo depois que recuperara o equilíbrio, Asher continuava a segurar sua mão.



VINTE E CINCO

Houve uma mudança.

Em vez de seguir a rotina diária de faz-tudo ou ir procurar para Perry um jogo de xadrez, a primeira tarefa de Asher dessa manhã foi gritar para a escada de Cam e perguntar se ela queria sair para um passeio.

— Onde? — perguntou ela.

— Por aí — respondeu ele. — Não acho que você já tenha feito o grande passeio de Promise.

Ele não conseguia vê-la, por isso Cam fez uma dancinha da felicidade em silêncio, antes de gritar para o andar de baixo:

— Não sei. Tenho muita coisa para fazer hoje. — Ela não queria parecer ansiosa demais.

— Está bem. Vejo você depois então. — Ela ouviu alguns passos se afastando.

— Espere! — disse Cam, e praticamente se jogou escada abaixo. Quando estava a meio caminho, pôde ver que ele não se movera. Estava parado, imóvel, olhando para cima com os braços cruzados na frente do peito e o meio sorriso do lado esquerdo do rosto.

— Não me desaponte — disse ele.

— Estou vendo isso — respondeu ela. — Vou descer em cinco minutos.

— Ok.



Eram sete os locais que Asher queria mostrar a Cam, incluindo o campo santo mágico dos indígenas, o único pau-brasil vivo da Costa Leste, e o Stonehenge de Promise, onde três rochas enormes se balançavam de modo impossível, precariamente, umas sobre as outras. Eles leram histórias em quadrinhos na antiga livraria da cidade. Na loja de 1,99/antiquário, ele comprou uma antiga armadilha de lagosta, pintada com rosa-flamingo.

— Então, a mulher no carro...? — finalmente Cam teve coragem de perguntar, quando saíram para almoçar.

— Pensei que você não ligasse para o que eu fazia no meu tempo livre — disse Asher. Ele estava atrás do volante do jipe, dirigindo em uma estrada sinuosa para a praia através de um pântano de água salgada que cheirava a sálvia selvagem e orégano.

— Aquilo foi ontem. Isto é hoje.

— Não foi nada.

— Ah — disse Cam. — Parecia alguma coisa.

— Já acabou, Cam — disse ele e engoliu em seco, assumindo um olhar severo.

— Bom saber — disse ela.

E estrada acabava em outra península rochosa. Um minúsculo quiosque que vendia mariscos e algumas mesas de piquenique se equilibravam num pedaço de ardósia que se erguia sobre o oceano. Cam comeu peixe com batata frita e Asher, mariscos crus. Estavam em lados opostos, e os dois fingiam que seus pés não estavam se tocando debaixo da mesa.

— Você nunca comeu mariscos antes, não é, amansa-burro?

— Nunca estive com tanta fome assim para pensar que fosse uma boa ideia.

— São gostosos — disse ele, espremendo um limão em um antes de inclinar a cabeça para trás e chupando a massa brilhante, cor de pêssego.

— Vou acreditar em você — disse Cam.

— Anda — pediu Asher. — Só um.

— Ai, meu Deus — disse Cam. — Ótimo. Só um.

— Vou pegar um pequeno pra você — disse ele, escolhendo o perfeito e, em seguida, espremendo suco de limão sobre ele. — Aqui está.

Ela segurou a beirada da concha. Era coisa de gênio mesmo. Comida que vinha no próprio prato. Ela fechou os olhos, inclinou a cabeça para trás e mastigou o que havia para mastigar. Era bom. Frio. Úmido. Salgado. E meio doce.

Na volta para casa, ele manteve a mão direita sobre a dela. Ela sentia isso — aquele arrepio percorrendo todo o braço, aquilo que ela sentira quando ele tentou medir a pulsação na outra noite. O sentimento exato que Lily havia descrito, quando você sabe que alguém te ama.



Em casa, Cam queria pôr a armadilha de lagosta no porão, então Asher a acompanhou até ali. Ela encontrou a prateleira perfeita para ela, perto do antigo tanque de lagosta de Homer. Quando deu meia-volta, Asher estava parado a dois centímetros dela.

— Você está no meu espaço pessoal — brincou ela.

— É intencional. — Ele pôs as mãos de cada lado da cintura dela. Por alguma razão, o ar ao redor deles ficou mais pesado quando ele inclinou a cabeça para a dela. Primeiro, beijou-a na testa e então levantou seu queixo para poder olhá-la nos olhos.

— Vou te beijar agora — disse ele.

— Você sempre anuncia isso assim?

— É só que você parecia o tipo que poderia ficar assustada.

— Estou tranquila — disse Cam, erguendo o dedo e passando suavemente pelos lábios dele. — Na verdade, se você não fizer isso agora, vou te beijar primeiro.

Ele fez uma pausa de um segundo com os lábios a apenas um centímetro dos dela, provocando-a enquanto respirava no hálito de Cam. Finalmente, ele deixou que seus lábios roçassem os dela de leve, depois, com mais força, antes de dar um beijo. Cam percebeu, enquanto estava no meio da coisa toda, que havia uma arte para isso. Um pra-frente-e-pra-trás. Uma dança. Ela andara praticando isso durante toda a vida.

Asher a afastou e ela caiu no sofá xadrez e feio do porão. Ele se lançou em cima dela, e ela manteve o peito dele à distância de um braço.

— Não sei se deveria entrar num relacionamento agora — disse Cam. — Acabei de ter alta da ala psiquiátrica.

— Quem falou em relacionamento? — Asher deu um sorriso, antes de se inclinar e beijá-la no pescoço.

— Ah, vai ser assim, não é? Bem, você não pode me deixar mais maluca do que já sou. Como disse: ala psiquiátrica etc.

— Gosto das minhas mulheres um pouco malucas — disse ele. E se deitou ao lado dela, apoiando-se no cotovelo. Suas pernas estavam entrelaçadas. — Só não faça nada assim de novo.

— Prometo — disse Cam, tirando o cabelo dos olhos dele.



Eles foram até a cidade, alugaram *Coração valente* porque Cam estivera entoando “liberdade” durante todo o dia e esgueirou-se até a cúpula para assistirem juntos, aninhados em sua cama. Quando o filme acabou e o sol finalmente se pôs, Cam olhou para fora da janela e começou a contar em voz alta.

— O que você está fazendo? — perguntou Asher enquanto ligava os pontos das sardas em sua coxa.

— Contando minhas estrelas da sorte — disse Cam. — Não é sempre que o dia de hoje acontece.

E, apesar de todo o trabalho que sua mãe tinha tido no passado para proporcioná-los para ela, aquele foi o melhor dia do mundo.



VINTE E SEIS

— Nana, o que está fazendo aqui? Como encontrou este lugar?

A avó estava parada na porta da frente de Avalon by the Sea com uma mala de rodinhas e uma mala de couro amarela e redonda. Estava usando a viseira de palha, grandes óculos escuros de plástico verde com as laterais abaixadas e o conjunto de corrida de náilon vermelho.

— Não foi fácil — respondeu Nana, ainda girando. Seu agasalho de ginástica fazia ruídos sempre que ela se movia. — Deixe uma velha entrar para usar o banheiro, está bem?

— Claro — disse Cam, afastando-se para o lado.

— Belo lugar — disse Nana enquanto seguia Cam até o banheiro. Ela falou através da porta durante todo o tempo em que esteve ali dentro. — Ouvi falar sobre as suas loucuras — disse ela. — Campbell, você sabe que não tolero esse tipo de coisa, e sei que sua mãe não serve pra nada quando se trata disso, então estou aqui para ajeitar as coisas. Além disso, senti sua falta — disse ela quando abriu a porta e deu um grande abraço em Cam.

— Estou tão feliz que esteja aqui!

— Mãe — disse Alicia quando entrou na cozinha. — A senhora não está com calor nessa coisa? Deveria usar mais fibras naturais. Alguma coisa que respire.

— Isso respira. Eles disseram que tem “propriedades de evaporação”. Ele evapora. Minha filha. Dois segundos nesta casa, e ela já está me criticando.

— Desculpe, mãe. Você está ótima!

— Ora.

— Ora.

— Campbell, pare de tentar se matar. O que está pensando, tentando encurtar mais ainda a sua vida? Está louca?

— Ela tem um namorado — resmungou Perry de modo acusador, ao entrar e dar um grande abraço na avó.

— Ah, Alicia, está vendo? Não disse que era disso que ela precisava, pra começo de conversa? Talvez umas trepadas e isso faria o câncer ir embora. Funciona com espinhas.

— Nana!

— O quê? Qual é o nome dele?

— Meu nome é Asher — disse Asher. Ele saiu da sala de jantar, onde estava consertando a porta do armário embutido. Pôs a chave de fenda no cinto de ferramentas e apertou a mão de Nana. — Prazer em conhecê-la, senhora...

— Ai, meu Deus, me chame de Nana. — Nana corou.

— Se acostume com isso, Nana. Ele tem um jeito de aparecer do nada.

— Ai, meu Deus. Asher. Hum. Hum. Dê uma voltinha. Ele é bonito, Campbell. Você está trepando com a minha neta? — perguntou ela.

— Não, senhora.

— Bem, eu te dou minha permissão.

E foi assim que a vida amorosa de Cam foi arruinada para sempre. Se e quando ela “trepasse” com Asher, teria de fazer tudo para não pensar na avó.

— Trouxe sua correspondência — disse Nana, e entregou a Cam mais dois envelopes da correspondência misteriosa. Como essas coisas estavam chegando até ela?

— Nana, vá se arrumar que vou dar uma olhada nisso — disse Cam, que subiu para o segundo andar e abriu o envelope de Harvard.

Apesar de toda a publicidade sobre Harvard, era incrível como eles podiam ser antiquados. De acordo com um pedaço de papel fino cor-de-rosa, impresso numa impressora matricial, era hora de ela selecionar o seminário de calouros.

Ela sabia que não devia, mas Cam se permitiu olhar para a lista de todas as aulas possíveis. Se ela pudesse assistir a alguma — e ela sabia que não poderia —, qual seria. Ela podia passar por “Biologia e Ciência do Câncer e seus Tratamentos”. “A vida e Obra de George Balanchine” atraía sua dançarina interior. “Por que os Animais Cantam?” culminava com uma performance dos alunos de sons de animais. Será que falavam sério?

Ela ficaria com “Ciência da Navegação” porque não sabia nada sobre isso, e a

questão não era aprender algo novo? Além disso, se ela fizesse amizade com garotos ricos, provavelmente seria bom saber alguma coisa sobre navegação. Ou assistiria a “Os Poemas de Walt Whitman” porque eles usavam as palavras *prosódia* e *bildungsroman* na descrição do curso? O outro envelope era da Make-A-Wish. Ela engoliu em seco e passou o dedo debaixo da aba.

Parabéns, Campbell!, dizia a carta. A Make-A-Wish manda você e até dez amigos para a Disney World!

Cam deu uma risada e, ao mesmo tempo, seus olhos se encheram de lágrimas. *Boa, Lily*, pensou ela.

— Cam! — gritou Asher do andar de baixo. Ela se apressou para esconder as cartas debaixo da cama.

— Só um minuto.

— Tenho de dar uma olhada nas armadilhas.

Armadilhas?

— Em nome de Deus, o que você está querendo dizer, Daniel Boone? Estamos em 1765? Você comercializa pele agora? — gritou ela pela escada.

— As armadilhas de lagosta. Você quer ir?

— Eu? Matar lagostas?

— Só as grandes? — gritou Asher. — As pequenas você devolve. Pode pensar nisso como salvar os bebês-lagosta.

— Bem, falando nesses termos... — brincou Cam.



O barco, que se chamava *Stevie* porque Smitty tinha uma queda por Stevie Nicks, estava ancorado atrás do viveiro de lagostas. Ele balançava, pulava e estalava contra o costado enquanto as ondas o agitavam. Em seu interior, havia uma confusão de cordas — “cabos”, como Cam aprendeu a chamá-los —, manzuás, caçambas e ganchos, além de facas e polias. Tudo parecia pontudo e perigoso. Como uma câmara de tortura de lagostas flutuante.

— Não quero nem saber para que é isso — disse Cam.

— Anda. Você só tem de pegar os equipamentos. Aqui — disse Asher. Ele empurrou um comprido chapéu de lã com cobertura para as orelhas sobre a

cabeça dela e lhe deu grandes botas de borracha e luvas imensas laranja que pareciam garras de lagosta. — Adorável — disse ele.

— Eca. Não quero fazer parte do seu fetiche por pescadoras — disse Cam.

— Tarde demais — disse Asher. — Entre.

Antes que pudessem sair, porém, Royal parou e manobrou um barco até a doca. Ele estava com outro adolescente robusto do Maine, chamado Grey.

— Você está atrasado — disse Grey enquanto enrolava um cabo ao redor de um ancoradouro de metal. — Já cuidamos disso, chefia.

— Cuidaram? — perguntou Asher.

— Isso — respondeu Royal.

Cam estava impressionada com a boa vontade desses garotos que tinham deixado a juventude nas docas e suportado a responsabilidade de homens. Era tranquilizador encontrar pessoas que, na verdade, trabalhavam. Ela nunca encontraria esse tipo de pessoa em Harvard, pensou ela. (Não que ela estivesse indo para lá.) Pessoas que ainda estavam ligadas à terra, ao mar, à comunidade. Pessoas que se sentiam responsáveis por alguma coisa além das notas da faculdade. Imediatamente ela superara a recusa engraçadinha em comer lagosta e jurou comer uma assim que voltassem.

— Sorte a nossa — disse Asher. — Acho que este é apenas um cruzeiro de diversão, então.

— Todos vestidos e nenhum lugar para ir — disse Cam, erguendo as mãos na luva laranja.

— Podemos pegar, ao menos, um para você? — disse Asher.

— Podemos comer também?

— Como quiser. — Ele piscou.



Asher ancorou o *Stevie* no centro de uma minúscula angra isolada na baía, protegida do mundo por rochas cinzentas íngremes que as envolviam como uma fortaleza. Eles balançaram violentamente próximo a uma boia. Asher tirou-a da água, amarrou o cabo através de um complexo sistema de polias e começou a puxar.

— Tome, você fica com o restante do caminho.

Ele entregou o cabo a Cam, e ela jogou todo o peso nele como um garotinho tocando os sinos da igreja. A armadilha estava pesada com todo o oceano em cima dela. Quando finalmente veio à superfície, Asher segurou-a, abriu-a e começou a separar as algas. O sol refletiu dos óculos escuros e dos reflexos amarelos em seu cabelo. A visão dele faz Cam literalmente perder o fôlego por um instante. Ela nunca admitiria isso para ninguém nem em um milhão de anos. Ou nas poucas semanas que tinha.

Duas lagostas se encaravam na armadilha, segurando as grandes e estranhas garras como se segurassem xícaras delicadamente.

— Tome, faça as honras. Basta pegar uma delas pelas costas — disse Asher.

A primeira que ela pegou estava infestada com milhares de minúsculos glóbulos pretos presos à barriga.

— Eca! — Cam quase a deixou cair.

— Espere, são ovos — disse Asher. — Temos de jogá-la de volta.

A concha da outra lagosta tinha a mesma largura e circunferência de Homer. Cam pegou a cauda primeiro e virou para ver se tinha ovos. Ela esticou a cauda e balançou algumas vezes, feito um labrador contente abanando o rabo no chão.

— Calma, garoto — disse Cam.

Ela virou-o para o lado e percebeu que uma alga estava enrolada na articulação da pinça. Com o indicador da mão enluvada, ela puxou a coisa coberta de algas do braço da lagosta. L... I... V...

— Hum, Asher — chamou ela. Ele estava ocupado colocando um peixe morto na armadilha. — Asher! Você não vai acreditar nisso!

— É uma lagosta, Cam. Vejo centenas delas todos os dias.

— Asher... — Homer bateu nela mais uma vez, e Cam deixou-o cair. Ele pousou com uma pancada no fundo do barco.

— Ele te beliscou? — perguntou Asher. Ela estava em silêncio quando ele se abaixou para pegá-lo.

— Homer? — perguntou.

— Isso é possível? — perguntou Cam.

— Ele já encontrou uma esposa. Hora de ir, Homerzinho.

— Ele não parece ansioso em deixar Promise.

— Sei como é. Tome. Dê-lhe um beijo e vamos jogá-lo de volta. — Eles o ergueram até o céu mais uma vez e os dois gritaram: “Livre!”, enquanto Homer girava no ar e, em seguida, caía de volta para o oceano.

Cam respirou fundo. O ar tinha aquela sensação fresca de lençóis limpos que tivera no dia em que eles vieram pela primeira vez a Promise. Asher pôs o braço ao redor da cintura e colocou o polegar em uma das voltas do cinto enquanto fitavam a angra cinza-azulada que era o novo lar de Homer. Ela sentiu o peso de Asher contra si e percebeu um amolecimento interior. Uma brandura desconhecida dentro dela que percebeu, lentamente, ser a sensação de contentamento.

Cam balançou a mão direita, chocada por ter tocado em Homer de novo. Ela se recordou do que Elaine dissera sobre prestar atenção às coincidências. Será que encontrar Homer era uma coincidência? Ou um sinal? Mesmo se fosse um sinal, um sinal de quê? De que ela estava no caminho certo? Caminho para onde? Isso significava que ela estava mais perto da vida ou da morte?

Cam olhou para o mar e decidiu que era uma coincidência. Mas ela estava começando a prestar atenção.



VINTE E SETE

Cam tomava sol enquanto Asher cozinhava na minúscula cozinha. O barco balançara até ela quase dormir. Cada vez que começavam a sentir demais o sol, uma brisa suave soprava bem acima dela a refrescá-la. Ela poderia ter ficado ali para sempre, ouvindo a música das gaivotas e o retinir dos mastros dos barcos no porto.

— O que você quer fazer? — perguntou Cam a Asher, quando ela finalmente se juntou a ele na cozinha. Ele estava sentado atrás dela agora, com os bíceps macios ao redor dela, tentando ajudá-la a quebrar a primeira garra de lagosta.

— O que você quer dizer com fazer? — A testa dele roçou a dela enquanto ele mexia na garra e o cabelo dela se eriçava.

Ele puxou a carne branca da garra e deu em sua boca com os dedos pingando manteiga.

— Quero dizer, você pode fazer qualquer coisa. Ir a qualquer lugar. Ser qualquer pessoa. O que você quer fazer com todas essas possibilidades? — Ela estava apaixonada pela capacidade que Asher tinha. Ele podia consertar coisas. E podia pilotar o barco e pegar a lagosta, prepará-la e dar-lhe de comer. Era uma dessas pessoas que poderiam sobreviver em qualquer lugar.

— Não sei. Algumas vezes, sinto como se nunca fosse sair. Vou fazer isso para sempre, e isso poderia ser legal. — Ele beijou o pescoço dela.

— E quanto ao colégio? — Se ela pudesse viver uma vida normal, gostaria de ir para o colégio para sempre. Ela adorava o colégio. Os novos cadernos, os lápis, as canetas, os novos sapatos. O primeiro dia sempre fora seu favorito. Ela não podia imaginar-se desistindo disso.

— E quanto ao colégio?

— Não quer ir?

— Às vezes não importa o que você quer.

— Você deveria ir. — Ela deu meia-volta, sentou no colo dele, e o empurrou

na pequena almofada atrás dele.

— Quem vai me obrigar?

— Eu vou — disse ela, dando-lhe um beijo melado de manteiga.

— Espere, o que *você* vai fazer em setembro?

— Nada. Provavelmente. Mas entrei em Harvard.

— Sabe-tudo. Fica a apenas três horas daqui, *você* sabe.

— Como se *você* fosse me visitar.

— Eu poderia — brincou ele, sentou-se todo empertigado e virou-a para que ficasse de quatro sobre ela. A sombra dourada das cinco horas estava começando a surgir, e Cam percebeu pela primeira vez a covinha sexy, *übermasculina* no queixo.

— *Ou te alofa ia te oe* — disse ela.

— O que isso significa?

— Vou lhe dizer outra hora. — E o puxou para perto dela pela gola da camiseta.



Eles estavam cobertos com o lençol branco-acinzentado que estava, por acaso, no barco, e não parecia muito limpo. Cam levantou-se e se vestiu.

— Vem cá — disse ele depois que ela vestiu o moletom. Ele a abraçou e puxou-a de volta para o sofá-barra-cama-mesa-de-jantar da minúscula cabine do barco. O barco balançou para a frente e para trás, e a água lambia as laterais dele com sons semelhantes ao estalar da língua. Cam recostou a cabeça no peito dele. Através da vigia ela podia ver uma gaivota flutuando, bem na altura de seus olhos. Asher beijou a parte de cima de sua orelha e murmurou:

— Você acredita em amor à primeira vista?

— O que *você* acha?

— Provavelmente não.

— Só recentemente comecei a conhecer o conceito de amor romântico. Eu não acreditava realmente nisso — disse ela.

— E acredita agora? — perguntou ele.

— Uh-huh.

— Por causa do sexo?

Ela sorriu para ele.

— Não.

— Porque era apenas sexo — disse ele com voz séria.

— Era?

— Rá! Campbell. Só estou brincando. Não dá pra você dizer que foi mais que isso? — perguntou ele, fazendo cosquinha nas costelas dela. — Fiquei maluco no momento em que você entrou no viveiro de lagostas e pediu para adotar uma.

— Ficou? — perguntou Cam. Ela se deitou sobre ele, apoiada nos cotovelos para poder ver seu rosto.

— Fiquei. — Eles se beijaram novamente, brincando da primeira vez, depois, de modo mais romântico, até Cam perceber que estava de novo sem roupa.

— Eu te amo — disse ele quando terminaram. Ele a abraçou e a beijou no alto da cabeça e falou mais uma vez, encostando no cabelo dela.

Cam nunca havia antecipado este momento. Se ela tivesse que adivinhar o que sentiria, teria pensado que ficaria eufórica, excitada, contente, distraída. Mas, em vez disso, ela se sentiu imediatamente segura, como se finalmente voltasse para casa depois de uma longa viagem. *Claro que ama*, era o que queria dizer, porque tudo aquilo fez sentido imediatamente.

— *Ou te alofa ia te oe* — murmurou novamente.

Cam voltou a se vestir e passou os dedos pelo cabelo preto cheio e brilhante. Saiu da cabine e sentou com as pernas cruzadas na proa do barco. Ela observou o sol se pôr como sempre atrás do farol enquanto Asher prendia as escotilhas ou seja lá o que tivesse de fazer para preparar a volta para casa.

Quando ela se sentou, sua mente passou a trabalhar e começou a imaginar um seminário em Harvard sobre a experiência. Se pudesse estudar a experiência em uma discussão informal com os calouros de Harvard, como a chamaria? “Adolescência Masculina e a Paisagem da Nova Inglaterra”, “Economia das Lagostas”, “A Psicologia da Coincidência”, “Caos e Contentamento”... Asher

subiu até o convés do barco e a colocou sentada no colo. “A Química do Jovem Amor”...

Um pedaço de penugem branca movia-se para baixo no céu, seguido por outro.

Cam esticou as mãos para pegar alguma coisa em sua palma. Estava tremendamente frio.

— Acho que está nevando — disse ela, mas mesmo assim ela não acreditava nisso.

— Estamos em julho, Campbell.

— Olhe!

Ele ergueu os olhos e forçou a vista para o céu. Flocos macios do tamanho de pequenos ouriços caíam suavemente e direto, porque não havia vento. Eles formavam uma cortina fina em frente ao pôr do sol intenso. Um centímetro já cobria a superfície do barco.

Cam pegou um pouco e fez uma bola de neve para jogar em Asher. Ele jogou-a de volta até ficarem sem neve. Era surreal. Cam olhou para a praia da angra, onde a neve se acumulara em montinhos fofos nas extremidades dos galhos dos pinheiros. Uma garça voou para escapar do frio.

— Os flamingos! — gritou ela, recordando-se de repente.

— O que tem eles?

— Eles vão morrer se o lago congelar. Temos de tirá-los daqui!

Cam ficou de pé atrás de Asher com o braço em volta da cintura enquanto ele acelerou o barco, batendo violentamente contra as ondas, de volta ao cais de Smitty. Os flocos de neve, semelhantes a grandes borboletas agora, borrifou em seu rosto enquanto eles prosseguiram.

Ele rapidamente amarrou e cobriu o barco, e pegou as botas grandes.

— Vamos precisar delas — falou enquanto corriam para o carro.



Como Elaine havia predito, os flamingos simplesmente estavam parados ali, tremendo na neve. A maioria enfiara a cabeça entre as penas para cobrir o rosto do vento, como os avestruzes enterravam a cabeça na areia. A água ao redor dos

tornozelos estava começando a se solidificar em um fino filme de gelo.

— Anda! — disse Asher, e começou a correr na direção deles, abanando os braços e guinchando, tentando fazê-los voar. Cam estava prestes a segui-lo, mas não podia porque estava ocupada demais se dobrando de tanto rir.

— Anda! — gritou. — Foi você quem disse que deveríamos fazer isso.

— Desculpe. Você está tão engraçado. Está bem. — Cam respirou fundo. — Aqui vou eu. — Ela calçou as botas e correu na lama, abanando os braços e gritando. Algumas das aves retiraram a cabeça das penas e a fitaram com curiosidade. Caminharam, nervosas, mas nenhuma voou. Cam continuou dando a volta no perímetro. — Em qual direção fica o sul? — gritou para Asher. — Deveríamos guiá-los para o sul.

— Como eu deveria saber? — Ele estava andando agora, tentando espantar os pássaros gesticulando com os dois braços.

— Use seus instintos náuticos — disse Cam, e correu novamente direto para outro grupo de aves. A bota ficou presa na lama e ela caiu com o rosto na sujeira marrom e grudenta. Agora era a vez de Asher dar risada. Ela estava completamente marrom, como se alguém tivesse mergulhado a parte da frente dela em chocolate.

Quando Cam finalmente se livrou da lama, ela ficou de cara com Buddy, que ainda se encontrava no tronco bem diante de seus olhos. É por isso que eles não vão, pensou ela. A mãe de Buddy estava de pé ao lado dele, esticando o pescoço comprido e bicando-o ansiosamente. Tentando fazê-lo voar, talvez? Mas ele não tinha asas com penas.

— Vou pegá-lo — disse Cam à mãe. — Não se preocupe. Vou cuidar dele. — Ela se aproximou na ponta dos pés e tentou não assustar a mãe. Aprendera no *Animal Planet* sobre os instintos de proteção das mães. E também sabia que assim que tocasse no bebê, a mãe o abandonaria para sempre. O que ela não sabia era se Elaine tinha os recursos para cuidar de um bebê flamingo, mas ela teria de se arriscar. O fato de estar com cheiro de cocô de flamingo ajudava agora.

Ela se esgueirou atrás de Buddy, tentando caminhar sem sucesso como um flamingo com a cabeça para a frente. Então ela o pegou e o aninhou no braço direito, defendendo-se do ataque furioso da mãe com o braço esquerdo. A mãe abanou as asas, chutou e bicou Cam na cabeça.

— Asher, socorro! — gritou ela, mas ele estava rindo mais uma vez e tudo que conseguiu fazer foi dizer: “Corra!”.

Cam correu na direção da cerca com Buddy enfiado debaixo do braço feito uma bola de futebol. A mãe a perseguiu primeiro e então abriu as asas. Com duas abanadas, levantou voo. Um guincho espalhou-se pelo bando inteiro e então eles ficaram alinhados em fileiras ordenadas, seguindo a mãe de Buddy, uma imensa nuvem cor-de-rosa de penas subindo em meio à neve.

Bastaram dez minutos para o bando inteiro flutuar acima de suas cabeças. Cam ficou imaginando por um segundo se eles tinham, de fato, sido um sinal. E se tivessem vindo por causa dela? Talvez o grande desdobrador do universo no céu estivesse dobrando sua vida num grande cisne de origami, em vez de amassá-la como uma bola e jogá-la inacabada numa cesta de lixo, como se ela fosse um grande erro cósmico. Talvez ela vivesse só mais um pouco.

Fechou os olhos e tentou imaginar. Os tijolos de Harvard, a cor dos adorados feijões de Boston. Asher andando por Cambridge de chinelos. Estudando com ela na cama estreita do quarto no alojamento. Bebendo com os novos amigos em pubs antigos com teto baixo.

Ela respirou fundo.

— Nós conseguimos — falou.

— Conseguimos — concordou Asher. Ele segurou a mão dela enquanto o último dos pássaros desaparecia ao longe, uma colcha ondulante preta e cor-de-rosa de flamingos costurados juntos com pedaços brilhantes de céu.



VINTE E OITO

— **E**u trouxe uma oferta de paz — disse Cam enquanto entrava na casa de Elaine.

— Cam? — chamou a veterinária.

— E o Asher — disse ele.

Cam temia encarar Elaine sozinha. Elas não tinham se falado desde o incidente do burro, e Cam não tinha certeza se Elaine já tinha se acalmado. Felizmente, James Madison se recuperara e estava parado no curral, vestido com um cobertor azul-marinho para protegê-lo da neve.

— Ai, meu Deus, Cam, me deixe pegar umas roupas pra você. Fique aqui.

Elaine voltou com um imenso moletom vermelho CELEBRAÇÃO DE PROMISE DE 1993 que disse que Cam poderia usar como vestido.

— Que cheiro é esse? Meu Deus, talvez você devesse se trocar lá fora.

E foi assim que Cam se viu forçada a tomar outro daqueles banhos frios do lado de fora da casa, enquanto Asher contava para Elaine sobre Buddy. Ao menos, tinha parado de chover. Era bom estar limpo, e ela deixou que Buddy se juntasse a ela. Ele tomou um banho de ave, borrifando e balançando o corpinho na poça aos pés dela.

— Oh, Buddy — disse ela. — O que vamos fazer com você?

Asher estava esperando por ela na sala quando Cam voltou para dentro de casa. Usava o vestido de moletom amarrado ao redor da cintura com o cinto.

— Você está linda.

— Ficou legal. Tem uma coisa *Flashdance*, meio anos 1980 — falou e deixou um ombro à mostra.

— Sei. Não estava brincando — retrucou ele.

Buddy já tinha começado a seguir Cam como se ela fosse a mãe dele. Ela se virou para observá-lo caminhando pelo corredor atrás dela. Parecia realmente

feliz, balançava os pés grandes e colava um depois do outro, como um pato esquisito todo esticado.

— Elaine, conheça o Buddy. Buddy, Elaine — disse Cam ao entrar na cozinha. Elaine estava sentada no aparador de pinheiro embutido, soprando a xícara de chocolate quente. Tinha duas outras canecas na mesa para Asher e Cam.

— O que você está fazendo com um Buddy? — perguntou Elaine.

— Pensei que você poderia mantê-lo aqui até ele poder voar para o sul — disse Cam. — Tivemos de espantar os flamingos. Não como você faria com galinhas e cavalos, quero dizer, a gente teve de espantá-los como se espantam moscas.

— Eu sei o que você quer dizer, mas a menos que um de vocês queira mastigar camarão e vomitar pra ele, não sei como vamos alimentá-lo.

Cam e Asher ficaram em silêncio.

— Bem, andei pensando que podíamos ligar para o zoológico de Portland e descobrir o que eles dão para os bebês flamingos... ou algo assim — sugeriu ela.

— O que aconteceu com as flores ou a caixa de chocolates? — perguntou Elaine. — Vocês roubam meu burro e depois pedem desculpas me trazendo um flamingo?

— Mas ele é irresistível — disse Asher, erguendo Buddy até o colo e fingindo apertar suas bochechas. — Olhe para esse rostinho.

— Ele é a coisa mais feia que já vi.

— Eu sei — disse Asher —, mas é uma das criaturas de Deus.

— Ai, meu Deus, está bem — disse Elaine. — Vou dar um jeito, Campbell, mas você tem de me ajudar.

— Tudo bem se eu começar na semana que vem? — perguntou Cam. — Nesta semana, vou viajar com Asher.

— Não, não vai — disse Asher, enrijecendo-se na cadeira.

— Não sabia que Asher viajava — disse Elaine, intrigada.

— Vamos à Disney World. Você vai gostar de lá — disse Cam. — É outro “Magic Kingdom”. — A ideia fora semeada e agora estava crescendo, como uma

planta em sua mente. Ela queria provar para ele que ele podia sair. Ele podia sair e o mundo não desabaria. Ele precisava saber que não tinha de ficar aqui juntando os pedaços como Jimmy Stewart em *A felicidade não se compra*. Ela ia espantá-lo como ela fizera com os flamingos.

— Isso é bom, mas como você vai fazê-lo entrar num avião? — perguntou Elaine.

— Não ando de avião, Cam Concha — disse Asher.

— Podemos dar um jeito nisso — disse Cam. — E que história é essa de Cam Concha?

— Só testando.

— Não gostei.

— E que tal só Clam? Ou Clampbell?

— De jeito nenhum.



Alicia também não estava gostando nada da ideia de ir à Disney.

— De modo algum — disse ela enquanto batia a porta de um armário na cozinha. — Você está brincando comigo?

— É totalmente grátis. Do Make-A-Wish. Cavalo dado, não se olha os dentes. E você poderia visitar o Izanagi.

— Campbell. Olhe para você. Você está tendo uma vida normal pela primeira vez. Sua energia voltou. A pele está clareando. Você está comendo, arrumou um emprego de verão, eu até diria, se apaixonou? Por que ia querer pôr tudo em risco? Tem sido tão bom ver você sorrir.

— Como é que vou pôr alguma coisa em risco? Se Promise fez isso, ainda vai funcionar quando a gente voltar.

— Se você sair, terá de recomeçar quando voltar. Vai desfazer tudo. E se quebrar o feitiço? — Alicia apoiou-se com um dos braços na bancada da cozinha. Com a outra mão, ela fingia fumar um canudinho de plástico.

Cam estava começando a criar as próprias regras sobre a mágica ou não importa o que fosse. Ela iria à Disney porque a carta do Make-A-Wish era um sinal. Estava mostrando a ela o que fazer em seguida. Ela não ia ficar viciada em

Promise e deixar a cidade estender a ela o controle que tinha sobre Asher.

Ela tentou ver o ponto de vista da mãe. Conhecia a história. “Minha única obrigação é te manter viva, Campbell”, Alicia havia dito. “Essa é minha responsabilidade principal como sua mãe.” Até agora, a mãe protegera Cam da morte no berço, do risco de engasgar, de se afogar na banheira, de ser estrangulada pelos cordões das persianas, de ser atropelada por um carro, de beber água sanitária, de cair pela janela, de ser sequestrada, de mergulhar em águas muito rasas. Ela pensou que era inocente. A única coisa que restara do radar de perigos foi um acidente por dirigir bêbada no trajeto do baile de volta para casa. Não esperava ficar cega por causa da doença. E estava impotente contra ela. Cam sabia que era difícil para Alicia. Mas, de alguma forma, também sabia que ia fazer isso de qualquer jeito. Queria homenagear o último pedido de Lily e mostrar a Asher de onde ela vinha.



No segundo andar, ela arrumou um pequeno balcão para tatuagem de henna, onde planejava pintar o braço inteiro de Asher com uma tatuagem de Samoa.

— Vamos viajar hoje à noite — disse ela.

— Tem o problema com o avião — disse ele.

Ela queria perguntar: “Quais são as chances de você e seus pais morrerem em acidentes de avião separados e sem ligação nenhuma? É prática e estatisticamente impossível”, mas sabia que não dava para argumentar com ele. Primeiro, porque o medo era irracional e, segundo, a lógica pura nem sempre funcionava em Promise.

— É por isso que estamos aqui — disse ela, apontando para a estrutura de tatuagem. — Vou proteger você.

Ela havia encontrado tinta e pincel na loja de presentes da cidade e mostrou-lhe alguns dos desenhos que ele poderia escolher. A maioria era complexa, com padrões de linhas retas e sinuosas, e todos incluíam grandes trechos pintados de preto, que demonstravam a coragem do tatuado porque eram as que mais doíam.

— Mas não estou realmente demonstrando coragem se você vai usar um pincel em vez de um dente de tubarão — observou Asher.

— É apenas simbólico, metafórico. Vai lhe dar força.

— Isso não é metáfora. É uma imitação.

— Proteja-se porque vem mais imitações por aí, Slasher. Vamos para a Disney World.

Cam colocou música de percussão samoana e se ocupou pintando.

— Tente ficar totalmente imóvel e em silêncio — falou. — Vai ajudar você a entrar num transe para o avião.

Ela começou com um desenho em curva ao redor do músculo peitoral e então seguiu até o ombro e o bíceps. Os contornos do corpo dele se mostraram uma tela que distraía muito.

— Fique parado — disse ela.

— Faz cócegas, Campbell — retrucou Asher e puxou-a para dar um beijo. — Ei, o que é isso? — perguntou e apontou para uma bolinha azul perfeita e minúscula no antebraço dela.

— Nada — respondeu Cam. — Provavelmente, bati em alguma coisa no barco. Fique parado — disse ela, e pintou até a percussão no iPod parar. Ela não ia se preocupar com a bolinha roxa. Elas haviam desaparecido antes. Provavelmente, desapareceriam de novo.



VINTE E NOVE

Ainda restava a questão de Perry. Eles iam sair de fininho hoje à noite, mas Cam não sabia se deveria levar Perry com eles. Todos os outros na viagem seriam mais velhos (Cam convidara Sunny, Royal, Autumn e Grey) e poderiam ser más influências. Mas ela adoraria passar um tempo com Perry ao voltar para casa. E Perry, que no início estava tão confortável no Maine, começava a demonstrar sinais graves de saudade de casa. Ela andara se lastimando um pouco e passara mais tempo na frente da tevê. Até pedira para a Nana dividir o quarto com ela.

No fim, decidiram levá-la. Mas não podiam dizer a Perry antes porque Cam sabia que ela poderia não guardar segredo. Teriam de tirá-la do quarto no meio da noite.

Asher chamou de “Operação Arranca Pré-Adolescente”.

Os riscos eram altos. Alicia, que tinha o sono leve, já estava de olho neles. E quando Alicia ficava de olho em alguém, era uma patrulha vigilante. Uma das maiores decepções na vida materna de Alicia era o fato de Cam nunca ter violado o toque de recolher. Ela estivera preparada para isso. A primeira noite em que Cam pegou o carro sozinha, Alicia pintou o rosto de preto, pôs galhos no cabelo e sentou-se em meio a um arbusto, pronta para atacar Cam quando ela voltasse para casa um minuto após a meia-noite.

No entanto, Cam nunca chegou tarde e ao ouvir o barulho de alguém mascarando chiclete saindo do arbusto simplesmente falou: “Oi, mãe” e entrou em casa.

— Cuidado para não tropeçar — disse Cam a Asher enquanto andavam na ponta dos pés até o quarto de Perry.

— Tudo isso é realmente necessário? — perguntou ele. Ela o fizera vestir-se de preto e usar uma lâmpada frontal. Ele carregava uma corda enrolada ao redor do ombro e trazia um rolo de fita adesiva na mão. Parecia ridículo.

— Afirmativo. — Cam deu um risinho.

O outro desafio era fazer Perry ficar quieta. O alvo deles era uma fera que guinchava, gritava e dava risadinhas. Eles poderiam precisar amarrá-la e amordaçá-la. Apenas temporariamente, até meterem-na no U-Haul.

Nana roncava feito um buldogue enquanto eles abriam a porta. Eles se arrastaram no quarto com as meias. Cam apontou furiosamente para a mala no chão e, depois, a cômoda, indicando que Asher deveria pegar algumas roupas para Perry. Ele apontou para si mesmo e deu de ombros, como se dissesse: “Eu?”. Cam fez que sim com a cabeça: “É. Você.” E então se pôs a trabalhar.

Rolou Perry sobre o colchão da cama perto do chão, pegou as mãos dela e a fez sentar-se.

— O quê? — resmungou Perry enquanto sua cabeça girava para o lado.

— Vamos viajar — murmurou Cam.

Nana rolou com um rosnado.

— Pra onde? — perguntou Perry, com os olhos ainda fechados.

— Orlando — disse Cam. — Só por uns dias.

— Ei... — Perry começou a soltar um grito de alegria, mas Cam rapidamente cobriu a boca dela. Perry resmungou debaixo da palma de Cam enquanto ela fazia sinal para Asher se aproximar da cama e pegá-la. Asher colocou Perry sobre o ombro, Cam pegou uma mala e eles arrastaram-se até a porta da frente. Perry tentou gritar, agitada, enquanto batia nas costas de Asher com os punhos.

Do lado de fora, eles colocaram Perry no U-Haul com Sunny, Royal, Grey e Autumn. Nenhum deles tinha um carro grande o suficiente para todos, então decidiram levar o trailer.

— Obrigada por me levarem, pessoal! — gritou Perry em voz alta agora.

— Tome. — Cam jogou a mala para dentro.

— O que é isso? — perguntou Perry.

— Suas roupas — respondeu Cam, ficando impaciente. Ela deslizou a porta corrediça do trailer, fechou e trancou.

— Espere! — reclamou Perry. Ela bateu na lateral do U-Haul.

— Não foi essa que eu arrumei — disse Asher.

— Não foi? — perguntou Cam.

— Não.

Cam ergueu a parte de trás da porta do U-Haul e viu Perry segurando uma calcinha enorme, de seda branca, da Nana.

— Ooops — disse Cam. — Você vai ter de se virar com isso. — E fechou a porta, ignorando as batidas seguidas de Perry na lateral do trailer.

— Eu arrumei umas coisas bonitinhas para ela também — disse Asher, em tom de tristeza.



Grey e Royal tinham praticamente carregado Asher para dentro do avião. Ele conseguira chegar até o portão C4 no aeroporto de Portland quando começou a ficar com uma cor verde-acinzentada de calça de camuflagem desbotada. Cam estava começando a duvidar de si mesma, mas sabia que se ele passasse por isso, poderia fazer qualquer coisa. Como a Operação Arranca Pré-Adolescente, era fazer ou morrer.

Os outros garotos cercaram Asher, seguraram-no pelos antebraços e ajudaram-no a seguir pela ponte de embarque até o avião.

— Ele está bêbado? — perguntou o comissário quando embarcaram no voo no início da manhã.

— Não ainda — disse Grey. Ele era o incontrolável do grupo e alguém que deveria ser mantido longe de Perry, Cam observou.

— Você ao menos trouxe meu laptop? — perguntou Perry. — Queria mostrar a Izanagi.

— Ele está no topo da lista de pessoas que você quer ver? — perguntou Cam.

— Quase no topo. Por quê? — perguntou Perry. Ela gingou pelo portão, usando as pantufas azuis e um imenso casaco cor-de-rosa de um dos conjuntos de ginástica da avó.

— Por nada. Só pensei que você tivesse outras prioridades.

Cam podia imaginar vinte coisas que ela gostaria de ver antes mesmo de telefonar para Izanagi. E isso a fez lembrar de ligar para Jackson. Ela adoraria falar com ele para ver como estava sendo o verão dele.

No avião, Cam desejou ter um pouco de Ativan para oferecer a Asher enquanto ele se sentava paralisado no assento da primeira classe, mas ela fora permanentemente banida dos tranquilizantes.

— Sente-se em cima dele, Cam — disse Sunny. — Chamam isso de pressão da vaca. O peso e a pressão acalmam crianças autistas. Funciona.

Cam sentou-se no colo de Asher, tentando pressioná-lo com todo seu peso. Ela sentiu ele relaxar debaixo de seu corpo, mas, quando o avião partiu e tiveram que sentar-se lado a lado, Cam não conseguia saber o que parecia mais alto: as batidas do coração de Asher ou Alicia gritando o nome dela trinta mil pés abaixo, quando acordou e percebeu que tinham ido embora.



TRINTA

— Anda, Perry e Perry — disse Cam. Asher estava tão eufórico depois de sobreviver ao voo de avião que Cam começara a chamá-lo de Perry 2. — Asher, se você pular, talvez eu tenha de terminar com você. — Ele estava tranquilo, mas havia um pequeno pulo alegre em seu modo de andar enquanto caminhava ao redor do lago.

Depois de se juntarem em volta do mapa, discutindo por cerca de vinte minutos onde ir e o que ver, o grupo finalmente se dispersara. Sunny e Autumn foram até o parque aquático, Royal e Grey até o bar no calçadão, e Cam, Asher e Perry até o World Showcase, no Epcot.

— O quê? Estou contente. Você tinha razão, Cam, eu tinha de fazer isso. — No avião, eles tinham conversado sobre o medo de Asher deixar Promise. Parte dele tinha a ver com uma vida inteira ouvindo os boatos das pessoas da cidade sobre como a “mágica” de Promise estava ligada à família dele. Ele desenvolvera a ideia de que, se fosse embora, a mágica iria com ele.

— Promise sempre será mágica, Asher, especialmente para você — dissera ela. — Porque é o seu lar. O que tem de mágico no lar é que é bom sair dele e melhor ainda voltar.

Cam percebeu o quanto aquilo era verdade ao caminhar pelo Epcot. Por mais que gostasse do Maine, este era o seu lugar. O céu era o seu céu. A flora, mesmo se fora cuidadosamente podada e entalhada em formas de animais de circo, era a sua flora. Ela respirou fundo a umidade pesada, pantanosa de agosto e gostou do fato de que parecia diminuir a dor em seus pulmões. Como Lily soubera que ela precisaria disso?

— Ai, meu Deus — disse Perry. — Você disse que ela estava certa. Nunca diga que ela estava certa. Vai direto pra cabeça. Ela costuma *estar* certa, mas é melhor pra todo mundo se você a deixar meio desequilibrada. Um pouco insegura.

— É assim que lida comigo, Perry?

— Um dos modos — respondeu Perry.

— Aqui — disse Cam para Asher enquanto se aproximavam do primeiro país —, a pirâmide dourada e rosa do pavilhão mexicano. — Ela entregou a Asher um par de orelhas de camundongo pretas de cada lado de um boné de plástico. Eram as orelhas do noivo, reservadas para as pessoas em lua de mel na Disney. Cam as roubara, além de um par de orelhas de noiva para ela, do pequeno escritório atrás da entrada.

— O que eu faço com esse? — perguntou, relutantemente começando a retirar o boné do Red Sox.

— Use eles então.

Em segredo, Cam odiava os casais de nerds que estavam em lua de mel na Disney World. Era como se fossem imaturos demais para perceber que, na verdade, eles eram “adultos casados” e não estavam “fingindo estar casados”, viajando numa lua de mel de mentirinha para países de mentirinha do Epcot. Cam sempre se perguntou o que acontecia quando eles voltavam pra casa e tinham de encarar a realidade da conta conjunta no banco e demissões e seguro-saúde e impostos e o fato de que ela sempre deixava os armários da cozinha abertos e de que ele nunca na vida pensaria em limpar a privada.

Mas não tinha problema se Cam e Asher usassem as orelhas de casamento, porque eles estavam *fingindo* de verdade.

Além disso, isso os fez ir direto para a frente da fila.

— Pessoal, se vocês são casados — disse Perry —, o que é que eu sou? — Ela passou um pouco de gloss para destacar a roupa maravilhosa. Hoje vestia uma das camisetas de manga curta de poliéster como um vestido. Tinha três tiras diagonais imensas do ombro direito ao joelho esquerdo. Ela o amarrou com a tira do roupão roxo de Nana, que descia pendurada, solta, de um dos ombros.

— Minha filha bastarda de uma gravidez na adolescência — respondeu Cam. Na verdade, Perry parecia uma dançarina perdida de um clipe musical dos anos 1980. Tudo que ela precisava era de uma faixa na cabeça e de polainas.

— Claro — disse Perry, e elas fizeram um rápido cumprimento com os punhos uma com a outra.

— Cam? — chamou alguém atrás deles.

Cam deu meia-volta e viu Alexa Stanton, a garota em cujo gramado Cam tentou largar Darren, o flamingo de plástico. Só que ela estava vestida, da cabeça

aos pés, como Cinderela. *Então ela conseguiu o papel*, pensou Cam. Ela e Alexa foram amigas antigamente. No jardim de infância, viram *O Mágico de Oz* juntas e depois passaram semanas brincando de macacos voadores no playground, tentando processar o trauma de tudo aquilo. As coisas mudaram no segundo ano, quando alguém — provavelmente a mãe — disse à Alexa para não se misturar com os artistas.

Olha só quem era a artista agora. Alexarela usava um vestido de baile azul-claro. Uma peruca com cabelo amarelo estava presa sobre as orelhas.

Ela segurou Cam pelo cotovelo e puxou-a atrás de uma prateleira de *sombreros*.

— Caem, você se casou com *ele*? — murmurou pelo canto da boca.

— Por que é tão difícil de acreditar? — murmurou Cam de volta.

— Por nada — sussurrou Alexa.

— Bem, foi bom conversar com você, Cinderela. Diga para o príncipe que falei “oi” — disse Cam.

Alexa se recompôs, limpou a garganta e em sua melhor voz de Cinderela disse:

— Sim. Mandarei suas lembranças para o príncipe. — Ela levantou a saia e afastou-se para o pavilhão da China.



Enquanto Asher dirigia na pista de alta velocidade com Grey, Cam e Perry fizeram todas as coisas que costumavam fazer juntas quando eram pequenas, quando os pais estavam se apresentando e elas tinham corrido do parque. A Montanha Espacial, o Country Bear Jamboree, os Piratas do Caribe. Compraram creme de ovos na fonte de refrigerante da Rua Principal e caminharam até a Mansão Assombrada.

As duas irmãs ficaram sentadas perto do muro de pedra em frente à antiga casa mal-assombrada e esperaram. Pediram ao restante do grupo que as encontrassem às nove para que pudessem mostrar a todos como escalar a treliça de ferro forjado da mansão para assistirem aos fogos de um poleiro secreto no telhado.

— Então talvez vocês deversem me dar algum conselho de irmã antes de a

escola recomendar — disse Perry. Seu rosto estava corado depois de passar o dia quente presa a um “vestido” de poliéster, que agora estava manchado com chocolate e catchup.

— Hum. Ok.

— Você nunca me deu nenhum antes. — Perry mexeu cruelmente o creme de ovo entre os pequenos goles *staccato*. Ela sempre fazia a bebida durar mais que a de Cam, assim podia zombar dela.

— Você nunca aparentou precisar de um — respondeu Cam. — Essa é a questão de ser a mais nova: você sai relaxada, tranquila e sabendo exatamente como conseguir o que quer.

— É verdade. Mas você pode me dar algum conselho, de qualquer forma. Assim você sente que cumpriu seu papel de irmã mais velha. — Perry esticou o copo para compará-lo ao de Cam e ter certeza de que tinha mais creme de ovo sobrando.

— Bem, vejamos — disse Cam. — Que tal “não seja como eu”? Esse é um bom conselho. Como no colégio, você deveria fazer parte de alguma coisa. Não como baliza, como Autumn e Sunny. Deus. Isso não ensina a você nenhuma habilidade prática. Mas alguma coisa. A equipe de tênis pode ser legal. — Cam pensou por um minuto. — Seja você mesma — continuou ela. — E seja generosa.

— Generosa?

— É. Ser generosa é uma das coisas mais difíceis de ser no colégio, porque você fica tão apavorada por ser reduzida a si mesma que sempre fica de guarda. Mas não seja assim. Seja generosa e você vai ser diferente de verdade. Vai se destacar. Única e feliz.

— É isso? Seja generosa? Todos os perigos se escondem na névoa e você me diz “seja generosa”?

— Acho que isso é bom — disse Cam, de modo confiante, com um último gole do creme de ovos. — É melhor ser generosa que estar certa.

— Tudo bem — disse Perry. — Vou tentar.

— Bom.

Cam ergueu os olhos. Subitamente e bem a tempo, os garotos de catálogo

caminharam devagar na direção delas, eufóricos, vindos de todas as partes. Sunny e Autumn seguravam balões rosa néon com formato do Mickey Mouse que balançavam de um lado para o outro enquanto elas saltavam do lado direito. Grey e Royal, com camisas listradas de marca, galochas e enforcadores de couro, vieram pelo lado direito.

— Buu! — Asher assustou-as, vindo de trás.

Cam deu um pulo.

— Odeio quando você faz isso! — mentiu ela.

— O quê? É a Mansão Assombrada.

Cam os conduziu de volta à estrutura gótica, onde eles escalaram uma por uma as vinhas pretas e pontudas de metal. Encontraram uma parte plana do telhado atrás do torreão e se esconderam embaixo dos galhos de um salgueiro chorão assustador. Grey começou o jogo *O que você preferiria* enquanto esperavam pelo início dos fogos de artifício.

— Olha o nível, moço. Tem de ser a versão da Disney — pediu Cam e apontou para Perry não tão sutilmente nas costas dela.

— Ok — disse Grey. — Você preferiria dar uns amassos na Jasmine ou na Cinderela?

Cam lançou um olhar na direção dele.

— O que foi? Eu disse “dar uns amassos” — retrucou ele, inocente, mas Cam balançou a cabeça. — Ok, ótimo. Você preferia “segurar a mão” — ele fez aspas com os dedos no ar — da Jasmine ou da Cinderela?

— Definitivamente Jasmine. — Autumn deu uma risadinha. Ela inclinou a cabeça para a frente, escondendo a mão atrás da cortina de cabelo castanho e cheio.

— Isso — concordou Royal. — Eu adoraria segurar a mão dessa mulher.

— Ei! — Sunny deu um tapa sem força na coxa dele.

Era o mês de agosto em Orlando. O ar pesava acima deles como um mar antigo que, de alguma maneira, evaporara. Estava quente, úmido e pesado, e eles mal tinham energia suficiente para espantar os mosquitos que giravam em torno deles no escuro.

— E lá vamos nós! — disse Sunny, refrescando Cam com o ventilador portátil de Mickey Mouse, complementado por uma garrafa de spray. Ela pôs o braço ao redor de Cam e deitou a cabeça em seu ombro. O cabelo tinha cheiro de baunilha. — Obrigada por nos trazer até aqui — disse ela.

— De nada — retrucou Cam.

— Eu tenho uma. — Autumn estava traçando as linhas da palma da mão de Grey, fingindo ler o futuro. — Você preferiria... saber o seu destino ou passar a vida inteira tentando descobrir?

— Essa é fácil — respondeu Royal. — Já fico tão entediado por já saber. Como se minha vida já tivesse acabado. Como se eu nunca fosse voltar a me surpreender. — Royal estava inscrito como calouro de medicina da UMass e prometera à mãe que se formaria.

— Mas eu sou cheia de surpresas — exclamou Sunny, levantando a cabeça do ombro de Cam.

— Isso é verdade — admitiu Royal. Ele deu um abraço nela e disse: — A vida com você nunca é chata.

— Não sei — disse Autumn. — Gostaria de saber o que eu queria. Tornaria as coisas mais fáceis. Algumas vezes eu nem sei se quero chocolate ou baunilha.

— Gosto de não saber — disse Perry. — É emocionante. Talvez eu seja piloto.

Com isso, o primeiro dos fogos de artifício estourou na noite escura. Era dourado. Metálico e brilhante como se eles tivessem acabado de ganhar um prêmio.

Asher puxou Cam para mais perto.

— Você é meu destino — murmurou ele. E então eles se beijaram e se esqueceram dos amigos no telhado.

— Ei, quem foi que disse para manter o nível? — Grey deu uma gargalhada.

— Está tudo bem. Já vi eles se beijando antes — disse Perry, totalmente indiferente.

Cam sentiu como se ela *tivesse* ganho um prêmio. Não apenas a pessoa sentada ao lado dela, mas a amizade com os garotos de catálogo. Era uma coisa que ela não sabia que estava desejando. Adolescentes correm em bandos. E por tempo de mais ela estivera tentando andar sozinha.

Quando o último fogo de artifício estourou e chiou, deixando serpentes de fumaça penduradas e misturadas no ar, o grupo voltou a descer a treliça. Eles caminharam até a saída do parque e o castelo da Cinderela. Make-A-Wish fizera arranjos para ficarem na Suíte Real.

A falsa opulência era espetacular. Colunas de mármore, tetos abobadados, camas com veludo e brocado grossos, uma antessala, uma lareira mágica com visor de fibra óptica com fogos de artifício, uma banheira Jacuzzi com uma torneira de cascata cercada por janelas de vidro pintado.

Quando se aproximaram do castelo, Autumn, Grey, Royal e Sunny sequestraram Perry. Eles a agarraram e a puxaram na direção do monotrilha para levá-la à primeira discoteca para menores de vinte e um anos no centro da Disney.

— Esperem. — Cam tentou protestar, segurando a mão de Perry. — Não precisam levá-la.

— Precisamos, sim — insistiu Sunny enquanto empurrava Cam através da porta pesada do elevador particular que levava à Suíte Real.

No topo, um tapete de pétalas de rosas vermelhas cobria o chão e formava uma trilha iluminada por velas até o quarto. Asher esperava vestindo a nova cueca boxer do Mickey Mouse, segurando dois copos de cidra de maçã borbulhante. Asher, o perfeito, não tomava álcool.

Cam riu. Era tão inacreditavelmente brega.

— Isso não tem muito a minha cara, sabe?

— Eu sei, mas imaginei que em Roma.

— Estamos em Roma?

— Não. Acho que estamos na França medieval.

— A Cinderela era francesa?

— *Oui* — disse ele e brindou com ela, engoliu a cidra e então jogou Cam, o copo cheio e tudo o mais na cama absurdamente grande coberta com escorregadios lençóis de seda dourada.

— Estou um pouco intimidada — disse ela enquanto ele beijava sua orelha, pescoço e peito. Ele levantou a blusa dela e passou a língua em voltas suaves pelo centro da barriga.

— Pode continuar assim. Você é a princesa.

— Mas o que isso *significa*? — perguntou Cam. — Como...

— Ai, meu Deus, Campbell. Fique quieta! — Ele deu uma risada.

Mais tarde, ela descobriu que podia ser uma princesa. Não uma princesa de verdade, mas algo mais que uma paciente com câncer. Ela podia escolher o câncer e a infelicidade ou as outras partes maravilhosas de sua personalidade. Ela era dançarina, estudante, irmã, assistente veterinária, namorada. Podia transformar o câncer em uma parte muito menor de seu ser. Pela primeira vez em um tempo muito longo, o câncer não era tudo.



TRINTA E UM

— Temos tempo de ver o mundo hoje? — perguntou Asher enquanto se espreguiçava e bocejava depois de finalmente acordarem, por volta de meio-dia. As garotas já tinham saído para os tratamentos no spa real, e os garotos estavam no campo de golfe. Todos iam se encontrar às cinco no show do “Espírito do Aloha” na Polinésia.

— O Mundo Pequeno, talvez — respondeu Cam, passando os dedos pela testa fabulosa dele. Depois do show, eles entrariam no próximo avião para Portland. Alicia enviara mensagens de texto para Cam cerca de 75 vezes, implorando que ela voltasse, e Cam prometera que voltariam à noite. Mas não podiam ir sem ver o mundo primeiro.

O tempo de espera em É um Mundo Pequeno era de 25 minutos, e na verdade não era nada mau. Conforme abriam caminho pela fila, abanando-se com os mapas do parque, Asher enchia-a com perguntas sobre o “Espírito do Aloha”, a subcultura bizarra na qual ela fora criada.

— É tão estranho que em vez de viver a cultura você a represente — observou Asher.

— Ora, é como Sly Stallone descreveu a preparação para *Rocky* — explicou Cam. — Algumas pessoas trabalham de dentro para fora e outras, de fora para dentro. Ele tinha de ficar com o corpo do Rocky, se vestir como Rocky e falar como Rocky antes de poder sentir quem era o Rocky. Outro ator sentiria quem era o Rocky e depois começaria a se vestir como ele. Então algumas pessoas se sentem polinésias e isso as leva a dançar e outras, como eu, dançam para se sentir mais polinésias. Não importa como você faz, o resultado final é o mesmo.

— Agora preciso ver *Rocky* de novo — disse Asher.

— Eu sei. Eu também. Você não ouviu nada do que eu disse, ouviu?

— Não. Só estava pensando sobre o *Rocky*.

Eles fizeram a última curva da fila. Cam piscou para um garotinho na frente deles que continuava a se balançar no corrimão, apesar dos repetidos avisos para

que não fizesse isso. Finalmente, era a hora de entrarem no barco. Eles empurraram a porta giratória, entraram no cais flutuante e deslizaram para um banco vago. Partiram para viajar pelo mundo. O enjoativamente doce mundo. Era como se tudo fosse feito de açúcar. Assim que entraram no túnel, foram assaltados por uma chuva de glitter, dourado reluzente, laranja e rosa néon. Era um país das maravilhas de *papier mâché*. Um überdiorama com partes em tamanho família que se moviam.

Quando era pequena, Cam encantava-se com a ideia de crianças de diferentes países vestindo roupas diferentes, comendo comidas diferentes e falando idiomas diferentes. Era realmente mágico para ela. Os estereótipos estranhos das crianças africanas sem camisa tocando tambor nas costas de uma girafa ou as mulheres sul-americanas carregando cestos de fruta nas cabeças, as francesas levantando as saias para o canção pareciam uma celebração das fabulosas cores do mundo.

Estereótipos funcionam para as crianças, percebeu Cam, porque elas ainda tinham intacta a compreensão básica de que ninguém provavelmente era menos humano que ninguém. E esta viagem trazia de volta essa noção.

Eles estavam na Índia, e uma fileira de mulheres em sáris andava nas pontas dos pés de volta para casa, vindas do Taj Mahal reluzente, branco e inchado, feito de lençóis. Asher estava sorrindo, feito uma coisa só com o espetáculo.

— Não percebeu as placas de saída acima das portas escondidas dos fundos do armazém nem o homem que fazia os reparos no canto, trocando uma lâmpada? — perguntou Cam, deslizando a palma da mão na dele.

— Um pouco — respondeu ele. E então: — Eu consegui uma bolsa, sabe?

— Eu sabia — disse Cam quando se deslocaram das imensas marionetes de sombras da Indonésia para as gueixas do Japão.

— Ah-hã. BC.

— Vai ficar com ela?

— Parece meio uma decisão de vida e morte para mim.

— Não é. Você sempre pode voltar para casa. Devia tentar.

— É um mundo pequeno — disse Asher.

— No fim das contas — completou Cam.

Mas ao dizer isso, teve uma visão da vida de Asher na faculdade. Observando

os colegas da equipe abrirem os pacotes enviados pelas mães e o modo como reforçavam a própria solidão. Era triste.

— Elaine vai mandar pacotes pra você — murmurou ela.

Então ela viu a alternativa. Asher para sempre em Promise, treinando o time de futebol do colégio, paquerando as líderes de torcida, bebendo cerveja. Só um pouco, no início, e então um engradado com seis todas as noites quando se sentava em uma espreguiçadeira, perguntando-se o que fora a sua vida.

— Você tem de ir embora — murmurou para ele. Mas sua voz foi abafada por outro coro de vozes de crianças que se elevava.



O ritmo do tambor estava aumentando enquanto os convidados se reuniam na varanda feita de rocha vulcânica cinzenta falsa, fora do anfiteatro. As tochas tiki estavam acesas, embora o sol ainda não tivesse se posto e as garotinhas em vestidos de alça e calças brancas estivessem subindo nas esculturas de mentira de polinésios com cabeças gigantes. Os convidados abaixaram a cabeça para que os artistas pudessem dobrar coroas de flores ao redor do pescoço deles, e o show reservara os roxos néon, feitos de flores de verdade, para Cam e o grupo. Ela era grata pelo fato de nenhum dos garotos de catálogo fazer uma piada. Era uma aversão séria para Cam. Não porque fosse desrespeitoso. Apenas porque era fácil demais.

Izanagi os encontrara no hotel. Seu braço estava no ombro de Perry enquanto ele a acompanhava, vindo do saguão do hotel. Ele sorriu e girou-a, mostrando a todos o vestido novo florido e cor-de-rosa que comprara na loja de presentes.

— Cam, como pôde trazê-la para cá sem roupas? — perguntou Izanagi.

— Foi um acidente — respondeu ela. — Como é que você está?

— Estou bem — disse ele, beijando-a nas duas bochechas. Então ele manteve a cabeça baixa como se lembrasse mais uma vez a decepção pelo fato de Alicia não vir com eles. Ele tinha se esquecido de se barbear ou de passar a calça lavada normalmente impecável.

Todos se sentaram à mesa central na primeira fileira. O solitário e lastimoso Izanagi animou-se um pouquinho assim que a comida chegou e ele conseguiu lançar pedaços de abacaxi na boca das pessoas com a faca.

Depois do primeiro número, uma dança havaiana em homenagem ao sol, a MC, Momma Suzi, anunciou que uma velha amiga viera visitar o show. Ela pediu que Cam subisse ao palco e fizesse malabarismos com a faca do fogo.

— Acho que ainda a tenho, Campbell. Ah, aqui está — disse ela, ao mesmo tempo que John, um dos antigos amigos do pai, trazia a faca até o meio do palco. Tinha o tamanho e o formato de um rifle.

Malabarismo com fogo era uma das ocupações de menina levada. Não havia muitas garotas que realmente queriam fazer isso, e ela, sobretudo, aprendera a passar o tempo com o pai. Não tinha certeza do que Asher pensaria. A multidão aplaudiu e tocaram sua música favorita.

Finalmente, ela se levantou e acendeu cada extremidade da faca. Começou a girar, primeiro em posição vertical e, depois, com as duas mãos. Jogou a faca alto no ar, girou e pegou-a nas costas. Ela passou o fogo por baixo das pernas. Girou a faca com uma das mãos e, depois, com a outra. Ela estava em transe, totalmente concentrada no momento em que ouviu a multidão começar a rir e viu uma coisa grande e laranja no campo da visão periférica.

O Tigrão estava fazendo malabarismos com uma faca com fogo.

— Jackson — gritou ela. — Essa roupa não é inflamável?

O Tigrão balançou o queixo grande para cima e para baixo.

— Então saia daqui!

O Tigrão concordou de novo com o queixo e jogou a faca com fogo para John, que pegou e apagou as chamas. O Tigrão acenou para o público e desceu do palco.

Cam girou mais uma vez e percebeu que o que estava fazendo era muito parecido com o show de Sunny. Ela deu uma olhada em Sunny, que sorria com atenção para toda a produção, e teve uma ideia. Apagou a chama, inspirando os vapores familiares do fluido de isqueiro, e fez um gesto para quem estava fora do palco jogar outra faca.

O sol da Flórida deixara sardas no rosto de Sunny e ela não podia esconder o sorriso aberto quando subiu ao palco, usando o maxivestido. Cam deu-lhe uma das facas e então pediu: “Faça o que eu faço.”

Ela deslocou o peso do corpo para a frente e para trás, de um pé ao outro e,

depois, começou a jogar a faca entre as mãos. Sunny acompanhou com a própria faca e então Cam começou a jogar a sua mais alto no ar. Sunny fez a mesma coisa até as duas girarem enlouquecidamente. Terminaram, ao mesmo tempo, com um grande joga e pega atrás das costas.

A multidão enlouqueceu, chocada pelo fato de uma garota branca conseguir bancar a nativa assim sem nenhuma preparação. *Somos mais parecidas do que diferentes*, Cam citou Maya Angelou para si mesma, *por mais que a Disney tente nos fazer acreditar o contrário*.

Cam e Sunny fizeram uma mesura e foram aplaudidas de pé pelos garotos do Maine diante delas. Asher sorria e Royal soltou um assobio agudo. “Mais! Mais”, gritava, mas Cam e Sunny tinham terminado ali, e voltaram a se sentar para aproveitar a dança dos homens de Samoa, além da hula da deusa havaiana do vulcão que encerrava o show.

Jackson deixou a fantasia de Tigrão na cozinha e juntou-se a eles com a nova namorada, uma garota loura, bonita e baixinha chamada Peg.

— Viu o que eu disse? — Cam cutucou Jackson e apontou com o queixo para Peg. — Teria sido um erro sair comigo. Você parece contente de verdade.

— Eu estou — disse ele. — Asher parece legal também.

— Ah-hã — disse Cam, e riu porque havia dito isso sem ironia.

Depois da sobremesa de lava de chocolate fumegante, o show terminara, e Cam se despediu do elenco de “Aloha”. Jackson, Joe, o cozinheiro e Momma Suzi, a MC. Izanagi ficou andando por ali, esperando sua vez. Finalmente, aproximou-se dela com a cabeça baixa, remexendo no anel de jade que a mãe lhe dera antes de ir embora. Ele ainda não dissera nada. Era como se precisasse se concentrar para manter a atitude.

— Até logo, Iz, foi bom ver você — disse Cam.

— É, hum, foi — gaguejou ele. Quando finalmente ergueu os olhos, eles estavam caídos e com as beiradas vermelhas, como se ele não tivesse dormido desde que elas tinham ido embora. *Uau*, pensou Cam, *minha mãe tem mesmo um desgosto malvado*.

— Não fique triste. — Perry passou os braços finos ao redor dele e falou: — Vamos ao jogo Devil Rays quando a gente voltar.

— Ok — gritou Izanagi e então deixou escapar um soluço audível. Ele continuou a soluçar no ombro de Perry. Perry, ainda abraçada, olhou para a irmã, incrédula e levemente divertida, e falou sem emitir som: — O que fazemos?

Não podemos deixá-lo assim, pensou Cam. Não havia nada mais triste que um homem abandonado e à deriva.

— Vem com a gente, Iz.

— Sério? — Ele ergueu os olhos, assoou o nariz no lenço e sorriu.

— É. — Cam sorriu. — Temos um bilhete mágico.



TRINTA E DOIS

Cam pediu à comissária de bordo um pouco de água, um chá de ervas e uma aspirina.

— Você está bem? — perguntou Asher.

Foi gentil da parte dele perceber. Eles ainda estavam parados, e ele já estava sentado, empertigado e rígido, apertando os braços da cadeira até os nós dos dedos ficarem brancos enquanto gotas de suor pingavam pela lateral de seu rosto.

— Estou bem. Apenas se cuide. — Ela estava com um pouco de dor de cabeça e a garganta inflamada, mas provavelmente era apenas desidratação. — Feche os olhos — disse ela para Asher — e imagine que está no solo de Promise.

— Isso é bom.

— É. Basta passar acelerado por toda essa coisa de voo e imaginar que vai fazer isso quando terminar.

Ela conversou com Asher sobre um dia inteiro de verão em Promise, do café da manhã com omelete recheada no Dad's, o restaurante favorito em estilo caseiro, até erguer as armadilhas no *Stevie*, até o treinamento e o jantar na baía, ao pôr do sol, e então sentar-se para assistir a *Rocky* na sala de estar da estrebria. A certa altura ele adormeceu, mas, quando acordou, ela continuou contando a história, começando de onde tinha parado. Estava na metade da história do filme, na parte em que o Rocky estava quebrando as costelas das carcaças de boi nos açougues, quando o piloto pediu aos comissários de bordo que se preparassem para aterrissar.

— Já estamos aterrissando? — perguntou Asher.

— A-hã. Você conseguiu.

— Você é incrível. Obrigado.

— Não. Eu é que te agradeço. Por fazer isso. Você vai ver. Promise ainda vai estar lá quando voltarmos.

Cam olhou para trás. Do outro lado do corredor. Izanagi estava sentado ao lado de Perry. Estavam jogando algum tipo de jogo de dados na bandeja, que deveria estar fechada para a aterrissagem.

Cam percebeu com súbita clareza que Izanagi não era apenas outro caso de Alicia. Cam realmente não lhe dera tempo porque não precisava dar. Ela tinha um pai e estava numa idade na qual precisava cada vez mais de um pai substituto. Nunca pensou, nem por um segundo, em ver em Izanagi uma figura paterna. Mas, para Perry, ele era mais que o cara chato que deixava mensagens demais no correio de voz. Para Perry, ele era uma pessoa. Uma pessoa que a ajudava com o dever de casa e a incentivava a tentar coisas novas. Para Perry, era exatamente o que ela precisava. E isso deu uma ideia a Cam.



Asher ficou um pouco nervoso quando não conseguiram encontrar de imediato a entrada para Promise. Eles tiveram de circular o edifício do Dunkin' Donuts cerca de três vezes antes de finalmente encontrarem a abertura entre os arbustos que conduzia à trilha sinuosa de seixos até a cidade.

— Veja, Ash, está tudo aqui — disse Cam ao ver o farol, a costa e a pequena cidade. — O sol ainda está brilhando atrás do farol, as orcas ainda mergulham na baía e os dentes-de-leão ainda são lilases. Tudo está como deixamos.

— Menos isso. — Perry apontou para um totem colorido de quinze metros erguido no gramado em frente a Avalon by the Sea.

— Iss... sooo — disse Cam. — Mas isso poderia ter acontecido, de qualquer forma.

Eles foram até a casa no Cumulus, e Cam e Perry entraram para contar à mãe e à Nana que tinham voltado. A tarefa de Asher era preparar Izanagi e levá-lo de fininho pelos túneis para dentro de casa.

— Não sei quanto a isso — dissera Asher quando eles ainda estavam no carro. — Já vi seus planos irem por água abaixo antes. Você tem certeza de que vai funcionar? E se ela disser que não?

— Não vai — disse Cam. — De qualquer forma, não acho que vá. — Isso era mais que plantar. E fazia perfeitamente sentido. Preenchia todas as lacunas.

— Melhor não ter esperanças — disse Asher, indicando Iz, que estava escrevendo, desesperado, o pedido de casamento no verso de outro saco do

Dunkin' Donuts. — Para o bem dele.



— Oi, mãe! — disse Cam ao entrar pela porta da frente.

Alicia estava lavando pratos e ignorou-as como Cam sabia que ela faria quando elas deixaram as bolsas no saguão.

— Está tudo bem? — perguntou Perry.

Alicia simplesmente levantou a mão num gesto que dizia “fale com minha mão” e Nana sentou-se à mesa, balançando a cabeça para a frente e para trás. Ela não podia deixar de repreender um pouquinho e, depois, soltou um grande suspiro.

— Mãe, temos uma surpresa para você — disse Cam.

Alicia deu meia-volta e recostou-se na pia, com os braços cruzados no peito. Abriu a boca para falar, mas, depois, mudou de ideia. Balançou a cabeça e continuou lavando os pratos.

— Anda, mãe — disse Perry. Ela e Cam a arrastaram para o andar de baixo e Nana as acompanhava de perto, até a estante giratória que ligava ao corredor secreto. Cam empurrou e a prateleira girou e revelou Izanagi. Agora ele estava de barba feita, segurando alguns dentes-de-leão como um buquê. Asher estava parado atrás dele. Ele deu a Cam uma piscadela enquanto se juntava a ela no lado da prateleira que ficava na casa. Izanagi se ajoelhou e disse:

— Alicia, você é o amor da minha vida. Quer se casar comigo?

Alicia ficou parada, em silêncio, com a cabeça baixa e a mão na de Izanagi pelo que pareceu uma eternidade, antes de finalmente responder *sim*. Primeiro, ela murmurou e depois repetiu cada vez mais alto até gritar. Abraçou Izanagi, e eles se beijaram.

— Senti tanto a sua falta — disse ela para ele.

— Era *isso* que ele estava escrevendo com tanta fúria no saco do Dunkin' Donuts? — murmurou Cam para Asher.

— Ele estava nervoso, então eu cortei algumas coisas.

— Boa ideia — sussurrou Cam.

— Obrigado.

Alicia deu meia-volta e encarou as filhas.

— Espera aí, eu deveria pedir permissão para as meninas. O que você acha, Campbell?

— Mãe, a ideia foi minha — respondeu Cam.

— Não foi sua ideia? — perguntou Alicia para Izanagi.

— Não, foi ideia dele. — Cam deu um pulo. — Eu só o encorajei.

Alicia estendeu um dedo para Cam e falou:

— Não pense que isso é desculpa para o que você fez. Eu tive um ataque dos nervos, Campbell, e você raptou a Perry.

— E roubou minhas calcinhas — acrescentou Nana. — Para que precisava das calcinhas?

— É uma longa história — disse Cam. — Desculpe.

— Sem problema — disse Nana. — Temos de planejar um casamento. Isso merece um brinde!

Eles estouraram o champanhe. A mãe colocou um cubo de açúcar em cada um dos copos. E deram um golinho para Perry, que ficou entre Alicia e Izanagi, dando risinhos.

— Acho que estou meio bêbada — disse ela.

Cam observou-os do outro lado da sala e disse, distraída, para Asher:

— Olhe só o que eu criei.

— O quê?

— Criei uma pequena família — disse ela. Olhou para os três, que riam juntos, e foi dominada, pela primeira vez, pela tristeza, por sentir-se tão isolada, e pela alegria, porque sabia que eles teriam sucesso juntos, com ou sem ela.



TRINTA E TRÊS

O casamento ítalo-japonês-polinésio aconteceria no gramado da frente debaixo do *huppah* judaico amarrado a um dos lados do totem Algonquin de quinze metros. Nana e Izanagi estiveram trabalhando na cozinha durante toda a semana, preparando sushi, teriyaki, salsicha com pimentão, lasanha e uma canoa de cannolis, enquanto Cam fazia o trabalho de sempre de escavar barcos de abacaxi para o arroz polinésio. Perry ficou responsável pela música; Asher, pela luz, bancos e estruturas e, à frente dos trabalhos, estava Elaine, que, não era de admirar, era ministra certificada e planejadora de casamentos.

Não era a primeira festa no gramado de Avalon by the Sea. Quase todo mundo que se casava em Promise o fazia ali, por isso Asher apenas tinha de tirar mesas e cadeiras das passagens secretas e arrumá-las.

Elaine estava do lado de fora da casa, supervisionando a arrumação. Ela havia trazido Buddy e Bart para uma rápida traquinagem antes de levá-los de volta ao canil. A estranha amizade era como em um livro infantil. Os dois estavam no estado estranho que lhes era próprio, tropeçando nos pés grandes demais enquanto perseguiam um ao outro. Buddy bicava Bart, esticando o pescoço recém-crescido, que estava ficando cor-de-rosa, e então corria, abrindo as asas e dando saltos grandes que começavam a parecer voos de verdade. Bart batia no bico de Buddy, erguendo-se nas patas traseiras para tentar pegá-lo. Então Bart fugia, tropeçando na grama levemente inclinada e caindo para um montinho peludo para cochilar.

— Muito bem, já chega, pessoal — disse Elaine finalmente. Ela rodeou-os assim que Smitty chegou com a escultura de gelo de flamingos se beijando.

O mau humor dele no viveiro de lagostas impedia de perceber que Smitty era, na verdade, um grande urso de pelúcia. Ele levou a criação pesada até Asher e sorria e dava risada atrás da barba fechada de cor de feno.

— Cuidado com o pescoço — falou. — Estão meio frágeis no topo.

— Isso é incrível, Smitty. Obrigado. — Cam ouviu Asher dizer e observou a cena das janelas da sacada. A mãe se juntou a ela e esticou na cama o vestido

frente-única de chiffon cor de cereja cuja bainha tinha acabado de fazer.

— Você já pensou na sua festa de casamento?

— Sim, e é exatamente assim que imagino — disse Cam, indiferente. — Com o flamingo adolescente... o totem e, olha só, senhoras de sessenta anos vestindo muumuus. — Alicia convidara todas as mulheres da aula de hula para iniciantes.

— Sim. Elas vão apresentar um pequeno número. Está fofo.

— Ok. — Cam as observava treinando no gramado, girando com passos curtos, cautelosos, de gente idosa, como se tivessem medo de quebrar um quadril.

— Como você imagina a sua festa? — Alicia pegou uma escova de cabelo da mala de Cam e penteou o cabelo preto que agora ia até o ombro.

— Hum, não imagino.

— De jeito nenhum?

— De jeito nenhum.

Era verdade. Cam nunca fantasiava sobre o próprio casamento. Antes do diagnóstico, sonhava com outras coisas. Fazer um filme, talvez. Ganhar um Oscar. Escrever um livro. Visitar o Egito. Mas um casamento parecia insignificante na ordem das coisas.

— Mesmo agora que você conheceu o Asher?

— Não posso nem imaginar de brincadeira — disse Cam.

— Acho que isso é bom. — Alicia levou a escova até o topo da cabeça de Cam. — Acho que algumas garotas ficam tão envolvidas com a festa de casamento que se esquecem da parte do casamento, e terminam amarradas pelo resto da vida à pessoa errada. Não é a festa que interessa.

Cam olhou pela janela enquanto Asher arrumava animadamente as cadeiras dobráveis e mesas cobertas com toalhas de damasco dourado. *Ele seria a pessoa certa*, pensou.

— Você está feliz? — perguntou Cam.

— Sim, Campbell. Muito. Você estava certa. Era disso que eu precisava, obrigada. As coisas vão dar certo, desta vez — disse ela, depois de terminar de escovar o cabelo de Cam e virar sua cabeça para que pudesse olhar nos olhos da

filha. Cam também estava feliz.

— Tudo que você pode fazer é o melhor que pode fazer. E o seu melhor sempre é melhor que o de outra pessoa. Você é uma mãe e tanto — disse Cam. Ela sentia uma grande saudade da mãe, embora estivesse bem perto dela.

— Bem, isso é um sonho que se realizou — disse Alicia e beijou-a na testa.

— Agora é hora de o meu sonho virar realidade. Toda filha sonha em levar a mãe até o altar.

— Você acha esquisito? — perguntou Alicia.

— Acho. Mas vamos dar um jeito. Tenho de encarar os fatos. — Cam suspirou. — Você não é mais minha garotinha.



Deixar Perry responsável pela música talvez tenha sido um erro de cálculo. A mãe, entre Cam, de cereja, e Perry, de amarelo, foi até o altar ao som de Katy Perry. Alicia estava linda em um vestido de laise creme. Tinha violetas presas no cabelo e segurava um buquê de orquídeas minúsculas cor de cereja e amarelas. Izanagi vestia uma camisa de gaze marrom simples com calça de linho e sandálias. De repente, ele ficou mais bonito do que Cam se lembrava. Era alto, tinha ombros largos, peito forte e pele morena perfeita, além de olhos sorridentes que brilharam quando ele viu a mãe dela. Asher estava de pé ao lado de Izanagi e piscou para tranquilizar Cam.

Alicia e Izanagi sorriram um para o outro, e fizeram Cam sonhar acordada sobre o futuro deles. Cenas passaram por sua mente. Os dois deixando Perry na faculdade. Viajando pelo mundo real, de verdade, e não pelo mundo de faz de conta da Disney. Ela os viu escalando o Himalaia, no Nepal, com pastores de cabras, e posando na Grande Muralha da China. Fazendo um brinde com duas imensas canecas de cerveja, na Alemanha. Ela os viu envelhecer lentamente, juntos e felizes, no álbum de fotos em sua mente.

Então tentou introduzir-se na vida deles. Ela se concentrou, usou toda a força de vontade e fez um esforço para imaginar-se aos vinte e um anos, sentada no sofá com eles, no Natal. Tentou imaginar Izanagi pouco à vontade num terno na formatura em Harvard. Tentou pensar em como a mãe olharia para a primeira neta, mas a imagem não surgiu. As fotografias estavam em branco.

Em vez disso, ela se concentrou no instante presente. O presente era o que

importava, recordou-se, e o que estava acontecendo neste momento era bom.



Felizmente, Elaine encurtou as coisas e não os torturou com algo como um sermão, mas foi direto à parte importante: *Pelo poder a mim investido pelo estado do Maine, eu os declaro companheiros pelo resto da vida*. Então a festa prosseguiu. Perry e seus amigos correram pela beira do gramado, rindo, espiando, imitando, fingindo que eram adultos e tentando roubar drinques do bar. Asher continuava a oferecer *piña colada* sem álcool, que eles imaginavam que fosse a bebida de verdade.

Os garotos de catálogo fizeram pose, aqui e ali, feito belas estátuas coloridas no templo das camisas de marca. Izanagi e Alicia dançaram praticamente o tempo todo, qualquer coisa que irradiava no iPod de Perry. Quando chegou a hora de jogar o buquê, Alicia o jogou com uma jogada de voleibol para Elaine. Ela o pegou animadamente e depois dançou de rosto colado com Smitty.

O sol desceu atrás do farol. A baleia orca mãe, cujo bebê deve ter crescido e a abandonara, pulou da baía. Todos comeram, riram, dançaram e esqueceram. Esqueceram sobre prazos e contas bancárias e faculdade e emprego, divórcios, impostos e os detalhes da vida. Todos se esqueceram, menos Cam, que estava no banheiro do segundo andar observando, com olhos vesgos, enquanto o mercúrio no termômetro passava de quarenta graus.

— Cam! — Asher bateu à porta. — Você está bem? Está aí há algum tempo.

— Estou bem — cantarolou Cam. — Só estou passando pó no nariz. — E remexeu no armário de remédios, procurando Advil. Finalmente encontrou e engoliu quatro comprimidos. O sapo de concha do mar da South and Border olhava para ela com um ar de acusação. — Cala a boca, estou bem — disse para ele.

— Ei — falou Asher quando abriu a porta. — Todo mundo está indo para o farol. Quer ir?

— Não. Mas por que você não vai? Eu deveria ficar aqui com a minha mãe.

— Hum, não acho que ela vá sentir sua falta. — Asher apontou através da janela do corredor para o gramado, onde Izanagi e Alicia se beijavam encostados em uma árvore.

— Nojento — disse Cam. Não havia nada pior que velhos se beijando.

— É... — disse Asher. — Então, quer ir?

— Não. Não. Vá você — disse ela. — Vou ficar aqui e limpar as coisas.

— Posso te ajudar. Ou podemos fazer isso de manhã.

— Asher.

— O quê?

— Só vá, ok? Preciso de um tempo sozinha.

— Ok, gatinha — disse ele. — Isso é estranho, mas está tudo bem.

— Ok — disse Cam. — Vá agora.

Quando ele estava na metade da escada, parou e olhou para ela.

— Vá! — disse ele.

— Ok.

Ela esperou até que estivesse fora da vista para se dobrar por causa da pontada de dor no meio da barriga.



TRINTA E QUATRO

Depois de uma noite de sono, com sonhos apavorantes de terremotos, vulcões e tsunamis, Cam acordou. Olhou para fora da janela e viu que a mãe e a avó remexiam feito refugiadas entre o lixo espalhado do casamento: fitas, flores mortas, montinhos de arroz, a poça da escultura de gelo que derreteria, pratos com restos de torta. A pele de Cam ardia, mas ela sabia que se pudesse pegar o Advil poderia ocultar a febre por outro dia. Ela pegou alguns comprimidos e depois voltou para a cama e esperou que fizesse efeito. Enfiou a mão no bolso da calça cargo e encontrou o pequeno conta-gotas com morfina líquida cor-de-rosa que ela não usava há semanas. Pingou três gotas debaixo da língua. *Vou ficar de ótimo humor hoje*, pensou ela. Feito uma veterinária psicótica, sem-teto, de olhos doentes da guerra do Vietnã, provavelmente, mas ao menos ela não sentiria dor. Também ficou tentada a dar uma fungada no inalador, mas se a falta de fôlego fosse causada pelos tumores apertando o coração e os pulmões, um inalador não ajudaria.

— Cam, você está bem? — Asher gritou do primeiro degrau da escada.

— Sim, pode subir. Preciso da sua ajuda para fazer uma coisa.

Asher subir a escada em círculos. Usava uma bermuda xadrez marrom e uma camiseta marrom-clara que exibia os contornos do peito sem sentir-se apertada. Asher, o perfeito.

Cam sentou-se no colchão, folheando freneticamente a pilha de correspondência milagrosa que a havia encontrado em Promise. Ela estava procurando o pequeno envelope cinza com a letra de Lily. Tinha a sensação de que deveria abri-lo agora, antes que fosse tarde demais. Virou os papéis da secretaria de Harvard de cabeça para baixo e, finalmente, o envelope caiu, batendo com a ponta em cima da cama.

— Tenho de abrir isso — falou.

— Você está com medo de cortar o dedo com o papel?

— Não — respondeu Cam com um pouco de irritação. Ela não estava com vontade de ouvir piadas. — Era de Lily. Tenho de abrir e não quero estar sozinha

quando fizer isso.

— Sem problema. Vamos abrir. — Ele se sentou na cama atrás dela, segurando-a com as coxas.

Ela suspirou e pegou o envelope.

Ele deu um beijo no ombro dela.

— Anda, Cam.

O envelope se abriu, o selo havia umedecido por causa das semanas de umidade e maresia. Cam retirou um pedaço de papel pautado. Era a Lista do Flamingo, de Lily, retirada de um caderno espiral há mais de um ano. Lily a decorara com desenhos de flamingos feitos em tinta preta ao redor da margem, e, no interior, ela fizera quadradinhos para serem ticados à esquerda de cada item da lista. Cam passou o dedo pela tinta como se lesse em Braille. Ela queria sentir mais de Lily, como ela pressionava as peças no papel.

A maior parte dos itens na lista estava ticado com uma caneta em gel com glitter prateado. Como:

- *Ir à Itália*
- *Aprender a pintar*
- *Pular sem paraquedas (Uau, pensou Cam)*
- *Ver um show na Broadway.*
- *Conseguir o autógrafo do Bono.*

Ao lado da última frase havia uma observação: “anexado”. Cam sacudiu o envelope e um ingresso de cinema caiu na cama, com um autógrafo rabiscado no verso.

Lily envolvera os quadradinhos vazios com caneta vermelha. Com a mesma caneta escrevera com letras maiúsculas e sublinhado: CAMPBELL, FAÇA ESSES!!!

Os itens que não foram ticados incluíam:

- *Mergulhar pelada. (Ela morava em um lago, pensou Cam. Era de se imaginar que ela conseguisse fazer isso.)*

- *Surfar.*
- *Comer carne com frutos do mar.* (Deve ter sido livre-associação.)
- *Ver a erupção de um vulcão.*
- *Nadar com golfinhos.*
- *Visitar o Taj Mahal.*

O último quadradinho vermelho, obviamente, e dolorosamente, deixado em branco foi *Encontrar o verdadeiro amor*.

— Merda — disse Cam, enquanto seu coração batia com força no diafragma e fazia um mergulho em seu estômago. — Ai, Lily. — Cam suspirou e respirou fundo para segurar as lágrimas.

Asher pegou o lápis detrás da orelha, passou o braço por cima do ombro de Cam e ticou a frase imediatamente.

— Asher — disse Cam.

— O quê? É verdade — disse ele.

— Eu sei. Mas... — Ela sentia como se estivesse roubando isso de Lily e, por um segundo, era como se não merecesse.

— Ela está feliz por você, Cam.

— Eu sei.

Cam pegou o lápis e ticou o vulcão, porque ela estivera no Havaí várias vezes para participar de seminários de hula. Ela ticou a carne com frutos do mar, porque comer lagosta era quase isso. Ela vira a versão *É um mundo pequeno* do Taj Mahal da Disney, e ela teria de servir. Ela ticou.

— Podemos fazer as outras coisas em um dia — disse Asher.

— Podemos?

— Vamos fazer.



Cam estava de pé na beira da praia no lado mais distante do farol, onde ela lutou com um monte preto de neoprene.

Ela não conseguia imaginar a roupa molhada. Estava ficando mais frio no Maine quando o sol se entendia até agosto, por isso, felizmente, Asher construíra uma pequena fogueira na praia. Ela estalava e sibilava um pouco e lutava para se manter viva com a brisa do mar.

— Vista como uma meia-calça — gritou Asher da praia, onde ele arrastara a enorme prancha de treinamento de espuma. — Ou simplesmente não use. Aí você pode ticar o mergulho pelada e matar dois pássaros.

— Não vou surfar pelada, Asher.

— Meleca — disse ele.

Quando ela finalmente fechou o zíper da roupa, Asher a fez deitar na prancha, na areia, e praticar com os pés algumas vezes. Finalmente, entraram na água, remaram um pouco e sentaram-se de pernas abertas nas pranchas e balançaram um ao lado do outro.

— Essa é a parte onde os tubarões nos confundem com tartarugas marinhas.

— Asher! Sei que você odeia tubarões. Que droga! — O mar subitamente adquiriu um tom escuro e ameaçador de cinza.

— Só estava brincando. Não temos tubarões no Maine.

— Não têm?

— Não. Espera. O que é isso? — Ele apontou para alguma coisa perto da perna de Cam.

— Asher! Sério! Para! — Os olhos de Cam se encheram de lágrimas por apenas um momento. Ela não estava se sentindo bem, estava sensível para completar a lista de Lily e realmente não gostava de tubarões.

— Desculpe, Cam. Sério. Não sabia que você tinha tanto medo. Vem cá — disse ele e a abraçou bem ali na água. As pranchas bateram uma na outra enquanto eles subiram acima das ondas do mar, tentando não virar.

— Ok, fique deitada na prancha. Vou empurrar você para uma onda na hora certa, e então você tem de ficar de pé.

— Só ficar de pé, hein? Acho que se fosse fácil haveria mais pessoas surfando agora. — Cam examinou a faixa de área, e as pedras diante dela. A cidade à esquerda parecia pequena e abandonada, como uma daquelas cidades de cerâmica em miniatura que as pessoas arrumavam em volta da árvore de Natal.

— Você pode fazer isso — disse ele.

Cam deitou-se na prancha e Asher segurou a parte de trás para equilibrar para ela. Ele a dirigiu para uma onda pouco antes de ela crescer e arrebentar. Cam apertou as mãos e os pés em um movimento suave como o que vira na tevê, e então... ela fez. Ficou de pé na água. Senhora do universo. Ela podia sentir o oceano rolando e murmurando debaixo dos pés dela. Era emocionante! Quem não iria querer sentir-se assim?

Ela foi até a praia. Um pequeno milagre de sorte de principiante no surf. Asher mexia os braços para cima e para baixo para comemorar, enquanto subia na prancha. Encontrou uma onda e ficou de pé na própria prancha, desviando-se para trás e para a frente com perfeição como Cam esperava que ele fizesse. Ele pedira a ela que voltasse e tentasse mais uma vez, mas por mais que tivesse gostado de surfar a onda, ela estava exausta. Ainda tinha febre, disfarçada pelo Advil. Entrar na roupa molhada já a deixara cansada.

— Vá você — disse ela. — Posso olhar por um tempo.

Na praia, ela tirou a roupa, enrolou-se no casaco com forro de lã e nas botas cor-de-rosa da irmã, e sentou-se perto do fogo. Ela tirou o caderno que Izanagi havia dado e desdobrou a lista de Lily. Ticou *Surfar* e então folheou o caderno. Em algum ponto da estadia dela em Promise começara a registrar noções místicas que a temporada dela ali parecia acomodar.

- *Pensamentos são energia, energia é matéria e matéria não desaparece.*
- *Preste atenção à coincidência.*
- *Você pode escolher a própria identidade.*

E uma recente: *Somente o momento presente importa.*

Ela sentou-se com o momento presente e observou Asher surfar com a alegria e a concentração de uma criança. O surf trazia condições nas quais você não tinha escolha, além de viver o momento presente. Era necessário prestar atenção. Talvez fosse o motivo pelo qual as pessoas ficavam tão espirituais em relação a ele. Cam ficou feliz por Lily colocá-lo na lista.



TRINTA E CINCO

Em casa tomaram banho quente. Cam pegou mais uns comprimidos de Advil e eles descansaram antes de embarcar no plano de Asher para o restante da tarde. Ele disse que conhecia uma angra especial na baía, perfeita para “nadar à noite”, o que era um eufemismo para nadar pelado.

— Ah, com certeza, a gente devia tocar aquela música — disse Cam.

— Claro — disse Asher. Ele a levaria até ali no barco, depois do pôr do sol.

O restante da família estava jogando bocha no gramado: Perry e Izanagi contra Nana e Alicia. Cam sentou-se à mesa de piquenique para assistir um pouco. Ela estava torcendo para o time das senhoras. Não precisava, porém, porque as duas tinham a situação sob controle. Asher juntou-se a ela.

Cam olhou na direção da praia. As faixas familiares lilás e laranja atrás do farol pareciam pender ali para sempre, antes que deixassem a noite cair.

— Não podemos ir agora? — perguntou depois que Asher saiu para avaliar uma jogada no campo de bocha. Ela estava ansiosa para completar a lista.

— Não. Tem de ser no escuro — disse ele.

— Não acho que alguém vá me ver.

— Não é por isso que tem de estar escuro.

— Por quê, então?

— Paciência, Campbell.



O motor do barco percorria a escuridão negra da baía. Quando se aproximaram do destino, Asher tocou R.E.M e o rastro do barco começou a brilhar e cintilar como se alguém tivesse posto um refletor debaixo d’água. Ele ancorou o barco perto do banco de areia iluminado pela lua.

No fim das contas, tinha de estar escuro, porque ele a levaria para uma angra bioluminescente, onde a água brilhava de modo mágico em centelhas

fluorescentes, néon. Cam já ouvira falar disso. O brilho era causado por organismos antigos unicelulares que não eram nem plantas nem animais. Eram o início da vida. Os habitantes da sopa primordial. O lugar onde a vida começou. O único em que água e eletricidade poderiam coexistir. Era ciência e mágica, e era absolutamente inacreditável.

Quando Cam baixou os olhos, podia ver rastros de glitter através da água. Minúsculos peixes azuis lançavam-se para a frente e para trás através dos dinoflagelados, as algas de brilho mágico.

— Primeiro, as damas, madame — disse Asher. — Pule.

Cam mergulhou. Primeiro, ela relaxou na água com a roupa de banho. A água estava quente. Ela deslizou por ela, rebolando para tirar a roupa e jogando-a de volta para Asher, no barco. Ele pegou e tirou a roupa antes de pular nu. O borribo iluminou o céu como se fossem fogos de artifício líquidos.

Era raso o suficiente para Asher ficar de pé, portanto ele segurou Cam e beijou-a enquanto ela o envolvia com as pernas. A poeira semelhante a glitter girava ao redor deles quando se moviam. Era como nadar dentro de uma estrela. Ela usou o dedo para pintar uma faixa de água-que-brilha-no-escuro no nariz de Asher. Ele pintou o rosto, o pescoço e o peito dela. Eles se beijaram e nadaram até o banco de areia onde fizeram amor escorregadio, cósmico, metade-aqui-e-metade-em-algum-mundo-além-deste.

— Isso não estava na lista — disse Cam.

— Eu estava improvisando.

— Bom trabalho. — Cam estava esparramada na praia como uma sereia.

— Quero ficar com você para sempre — disse Asher ao baixar os olhos. O cabelo dela, ondulado e comprido agora, girou em volta da cabeça dela feito algas sedosas na areia.

— Isso é pra sempre. — Ela esticou os braços acima da cabeça e bocejou, satisfeita.

— Não banque a metafísica comigo, amansa-burro. — Asher sorriu com o lado da boca que tinha a covinha linda.

— Não. Este instante. — Cam cruzou as mãos na nuca. — O instante presente pode ser cortado em instantes presentes infinitamente menores. Este instante é

para sempre. E isso é tudo que importa.

Ambos ouviram um ruído, o que era estranho porque eles estavam sozinhos no escuro, no meio do mar.

— Olhe! — disse Asher, e sentaram-se na praia.

Dois golfinhos azuis e lavanda pularam do mar ao mesmo tempo, formando um arco de água dourada reluzente no ar atrás deles.

— Eles sempre vêm aqui — disse Asher. — É como um parquinho para eles.

— Eles não são daltônicos?

— Devem conseguir ver a luz, acho. Isso é perto o suficiente de nadar com eles, ou você quer que eu vá e pegue um pra você?

— Não acho que você vá ter de fazer isso — respondeu Cam.

Os golfinhos voltaram a pular, um pouco mais perto do banco de areia e do barco. Estavam curiosos com Cam e Asher e queriam brincar.

Cam ficou de pé e andou com dificuldade, com água até a cintura, ainda sem roupa, como Brooke Shields em *A lagoa azul*. Ela observou uma barbatana se aproximar dela.

— Asher! — chamou, com voz trêmula. — Você tem de ficar perto de mim. Isso é um pouco parecido demais com um tubarão.

— Com certeza não são tubarões, Cam.

Asher ficou de pé ao lado dela, com o braço em sua cintura. Cam esticou a mão e o golfinho deslizou contra ela como um imenso gato que ronrona na hora de ser alimentado. A pele era escorregadia ao toque.

— Segure na nadadeira dele — disse Asher. — Ele vai te dar uma carona.

Ela se segurou em cada lado da nadadeira dele, e o golfinho, com seus músculos e sua força, partiu.

Cam deu um gritinho.

— Espero que você esteja vendo isso, Lily — disse ela, e deixou o golfinho puxá-la cerca de dez metros antes de soltá-lo. Ela não queria ser arrastada para o abandono do mar profundo.

Enquanto nadava de volta até Asher, esperou por um sinal, alguma prova de

que a vida de Lily fora completada. Ela se acostumara a pores do sol que duravam para sempre, arco-íris noturnos e flamingos voando pela neve. Uma pequena parte dela mudara de ideia em relação à probabilidade de milagres. E ela quase esperava por eles.

Ela esperava alguma coisa, uma luz a distância, um tsunami, algo grande e definitivo. Mas hoje não haveria milagres que abrissem o céu. Ela pensou ter sentido a leve coceira de uma asa de borboleta na bochecha e então uma brisa gélida, e considerou isso como um sinal de que Lily partira oficialmente.



O rosto de Asher ficou mais sério enquanto ele se aproximava do cais. Cam tentou fazer cosquinha nele.

— Estou vendo seus lábios se curvando — disse ela, tentando fazê-lo sorrir. O humor dele estava confuso. Bateu nas coisas enquanto se preparava para atracar o barco e, finalmente, ela viu. Olhou na direção da praia, para a grande placa vermelha e branca, escrita VIVEIRO DE LAGOSTAS DO SMITTY, e viu uma mulher loura e magra sentada no topo de uma pilha de armadilhas de lagosta com as pernas cruzadas, balançando uma delas para a frente e para trás, e esperando que o barco retornasse.

— Merda — disse Asher.

Era “Marlene”, de acordo com a placa personalizada no Mustang. Era a mulher, velha demais para a mãe usar o catálogo da Land’s End como referência para nomes de bebês, que estava com Asher no jipe na outra noite.

Asher não olhou para Cam ao desembarcar, com a cabeça baixa e as mãos nos bolsos feito um garotinho culpado prestes a levar uma bronca. Ele andou até Marlene, e as mãos de Cam ficaram dormentes. Finalmente, ele se virou para ela e disse:

— Sinto muito. Só um segundo, tá bem?

A pele de Cam ardeu com a humilhação, a tristeza, o reconhecimento de que não havia lugar correto na realidade para o amor deles.

Ela entrou no Cumulus e ligou o aquecedor, tentando derreter a friagem nos ossos. Cinco minutos depois, Marlene ainda estava conversando animadamente, sentada no banco do motorista do Mustang enquanto Asher permanecia em silêncio, com a cabeça baixa. Isso ia durar algum tempo.

Cam saiu da entrada da marina e desejou misturar-se à névoa. Invisível, invencível e sozinha.



TRINTA E SEIS

Cam acordou com uma febre maior ainda. A garganta doía, o lado direito estava dolorido e o estômago parecia estar cheio de cimento. Ela sabia que deveria ir ao hospital, mas também sabia que se fosse, desta vez, não sairia mais.

Ela mal conseguiu descer a escada e andar até a cozinha, onde Perry, sentada na bancada, lia um livro.

— Pensei que você estivesse com o Asher — disse Perry quando Cam abriu a geladeira e procurou dentro dela algo que não a fizesse vomitar.

— Não.

— Por que não está com o Asher?

— Não tenho de ficar com ele 24 horas por dia, nos sete dias da semana, Perry.

— Vocês terminaram?

— Meu Deus! Perry. Não, ok?! Só estou pegando um copo de suco de laranja e posso fazer isso muito bem sem o Asher.

Somente então Asher entrou na cozinha, agarrou Cam por trás e puxou-a para si.

— Não, não pode — disse ele. — Você precisa de mim para servir um pouco de suco de laranja.

— Na verdade, não — disse ela, com expressão impassível.

— Brrrr. Isso está frio, Cam Chowda — disse Asher e fitou-a seriamente. Ele ainda a mantinha abraçada.

— Eu disse que não gostei da história de Cam Chowda — murmurou ela, livrando-se do aperto.

Asher esticou-se.

— Estou na casinha de cachorro, não é? *Le château do au-au.*

— Não. Você só tem de saber que não preciso de você do jeito que você adora que precisem de você. — Cam abriu um armário e serviu uma tigela de cereal que não tinha intenção de comer.

Perry pegou o livro e foi para a sala de estar.

— Você parecia precisar de mim ontem.

— Não. Não sou o tipo de pessoa que precise de pessoas — disse ela, pegando um pouco de leite na geladeira.

— Campbell — disse Asher, depois de respirar fundo —, eu tenho um passado com ela, está bem? Mas foi só um lance temporário. Era só até o lance real. Você é o lance real. — Ele estava parado, segurando a mão dela e acariciando a palma com a ponta do indicador áspero.

Cam afastou a mão.

— Isso é bom. Fico feliz por ser o lance real. Mas isso não é uma propaganda da Coca-Cola?

Asher aproximou-se dela de novo, mas ela o afastou.

— Seja honesto com você mesmo, está bem, Asher? Só admita que tem uma grande chance de você perder seu tempo nessa cidade idiota sendo sugado por mulheres como aquela, que vão aceitar qualquer coisa que você lhes dê e continuar pedindo mais, a menos que vire homem e tenha coragem de criar a própria vida.

— Cam.

— Mas você não vai, vai? Nunca vai deixar a sua condição de peixe-grande-num-aquário-pequeno. Você é um covarde. Poderia ser alguém. Ter um futuro, mas você tem medo de mais para tentar. Que desperdício — disse Cam, jogou o leite de volta na geladeira e bateu a porta. As mãos dela estavam tremendo, e ela chorou, com lágrimas febris, quentes e aborrecidas.

Asher deu um passo para perto dela.

— Eu gosto daqui, Campbell. Tenho tudo de que preciso. Por que ia querer ir para outro lugar?

— Porque a maioria das pessoas quer coisas, Asher — disse ela para a porta da geladeira. — Querem uma coisa e vão atrás dela. Não é legal esperar a vida acontecer para você.

— Pensei que você disse que eu deveria fixar residência no momento.

— Era eu. Era *eu* que deveria fixar residência no momento. Mas *você* deveria planejar o seu futuro porque, porra, você tem um.

— Você também tem um. Devolveu os formulários para Harvard?

Cam se virou e olhou para ele.

— Não estamos falando de mim, Asher, mas é *claro* que devolvi. Em setembro, vou embora daqui e não vou olhar para trás. Como você pôde pensar que isso era mais que um lance de verão?

— Não sei, talvez porque você disse que me amava. Ou talvez não tenha dito. Disse em samoano, então, não tenho ideia do que você disse.

— Tenho certeza de que não sou a primeira a te dizer isso.

— Pelo menos, as outras falaram o que sentiam.

Ela se inclinou sobre o balcão com a cabeça baixa e ele saiu, batendo a porta da frente. Ela sabia que tinha de trazê-lo de volta, mas nunca se sentira mais pesada. A força da gravidade puxava o corpo dela com tanta força que ela acreditou que poderia ser sugada através do piso.



Cam adormeceu chorando e acordou com o barulho do vento soprando através das janelas da sacada. Pela primeira vez desde que se mudara para Promise dois meses atrás, as nuvens se acumulavam no céu. Nuvens cinza que pareciam se mover com rapidez, como em um daqueles documentários onde eles aceleram o tempo de modo dramático. Uma grande gota de chuva finalmente batia na janela virada para o leste, e era como se fosse a gota primordial que, uma vez solta, deixa todas as outras caírem depois dela. A chuva começou a bater nas janelas feito estilhaços.

Primeiro, ela conseguiu ouvir as gotas individuais e depois as cascatas de água batendo contra a janela com pancadas fortes. Cam vira algumas tempestades impressionantes na Flórida, com trovões graves, retumbantes, e relâmpagos crepitantes, mas o que era desconcertante com essa tempestade era a sua duração. As tempestades na Flórida eram instáveis e efêmeras. Totalmente temporárias. Esta se estabelecera. Cam se enrolou nos cobertores e continuou a observar, analisando as sombras cinzentas que mudavam de forma.

— Ele está lá fora, sabe? — Ela ouviu a voz rouca de uma velha no canto da cúpula.

A febre devia estar muito alta mesmo, porque Cam na verdade podia ver a figura escura da mulher de cabelo comprido na fotografia de Asher. *Olivia, 1896* estava sentada muito esticada na cadeira de madeira antiga onde Cam costumava amontoar a roupa lavada. Provavelmente, *era* o monte de roupa lavada, lembrou-se Cam.

Ela tivera febres alucinatórias antes. Em geral, as alucinações iam embora se você não conversasse com elas, por isso Cam a ignorou.

— Você deveria realmente saber como repartir o “amor durão”. Não era como chamavam no *Dr. Phil*? — perguntou a sombra.

É o monte de roupa lavada, repetiu Cam para si mesma. É só uma cadeira e um monte de roupa lavada. Ela remexeu no chão perto da cama, encontrou o Advil e engoliu oito de uma vez.

— Egoísta de sua parte seguir adiante e decidir por ele como ele tem de lidar com isso — disse a cadeira.

— Ele não tem de passar por mais nenhuma perda — Cam não conseguiu evitar de falar. — É melhor para ele ficar com raiva do que deprimido.

Meleca, pensou ela. Agora que Cam falara com ela, a bruxa sinistra nunca iria embora.

— Você é tão sabichona — disse a viúva. — Talvez ele precise sofrer. Precise dizer adeus. Talvez precise de um desfecho.

Cam odiava a palavra *desfecho*. Talvez odiasse mais que *amor durão*.

— Onde foi que você conseguiu livros de autoajuda?

— Tem tantas coisas que você não sabe sobre os homens.

— Ah, e você sabe muito. Sentada aqui à espera, durante toda a vida, que um deles voltasse pra casa.

— Não fomos colocados na Terra para caminharmos sozinhos.

— Talvez não, mas todos morremos sozinhos, não é?

— E eu não conto?

— Você está aqui para me ajudar a morrer? — Um relâmpago iluminou a cúpula e Cam conseguiu distinguir o vulto mais claramente. Estava sentado com os olhos baixos, fixando, indiferente, o bordado em seu colo. Ela usava uma saia preta na altura dos tornozelos e um cardigã preto. O nariz era comprido e pontudo. O rosto era enrugado e cinzento agora, mas o cabelo ainda era bonito, ondulado e louro-avermelhado.

— Ah-hã.

— Agora?

— Em breve, criança.

— Você é um monte de roupa lavada.

— Hummmm.

— Por que eles enviaram você? Por que não mandaram meu pai? Ou a Lily? E se esta cidade é tão mágica, por que simplesmente não posso me salvar? Como ela é mágica para me dar algo pelo qual viver e depois simplesmente puxar o meu tapete? Isso é cruel. — *Todos os arco-íris de merda, os flamingos e as tempestades de neve em julho não podem me impedir de morrer feito uma velha maluca qualquer, falando com uma cadeira*, pensou Cam. Como ela poderia ter acreditado que eles conseguiriam?

— Ele está lá fora, sabe? — repetiu a viúva. Ela ergueu um dedo cinzento, sinistro e com artrose, e apontou para o mar. Cam levantou-se e olhou pela janela. O mar parecia estar fervendo. Línguas quentes de água do mar semelhante à lava arrebentavam em ângulos estranhos. Era o caos. Cam voltou a olhar para o monte de roupa lavada, mas a mulher havia desaparecido.

O olhar dela foi na direção da estrebaria, a apenas vinte metros.



Cam sentou-se na cama, ainda observando a tempestade.

— Meio maluco, não é? — perguntou ela quando o zíper branco do relâmpago pareceu partir ao meio o céu.

— Ei, querida, tenho de lhe contar uma coisa — disse Alicia, oferecendo a Cam uma caneca fumegante. Ela subira com um pouco de chocolate quente.

— Sim?

— Perry disse que você e Asher tiveram uma briga.

— E daí?

— Bem, aparentemente, depois disso ele saiu. — Alicia sentou-se na cama e segurou a mão de Cam.

— E daí?

— No barco, querida. Ele saiu no barco e ninguém conseguiu entrar em contato com ele. Está perdido em algum lugar naquela tempestade.

Cam olhou novamente para o movimento violento do mar e para o céu. *Ele pode resolver isso, certo?*, pensou inicialmente, e imaginou a força dos braços capazes de erguer, manobrar e enfrentar as ondas. *Não há nada que ele não possa fazer.* Então outro trovão retumbou fundo a distância, rolando ameaçadoramente para elas como um trem que se aproximava. Ele desceu com uma pancada final, que estourou os ouvidos.

— Vou atrás dele — disse Cam. — Vou pegar o caiaque. — Ela ergueu-se com dificuldade da cama e começou a remexer na roupa lavada. (*Viu?! Só roupa lavada.*) A adrenalina tomara conta dela e ela se esqueceu da dor. Pegou o jeans e algumas camisetas e desceu a escada. Conseguia fazer isso. Fizera alguns cursos de salva-vidas na piscina da Polinésia onde eles ensinaram a criar um salva-vidas do jeans úmido amarrando as pernas com um nó e enchendo-as de ar.

— Campbell, você não pode ir até lá.

— Posso, sim — disse Cam, mas quando esticou a mão para pegar o corrimão da escada, ela ficou zozza e quase caiu.

A mãe agarrou o cotovelo dela.

— Espere por ele aqui, Campbell. É tudo que pode fazer, docinho.

Cam forçou a porta de vidro da cúpula e entrou na sacada propriamente dita. A chuva encharcou-a imediatamente. Ela gritou “Asher!” contra o vento. — Asher, seu idiota. Volte! — Ela quis que ele fosse embora e aproveitasse a vida sem ela, não que fosse embora do planeta.

— Ele não pode ouvir você, Campbell! — gritou a mãe.

Ela observou o feixe do farol girar ao redor da baía e examinou a água, à procura de um barco, mas tudo que podia ver eram as ondas prateadas e escuras e as cristas brancas sobrepondo-se uma à outra e que aceleravam na direção da

praia.

— Ele tem de estar lá fora. Por que ninguém pode simplesmente ir atrás dele?
— gritou ela em desespero.

— Eles não podem mandar ninguém na tempestade, Campbell. Só temos de esperar que as coisas se acalmem.

Cam foi e voltou na chuva.

— Vou ficar aqui fora para procurar por ele.

— Campbell, não seja ridícula, você não pode fazer nada de onde está — disse a mãe.

— Não. É minha culpa. Vou ficar esperando por ele.

— Campbell! — chamou a mãe, exasperada, e então ela entrou e foi pegar uma capa de chuva e um guarda-chuva. Encontrou o macacão amarelo impermeável e obrigou Cam a entrar, secar-se e depois vesti-lo antes de sair de novo para a sacada. — Por que você não pode esperar aqui dentro? É pra isso que eles construíram essa coisa. Para esperar.

— Eu só tenho de ficar lá fora, ok? — Ela precisava sentir o que ele estava sentindo, sem quaisquer obstáculos entre eles. Ela tinha de estar lá fora, transmitindo-lhe pensamentos, porque pensamentos são energia, energia é matéria e matéria nunca desaparece. Seus pensamentos poderiam mantê-lo por perto. Ela sabia que se parasse de prestar atenção ele seria levado para sempre.

— Você não precisa ficar comigo.



A mãe ficou com ela, claro, e as duas se encolheram e ficaram encostadas contra a parede. Alicia tentou proteger Cam com os guarda-chuvas, mas eles continuaram a se dobrar para dentro. Finalmente, ela desistiu e apoiou a cabeça contra os joelhos. Cam pensou que a ouvira murmurando umas ave-marias.

— Essa é a oração correta?

— É a única que sei. Não sou boa católica.

— Está tudo bem — disse Cam.

Ela continuou de vigília e imaginou repetidas vezes Asher conduzindo o barco para casa. Imaginou-o indo até o cais e então ela o viu com os olhos da mente,

pulando graciosamente e amarrando os cabos assim como ela o vira fazer.

Ainda estava chovendo quando os primeiros raios de sol tentaram abrir caminho em meio às nuvens de tempestade. O vento aumentara um pouco, mas soprava a chuva de lado contra o rosto de Cam. A baía estava tranquila agora, mas escura e vazia.

Cam tentou se levantar, mas tropeçou e caiu sobre os joelhos da mãe.

— Campbell, meu Deus, você está queimando! — disse Alicia.

Ela ajudou Cam a entrar e tirar as roupas, e então começaram as convulsões. O frio, a febre, a dor e a exaustão vieram juntos e surgiram dentro dela, e ela não conseguiu se impedir de tremer. Estava tremendo com tanta força que foi preciso que Perry, Nana e Alicia trabalhassem juntas para dar-lhe um banho quente e vesti-la. Mas a tremedeira continuou até a convulsão começar. Foi quando perceberam que o pequeno hospital quadrado de tijolos de Promise não resolveria, e entraram no carro para ir a Portland.



TRINTA E SETE

Por incrível que pareça, Cam se sentia segura aqui. De volta aos corredores santificados e esterilizados da medicina ocidental, sua jornada fechara o ciclo. O bipe irregular dos monitores a acalmava, e ela se sentia fresca, limpa e hidratada, graças à solução salina que era bombeada para suas veias. Eles deviam estar bombeando outra coisa dentro dela, porque, apesar de ter sido furada na parte de trás da caixa torácica com dois tubos peitorais grossos, ela não sentia dor.

Não sentia nada, para falar a verdade. Aquele era seu pé saindo do cobertor, com o resto de esmalte preto lascado nos dedos do pé? Era constrangedor. Estar às portas da morte sem ter feito as unhas. Ela ficou se perguntando se o funcionário da funerária pintaria os dedos dos pés de preto. *O que eles fazem com os dedos dos pés?*, foi o que se perguntou. Provavelmente, só cobrem. Tanto faz.

Ela ouvira o murmúrio apressado e familiar de Alicia em uma conversa séria com o médico, e Cam sabia que, em breve, começaria a piorar. Especialmente quando ele falou o que ela já sabia. Que era o fim.

A enfermeira da casa de repouso já havia entrado, e Cam ouvira a conversa com Perry.

— Vai acabar em breve, quando as unhas começarem a ficar azuis.

— Azuis como quando os lábios ficam azuis ou como quando as unhas caem? — perguntou Perry.

— Como os lábios — respondeu a enfermeira e então saiu, deixando alguns folhetos sobre a morte e os moribundos.

— Não. Não pode ser verdade! — Cam ouviu Alicia gritar. — O senhor deveria vê-la há dois dias. Ela estava perfeitamente bem. Como isso pode ter acontecido em dois dias?

— Creio que ela vem enfrentando isso há algum tempo. Sete anos, é o que diz no prontuário — explicou o médico.

— Sim, mas isso foi antes — insistiu Alicia.

— Antes de quê? — perguntou ele.

— Não sei. — Alicia suspirou. — Antes de nós a trazermos para o Maine. Ela estava melhorando aqui.

— Com frequência, as pessoas passam por um tipo de período de bem-estar. Ou de remissão, antes de um ataque mais sério. Não entendemos isso muito bem. Ainda há muitas coisas que não sabemos — admitiu ele.

— Não. Há muitas coisas que *você* não sabe — disse Alicia. — Isso era diferente. Ela realmente *estava* bem. Não era um *período* de bem-estar. Eu preciso que você encontre alguém para mim que saiba do que está falando.

— Com todo respeito, sra. Cooper...

— Agora! Quero outra pessoa aqui, que não desista da minha filha!

— Sra. Coop...

— Mãe — resmungou Cam sem realmente querer. — Dê uma chance ao rapaz, ok? Ele só está fazendo o trabalho dele.

— Cam?

— É hora de vocês me dizerem alguma coisa boa. Sabe, tipo: “Você foi minha melhor filha, além da Perry, que eu jamais poderia ter imaginado. Tenho tanta sorte por ter conhecido você. Foi uma honra ser sua mãe”. Algo assim. O folheto da casa de repouso não dá algum tipo de roteiro, se vocês não sabem o que dizer?

— Sei o que quero dizer, Campbell.

— Então é melhor dizer isso, ok? Pelo seu bem, não pelo meu — disse Cam.

A mãe soltou a respiração, deixou os braços caírem ao lado do corpo e foi até a cama.

— Você não consegue imaginar a profundidade da minha tristeza, Campbell Maria Cooper. — Alicia levou o punho à boca, a outra mão até a grade da cama, e respirou fundo antes de continuar. — Nunca serei a mesma quando você se for. As coisas para mim não terão brilho, serão cinzentas e sem graça. Mas uma coisa vai me fazer continuar, Campbell, e é acreditar na minha ligação com você. É isso. Essa sensação louca de amor que tenho por você é real. Como este copo é real. Ou o telefone. E não vai simplesmente desaparecer com você. Está bem? Não importa aonde vá, você vai estar ligada a mim por essa coisa, e nunca,

nunca, vai estar sozinha, ok? Quero que você saiba disso.

— Nossa, isso estava no folheto? — perguntou Cam e fungou.

— Não. Eu criei — disse Alicia e enxugou os olhos com um lenço hospitalar.

— Estava ótimo.

— Obrigada.

— Obrigada por tudo que você fez. E por me trazer para cá, mãe. — Promise não a salvara, mas ela compreendeu que tornara sua vida mais completa que se tivesse vivido uma centena de anos em Orlando. — Eu te amo.

Cam fechou os olhos e deixou que lágrimas escorressem por suas têmporas e pousassem no travesseiro. A mãe a beijou na testa e então Cam virou a cabeça para o lado.

— Cam!

— Não morri, Nana. Estou só descansando.

— Ai, graças a Deus — disse Nana.

Perry segurou a mão de Cam e disse:

— Sabe, acho que você me deu o conselho errado.

— Dei?

— Deu. Acho que eu deveria tentar ser mais como você. Não menos. — Perry subiu na cama com Cam para que Cam pudesse afagar-lhe o cabelo louro e ondulado com os dedos.

— Isso é bom, Per — disse ela. — Cuide da mamãe.

— Cuidarei.

Nana estava junto ao pé da cama, esfregando as pernas de Cam para cima e para baixo. Ela baixou a cabeça enquanto rezava em silêncio, em meio às lágrimas.

— Não fique triste, Nana — disse Cam. — Se as coisas saírem do jeito que a senhora quer, vou tomar café da manhã com Jesus ou coisa que o valha, certo?

— Eu não sei nada sobre café da manhã. Talvez um *brunch*. Ele gosta de salsicha com pimentão.

— Como a senhora sabe?

— É segredo — disse ela. Fez o sinal da cruz e então disse: — Eu te amo, Campbell Maria.

— Eu te amo, Nana.



Passava da meia-noite e todos haviam adormecido nas incômodas cadeiras reclináveis ao redor da cama. Cam era grata a Izanagi por segurar a mãe enquanto dormiam em uma única cadeira. Eles tinham se lembrado, no último minuto, de trazer Piu-piu, e ele dormira no pequeno poleiro dentro da gaiola, dando minúsculos sopros ao soltar o ar.

Todo o palco fora montado. Era hora de partir, mas Cam podia perceber que estava presa. Agarrada a alguma coisa.

Ela aprendera um pouco sobre esperança durante o verão e ia manter a esperança até o último desejo se tornar realidade. Ela sabia que ele viria para se despedir. Ela sabia que ele conseguiria voltar. E quando abriu os olhos, lá estava Asher.

Estava vestindo o velho suéter de pescador do pai e se inclinara na grade da cama ao olhar para ela. Ele estivera chorando e seus olhos estavam vermelhos e inchados.

— Você é real? — perguntou ela. Estivera entrando e saindo de sonhos durante algumas horas e não podia ter certeza se era ele ou alguma aparição criada pelas substâncias químicas malucas do cérebro que estava morrendo.

— Sim — murmurou ele.

— Prove — disse ela. — Me belisca ou coisa assim.

— Cam, não quero te beliscar.

— Então me beija.

Ele pôs a mão com bolhas na testa dela e a beijou delicadamente nos lábios. Os lábios e o rosto dele estavam ásperos e ele tinha gosto de maresia.

— Eu te amo — disse Cam. Ela queria dizer isso antes que o tempo se esgotasse.

— Eu sei — disse ele, e isso era melhor que ele dizendo que a amava. Ela

tinha de saber que ele sabia.

— A briga...

— Cam, está tudo bem.

— Eu não estava tentando mandar você para a Tempestade Perfeita.

— *Foi* a tempestade perfeita. Eu estava tentando ir embora e ela continuava me empurrando de volta para o porto. Foi como soube que precisava estar aqui. Com você.

— Asher? — As lágrimas agora desciam livremente pelo rosto dele. — Você tinha razão sobre uma coisa.

— Amansa-burro, pensei que você sempre estava certa.

— Normalmente. Mas você tinha razão sobre uma coisa.

— O quê?

— Aquela história do Jimmy Stewart.

— *A felicidade não se compra?*

— É. Como quer que aconteça.

Cam olhou pela janela. Um belo e alto flamingo cor-de-rosa e alaranjado estava de pé, sozinho, em um quadrado de grama no pátio.

— Buddy! — disse ela, contente, mas não sabia dizer se pensou ou realmente disse isso em voz alta. O pátio foi inundado por uma luz branca brilhante. Cam sentiu toda sua alma enchendo-se de amor. *Olha só*, pensou. A morte não significa ser e não ter amor.

Ela se sentiu flutuar. Seu olhar seguiu Buddy enquanto ele esticava as asas, batia duas vezes, e então levantava voo, com o pescoço dobrado formando um Z, e as compridas pernas rosas atrás dele... partindo.



AGRADECIMENTOS

Este livro chega até vocês sobre os ombros de inúmeras amizades. Meus mais sinceros agradecimentos aos novos amigos que: me deram trabalhos diurnos, dividiram escritórios (e casas de praia), tomaram conta das crianças, pagaram meu almoço e me ofereceram ajuda constante e amorosa. E aos velhos amigos que pareciam acreditar no livro há muito tempo, quando acreditar parecia absurdo. Eu sou muito abençoada. Vocês são o meu coração e meus outros corações.

Agradeço a Cam, que corajosamente me fez ouvir sua voz. A minha filha, Cadence, que transforma a proteção maternal em uma traquinagem absolutamente deliciosa. Meu muito obrigada à minha mãe por me indicar o caminho. E obrigada à joia de marido, cujo espírito generoso e tremendamente engraçado inspiraram essas páginas. Muito obrigada às nossas famílias por me incentivarem.

Obrigada à Alexandra Bullen, inventiva e talentosa, por compartilhar o sucesso quando ainda não o tinha. E ao “Time dos Milagres”: as pessoas fabulosas na Razorbill pela visão interessada e assistência que me dedicaram, e a Josh Bank, Joelle Hobeika e Sara Shandler, da Alloy, pelas ideias brilhantes e acolhida encorajadora e persistente, que conseguiram destruir a maior parte dos improdutivos bloqueios da escritora.

E mil agradecimentos a vocês por lerem o livro.

Namaste.



NOTAS

[1] Termo em inglês usado para classificar filmes de terror cujo personagem central geralmente usa talheres para assassinar suas vítimas. (N.E.)